

**PELO BRASIL
MAIOR**



**BIBLIOTHECA
PEDAGOGICA
BRASILEIRA
SERIE: V - BRASILIANA**

VOLUMES PUBLICADOS:

- I — Baptista Pereira: FIGURAS DO IMPERIO E OUTROS ENSAIOS (2.ª edição).**
- II — Pandiá Calogeras: O MARQUEZ DE BARBACENA (no prelo a 2.ª edição).**
- III — Alcides Gentil: AS IDEAS DE ALBERTO TORRES (synthese com indice remissivo).**
- IV — Oliveira Vianna: RAÇA E ASSIMILAÇÃO (no prelo a 2.ª edição).**
- V — Augusto de Saint-Hilaire: SEGUNDA VIAGEM DO RIO DE JANEIRO a MINAS GERAES e a S. PAULO (1822) — Traducção e prefacio de Affonso de E. Taunay.**
- VI — Baptista Pereira: VULTOS E EPISODIOS DO BRASIL.**
- VII — Baptista Pereira: DIRECTRIZES DE RUY BARBOSA (Segundo textos escolhidos).**
- VIII — Oliveira Vianna: POPULAÇÕES MERIDIONAES DO BRASIL (3.ª edição).**
- IX — Nina Rodrigues: OS AFRICANOS NO BRASIL (Revisão e prefacio de Homero Pires) — Profusamente illustrado.**
- X — Oliveira Vianna: EVOLUÇÃO DO POVO BRASILEIRO (2.ª edição) — Profusamente illustrado.**
- XI — Luis da Camara Cascudo: O CONDE D'EU (illustrado).**
- XII — Wanderley Pinho: CARTAS DO IMPERADOR PEDRO II AO BARÃO DE COTEGIPE (illustrado).**
- XIII — Vicente Licínio Cardoso: A' MARGEM DA HISTORIA DO BRASIL.**
- XIV — Pedro Calmon: HISTORIA DA CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA.**
- XV — Pandiá Calogeras: DA REGENCIA A' QUEDA DE ROZAS (3.º volume da serie: Relações Exteriores do Brasil).**
- XVI — Alberto Torres: O PROBLEMA NACIONAL BRASILEIRO.**
- XVII — Alberto Torres: A ORGANIZAÇÃO NACIONAL.**
- XVIII — Visconde de Taunay: PEDRO II.**
- XIX — Affonso de E. Taunay: VISITANTES DO BRASIL COLONIAL — (Seculos XVI-XVIII).**
- XX — Alberto de Faria: MAUA' (com tres illustrações fóra do texto).**
- XXI — Baptista Pereira: PELO BRASIL MAIOR.**
- XXII — E. Roquette-Pinto: ENSAIOS DE ANTHROPOLOGIA BRASILIANA.**
- XXIII — Evaristo de Moraes: A ESCRAVIDÃO AFRICANA NO BRASIL.**
- XXIV — Pandiá Calogeras: PROBLEMAS DE ADMINISTRAÇÃO.**

BAPTISTA PEREIRA

PELO BRASIL
MAIOR



COMPANHIA EDITORA NACIONAL
RUA DOS GUSMÕES, 26/28/30 - SÃO PAULO (BRASIL)

1934

Obras do mesmo autor publicadas pela
COMPANHIA EDITORA NACIONAL:

FIGURAS DO IMPERIO E OUTROS ENSAIOS
(Vol. I — Serie "Brasiliana".

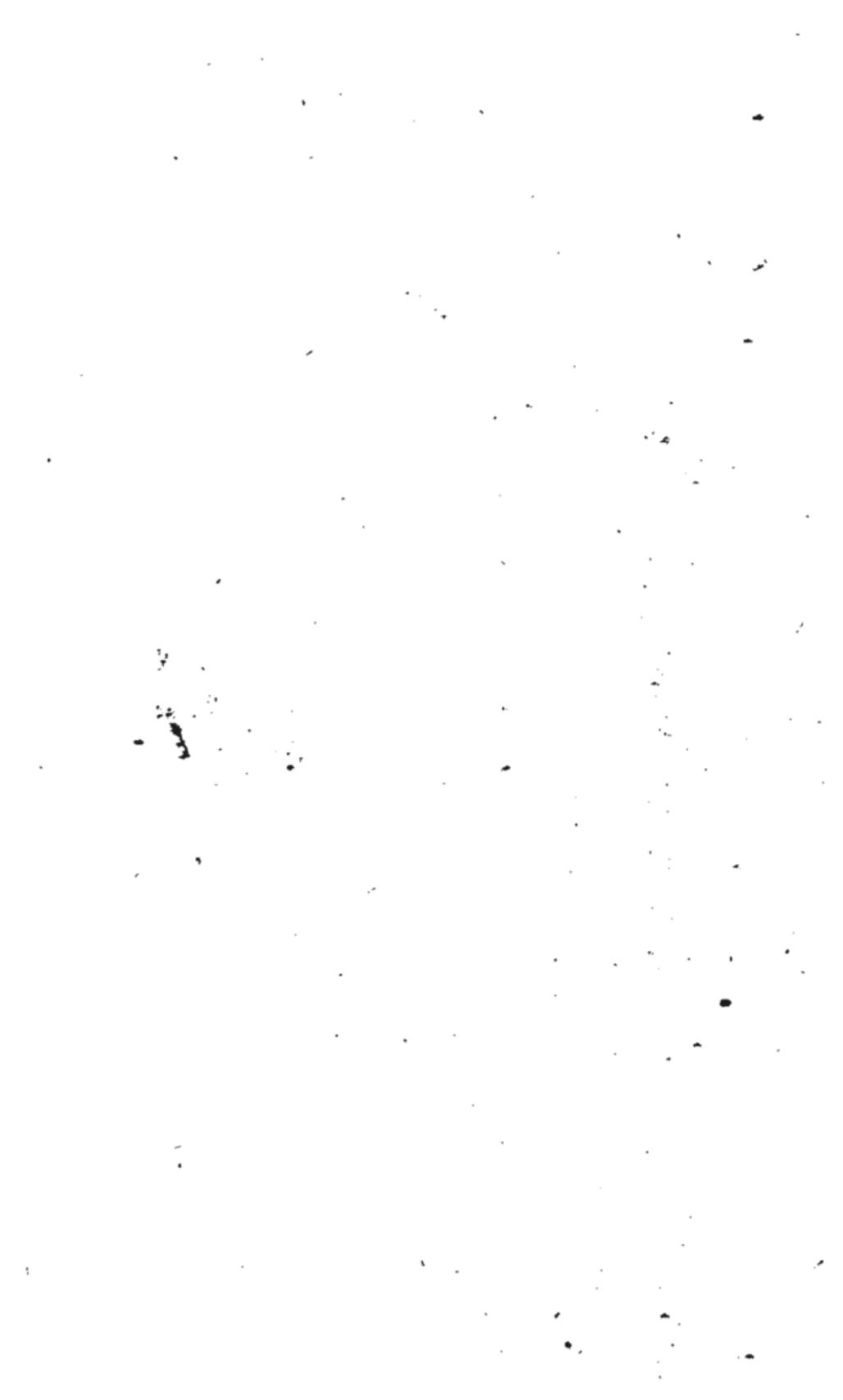
VULTOS E EPISODIOS DO BRASIL
(Vol. VI — Serie "Brasiliana".

DIRECTRIZES DE RUY BARBOSA
(Vol. VII — Serie "Brasiliana".

A ILLUSAO RUSSA.

Civilização contra Barbarie

*Conferencia feita na Faculdade
de Direito de Bello Horizonte a
15 de Abril de 1928*



O Imperio e o Rio da Prata

O CONFLICTO DAS RAÇAS

Uma vez que lindavam por fronteiras abertas, a fatalidade geographica tinha de crear entre Espanha e Portugal o eterno antagonismo que lhes embebe a historia. Reproduziu-se na America do Sul a situação peninsular. Portugal continuou o vizinho da Espanha, comprimindo com o seu grande imperio Atlantico as possessões espanholas, na maioria beirãs do Pacifico. Vinha de longe essa hostilidade. A formação do reino; a emulação dos descobrimentos maritimos; o jugo philippino; a perpetua contraposição de interesses dos dois commercios faziam com que o portuguez visse no espanhol o inimigo historico e hereditario. Castella cubiçou Portugal desde que foi Castella.

Manoel Severim de Faria tinha razão escrevendo: "A guerra de Portugal com Castella é tão antiga que começou junto com o Reino". Ajuntava o malicioso chantre: "e ha mais de quinhentos annos que dura." Echo e summula desse

sentimento, Garcia de Rezende trovou, na *Miscellanea*:

“Portuguezes, castelhanos.
Não os quer Deus juntos ver”

As conquistas dos “portuguezes de São Paulo”, as rudes gestas escriptas com um sangue que os bandeirantes tiravam para as cursivas do indigena, mas para as capitulares do sangue castelhano, o recuo do meridiano de Tordesillas ainda mais acirravam a incompatibilidade atavica. A annexão da Cisplatina veio encher as medidas do elemento castelhano, que ali predominava.

Com excepção do Brasil, a Espanha dominava toda a America do Sul. O imperio de Carlos V rolara desaggregado; apagara-se tristemente aquelle sol que nunca se punha em seus dominios. Mas a alma espanhola deitara raizes nos paizes que conquistara, e, mau grado as vicissitudes politicas, renascia na America. A Revolução Franca e Bonaparte, syndico da sua fallencia administrativa, tinham mostrado ao mundo a facilidade com que a propaganda e a espada subvertem instituições e cream imperios.

OS LIBERTADORES E A REPUBLICA

Miranda, um general da Revolução que Napoleão embalde quiz seduzir, creou em Paris, por

volta de 1797, *lojas secretas*, cujo fim era a emancipação dos povos sul-americanos. Foram seus discipulos muitos dos fundadores da *Loja Lautaro* de Buenos Aires, que foi talvez o maior centro de irradiação das idéas de independencia e liberdade. Antes de qualquer outro, foi elle o creador da consciencia americana. Além de bater-se pela França, esculpindo o nome no Arco de Triunpho, além de combater ao lado de Washington e Lafayette pela causa norte-americana foi elle quem primeiro organisou a mobilisação dos espiritos contra o dominio castelhano, organisando a convenção libertadora de Paris, em 1797 com deputados dos paizes hispano-americanos e entabulando no anno seguinte negociações de auxilio com a Inglaterra de Pitt. Sua correspondencia, inedita durante 70 annos, seus dezoito volumes de *Memorias* extraviados permittiram a Bolivar tomar-lhe a primazia na gratidão continental. Mas Bolivar não teria sido possivel sem Miranda, a cujo contacto se consolidou a sua vocação, que hibernara até ahí entre os prazeres mundanos. Seja como fôr, ambos plasmaram a congerie dos libertadores. Da Venezuela as idéas de independencia chegaram ao Pacifico infiltrando-se em todos os outros paizes da mesma origem. Succederam-se lutas pela independencia e revoluções pelo penacho local. A America Espanhola fervia na eclosão de um mundo.

Só o Brasil, sem lutas civis, proseguia lenta e atrozada, mas incruentamente na sua jornada para o futuro. Um dia Bolivar deu-se conta de que o Brasil devia ser republicano. Elle que era monarchista! Verberou a existencia de uma monarchia no territorio da livre America. Elle que se quiz coroarl

“En sus delirios imperiales Bolívar soñó com descender el Pilcomayo, invadir el Paraguay y anexarlo al Rio de la Plata — *derribar el único trono levantado en America* — y remontar de regreso la corriente del Amazonas, en su marcha triunfal al través del continente subyugado por su genio”. Estava achado o traço de união que devia ligar os espanhoes da America do Sul contra os portuguezes: o principio republicano contra o principio monarchico: “*el unico trono levantado en America.*”

Facil nos seria provar que tanto Bolivar como San Martin foram monarchistas.

Não vale a pena. E' só compulsar-as suas biographias.

Como, porém, o Rio da Prata sempre nos quiz envergonhar com o nosso monarchismo, precisamos mostrar que o seu foi muito menos explicavel que o nosso. Elles buscavam com todas as forças o que nós tinhamos herdado.

MONARCHIA E REPUBLICA NA ARGENTINA

Depois da sua independencia, o espirito que prevalece na Argentina é o monarchista. Mariano Moreno foi o unico que pela *Gaceta de Buenos Aires* pregou a republica. Mas a impressão produzida por elle não passava além dos moços que se reuniam nos Cafés do Marcos e do Catalanes e para os quaes o *Contracto Social* de Rousseau era uma biblia. Thomaz de Anchorena, amigo e conselheiro de Belgrano e primo de Rosas, reflecte a opinião da época nestas palavras: "*El famoso Señor D. Mariano Moreno cuya obra solo puede servir para disolver los pueblos y formarse de ellos grande conjunto de locos furiosos y de bribones*". Mas o proprio Moreno, no testemunho de Oliveira Lima, esteve ao lado de Belgrano, Pueyrredon e Castelli quando estes offereceram a corôa de Buenos Aires a D. Carlota.

Parece provado que Moreno morreu envenenado, caminho do exilio, por dizer que se devia levar ao cadafalso um certo Duarte que, num banquete, ousou levar á cabeça de Saavedra uma corôa symbolica. Buenos Aires tambem teve o seu Amador Bueno!

O centro coordenador das idéas de independencia argentina estava na já referida *Loja de Lautaro*, ideada provavelmente por Miranda. A

ella pertenciam Belgrano, Pueyrredon, Rivadavia, Irigoyen, Balcarce, os maiores nomes da Argentina. Pois bem, a sua orientação era exclusivamente monarchica. Em 1814 e 1815 a Argentina mandava á Europa a Missão Belgrano-Rivadavia que com Sarratea, já ali, ia tratar do reconhecimento da independencia, sob a base da monarchisação da Argentina. Seu plano principal era dar a corôa argentina a D. Francisco de Paula, filho de Carlos IV.

Belgrano então redige o seu projecto de constituição absolutista.

Carlos IV recusa. Rivadavia não perde as esperanças e prosegue sósinho na negociação. "Leva aos pés de S. M. o mais sincero protesto de reconhecimento da sua vassalagem". O ministro Cebalos responde-lhe com tres insolencias e desconhece-lhe as credenciaes, expulsando-o da Espanha. Anchorena declara que ninguem considerou essa idéa anti-patriotica.

A sessão secreta do *Congresso de Tucuman* em 4 de Setembro de 1816 resolveu a criação de uma monarchia constitucional que identificasse os interesses brasileiros e argentinos. Belgrano ahi lembra a alliança da casa dos Incas com a casa dos Braganças. Ahi só duas vozes isoladas falaram em republica: o dr. Anchorena e o padre Oro.

Rivadavia não tinha desanimado. Estava em Paris trabalhando de novo pela monarchia que

pensava obter do Congresso de Vienna, graças á influencia da França e da Inglaterra.

Rivadavia teve um companheiro na pessoa de José Valentim Gomez. Apesar das illusões de Rivadavia e Gomez essa embaixada não deu resultado.

Só em 1819 começa o sentimento anti-monarchico. Ramirez que o incarna liquida com Artigas o porta-espada do absolutismo.

Em fins de 1820 ainda o bergantim *Achilles*, trouxe representantes do rei da Espanha para tratarem da politica do Prata. A junta governativa ainda se manifestou pela monarchia e fez acto de submissão a Fernando VII numa *Memoria* hoje publicada. Em 1823 a Espanha mandou a Buenos Aires dois representantes e Rivadavia propunha que os estados americanos, depois de celebrarem um tratado definitivo de paz e amizade com a Espanha, emprestassem 20 milhões de pesos para auxiliá-la na guerra contra a França.

Rivadavia assume a presidencia em 1826 com idéas de centralisação claramente monarchicas. Dorrego no "*El Tribuno*" rompe contra elle. Rivadavia resigna o mandato em 1827. Em 1828 triumpho Dorrego. A idéa monarchica passa a ser ridicularisada: "Panchitos de Paula, duquesitos de Lucca, Inquitas".

No governo de Dorrego as idéas republicanas tentam invadir o nosso territorio. Diz Saldías que,

José Bonifacio foi a Buenos Aires e conferenciou com Dorrego para fazer a republica no Brasil, contando com as tropas allemãs do exercito brasileiro, com a rebelião do Rio Grande e S. Paulo e com o auxilio das armas de Rivera. Avança mais que Dorrego chegou a firmar com Bauer, representante dos militares da Allemanha a serviço do Imperador, um accôrdo pelo qual estes se compromettiam a trahil-o, tomando posse da provincia de Santa Catharina e estabelecendo ali o governo republicano. E' um engano. José Bonifacio nunca foi a Buenos Aires. Trata-se de Gonçalves Ledo que lá esteve, chegando a fundar um jornal. Mas nestes entrementes sobreveio a paz. Rosas ministro do Exterior, convenceu o governo de que devia desistir de revolucionar o Brasil. Lord Ponsomby foi o mediador da paz. Não morrera, porém, a idea da monarchia na Argentina; depois de 1830 Rivadavia mais uma vez embarcou para a Europa, á procura de um principe para o seu paiz. Foi ahi que o Brasil enviou Santo Amaro. Voltando Rivadavia a Buenos Aires, não lhe foi permittido o desembarque. Estes planos de monarchia eram frustrados pelos gabinetes de Madrid e Londres, cada qual por interesses oppostos; o primeiro por não reconhecer a independencia; o segundo, porque nada ganharia em dar existencia politica a um territorio que ambicionava.

Do exposto se conclue que a monarchia não

horripilava tanto os argentinos como possa parecer. No anno de 1838 os dictatoriaes unitarios chamaram uma expedição franceza para proclamar a monarchia no Rio da Prata. A *Commissão Argentina* de mãos dadas com o governo de Montevidéo contra o de Buenos Aires conseguiu obter a protecção do almirante Purvis. Florencio Varela foi a Londres e a Paris para alcançar o apoio dos respectivos governos. Sinimbú, nosso ministro em Montevidéo, deu apoio a esse plano, para cuja cooperação o nosso enviou á Europa a Missão Abrantes. A Inglaterra e a França frustraram a Missão Varela. Mas pouco depois, de motu-proprio, resolveram intervir no Rio da Prata.

Lord Peel proclama no Parlamento o direito da força, que a França adopta. Emilio de Girardin protesta em nome do direito violado. O Parlamento inglez renega as doutrinas cynicas de Peel e Thiers pela bocca de lord Palmerston e lord Russell. As forças britannicas recuam. Em 1840 tinham se acabado as ultimas tentativas de conquista européa sobre o Rio da Prata.

Recapitulemos essas tentativas de monarchisação, que occupam tres capitulos do magistral estudo de Saldias "*La Evolucion Argentina*". Duarte quiz coroar Saavedra. Garcia veio ao Rio pedir um rei a Lord Strangford. Chegava a contentar-se com D. Miguel. Belgrano, Rivadavia e Sarratea foram á Inglaterra. Queriam dar a corôa argenti-

na a D. Francisco de Paula, filho de Carlos IV. José Valentim Gomez negociou com a França a corôa argentina. Belgrano chega a redigir um projecto de constituição monarchista. E' ainda Belgrano quem quer offerecer a corôa da Argentina a um descendente dos Incas. Lavalle a 1 de Dezembro de 1828 dizia a Dom Manuel Escalada: *"Ya está visto que la republica es una merienda de negros, que en nuestro paiz no puede ser"*.

Rivadavia exerce a presidencia com idéas francamente monarchistas e ao terminal-a ainda em 1830 vae á Europa á procura de um principe. Ainda em 1830 os dictatoriaes pedem um rei pela bocca de Florencio Varela. E por ultimo ainda depois de 1850 um original pensador argentino, que é sem duvida o mais arrojado precursor do feminismo na America do Sul, sustenta em carta a Rosas, já no exilio, que a forma perfeita de governo é a monarchia hereditaria exercida por uma mulher. Note-se que Rosas falava abertamente em deixar a corôa presidencial da Argentina á sua filha Manoelita.

Se a Republica Argentina tanto se empenhava em adoptar, a monarchia não é justo que nos lance em rosto a que tivemos. Não houve na America maior republicano que Bolivar no conceito castelhano. No emtanto é d'elle esta frase: *"Os novos Estados da America Espanhola necessitam de reis com o nome de presidentes"*. O seu con-

selho foi seguido por toda a America do Sul, excepto pelo Brasil, que fez o contrario: teve um presidente com o nome de rei.

Alberdi, cujo republicanismo é tambem insuspeito, dizia que, a republica na America do Sul não era uma verdade pratica, uma verdade de facto. Achava que era um regime superior á capacidade das novas nações que se formavam.

Apesar da sua visceral antipathia por tudo que é brasileiro, elle nos poupava as instituições nestas palavras textuaes das *Bases*:

“El bello ejemplo del Brasil no debe alucinar-nos; felicitemos á ese paiz da la fortuna que le ha canido, respetemos su forma, que sabe proteger la civilizacion, sepamos coexistir con ella y caminar acordes al fin comun de los gobiernos de toda forma — la civilizacion.”

Como conciliar esse desespero por um monarcha, essa ansia por um throno, naquelles que sempre nos imputaram como um crime o Imperio que nos regia?

Muito facilmente. Não eram as instituições que elles atacavam. Era o Brasil. Era o velho odio peninsular transplantado á America que estava falando. Se já fossemos republica, as increpações tomariam outra forma, porém seriam as mesmas no fundo.

Odio velho não cansa.

Dahi encherem a bocca os republicanos do

Prata (vimos o que essa palavra significava então!) com accusações de imperialismo á nossa diplomacia. "*Las instrucciones de Santo Amaro! La mission de Abrantes!*" — eram interjeições irrespondiveis, argumentos que não admittiam discussões para provar que o Brasil queria ser o algoz das democracias americanas.

MISSÃO SANTO AMARO

Vale a pena resumir o que foram realmente essas duas missões, determinadas pelas directrizes que a politica européa queria traçar ao futuro das nacionalidades sul-americanas. Quando Santo Amaro foi á Europa, a Santa Alliança dominava completamente o scenario do mundo. Metternich, seu guia, pensava em transformar as democracias turbulentas da America em quantas monarchias absolutistas pudesse. Scientes a tempo dos seus planos, tão oppostos ao nosso regime constitucional e ás nossas tendencias liberaes, mas sem força para lhes oppôr uma resistencia efficaz, procuramos por-nos á capa dessa tormenta. A nossa linha de conducta encerrava-se nestas palavras: "dos males o menor". A nossa grande preocupação era o Uruguay, sobre o qual eram evidentes os planos de integração numa possivel monarchia argentina absolutista. Procuramos evitar esse perigo. Se o Uruguay tinha de desaparecer, era

mais justo que fosse reincorporado ao Brasil, a que já pertencera. Mas se as grandes potencias a tal se oppuzessem, então que fosse erigido em monarchia independente, sob a corôa de um principe nosso amigo. Nada mais justo do que preferirmos um regime constitucional ao absolutismo. O plano era tão legitimo que Rivadavia, que fôra á Europa pelo mesmo motivo, lhe deu a sua approvação.

A MISSÃO ABRANTES

A Missão Abrantes, annos depois, nasceu de uma conjunctura analoga.

França e Inglaterra queriam estabelecer sobre o Uruguay uma influencia de consequencias imprevisiveis, mas que lord Peel, desfraldando sem rebuços no Parlamento o estandarte da conquista, como direito da força, tornava ameaçadoras. A França seguia-lhe os passos. Florencio Varela, representante de Montevideo e dos unitarios portenhos foi á Europa em procura duma attitude que garantisse a independencia do Uruguay.

Diz Adolfo Saldías que a Missão Abrantes foi resolvida como apoio (*reforzo*) á de Varela. Até que ponto? O objectivo de Varela era a criação de um Estado independente formado de Entre Rios, Corrientes e Missões sob o apoio de Inglaterra, França e Brasil. O de Abrantes descobrir

até onde iam as vistas da Inglaterra e-da França sobre o Prata, para apoial-as ou contrarial-as. Faziamos questão vital do reconhecimento da independencia uruguayaya.

Foi a Missão Abrantes uma tentativa de absorpção da antiga Cisplatina?

Responda Adolfo Saldias: "*Verdad es que el Visconde de Abrantes abrió su negociacion sobre la base de la perfecta independencia del Estado Oriental*".

Abrantes foi á Europa quando estava no ar a possibilidade duma solução monarchica. Era justo que buscasse encaminhar a que nos fosse mais favoravel, pela escolha dum principe ligado ou sympathico á nossa dynastia.

Eis ahi o que foram as duas Missões Santo Amaro e Abrantes, que inda ha quem nos lance em rosto como prova de intentos de absorpção do Uruguay e de monarchisação americana !

Creio ter demonstrado que o grande argumento do Paraguay contra nós, de que eramos um Imperio contra uma Republica, não era filho senão do odio de raça. Imperio era o Paraguy. Imperios eram a Argentina e o Uruguay, archipelagos de imperios caudilhescos cujos soberanos se chamavam Guemes, Quiroga, Lopez, Virasoro, Echague, Rosas, Artigas, Rivera e Oribe. A nossa monarchia não podia ser comparada com essas soberanias feudaes, cuja unica lei era a vontade

de um homem quasi sempre atrazado, inculto e cruel.

Esses mesmos que amesquinhavam as nossas instituições na hora dos odios eram os primeiros a invejal-as na hora do raciocinio. O exemplo de Alberdi é eloquente. Em seus pamphletos de polemica chiava a diatribe contra o Imperio. Mas, quando arrancou do fundo da consciencia, como uma offerenda votiva no altar da patria, toda a sua sinceridade feita livro, quando escreveu ao *Bases*, isto é, o prologo da Constituição Argentina, não julgou abdicar do seu republicanismo ao confessar que as nossas instituições eram as mais perfectas da America do Sul. Por que então tantas vezes disse o contrario? Pela mesma razão que Bolivar e San Martin. Pela mesma razão que os estadistas platinos, que viveram sempre repetindo a fabula das rãs pedindo rei. Pela mesma razão que Rosas, tragico bandido coroado pela mas-horca. Pela mesma razão que Lopez, monstro enthronisado sobre a escravidão paraguaya. O odio de raça. O odio de raça. O odio de raça. O formidavel ministro de Lopez, D. José Berges, comprehendeu o valor dessa arma. Tivemos contra nós graças a elle todos os paizes da America do Sul. A propaganda republicana herdou o argumento castelhano.

Era natural que cahindo o Imperio desapparecesse esse argumento. Mas não. Os positivis-

tas adoptaram-no como meio de extirpar das gerações que surgiam a ultima radícula que se pudesse embeber em sympathias monarchicas. Agora anda elle por ahi de novo implicito nas glorificações de Lopez e nas condemnações das nossas culpas na guerra do Paraguay. Eu não o acceito.

Sob os seus disfarces de americanismo, e de fraternidade republicana diviso-lhe a verdadeira identidade de calumnia castelhana.

A propaganda anti-brasileira

Não é de estranhar que no atrazado e remoto Paraguay se acclimassem como em terreno mais fértil as sementes peninsulares do odio ao portuguez, que elle envolvia na mesma designação de desprezo que o brasileiro: o *cambá*, o negro, o macaco.

Quando o Paraguay se presumiu com forças bastantes para pretender ao *big-stick* da politica sul-americana, contava com um homem que valia por uma legião: d. José Berges. Este viu o que era o Brasil, onde esteve e verificou o seu progresso e a sua cultura. Percebeu que era preciso sahir da mentalidade guarany para nos dar um combate efficaz. Foi á Europa em Missão Especial; cujo objectivo posto em pratica com rara habilidade, força é confessal-o, era lançar as bases de uma vasta campanha anti-brasileira, que movesse contra nós as antipathias da civilisação.

ALBERDI

Arauto desse sentimento foi o notavel escriptor Juan Baptista Alberdi. Era tão amigo de

Solano Lopez, com quem se correspondia por intermedio do ministro Barreiro e de outros, como de D. Justo José de Urquiza, o enigma vivo de Entre Rios.

O odio de Alberdi ao Brasil era visceral e tanto mais crescia quanto menos provavel via a realisacão do seu sonho dourado: a quèda de Mitre e Sarmiento. Emquanto a politica destes triumphasse, Alberdi, que intimamente se lhes devia reconhecer inferior — a Mitre no complexo de qualidades pessoas, a Sarmiento na genialidade — não poderia realisar as suas ambições de governar a Argentina, á sombra de Urquiza e de Solano Lopez.

Dahi as duas grandes preocupações que lhe absorveram a existencia: provar que o Imperio bragantino, amigo de Mitre e Sarmiento, era uma ameaça á America republicana e que Buenos Aires era a inimiga irreconciliavel da grandeza Argentina. Os factos se encarregaram de desmentir ambas as asserções. No entanto esse escriptor, que sob certos aspectos dá a illusão de grande, mas que o simples cotejo com Mitre e Sarmiento reduz ás justas proporções de mediania, empregou o melhor do seu tempo e actividade ao serviço desses odios, que lhe esterilizaram a vida.

E' exacto, porém, que tantos rancores teve quantos em troca provocou. Inda hoje, por exemplo, o accusam de ter sido estipendiado pelo Para-

guay. A minha tolerância obriga-me a defendel-o, a reduzir ás devidas proporções essa questão de lana-caprina. Pode-se dizer tudo de Alberdi menos que foi venal. Seu odio ao Brasil, seu odio a Mitre, a sua propaganda absorviam-lhe a actividade. Suas crenças e paixões eram profundas e sinceras. Não as alugava, não as vendia. Se o Paraguay auxiliou-o, deu-lhe meios que lhe permittiram trabalhar, se pagou edições dos seus livros, não fez mais do que seu dever. E Alberdi, acceitando um auxilio sem o qual não poderia combater pelas suas convicções, está livre de qualquer censura. Pode ser lamentado pela sua falta de outros meios. Censurado não.

A sua campanha contra o Brasil, provavelmente planeada com José Berges em Londres, onde se encontraram em Outubro ou Novembro de 1856, como se vê duma carta de A. Tamberlick, irmão do grande tenor italiano, que era nem mais nem menos que agente secreto paraguayo, nunca teve remittencias. Não é temerario encontrar ahi a nascente de grandes animosidades que surgiram contra o Brasil.

Na guerra contra o Paraguay, Alberdi manifestou-se por este. Muitos de seus patricios consideraram-no trahidor. Não lhe perdoam cantar hosannas ao paiz que lhe ensanguentava o solo da patria. Outros o endeósam. Mas os *lopiztas* do Paraguay como pensam? Elles que conside-

ram traidores os *Legionarios Paraguayos* que combateram entre os Aliados, terão o direito de invocar como seu orago o argentino que combateu pela penna contra a Republica Argentina?

A CABEÇA DO PARAGUAY

A propaganda de Alberdi não estava sosinha. A diplomacia paraguaya, honra-seja feita a Berges, seu grande ministro do Exterior, velava. Elysée Reclus dizia a Eduardo Prado que poucas cabeças iguaes conhecera. Interpellado pelo nosso illustre patricio, cujo displicente cosmopolitismo escondia o mais entranhado amor da patria, sobre as causas da sua animosidade contra o Brasil, Elysée Reclus lhe confessou que a contrahira na convivencia de Berges, que lhe prophetisara a guerra muitos annos antes de estalar, attribuindo-lhe o designio ao Brasil. Quando ella se declarou, pareceu-lhe provada a nossa iniciativa. Berges era um dos homens mais cultos e fascinantes que conhecera. Tomou ao pé da letra todas as suas informações. Dahi a sua campanha pro-Paraguay na *Revue des Deux Mondes*.

A PROPAGANDA DE BERGES

Berges em 1856 peregrinou pela Europa e chegou até aos Estados Unidos organizando a propaganda do seu paiz.

Nomeou consules homens de real valor como du Gratry e Benitez, cuja principal missão era propiciar ao Paraguay a imprensa européa. Os jornaes de Londres, Vienna, Berlim, Hamburgo, Frankfort, Bruxellas e Antuerpia enchiam-se de communicados habilissimos.

Alguns denunciavam as nossas intenções de guerra. Mais tarde não foi pequeno o trabalho dos nossos diplomatas para destruir essa má impressão.

Isso na Europa. Nas nações vizinhas o seu corpo de representantes consulares era de escol. Luiz Rojas em Corrientes, Caminos em Rozario, Brizuela em Montevidéo e Feliz Egusquiza em Buenos Aires tinham ordens illimitadas para comprar a Imprensa.

Antes da guerra, du Gratry e Benitez recebiam recursos sob a fórmula de partidas de mate e fumo, que logo reduziam a dinheiro. Declarada ella, não havia tempo para isso. Os pagamentos eram nas pesadas "*onzas de oro*" amealhadas por Francia. A um jornalesco secundario Berges pagava oito onças mensaes. Antes da guerra recusou certa feita trinta onças a D. Nicolau Calvo. Depois da guerra não as recusaria...

Devemos confessar lealmente que a sympathia do mundo na guerra do Paraguay foi por este. Desde então o mundo já era governado pela Imprensa.

Lopez conseguira obter communicados favoraveis na maior parte dos grandes jornaes europeus. O *Morning-Post*, o *Daily Telegraph*, o *Daily News*, o *Advertiser*, o *Sun*, o *American*, o *Anglo-American Times*, o *Globe*, o *Observer*, o *Wienne Zeitung*, o *Frankfurt Zeitung*, o *Borsen Halle*, o *Evening Star*, *El Pais*, *La Reforma*, *El Pueblo*, o *Correspondent Schwerin*, o *Neue Prussische Zeitung*, o *Nordeutsche Allgemeine*, lista que inda se poderia ampliar, tinham sido propiciados aos seus interesses pelas onzas de Berges.

A inspecção cartographica dos dois paizes lembrava a luta de David com o gigante Golias. Corria que haviamos sido os provocadores. Parecia que Lopez tivera o papel cavalheiresco de desembainhar a espada em defesa da republica irmã ameaçada.

A GROSSE BERTHA

Eis sobre o assumpto um documento peremptorio e inedito. E' a circular de Berges aos seus agentes do Rio da Prata aos 25 de Novembro de 1864.

Não conheço documento mais precioso do que esse. E' a photographia do grande canhão, da *grosse Bertha* guarany com que o Paraguay nos bombardeou durante a guerra.

“Faça as mais vivas, diligencias e não olhe a

quantia (*no economise gasto algum*) para que a imprensa dahi, ao occupar-se da guerra que estala entre o Brasil e o Paraguay, mostre sympathias pelos principios que *sustentamos contra a ambição dum Imperio escravocrata e em defesa duma republica irmã* e das mesmas instituições que nós." Os agentes de Berges executaram suas instrucções. Cascatearam aos montes "*las onzas de oro*" com a effigie de Carlos IV. E o Paraguay assumiu ante os espiritos simplistas, envenenados por essa propaganda, o seu duplo papel de redemptor do Captiveiro e de paladino do Uruguay.

Os maiores órgãos da opinião deram curso a essa balela: "Realmente" exclama Reclus na *Revue des Deux Mondes*, "realmente esse conflicto se produz entre a oligarchia escravista e a democracia republicana!" Não tardou a propaganda de Berges, em ganhar o proprio Brasil, onde os olhos de lynce de Paranhos a divisaram e denunciaram com os seus processos de compra.

Já era o Rio Grande do Sul sensivel á idéa republicana. Vivas inda estavam as tradições de Piratini, que celebrára em 1837 um tratado com o Paraguay. Pela fronteira do Sul entrou a senha de Berges. Entrou com a velocidade dos germens epidemicos. Dentro em breve devia transformar-se em argumento e clava anti-dynastica. "Imperio escravocrata", "mancha da America republicana", "algez do Paraguay" — todo o arsenal de does-

tos que cobriram o Brasil sahiram dahi. Eram as "onzas de oro" de Berges transformadas em diatribes republicanas.

A "OMINOSA CAMPANHA DO PARAGUAY"

A politica interna do Brasil não desdenhou dessas armas, cuja procedencia ignorava. Os liberaes, cahidos do poder, recorreram ao argumento de Berges. Moços, que mais tarde culminariam no pensamento, deixaram-se contagiar por essas cataporas demagogicas. Ruy Barbosa e Joaquim Nabuco iriam mais tarde, aquelle verberar a caçada de Lopez, e este proclamar que na guerra o interesse humano devia ser pelo Paraguay, Berges podia sorrir do fundo da sua cova.

OS POSITIVISTAS

Proclamada a republica, os argumentos de Berges extemporaneamente tomaram nova vida. Uma escola philosophica, que se avocava toda a gloria do adyento do novo regime; escrevendo a vida de um grande responsavel pelas novas instituições, entendeu fazer da guerra do Paraguay o estigma do Imperio. Era preciso dar ás novas gerações motivos de odiar o passado. O amor da republica devia nutrir-se do desprezo pela monar-

chia, responsavel pela "ominosa campanha do Paraguay".

No livro que o sr. Teixeira Mendes consagra a Benjamin Constant (a quem, em desaccordo com os factos, dá a principal responsabilidade na proclamação da Republica) o *altivo e generoso* Paraguay se agiganta sobre o perverso e interessado Brasil.

Não admira. O fanatismo tem dessas deformações visuaes. Era preciso um terreno escampo para elevar-se a estatua de uma republica moldada ao geito da religião da humanidade com u.

BENJAMIN CONSTANT

Benjamin Constant era um espirito lucido e tão nobre como lucido. Mas quando se pronunciou sobre a guerra do Paraguay não lhe conhecia os bastidores. Não se dera ao trabalho de correr archivos e exhumar documentos. Reflectia sem o saber opiniões preparadas pelo Paraguay; servia de echo á propaganda de Berges. Creio que se Benjamin tivesse reunido todos os elementos do problema não o teria resolvido pelo modo que o fez. Se tivesse conhecido o conluio branco-paraguayano, a premeditação de Lopez, a propaganda anti-brasileira, a nossa indeclinavel obrigação de occupar a fronteira uruguaya para evitar a guerra civil, não teria commettido o erro de dar

a seu paiz responsabilidades que não teve e que diminuiriam as suas tradições de lealdade internacional, se as tivesse tido.

Teixeira Mendes, navegando nas aguas de Benjamin Constant, continua a desfigurar como elle a verdade historica.

TEIXEIRA MENDES

Longe de mim accusar de má fé a nobre figura de Teixeira Mendes. Bastaria a belleza angelica da sua vida, toda consagrada ao pensamento, no que tem de mais alto e mais arduo, e ao dever, no que tem de mais puro e mais desinteressado, para que eu me inclinasse deante da sua augusta figura.

Mas o dever de pensador e patriota obriga-me a ser sincero.

Grande no terreno da sua doutrina, Teixeira Mendes era um observador mediocre, porque só encarava os factos sob um ponto de vista sectario e unilateral. Dou que jogasse com os theoremas abstractos, que a seu ver encerram a curva do evolver humano, com a lucidez de um Euler, de um Lagrange, ou de um Laplace, seus mestres preferidos. Mas observava lamentavelmente a realidade. Não é preciso grandes esforços para proval-o. Sua obra capital, se não considera Benja-

min Constant positivista orthodoxo, (não a tenho á mão) attribue pelo menos (disso estou certissimo) o seu republicanismo á influencia dos comtistas, ao seu pleno irmanamento com o Apostolado. Que diria elle, se soubesse que Benjamin os tinha pela garganta, que não podia mais supportar as suas impertinencias, que declinava de toda e qualquer solidariedade com elles, excepto nas linhas geraes da doutrina, que mais duma vez commentou as reiteradas suggestões que lhe faziam no sentido de *comtisar* o novo regime com estas palavras amargas:

“Que me quer essa gente? Por que vivem a importunar-me?”

BAGUEIRA LEAL

Discipulo de Teixeira Mendes, o sr. Bagueira Leal tem renhido bem mais que aquelle em favor do Paraguay. Só lhe conheço os escriptos por transcripções em livros paraguayos que arrastam o Brasil pela lama. E' delle esse argumento cerebrino: “quem nos pediu que libertassemos os paraguayos de Lopez?”

Esqueceu que a essa pergunta, se podia responder com outra, de um deputado paraguayano em pleno congresso: “Quem mandou Lopez declarar a guerra?”

Mas não. Tal pergunta precisa de resposta cabal. Quem nos pediu que libertássemos o Paraguay foram os proprios paraguayos anti-lopiztas que, exilados ha muitos annos em Buenos Aires, se acolheram á sombra das bandeiras alliadas.

Logo que tomamos contacto com o desventurado paiz verificamos que as imputações dos Decoud, dos Recalde, dos Itúrburu, dos Machain, dos Lozaiga, dos Jovellanos, dos Bedoya, dos Pineda, dos Perez, dos Romeros, dos signatarios do *Protesto* de 10 de Março de 1865, onde se vêem representadas as mais illustres familias de Assumpção, estavam *muito aquem da verdade*. A pedido dos proprios paraguayos e em nome dos deveres mais imperiosos da fraternidade humana, tudo fizemos *para libertar o Paraguay* do monstro que se nutria do sangue de seus patricios. Chegamos a tempo de impedir que fuzilasse a mãe e as irmãs, cuja sentença estava lavrada para o dia seguinte em Cerro-Corá. Quem nos pediu para intervir no Paraguay foi uma religião que condemna o fraticidio e o matricidio.

Todos os que têm coração pensam como o sr. Bagueira Leal que os vivos são governados pelos mortos. Permitta-me o nobre vassallo de Clotilde de Vaux imaginar que D. Joanna Carilo de Lopez governe os seus pensamentos de positivista orthodoxo sobre o seu querido Panchito, que deve conhecer como ninguem. No infinito do amor ma-

ternal cabe o infinito do perdão. A mãe de Lopez perdoou-lhe as oito pranchadas nas costas, o golpe de espada na cabeça e as bofetadas do padre Maiz, a mandado daquelle filho que logo depois a iria abandonar aos soldados inimigos, atirando-lhe á guiza de alento estas palavras:

“Fiese de su sexo, señora!”

Que diria a mãe de Lopez, senão estas palavras: “Não. Uma mãe não pode bemdizer os que lhe mataram o filho, embora salvando-a. Pouco se me dava de viver um pouco mais, arrastando a miseria duns dias que as visões do fraticidio enlutavam. Mas não posso ter odio á mão que lhe cortou o fio da vida allucinada e sangrenta. Poupou-lhe ao menos o crime dos crimes: o ultimo aliás que faltava á sua loucura: o crime de matar a propria mãe”.

Deixemos essa escola que detrae a Patria por amor á philosophia, mas tem a vantagem de condemnar ao esquecimento as idéas que esposa. As idéas positivistas têm no Brasil o beneficio da clandestinidade. São como o nosso rapé, que gozava da maior popularidade entre os mandarins da China, ao passo que aqui nem se sabia da existencia desse genero de exportação. Conhecemol-as de retorno, graças á divulgação que lhe dão os paizes estrangeiros, e aos espirros internacionaes dos lopizguayos.

ROQUETTE PINTO E MEDEIROS E ALBUQUERQUE

Alguns escriptores de nomeada, comtudo, fazem-se écho da campanha anti-brasileira. Ainda ha pouco, numa solennidade, em que se fez representar o Chefe do Estado, o sr. Roquette Pinto, nome cercado de merecida sympathia entre os nossos estudiosos, e a que voto o melhor da minha admiração, proclamava a culpa do Brasil contra Francisco Solano Lopez. Presente se achava tambem o ministro do Paraguay, cuja discreta e efficiente actuação junto ao Brasil se caracteriza por uma revelia absoluta ás questões escaldantes que se ventilam em torno dum passado de soffrimentos communs. Teria sido de boa inspiração convidal-o a distrahir a sua actividade, até aqui absorvida em seguir as linhas mestras do futuro paraguay, para o solo vulcanico duma questão em que na sua propria terra não ha unanimidade? — Não me parece.

Apesar de não ser da intimidade do-nobre ministro, sei que se tem sempre abtido de se envolver na questão lopizta. Se lhe somos reconhecidos por um tacto, que honra a diplomacia do seu paiz, para que ensejar conjuncturas que o podem, a seu mau grado, envolver-o nessa luta ingloria? Supponho, porém, que terá raciocinado, ao ouvir as palavras do sr. Roquette Pinto, que, se o Brasil

teve a culpa da guerra, Lopez não foi um tyranno e sim um heroe. Ora entre os seus actos numerase o assassinio do avô do sr. Ibarra, depois do indispensavel e costumeiro seviciamento. Estará certo o sr. Roquette Pinto de que no intimo da sua consciencia o nobre ministro do Paraguay aprove, esqueça ou perdôe esse acto de pura e requintada malvadez?

Não sei se o sr. Roquette Pinto encara as instituições decahidas com o mesmo thermidorismo agudo do sr. Medeiros e Albuquerque, formoso espirito que só abdica da imparcialidade ao versar tal assumpto. Creio que não. Creio que não sofre da mesma idyosincrasia intellectual. Comtudo chega ao mesmo resultado, imperdoavel num homem de sciencia, habituado ás frias analyses de laboratorio.

A condemnação do Imperio em principio é um direito, concedo mesmo, um dever, hoje que a analyse esfarelou a sua columna mestra — o Direito Divino.

Mas condemnal-o em globo, sem restricções, sem critica, sem investigação, só porque foi o Imperio é ir muito longe. E' condemnar o Brasil.

Será possivel que tudo fosse errado e desprezivel nesses "ominosos tempos"? Não havia então patriotismo? Onde estavam os brasileiros? Não existiam?

Chegou o tempo da serenidade. Os espiritos

imparciaes têm o dever de encarar friamente todo o nosso passado, e deixar de lado a questão dos dois regimes.

Grandes erros teve sem duvida o Imperio. Dissimulal-os é falta de senso critico. Mas tambem aggraval-os, só porque foram erros do Imperio, não é republicanismo, é cegueira.

Bem sei que ainda ha espiritos, mesmo dos mais altos, que condemnam em bloco o Imperio. Não os acompanho, comquanto mais severo talvez que elles em certos pontos. O meu feitio não se compadece com os julgamentos em blóco. Tão sem *saudosismos sebastianistas* como sem superstições republicanas, quero apenas a justiça e a verdade, naquillo em que nos forem attingiveis. A Cesar o que é de Cesar.

Grande é a responsabilidade das gerações que ensinam para com as que aprendem. Pintar o Brasil como o algoz do Paraguay, tornal-o odioso ás creanças brasileiras, que agora abrem os primeiros livros de historia patria, é um crime de lesa-patriotismo, tanto mais abominavel quanto sem base.

Desculpavel não sei se seria, mas comprehensivel era, talvez, que a propaganda republicana lançasse mão desses meios para derrocar o throno bragantino. São humanas as allucinações no calor das pelejas. Como fazer justiça ao adversario que nol-a nega? Mas cahiu a monarchia. A sua

restauração é absolutamente impossível. Para que insistir na colera sem motivo?

Erguer o heroismo do Paraguay contra a cobardia do Brasil é esvaziar de justiça a medulla das gerações que vêm surgindo.

Esse vilipendio systematisado precisa ser proscripto da escola, do compendio, do magisterio e do jornalismo por todos os meios de reacção compatíveis com a nossa cultura. E' preciso uma cruzada de saneamento critico, para mostrar que esses pretensos golpes contra a monarchia vão attingir o coração do Brasil.

Filhos e netos da geração que morreu no Paraguay, á sombra da bandeira nacional, descendentes desses bravos que foram arrastados ao campo de batalha pelo insulto e pela provocação do estrangeiro, não podemos consentir que se invertam os papeis e que nos transformem de aggedidos em aggressores.

Seria para descrever do Brasil se essa campanha de negação ethnica, de derrotismo, de sacrilegio, que colloca homens e instituições do Brasil Imperio abaixo dos seus contemporaneos paraguayos pudesse calar no animo dos nossos filhos. Se tal se desse, estaria perdido o Brasil. Não nos restaria senão leiloal-o.

Um grande movimento de opinião precisa varrer do nosso territorio a vingança posthuma de Lopez — essa calumnia de que fomos nós os pro-

vocadores da guerra. O primeiro passo dessa campanha é a revisão do processo, o estudo sereno dos documentos. Quero contribuir para esse plenário, firmado principalmente em autores paraguayos e platinos, a que adduzirei alguns documentos inéditos.

Farei a exposição dos factos com toda a serenidade.

A opinião que decida do pleito entre o Brasil e o Paraguay, quanto ás origens e causas da guerra.

O imperador escravocrata

Precisamos estudar o grande argumento de Berges, que tanto mal nos fez: o de que o Imperador era escravocrata. Com as suas apparencias de verdade, difficeis de discriminar mesmo entre brasileiros, nada nos alienou maior numero de sympathias do que essa allegação, com tanto empenho vulgarisada pelo ouro paraguayo.

O chefe de um Estado só é responsavel pelas instituições que encontra ao assumir o Governo na medida em que contribue para consolida-las e defendel-as. Se as combate, seja qual fôr o resultado da luta, varre a sua testada e escoima-se da pecha de connivencia e solidariedade. Não basta portanto inchar as bochechas e affirmar que D. Pedro II foi escravocrata, pela evidente razão de que o Brasil do seu reinado o era. E' preciso algo mais: provar que legitimou, defendeu ou tolerou o captiveiro. Tal prova nunca se fará. Factos e documentos decisivos, cada vez mais numerosos, provam exactamente o contrario. Hoje já se póde affirmar sem rodeios que D. Pedro II merece um grande lugar na Historia da Abolição.

E' exacto que não a fez. E' exacto que o captiveiro perdurou no Brasil durante o meio seculo do seu reinado. Mas mau grado seu. Mas com a sua reluctancia. Mas com o seu estigma. Mas com a sua antipathia. Mas com a sua opposição, a principio cuidadosamente velada, no fim quasi sem rebuços.

Ah! o habito de resolver á primeira vista por um sim ou por um não os mais complexos problemas! Como isso torna a historia um problema de tabuada!

Para se comprehender a attitude de D. Pedro II é preciso estudar a escravidão sob o ponto de vista brasileiro.

Verificada a impossibilidade de domar o indigena, pelo seu genio instavel, independente e nomadio, não só o Brasil mas toda a America atlantica recorreu ao negro: mais laborioso, submisso e radicavel. O S. Paulo bandeirante regorgitava de indigenas? Pouco importa. O negro era mais resistente. E glebas e glebas de africanos se despejaram em S. Vicente.

Ao cabo de muitas gerações, fins do seculo dezoito e albores do seguinte, o indio desaparecera da equação brasileira do trabalho, cuja incognita se achara no africano. Sobre essa base constituiu-se a fortuna publica e particular. Foi um erro; mas erro foi da época e não dos homens.

Buenos Aires, começo do seculo XVIII, numa

população de 40 mil habitantes contava 20 mil negros. Quem lho pode imputar como um crime?

O PRESIDENTE ESCRAVOCRATA

Os Estados Unidos não tiveram base differente nem origem mais pura para o prodigioso progresso que hoje ostentam. Tão normal era a escravidão no modelo e padrão das liberdades americanas, tão evidente era a indispensabilidade do negro que o proprio Washington tinha escravos, de que não podia prescindir o seu serviço domestico. Mas ha mais ainda. O grande Lincoln em suas proclamações de 22 de Setembro de 1862 e 10 de Janeiro de 1863 mandou que os escravos que tivessem a necessaria aptidão fossem admitidos no Exercito e na Armada. A' luz do rigorismo verbal, que conduz a tantos absurdos, tanto o patriarcha da liberdade Americana como o seu grande emulo foram tambem escravocratas.

Ou os presidentes da republica terão contra os adjectivos desagradaveis a immuniidade que o odio republicano denega tão facilmente aos monarchas?

Não percamos, porém, o fio. Volvamos á escravidão no paiz.

O Brasil viveu do negro desde os albores da nacionalidade.

As plantações de assucar e a extracção de pau-brasil, nossa primitiva riqueza, as explorações mi-

neraes setecentistas, que bastariam para a consolidação economica do velho Portugal e no emtanto apenas serviram para as prodigalidades joanninas, as extensas lavouras de café, que constituiam a riqueza do segundo reinado, obra foram, apenas e exclusivamente, do negro. Negro e trabalho tiveram sempre no Brasil uma fatal e irremediavel synonymia.

Era impossivel separal-os. Assim pensava um dos nossos mais profundos pensadores: o grande Bernardo Pereira de Vasconcellos.

Chamado ao throno pela abdicação paterna, viu-se D. Pedro II desde a infancia cercado de conselheiros e mestres, imbuidos das mesmas idéas. A' proporção que envelhecia, verificou-as por si mesmo. Admittido, como tem de ser, se se quizer discutir de bôa fé, que a extincção da escravidão desorganisaria o trabalho, produziria um abalo formidavel na fortuna publica e privada e encheria o paiz de ruinas, pergunta-se: podia um chefe de Estado constitucional, oppondo-se ás classes que representavam os interesses conservadores do paiz, decretar de um golpe a extincção do elemento servil? D. Pedro II julgou que não. E sopitando os seus impulsos pessoaes esperou pelo momento opportuno.

A demora desse momento foi o grande erro do seu reinado, o erro que lhe custou talvez o throno. Tivesse elle, logo depois da guerra do Paraguay

decretado um empréstimo de duzentos, trezentos ou quatrocentos mil contos para indemnisar a propriedade servil e extinguil-a e teria resolvido sem attrictos, injustiças e abalos o grande problema. Teria creado outro com certeza. Mas mil vezes menos grave.

A INFLUENCIA DA CORÓA

Não o fez. Apesar da *sorita* de Nabuco de Araujo demonstrar que em ultima analyse a Corôa era o unico e verdadeiro poder, immensas restricções soffria este. Como os delgados cordeis que em Liliput reduziam Gulliver á immobildade, os laços de mil conveniencias politicas e administrativas tolhiam-lhe os movimentos e peavam-lhe a iniciativa. O seu poder discricionario em muitos casos era apenas aparente.

Não era um problema tão facil como se afigura a muita gente o de extinguil a escravidão. A grande nação norte-americana só lhe encontrou a solução na formidavel guerra que a ensanguentou por tantos annos. Hoje se verifica que foi precaria tal solução. Os Estados Unidos ainda estão a braços com o problema negro, que é o québra-cabeças dos seus estadistas.

Aqui no Brasil ainda em 1889 os abalos da abolição foram terriveis. No Maranhão, a familia

dum amigo meu possuia um engenho de assucar, cujo valor ficou reduzido a zero, pelo exodo dos quatrocentos escravos que empregava.

No Estado do Rio o pai dum dos meus mais velhos e queridos amigos emancipara desde o começo do anno todos os captivos que lhe trabalhavam na cultura do café, com o pedido apenas de fazerem a ultima colheita. Raiou o 13 de Maio. Nenhum cumpriu a promessa. Foram-se todos. O desventurado e generoso agricultor via a sua lavoura apendoada de frutos sem ter quem os colhesse. Deitou-se num sofá, contemplando melancolicamente o seu esforço perdido. Dahi só se levantou para morrer.

Desde 1866, em plena Campanha do Paraguay, D. Pedro II, tentava traduzir em actos o seu abolicionismo, com o projecto Pimenta Bueno.

O sr. Wanderley Pinho, com a benemerita divulgação do archivo de Cotegipe, que protocolisou cuidadosamente a discussão do elemento servil no gabinete 16 de Julho, vem entre outras acabar com a lenda de que a vontade imperial não conhecia obstaculos.

Não se conformára o Imperador com o encaixe do seu projecto, cujo unico effeito fôra uma referencia platonica que Zacarias insinuara muito a contragosto na *Fala do Throno* de 1867. Terminada a guerra volta á carga e escreve a Itaborahy, a 1.º de Maio de 1870, insistindo: "Itaborahy,

porém, como todos os seus companheiros de gabinete, resolveu não attender á disposição do Imperador” — diz o sr. Wanderley Pinho. Quanto á questão escravista, Cotegipe declarou que tocar na principal fonte da nossa riqueza era crear “uma especie de guerra peor que a do Paraguay”. Tão radical era o seu modo de pensar “que se opporia até pegando numa espingarda” — lembrou-lhe o Imperador que já o declarara.

Um *post-scriptum* precioso de Cotegipe aclara com uma luz singular o pensamento de D. Pedro.

Eil-o:

“Quando nesta conferencia se disse que a questão de emancipação era semelhante á pedra que rolava da montanha a que nós não deviamos precipitar, porque seriamos esmagados, S. M. respondeu que não duvidava expôr-se á quêda da pedra, ainda que fosse “esmagado”!

Eis ahí o pensamento intimo do “escravocrata”. Preferia perder o throno a vêr subsistir o captiveiro.

Vejamos agora o peso da vontade imperial, na reunião de 5 de Maio. O gabinete unanime declarou “que sua majestade não podia intervir com o peso da sua opinião e contra a de seus ministros em solução dessa ordem”.

O Imperador transige. Leva ás raias do sacrificio os escrupulos constitucionaes. Limita-se a reivindicar os seus direitos de homem e a faculda-

de que tem de libertar do seu bolsinho as *crias* dos escravos da Corôa. Insinua, comtudo, que se tem o dever de obedecer a seus ministros, enquanto o forem, dispõe também do poder de demittil-os.

Já se desenha nessas conferencias a perspectiva dum novo gabinete. Dentro de quatro mezes Pimenta Bueno, o coração que pulsou quasi tão perto do seu como Bom Retiro, organisa novo ministerio.

E' a elle que D. Pedro abre o fundo do seu pensamento, a elle que confia a magua de ser servido por escravos, com elle que combina a manumissão clandestina dos que possui: com elle que decide entregar a Paranhos a bussola da nau emancipadora, rostida pelo vendaval dos interesses, ameaçada pelos escolhos da desordem.

O IMPERADOR ABOLICIONISTA

Repitamos mais uma vez a núa verdade: o Imperador, quer como chefe de Estado, quer como homem foi sempre e radicalmente partidario da Abolição. Não se enganava o sr. Oliveira Vianna quando lhe chamava o "grande irradiador de força" na marcha dessa idéa.

Provas! Provas! Ellas enxameam e vamos dal-as. O primeiro projecto emancipador apresentado por Pimenta Bueno, não era apenas de inspição imperial, era *da lavra, da mão, da letra* de

D. Pedro II. José de Alencar declarou-o do Senado sob o mais solenne dos testemunhos pessoases, e não houve meios de contestal-o, apesar da ce-leuma que o facto levantou nos arraiaes escravistas.

O projecto Pimenta Bueno era considerado uma brecha na Bastilha negra. Em torno d'elle armou-se a luta dos partidos. Presidente de Conselho dos mais poderosos, arautos de situações politicas inexpugnaveis tentaram em vão oppor-se-lhe. Cahiam com os obstaculos que tentaram apresentar-lhe. E quando Paranhos em 1870 obteve a passagem da lei do Ventre Livre, não fazia mais do que executar o projecto imperial. Era esse o escravocrata...

Rastreemos de mais perto o seu pensamento. A resposta á celebre mensagem dos liberaes francezes, entre os quaes o Duque de Broglie, Montalembert e Victor Hugo, é tambem do *punho* do Imperador. Affirmando que o termo da escravidão no Brasil, é apenas uma questão de oportunidade, não fez senão condemnal-a. Mais tarde ardem contra elle as coleras tribunicias de Ferreira Vianna, que lhe verbera o "pacto com o Dantas", isto é, com o gabinete cujo lemma era a emancipação.

Esse o pensamento do chefe de Estado. O do homem, o do brasileiro inda é mais facil de descobrir, apesar dos véos com que a ficção da impersonalidade constitucional o tentava esconder.

Antes de 1870, chamou D. Pedro II um bello dia a Pimenta Bueno e mandou que lavrasse a carta de alforria de todos os seus escravos.

Não reflectira, ao dar essa ordem, que a sua execução levaria o panico ás classes conservadoras. Era intervir na questão abolicionista. Era abandonar a neutralidade constitucional, a que estava adstricto pelo mais solenne dos juramentos. Era talvez levar o paiz á revolução. Já se tinham ouvido os cardeaes da Corôa. Os membros mais notaveis do Conselho do Estado, mesmo os abolicionistas de coração, já se haviam manifestado contra o acto da imperial generosidade. Pimenta Bueno teve a coragem de lembrar-lh'o mais uma vez. Ante a irreductibilidade dos seus conselheiros, D. Pedro II cedeu. "Em todo o caso, não quero ser servido por escravos", obtemperou. E arranjou um piedoso sophisma para realisar o seu plano. Mandou distribuir os que possuia por diversos lugares e ahi libertal-os aos poucos, sem bulha nem matizada, com a clandestinidade dum crime.

Uma antipathia visceral, cuja implacabilidade destoava da sua notoria bondade, afastava o Imperador de quantos se tinham envolvido no trafico, ou esposado a defesa dos seus interesses. Aos senhores de escravos nada tinha que censurar. Tinham accetado uma situação de facto, para que não haviam contribuido.

Quanto aos importadores de negros, e seus patronos, não!

Esses eram directamente responsaveis pelo incremento do mal, que as nossas leis procuravam cortar. Nunca lhes perdoaria.

Uma serie de factos publicos e notorios comprova esses sentimentos do Imperador. Pereira Marinho, na Bahia, fizera-se opulento no trafico. Depois de deixal-o, tudo envidou para ter do Governo uma condecoração, um titulo, uma fita, qualquer coisa emfim que lhe lavasse a fortuna da mancha original. Embalde. O Imperador nunca transigiu. Pereira Marinho fez-se conde. Mas em Portugal...

A bisneta dum dos maiores fazendeiros do Estado do Rio, senhora de rara intelligencia, e com bastante espirito para não se melindrar do erro de seus antepassados, contou-me ha dias que seu bisavô preparára regiamente a sua fazenda para hospedar o monarcha. Mas importára escravos.

O Imperador declinou da sua hospitalidade, aboletando-se num sobrado da villa proxima. E tratava-se dum Breves, isto é, da mais influente, e opulenta familia fluminense!

Pereira da Silva, o historiador do Segundo Reinado, cardeal entre os conservadores, poderosa influencia *squarema*, amigo intimo de Paulino e Itaborahy, teve um dia como advogado, de acceitar o patrocínio de um negreiro. Nunca lho perdoou

D. Pedro II. Vezes e vezes o nome de Pereira da Silva fez parte da lista triplice. A escolha de senadores era uma prerrogativa imperial. D. Pedro jamais escolheria um advogado de negreiros.

Era talvez uma injustiça, que a Princeza reparou, realisando a aspiração do chefe conservador, que pela ethnica da sua profissão não podia repellir clientes. Mas serve para mostrar o grau de horror que o "Imperador Escravocrata", tinha aos negreiros.

LOPEZ, COMPRADOR DE ESCRAVOS BRANCOS

Era essa a attitude de D. Pedro II. Qual em contraposição á sua, a do Presidente da Republica abolicionista do Paraguay. O Paraguay em 1843 decretou uma abolição condicional e restricta. Mas essa lei nunca passou de letra morta.

Quem nol-o diz são testemunhas insuspeitas, autores platinos, que affirmam, que cincoenta mil "esclavos de la Nacion", foram chamados ás armas contra nós. Só duma feita, depois de Tuyuty foram alistados outros seis mil "*esclavos de la Nacion*", nas forças do dictador.

E Lopez? Era elle pessoalmente infenso á escravidão? Teve ou não escravos? Um documento publicado pelo coronel Mario Barreto, chefe da Secção de Historia Militar do Estado Maior do Exercito, e um dos nossos mais esforçados, e im-

parciaes historiadores, prova que Solano Lopez mesmo em 1863, negociava em escravos.

Eis o teor da escriptura de compra, que o coronel Mario Barreto publicou em *fac-simile* no "*Jornal do Brasil*":

"Receba-se na Collectoria Geral a quantia de duzentos pesos com que compro ao Estado, a escrava Salvadora Samaniego, de trinta e cinco annos de idade, com a sua filha Gregoria, liberta, de doze annos, e de oitenta pesos pela liberta Manuela Samaniego, de dezeseite annos, todas da escravatura de Santo Domingo, com o encargo do competente recibo para resalva.

Assumpção, Dezembro, 24-1863. —
(assig.) — Lopez".

Esse documento divulgado pelo brilhante historiador que tanto honra as fileiras do nosso exercito, é, o tiro de misericordia no coração da mentira. O relevo do fac-simile, onde a assignatura de Lopez se enrosca sobre si mesma como uma serpente nos seus aneis é mais eloquente que todos os argumentos. Deve ser transcripto em letras de fogo no cartaz com o distico de *escravocrata* que o sr. Mario Barreto pregou nas costas de Lopez.

Se esse documento de 1863 não basta, -temos outro em plena guerra, assignado pelo Vice-Presidente da Republica, chamando ás armas todos os *escravos e libertos da Republica*.

Eil-o:

“Viva la Republica del Paraguay,

“Con motivo de que á noche se ha personado el Jefe de milicias de Pyrayú esponiendo á la vez en sentido de consulta que en la orden circular de 6 del corriente para el enrolamiento de todo hombre capas de llevar armas, si habran de comprehenderse los esclavos y libertos de la Republica: se hace saber á las Autoridades de campaña encargadas del cumplimiento de dicha orden que quedan comprendidas en ella los libertos todos, y los esclavos serán libertados por el Tesoro Nacional; á cuyo efecto los mismos funcionarios publicos, formarán listas nominales de dichos siervos, con espresion nominale de sus dueños, y las remitirán á la Sêcretaria de Gobierno para mandarsê abonar sus importes, por ser asi conforme á la Suprema resolucion del Exmo. Señor Mariscal Presidente de la Republica; debiendo proceder en lo demas segundo prevenido en la citada orden del 6.º y

al efecto dirijan-se copias de esta disposicion en todos los partidos de campañas para los fines consiguientes. — Assumpcion, Setembro 9-1866. El Vice-Presidente. — Francisco Sanchez”.

Não deve surprehender, porém esse achado. Era logico. A hypocrisia e a dissimulação acabam por se descobrir. Como poderia o homem que reduziu á escravidão todo o escol da sua desventurada patria, como poderia esconder que explorava a massa inidentificavel dos anonymos?

O Brasil durante a guerra tinha escravos, não ha duvida. Era uma vergonha, que deviamos a uma fatalidade historica. Mas era um nucleo restricto: havia por outro lado homens livres, que usufruiam de todos os direitos, até do de censurar o Chefe do Estado.

O paraguay não. A condição dos brancos não inscriptos entre *los esclavos de la Nacion* era absolutamente igual á destes. Propriedade, honra, liberdade e vida, tudo dependia do presidente. Queria uma casa? Mandava expropriar-a. Queria uma mulher? Mandava buscal-a. Alguem lhe desagradava? Mandava prender. Alguem o contrariava? Mandava degolar ou fuzilar. Exaggeros talvez? Não. Factos e nomes. Quem confiscou a casa de Recalde? Quem mandou prender Pancha Garmendia, ré do crime de desprezal-o?

Quem encarcerou Bernardo Jovellanos? Quem mandou fuzilar os proprios irmãos?

Que differença entre a nossa escravidão e a paraguayana! O nosso imperante achou-se a braços com um facto que empregou todos os esforços para remover. Quiz fazel-o gradualmente para não abalar o edificio nacional, paradoxalmente apoiado na escravidão, como, aliás, o dos Estados Unidos de então. Não o conseguiu. Mas era de coração abolicionista. Lopez, ao contrario, recebeu um facto que fez tudo por aggravar, pela deshumanidade, consolidar, pela tortura e generalisar pelo terror. Transformou seu paiz numa immensa senzala. E quando morreu ainda imperava a escravidão no Paraguay. Facto muito esquecido: coube ao conde d'Eu, marechal do exercito e commandante em chefe das forças brasileiras em operações no Paraguay, a iniciativa de extinguil-a. O decreto do presidente Rivarola que realisou essa medida é a melhor prova dessa intervenção, que consigna e agradece.

MENTIRAS MASCARADAS

Mitre, o excelso patriota que tirou do chaos a Argentina moderna, observava a um amigo "ha por ahí muitas mentiras que correm mundo vestidas de verdades republicanas".

E' o caso das duas declaradas balelas do "Imperador escravocrata" e do "autor da guerra do Paraguay". Felizmente pequeno é o numero dos que dominados por paixões anachronicas querem fazer da historia o tablado das lutas politicas. Grande é, ao contrario, o numero naquelles que sob a mascara de certas Clios odientas reconhecem os olhos estriados de sangue das furias do jacobinismo. Descendentes directas das harpias da guilhotina, das vivandeiras desgrenhadas do Terror, de que Theroigne de Mirecourt legou á posteridade o inolvidavel emblema, ellas cantam a *Marselheza*; mas a *Marselheza* que entôam não é o *pœan* das aspirações liberaes, é o cantico sinistro do odio, a marcha funebre do fratricidio, o hymno esteril da discordia.

Vá que o inimigo accusasse o Imperador de escravocrata. Elle encarnava o Brasil. Para ferir a este era preciso feril-o. Mas nós?! Brada aos céos! Nenhum brasileiro procedeu com mais dignidade na guerra. Nenhum zelou com mais carinho pela honra nacional. Neste particular a sua susceptibilidade chegou aos limites do extremo. Achou insufficiente, como Tamandaré, o desaggravo da nossa bandeira em Montevideo. Não hesitou em demittir Paranhos, o seu estadista preferido, que pensava de modo contrario.

Não poupou esforços e trabalhos de ordem pessoal para cooperar com o paiz. Nunca se deu

na Côrte um embarque de forças a que elle não assistisse, confortando soldados e marinheiros, indagando do que lhes faltava, inspecionando tudo, até o rancho de bordo, com extremos de minucia, de que ás vezes se susceptibilisavam os proprios ministros.

Ninguem soffreu mais do que elle as angustias da campanha. Curupaity tirou-lhe annos de vida. Não conheço melhor commentario do que lhe custou a guerra, do que o do Visconde de Taunay e que se pode comprovar ante os seus retratos de 1865 e 1870. Naquelles ainda é um moço, em plena robustez, cabellos loiros, respirando vida. Nestes a physionomia vincou-se-lhe de rugas, os olhos perderam-lhe o brilho; a barba e o cabello branquearam totalmente: já é um velho. Entre os dois retratos medcara a guerra.

A historia da Abolição no Brasil é a historia do Imperador. Não lhe devemos esconder o erro. Devia tel-a feito muito antes, custasse o que custasse, contrariasse a quem contrariasse, resistisse a quem resistisse. Foi fraco; ouviu os interesses de partido; cedeu á prudencia dos seus estadistas; temeu romper os véos da ficção constitucional do Poder Moderador. Podia ter extirpado o cancro numa operação violenta mais instantanea. Preferiu os emplastros temporisadores da transigencia politica. Essa culpa, porém, não foi só sua; compartilham-na, desde Bernardo de

Vasconcellos até Cotegipe, os nossos maiores patricios.

Mesmo, porém, em torno desse erro, quanta grandeza, quanta magnanimidade! E que enorme differença, apesar disso, entre as nossas instituições, os nossos processos politicos, a nossa cultura e a de todos os nossos vizinhos!

Tinhamos escravos negros. Era um erro. Mas era da época. Era um crime. Mas que se permittia para evitar outro tão grande — a negação da propriedade herdada, que representa o labor dos mortos, e a subversão do trabalho. Nós, porém, confessavamos o nosso erro e o nosso crime e procuravamos reparar o primeiro e fugir ao segundo.

Mas não tínhamos escravos brancos. Não eramos feitores de senzalas que de Republica só tinham o nome. Não representavamos a civilização da faca. Tínhamos sahido da barbarie. Não erigimos a mentira em dogma politico, o terror em systema, o despotismo em lei. Durante o nosso tão malsinado regime imperial tres governos teve o Paraguay. Vejamos o que foram.



Os tres despotas

FRANCIA

Grande elle o foi sem duvida. Mas da grandeza do Terror. Entre os dois mysterios que lhe envolvem o berço e o tumulo, e em que tudo são ainda conjecturas, desenrola-se illuminada de sol, á luz de documentos irrefragaveis, a realidade sinistra duma vida de crimes.

Onde nasceu? Não se lhe conhece a certidão de baptismo. Filho dum brasileiro, capitão de artilharia, de nome França, ha tradições que o dão tambem nascido no Brasil, ao norte de São Paulo. Não seria impossivel. O pai foi chamado de repente a dirigir umas plantações de fumo no Paraguay. Podia tel-o levado pequeno. Mas é melhor não bulirmos nesse assumpto. Que fique como está. Não precisamos aqui dessa "gloria da humanidade".

Como se chamava ao certo? Compulsei-lhe varios autographos. Ora assignava o nome por extenso, ora Gaspar de Francia, ora Rodrigues de Francia. O Valasco só o ajuntou muito mais tar-

de. Provavelmente para se dar uns tons de nobreza castelhana. Só conheço um autor que menciona esse appellido: Zinny.

José Gaspar Rodriguez de Francia y Valasco é um dos grandes beneficiarios da illusão historica. Carlyle, inspirado nos livros dos Irmãos Robertson e de Rengger e Longchamp, ensanchou-o num capitulo celebre.

O genio de Carlyle, inflamado no culto dos heroes, domina e convence. Um conjunto de factos, aparentemente irrefutaveis, conspirava em favor do despota. Não proclamara elle a independencia da sua patria? Não adoptara a fórma republicana? Não diffundira a instrucção? Quanta illusão! Independencia, republica, paz... Tres mentiras para occultar uma só verdade: a tyrannia. Independencia, mas a independencia da escravidão: o escravo livre de todos — menos do senhor. Republica, mas a republica da senzala: todos iguaes, mas perante o chicote. Paz, mas a paz dos tumulos.

A independencia e a republica de Francia! Quem não sabe que foram a suprema irrisão?

A revolução franceza disseminara pelo mundo a sympathia pelos seus ideaes. Uma vasta logomachia invadira os espiritos simplistas. Havia palavras exorcistas. Bastava dizer republica e fugiam as trevas da ignorancia da escravidão, e do obscurantismo.

Francia pronunciou no Paraguay a palavra encantada. Mas se alguém se dêsse ao trabalho de ir ver no que consistira o seu exorcismo, ficaria estatelado de assombro. A republica no Paraguay era Francia. Elle era tudo, a religião, a lei, a riqueza, o trabalho. Reduzira os seus vassallos á condição de "animaes com apparencia humana" como diz um escriptor platino. E chamava republica a essa necropole de consciencias!

Augusto Comte, reduzindo a historia á equação positivista, enthronisou Francia num dos altares da sua igreja, e collocou o sinistro caudilho entre os dictadores providenciaes, legando ao Brasil o triste e ridiculo privilegio de endeosal-o, felizmente por um numero infinitesimal de proseytos.

Não tinha á mão um documento, não consultara um archivo, não investigara. Lera Carlyle, que creou um Francia inexistente, um Francia de que os proprios dictadores que lhe succederam se envergonhavam. "*Nunca seré abogado de la tirania de Francia*", dizia Berges a Brizuela na sua confidencial de 6 de Setembro de 1864. Berges era o porta-voz de Lopez. Sua correspondencia *official* passa toda sob os olhos deste. Essas palavras são o julgamento de Francia por Solano Lopez.

O psychiatra argentino Ramos Mejia estudou profundamente a carreira desse epileptico lavra-

do. Dois irmãos loucos mostram-lhe claramente a tara heredo-syphilitica. Episodios da adolescencia patenteam a sua lesão medullar de sentimentos.

No Collegio de Cordoba um collega encontra sobre a sua cama tres lindos *durazos*. Faz a pihleria, tão innocente entre escolares, de comel-os, deixando os caroços. Gaspar não diz nada. Rumina a gaiatada como se fosse mortal insulto. Prodigiosamente dissimulado, dir-se-ia até que não percebera a troca. Eis senão quando, um bello dia, encontra de geito o companheiro. Tem na mão esquerda os tres caroços, a peça de convicção, e na direita uma pistola. O réo tem de comer os caroços ou morrer. O companheiro conhecia-lhe a força. Enguliu os caroços. O tigre do Paraguay afiava as unhas.

Um dos seus professores deu-lhe uma penitencia. Gaspar não se deu por achado, ao contrario, redobrou de provas de carinho com elle. Lenta e pacientemente, durante dois annos, remoeu um plano de vingança. O dormitorio do professor era justamente debaixo do seu. Estudou minuciosamente a topographia do quarto e arrancou os ladrilhos de modo a abrir um buraco sobre a cama.

Uma noite estranho estampido despertou os échos silenciosos do Collegio. Um tiro de bacamar-te alvejara o leito do professor que por feliz casualidade inda não se deitara. A futura "*gloria da humanidade*" dava a medida do que iria ser.

Seus antecedentes em Cordoba são dessa ordem. Não transpiraram no Paraguay do seu tempo *et pour cause*. Mas dão a medida do homem.

Nessa estadia collegial adquiriu o odio á humanidade que mais tarde iria demonstrar. Aspirou á mão de varias moças de familia, sendo sempre repellido. Não esqueceu a injuria. As familias espanholas, rés dessa afronta expiaram no carcere e no fuzilamento esse crime de leso-francismo. Data dahi o seu odio aos espanhóes, que humilhou a ponto de só lhes permittir casar com indias e negras. Eis o Francia pre-dictorial.

Teve dos grandes alienados lucidos a incrível dissimulação. Volvendo a Assumpção fez-se advogado contra os castelhanos. Movia-o o odio. Mas elle mascarou-o com o disfarce da protecção aos pequenos. Ganhou assim a sympathia da massa, que o elevou ao poder.

Não queria entraves á sua ambição. Repelliu o jugo da Espanha e de Buenos Aires. Teve socios no poder: fuzilou-os. E fez-se dono e senhor da terra paraguaya.

Encontrou terreno propicio para a sua tyrannia. Os jesuitas, antigos senhores do seu feudo, tinham dobrado a raça autochtone ao mais severo jugo. Só a disciplina podia garantir a sua pequenissima grey no meio de indios, que orçavam por mais de milhão e que mesmo depois das lutas com

os portuguezes de S. Paulo orçavam por esse numero.

O filho de Loyola plasmou a alma informe do selvagem como um barro ductil ao sopro da obediencia. Oleiro habilissimo, deu a esse sopro origem divina. *Deus vult.* A ingenuidade adamitica do guarany, o tacto e a intuição dos padres, a sua bondade, a sua pureza, os seus sacrificios, a sua formação moral, com os seus toques de milagre, a confissão, elevada á altura de primeiro dever humano, tinham creado uma raça que depunha nas mãos dos chefes toda a sua vontade, que abdicava de todo o pensamento e de toda a analyse, e que punha a sua honra, a sua missão na terra e o seu dever humano em obedecer. Para essa pobre gente o governo e a administração tinham nascido do direito divino. Só lhe restava executar os seus desejos. Esse característico racial foi tão profundo que perdurou até o tempo de Solano Lopez. Masterman, cuja obra é a melhor que existe sobre o Paraguay, cita factos. Uma feita, perdido na estrada, dirige-se a um grupo de paisanos, falando-lhes de igual a igual. Silencio. Nem um aceno, quanto mais uma resposta. Exaspera-se e grita. Tem tudo o que quer. Gritou? Pertencia á raça dos senhores. Só lhes restava obedecer.

Halle, um negociante de tecidos e rendas, vae sahir de Assumpção. Encontra na Alfandega os embaraços de costume. Perde a cabeça, vocifera

e ameaça. Os empregados aduaneiros baixam a cabeça. Zangou-se e é amigo *d. El Supremo*, de quem mostra uma carta? — Só lhes resta obedecer.

Vae tão longe a passividade e a disciplina que até nas vascas da morte o guarany não se permite infringil-a. Era muito commum na guerra nossos soldados dizerem aos paraguayos feridos, ás vezes moribundos, que se rendessem. Queriam salv-os e evitar heroismos improficuos. Tinham sempre a mesma resposta ás suas intimações. “No tengo orden!” — Até para morrerem num hospital precisavam de licença!

A sua crueldade era incrível. Só conhecia duas penalidades: o carcere perpetuo e o fuzilamento. Qualquer motivo frivolo bastava para applical-as. Um pasquim pregado á porta de Echague levou este ao ergastulo. Um acto trivial da propria irmã, qual o de occupar um soldado num mandaleté, enclausurou-a tambem.

Tinha a volupia do soffrimento e do sangue. Carregava por suas proprias mãos os cartuchos dos fuzilamentos a que assistia das janellas do Palacio, deixando dias e dias os cadaveres insepultos. Dois corvos habituaram-se ás execuções. Rondavam sempre á espera dos lugubres festins, cujo *hors d'oeuvre* eram os olhos das victimas. Eram os seus unicos amigos.

A profundidade do seu pensamento, e o seu preparo intellectual são tão verdadeiros como a

sua magnanimidade. Duas grandes obras existem de viajantes que o conheceram: as dos irmãos Parish Robertson e a de Rengger e Longchamp. São ambas accordes em attestar a sua incrível atrocidade e os seus nenhuns requisitos de chefe de Estado. Os primeiros o definem nesta simples phrase: "*Su ambicion es tan illimitada como su crueldad*". Os dois ultimos deram-lhe a ver uma antecipação do juizo da posteridade. Mandaram-lhe o seu livro. Francia, escumando de raiva e cheio do tardio arrependimento de não os ter mandado fuzilar, leu pagina a pagina o relatorio dos seus maleficios. Tirou-se dos seus cuidados. Entendeu responder. Dirigiu a um jornal de Buenos Aires uma contestação. Não pode haver nada mais charro, tosco, elementar e pequenino. Dá a medida do homem. Contenta-se em chamar aos dois inoffensivos viajantes envenenadores profissionaes. As suas chalaças são deste jaez: lembra a Rengger que lhe chamavam Juan Rengo. Diz que elle e Longchamp eram companheiros de "gancho e rancho". Contesta uma ou outra futilidade do livro. Mas deixa em silencio todos os crimes nelle pormenorizados, dando-lhes assim a mais cabal de todas as confirmações.

Eis a *gloria da humanidade* que figura no calendario comtista. Eis o sinistro dictador, a quem a terra paraguaya recusou até a honra de dormir o somno eterno no seu seio, que profanara e ensan-

guentara, exhumando-lhe os restos mortaes e atirando-os ás correntes do rio para que os levasse ao Atlantico, cuja immensidade não era maior do que a sua hedionda malvadez.

D. CARLOS ANTONIO LOPEZ

D. Carlos Antonio Lopez não desmentiria a linhagem de Francia, se fosse seu sobrinho como querem alguns. Mas não era. Filho dum sapateiro espanhol e duma india guayacurú nada tinha de commum com o despota senão a tyrannia. Comtudo é preciso fazer-lhe justiça. Collocado no painel central da triptyca em que se retratam os tres despotas paraguayos, elle se destaca pela sua relativa humanidade. Mandou matar pouca gente. Poucos bens confiscou. Não permittia violencias e espoliações senão aos membros de sua familia. Chegava a sua solicidade pelo bem estar do seu povo a guerrear a usura por todos os meios imaginaveis, e a não permittir o estabelecimento de casas de penhor ou de prego, senão ás suas filhas, boas financeiras, que tambem compravam com abatimento notas desvalorizadas que o Thesouro lhes trocava por moeda sonante. Era um Governo que alguns paraguayos chamavam de patriarchal. Patriarchal, como se vê, na extensão da palavra. Mas, tirante pequenas fraquezas, foi um bom administrador e um estadista que via longe. Conhe-

cendo bem o filho, avisou-o: "Nunca te mettas a liquidar pelas armas nossas pendencias com o Brasil. Confia ao direito a nossa defesa".

Armou formidavelmente o seu paiz, é exacto. Mas principalmente com a orientação defensiva.

Era um homem de rara habilidade. Para não despertar desconfianças em Francia, que vislumbrava em todos os que excedessem a mediania um successor eventual, simulou por muito tempo uma especie de loucura mansa. Conseguiu salvar-se e subir á presidencia.

Para entroncar nas tradições de hypocrisia de Francia fez declarações politicas de grande alcance no que hoje chamariamos a sua *plataforma*. Assegurou que o Paraguay "nunca seria dominio duma familia", o que não o impediu mais tarde de o deixar em testamento ao seu querido Panchito.

Não eram avaros de boas palavras aquelles ministros autocratas. Vale a pena, pela curiosidade, mostrar como Francia não discrepava do mesmo principio de prometter exactamente o contrario do que se propunha a fazer.

Trata-se de um documento ao que supponho completamente inedito. E' o discurso de posse de Francia a 17 de Junho de 1811 quando subia ao Governo e se installava a primeira junta paraguaya.

“Ha llegado este exceso al extremo de querer reagrar nuestras cadenas, intentando disponer de nuestra suerte y de nuestras personas mismas como quien dispone de un rebaño de ganados, de una hacienda o de una cosa mueble, sin attender a la dignidad y derecho de un pueblo grande ni a la voz de la naturaleza que clama que los infelices paraguayos ya han padecido bastante en cerca de tres siglos en que han sido indignamente vilipendiados y postergados. *Al fin han passado los desgraçados tiempos de opresion y tyrania.* La obscuridad en que yaciamos ha desaparecido y una brillante aurora ha empezado a descubrir-se sobre nuestro orizonte”.

Que admiravel eloquencia! Que odio sacrosanto “a la opresion y a la tyrania”! Ah! Se Augusto Comte conhecesse essa profissão de fé, o coitado de Frederico, estaria desbancado e rebaixado de mez a semana. A idéa porém não seria nova. Um padre houve em Assumpção que, ao fazer o elogio funebre do homem que extinguiu e achincalhou a Egreja no Paraguay, teve a coragem de propor que o mez do seu nascimento, Julho, se chamasse Francia. Quando correu a noticia da morte deste, muita gente não acreditou, pensando que era uma armadilha do tyranno para avaliar o conceito de que gozava. Se no Paraguay não

tivesse existido um celebre padre Maiz, que nos dá a medida dos abysmos de sabujice a que pode chegar um sacerdote politico, supporia eu que esse discurso foi dictado pelo medo de que o dictador inda estivesse vivo.

Da cultura e intelligencia de D. Carlos Antonio Lopez quem ler Bermejo e Centurion poderá ter a idéa exacta. Da sua compenetração basta a scena reproduzida por este de uma sua conversa com um rapaz que ia estudar mathematica.

O dictador quiz mostrar-lhe que o seu espirito tinha abrangido toda a extensão dessa disciplina. "*Oiga*", disse elle ao moço, *Oiga: la puerta es mas grande que la ventana y la recta es mas comprida que la curba. Eso es todo el fundamento de la mathematica*".

Não admira que na medicina o seu genio de synthese tivesse descobertas iguaes. Todo o fcrastheiro que chegava ao Paraguay soffria rigorosa inspecção de saude. Mas o dictador simplificara a prophylaxia como a mathematica. O viajante punha a lingua de fóra. Se estivesse suja ou saburrosa era um homem affectado e não podia desembarcar. A largueza do seu espirito dotava-o da suspicacia dos chacaes e da visão dos lynces. Apareceu na Alfandega de Assumpção certa machina photographica. Foi guardada e posta de lado e aberta com todas as precauções. Quem é

que disse que não podia ser uma machina infernal?

Republicano ás direitas, não admittia distincções entre os seus subditos. Todos estavam sujeitos ao mesmo envilecimento.

Dizem que disseminou a instrucção no Paraguay. Muito se lhe poderia perdoar se fosse verdade. Mas não. A origem dessa balela é que abriu escolas em todo o paiz para ensinar o *Catechismo de Santo Alberto*.

Todo o paraguayo devia saber ler e trazel-o de cór. A isso se limitava a instrucção disseminada por D. Carlos.

Que era o *Catechismo de Santo Alberto*? Uma arma de defesa creada pelo Bispo de Tucuman em 1784, em consequencia da insurreição de indigenas encabeçada por Tupac-Amarú. Foi feito para escravos, e taes eram os indios. A segurança dos que os senhoreavam, na proporção de um para mil, só podia consistir no dominio absoluto das suas vontades. Como arma de defesa contra esse perigo comprehende-se até certo ponto a famigerada cartilha.

Consistia o *Catechismo* numa série de perguntas e respostas pelas quaes se ensinava aos meninos e meninas as obrigações que um vassallo deve ao seu rei e senhor, emanação da divindade.

Nelle se estabelece que a delação é o mais estriccto dever de fidelidade para com o soberano

Incutia-se-lhes no espirito a inutilidade de calarem-se. Peccariam contra Deus em vão, sem pro-veito algum. Não conseguiriam salvar pelo silencio paes, irmãos, amigos ou superiores, visto como, "as proprias aves do céu" se encarregariam de levar aos ouvidos do soberano os pensamentos escondidos no mais fundo da consciencia.

Eis ahi o que foi a instrucção de D. Carlos Lopez. Um meio de corromper a juventude, infiltrando-lhe desde cedo a idolatria do poder e a abjecção do escravo.

D. CARLOS E BERMEJO

Deram a Bermejo quando desembarcou em Assumpção uma casa regular mas inçada de morcegos. Indo apresentar-se ao *Supremo* foi por este bem recebido, devido á apresentação de seu filho Panchito, isto é, seu successor Francisco Solano, então em missão diplomatica na Europa. Ao entrar na sala, onde D. Carlos o recebeu sem cerimonia com a cuia de matte na mão, observou que sobre a mesa havia uma cartola branca, signal de bom humor do despota, ao que soube posteriormente. Passadas as primeiras amabilidades, D. Carlos perguntou-lhe se gostava da casa. Que sim, respondeu Bermejo, apesar dos muitos morcegos. D. Carlos demudou-se. Soltou um murro em cima da mesa e ordenou ao edecan que cha-

masse o ministro da Fazenda. Dentro em pouco apparecia á porta do salão um velho respeitavel. Já tremia de medo, mas quando viu que em cima da mesa estava uma cartola preta ainda mais empallideceu. D. Carlos metteu-lhe a catana: que era um relaxado, que deixava os morcegos estragarem um proprio nacional: que eram uns idiotas e uns badulaques. O ministro aterrado assentia humildemente: "Si, señor". E retirou-se.

Bermejo, que assistira constrangido a toda a scena, voltou para casa criminando-se de ter dado ensejo áquella reprimenda. Qual não foi o seu espanto quando ao chegar á sua sala de jantar viu o ministro da Fazenda descalço e em mangas de camisa trepado numa escada, de vassoura na mão, á procurar os ninhos dos morcegos.

Dentro em breve outra surpresa lhe estava preparada. Pedindo hora e dia para ir visitar o ministro do Exterior, este lhe disse que estava muito occupado, durante os dias mais proximos. Contando a um amigo esse facto, este o levou maliciosamente por uma certa rua. Ahi, ao passar por uma casa baixa, viu elle pelas janellas abertas o ministro do Exterior muito azafamado em dobrar e cintar de endereços os numeros do *Semanario*, que era o diario official da terra. Eram essas "*las ocupaciones*" do illustre chanceller das Relações Exteriores do Senhor D. Carlos Antonio Lopez, segundo dictador do Paraguay.

Não tinha limites o ridiculo orgulho desse guaycurú mal envernizado. Arrogava-se o privilegio de receber de cartola na cabeça e sentado na unica cadeira que havia os plenipotenciarios que o visitavam. Christie, representante da Inglaterra, não esteve pelos autos. Apareceu-lhe de chapéo na cabeça e não se descobriu emquanto o despota não fez outro tanto. Tratava como a cachorros os mais autorisados diplomatas. E' celebre uma conferencia que teve com o nosso representante Amaral. Esse lhe fazia uma exposição sobre assumptos de interesses reciprocos. D. Carlos o interrompeu: Está mentindo! "*Miente!*" Amaral, surpreso e attonito, estremeceu; mas continuou. Segunda e terceira interrupção: "*Miente usted! Miente usted!*" Amaral, já senhor de si e refeito da surpresa, continuou imperturbavel, como se não estivesse percebendo a insolencia. Fim da sua exposição, D. Carlos começou a contestal-a. Ao fim da primeira affirmação, Amaral retrucou singelamente: *Miente usted!* D. Carlos não lhe deu tempo de reiterar o desmentido. Mas o nosso representante, que não queria ficar atraz, bombardeiou-o com um rosario iterativo de "*miente usted*". Furioso com esse crime de lesamajestade, exprobrando-lhe o ter faltado o respeito "al Gobierno del Paraguay", D. Carlos exigiu-lhe desculpas. Amaral voltou-lhe as costas, e foi-se embora.

Sejam, porém, quaes forem as lacunas intellectuaes e moraes de D. Carlos, é certo que o seu governo foi o menos deshumano do Paraguay.

Soube administrar. Com o monopolio da herba matte amontoou colossaes riquezas. Com estas pagou os formidaveis armamentos, as fortificações e a estrada de ferro estrategica fiado nas quaes seu filho iria declarar guerra ao Brasil...

Comtudo Alberdi pensa que inda foi mais pernicioso do que Francia. A sangrenta tyrannia deste, que fez escravos de todos os paraguayos, era apenas um homem. Não tinha sancção legal, fundava-se nos seus instinctos criminosos. Poderia desaparecer com elle. D. Carlos Lopez aggravou o mal. Organizou e legalizou a luta contra a consciencia paraguaya. Francia não passava de um homem. Elle foi um systema. Os chins têm o segredo de minguar as maiores arvores a ponto de fazel-as caber num vaso de jardim. Sabem transformar em anões os gigantes vegetaes. D. Carlos A. Lopez usou de identico processo com a alma paraguaya. Reduziu-a a caber dentro da sua celebre cartola.

FRANCISCO SOLANO LOPEZ

De Francisco Solano Lopez aqui só trataremos a largos traços. Assumiu o poder, forçando o pae moribundo a rasgar o testamento em que no-

meava seu irmão Benigno para presidir a eleição da vaga presidencial aberta pelo seu fallecimento. Seus primeiros actos foram desterrar o irmão, e dar sumiço a um deputado que ousára manifestar duvidas sobre a legalidade do seu investimento, ante o artigo da Constituição que declara que o Paraguay nunca deveria ser patrimonio duma familia. Em seguida encarcerou o padre Fidel Maiz, que depois devia ser o mais terrivel dos verdugos que teve a seu lado.

Amaro Barbosa, nosso consul, em officios reservados descreve o terror de Assumpção, depois da sua posse. A população em peso lamentando a morte de D. Carlos, aterrada ante a imminencia das violencias; a policia vigiando a tudo e a todos; os secretas multiplicados; uma desconfiança reciproca e generalisada devido ao imperio da delação.

O padre Maiz estranhára que o Congresso durante a eleição presidencial estivesse de sentinellas a vista. Um espia domestico accrescentou que lhe ouvira dizer que o repique festivo dos sinos prestes se transformaria em dobres a finados. Foi encarcerado, bem como dois coroneis, muitos officiaes e mais de duzentas pessoas. O commercio todo ficou paralyzado.

O juiz do civil Jovellanos morreu de fome no carcere. Mandaram autopsial-o para provar que não fôra envenenado. Seu corpo foi remettido

para casa, aberto, sangrento e retalhado. Cumulo de irrisão: mandaram á sua viuva uma conta de 400 pesos por serviços medicos. Essa desventurada senhora chamava-se D. Dolores de Jovellanos. Não sei se é a mesma Dolores Urdapilleta de Jovellanos, que convolou a segundas nupcias com um sr. O' Leary.

O traço principal de Solano Lopez foi a vaidade. Coronel aos 17 annos, aos 18 general em chefe do exercito paraguayo, plenipotenciario do seu paiz ante as côrtes da Europa, herdeiro presumptivo da dictadura, tudo concorria para leval-o a uma megalomania que nos ultimos tempos se caracterisou no delirio de perseguição.

Mediador na guerra civil da Argentina, acolhido em Buenos Aires entre palmas e flores depois que a paz se fez, isso ainda contribuiu para compenetrar-o de que era o arbitro dos destinos platinos. A's primeiras desintelligencias entre o Brasil e o Uruguay surgiu-lhe logo a idéa de colher em Montevidéo as mesmas palmas e flores que em Buenos Aires. Offereceu a sua mediação, recusada pelo Brasil e evitada com subterfugios (que aliás nunca perdoaria), pelo proprio Uruguay. Não se conformou com o alheimento em que o deixaram. Essa "*prescindencia*" que tanto o mortificava explode como um grito de vaidade offendida na nota official que numera os motivos porque declara a guerra. O seu pensamento nessa

nota diplomatica pôde resumir-se nestas palavras communs: "*Não admitto que prescindam de mim. Sou bastante forte e poderoso para exigir que se me ouça em todas as questões do Rio da Prata*".

A recusa da sua mediação foi-lhe um doloroso golpe. Sente que fica sem razões plausiveis para intervir em questões alheias. O seu pensamento se confessa na carta de 6 de Julho de 1864 a D. José Rufo Caminos, consul em Corrientes:

"Ao menos" (se não fosse recusada a mediação) "ao menos nos achariamos autorizados a tomar parte na politica que actualmente se desenvolve no Rio da Prata e a deter a marcha do Brasil e da Republica Argentina, que hoje ficam donos da situação".

E' inutil procurar outro motivo para a sua attitude. A sua correspondencia confidencial mostra que déra ao desprezo as intrigas uruguayas, que allegavam uma alliança entre o Brasil e a Argentina para retalharem e dividirem entre si o Estado Oriental e o Paraguay. A determinação para a guerra nasceu apenas do immenso conceito em que tinha os seus dons de Napoleão sul-americano, e da confiança que tinha nos seus recursos militares, na valentia, na disciplina e no fanatismo das suas tropas.

Tão grande era a sua vaidade que tinha medo que a situação do Uruguay se resolvesse sem lhe dar tempo de fazer a grande figura que esperava.

Veja-se a carta de 21 de Setembro de 1864 de Berges a Brizuela:

“... se Flores soffre um revez, se movem-se os agentes diplomaticos residentes numa e noutra cidade (Montevidéo e Buenos Aires) se se pronuncia Entre Rios, sem que se faça ouvir a voz do Paraguay, *não faremos bôa figura no mundo*”. Bella mentalidade! Não queria a paz. Preferia que a America do Sul se conflagrasse e que corressem rios de sangue, comtanto que o Paraguay não perdesse a occasião de fazer *bôa figura!*

Esse o pensamento intimo de Lopez. Preci-sava do pedestal duma guerra. Só assim daria que falar de si no Universo.

Suppunha-se humilhado pela revelia em que o deixavam. “*La prescindencia*” não o deixava dormir.

Berges em carta a Brizuela de 21 de Outubro de 1864 é ainda o espelho desse sentimento: “*es llegado el tiempo de desechar el humilde rol que hemos jugado hasta agora*”.

Declarou a guerra sob a sua exclusiva responsabilidade pessoal. Convocou uma reunião dos homens entre quem distribuira os postos mais eminentes do governo. Entre elles todos só havia uma grande cabeça: Berges, o ministro do Exterior. Todos approvaram com enthusiasmo a resolução do Mariscal. Só um, pallido, mudo, retrahido não disse uma só palavra durante a dis-

cussão. Era justamente Berges. E' certo que ao dar o seu voto approvou a attitude de Lopez. Não o fizesse e exporia a cabeça. Mas um observador da scena tirou do seu silencio a illação da sua discordancia e do seu descortino prophetico.

A IMPERATRIZ ELISA

Não se pôde reconstituir a psychologia de Lopez sem falar na sua famosa companheira, sobre cujo verdadeiro character inda não se disse a ultima palavra. Elisa Alice Lynch casara-se muito moça com o grande Quatrefages. Mas aos dezoito annos já se separara delle. Pertencia a excellente familia ingleza de grandes tradições na marinha. Heitor Varela, sob o pseudonymo de Orion traça-lhe a biographia. Aponta-lhe, entre o abandono do marido e o conhecimento de Lopez, uma carreira de horizontal de alto bordo com principes russos e figurões inglezes. Mas não aponta nomes. Não se pode dar credito á sua affirmação.

Lopez conheceu-a em Paris em 1854. Um bilhete dessa época, em papel côr de rosa, encimado pelo seu monogramma, mostra o inicio das suas relações.

"Merci mille fois, merci mon Pancho de ton empressement a m'envoyer cel argent; j'acquite-

rai en même temps le billet du mois prochain. Je te remettrai ce soir la lettre de mon mari, que je possède.

Adieu, mon Bien Aimé; ne manque pas de venir, ton Elisa t'attend avec impatience et t'embrasse de tout coeur.

Paris, 5 Juin 1854".

A carreira fulgurante das duas imperatrizes napoleonicas, Josephina de Beauharnais e Eugenia de Montijo tinham tido como base a sua belleza. Elisa não lhes ficava atraz nesse particular. A finalidade de um destino semelhante já ella o tinha attingido. Era a senhora de um povo sobre o qual tinha direito de vida e morte. Já era imperatriz de facto. Só lhe faltava a consagração official.

A realisação do seu sonho esteve imminente. Lopez já tinha um throno erigido no Club Nacional de Assumpção. Encommendou uma corôa imperial, cujo modelo está no Museu de Buenos Aires, onde foi apprehendida na Alfandega. Lopez, ao que pensam alguns autores, só esperava um grande feito de armas para coroar-se Imperador. Teria a America do Sul realisado o romance que então se desenrolava nas Tulherias. Solano I e a Imperatriz Alice, reproduziriam no Paraguay Napoleão III e a Imperatriz Eugenia.

O *Mariscal* pensou provavelmente tanto na

hypothese de ser vencedor como na de ser vencido. Estava certissimo da primeira e devia estar. Razoavelmente, o Paraguay no primeiro embate devia levar por deante todas as barreiras. O Rio de Janeiro tinha de levar-lhe a guerra a duas mil milhas de distancia. Não estava preparado. Os oitenta ou noventa mil soldados paraguayos a tres dias do Rio Grande por agua e a vinte ou trinta por terra eram praticamente invenciveis. Essa a previsão normal. Mas, se por uma fatalidade imprevisivel, os seus primeiros exercitos de ataque fossem repellidos e aniquilados, isso nada queria dizer. Com o exercito de defesa atraz das suas fortalezas inexpugnaveis e de um territorio desconhecido e intransponivel, graças aos brejos, atoleiros e paludes que o cercam, inda lhes restava o recurso de impôr uma paz, que, graças á impossibilidade de atacal-o, o inimigo se daria pressa em subscrever, tanto para poupar sacrificios quanto para mascarar a sua real impotencia ante os muros da fortaleza paraguaya, blindada da sua couraça de rios, esteros e florestas.

O raciocinio era perfeito. Esteve a pique de realizar-se. Na conferencia que teve com Mitre e Flores, depois de Curuzú, o *Mariscal* começou atirando ao segundo a responsabilidade da guerra por ter conflagrado o Estado Oriental. Flores retirou-se para evitar discussões, que poderiam frustrar os resultados do encontro. Mas desde ahí

era claro que Lopez sentira a falha da sua cou-raça. Os aliados queriam a paz. Exigiam como condição previa que Lopez renunciasse o governo ou sahisse do Paraguay. Foi a resposta de Mitre. Elle recusou. Mais tarde, quando se sentiu perdido, o diplomata inglez Gould foi solicitado para nos transmittir uma proposta de paz mediante a cessão do Chaco á Argentina e de toda a margem esquerda do Paraná ao Brasil. Em troca apenas uma condição: que o deixassem ficar no Paraguay. Recusamos.

Lopez inverteu os factos.

Negou que a iniciativa das idéas suggeridas a Gould fosse sua. Quiz attribuil-a ao diplomata inglez. Interpellado pelo governo do seu paiz, este affirmou que a suggestão lhe fôra feita pela gente de Lopez e que só se envolvera no caso por um dever de humanidade, facilmente comprehensivel.

Se Lopez fosse um patriota, não teria feito dos seus interesses e da sua vaidade o grande obstaculo á salvação dos fragmentos do glorioso exercito que inda estava de pé. A fome, a molestia, a nudez, a miseria na sua mais esqualida expressão, todo o cortejo sinistro da guerra desolava o solo paraguayo. Tudo desappareceria com a renuncia de Lopez. Napoleão, que era quem era, não se julgou desdourado pela abdicação. O seu arremedo guaycurú tinha mais orgulho... "Pereça o

Paraguay, comtanto que eu salve a minha vaidade, se não puder salvar a minha pessoa!"

Eis a traços largos o heroe paraguayo. Vaidade no principio, megalomania no meio, delirio de perseguição no fim. Um monstruoso orgulho, uma insensibilidade monstruosa, uma fria e monstruosa atrocidade. Nenhum descortino de estadista. Nenhuma capacidade de sacrificio pessoal. Nenhum espirito de renuncia. Nenhuma preocupação da patria, nas suas imagens humanadas, nas suas corporificações visiveis, no soffrimento dos seus irmãos, na agonia dos seus patricios, no martyrio das mulheres, das creanças, de todo esse pobre povo, cujo heroismo toca ás raias da lenda.

A dictadura tem a sua logica de ferro.

Francia, foi a maior, D. Carlos a menor e Lopez a conclusão do syllogismo paraguayo.

Pela biographia dos seus tres tyrannos vê-se a barbarie do Paraguay. O Uruguay nas épocas correspondentes muito e muito se lhe avantajára, comquanto talado pelos regulos das coxilhas.

A porcentagem de sangue guarany era maior no Oriental do que no Argentino. A civilização deste é um pouco anterior á daquelle. Ainda em fins do seculo XVIII em Montevidéo havia apenas duas casas de material. O resto eram quarenta e tantos barracões de couro. Selvagens, bravios, indomaveis, toda a vida dos orientaes se concentrava na faca, unico instrumento de vida, trabalho,

ataque e defesa. Com a faca matavam a rez e cortavam o churrasco de que se nutriam. Não tinham luta pela vida. Os campos regorgitavam de gado. Com a faca tiravam o couro de que fabricavam a barraca. Fizeram-se com ella e com o cavallo. Uruguay e Argentina estavam no mesmo grau de vida pastoril.

Quando começou a guerra, injusto seria porém, negar que estava expirando esse periodo. O caudilhismo ansiava por largar a chrysallida. Os seus typos representativos, arrastados pelas idéas civilisadoras, estavam nos ultimos arrancos. Flores inda era um caudilho. Mas na sua alma primitiva já transluziam em clarões de intuição, idéas de civilisado. Tanto elle como Urquiza pagaram com a propria vida essa tentativa de subtrahirem-se ao meio. O caudilhismo não lhes perdoou a deserção dos seus arraiaes. Assassinou-os a ambos. A Providencia permittiu que fosse traçado com o sangue das suas arterias o decreto que aboliu a Era dos Caudilhos.



Fronteira Uruguaya

Provocação da Guerra

A ACCUSAÇÃO

A accusação capital contra o Brasil na guerra do Paraguay é que fomos nós que a provocamos. Allega-se que foi em defesa do Uruguay, cuja independencia ameaçavamos, que nos surgiu pela frente, capitaneado por Lopez, o imperio Guarany. Seja. Esqueçamos o apresamento do *Marquez de Olinda*, em plena paz, com um tal desprezo pelo Direito das Gentes que por elle já se podia medir o calvario de Carneiro Campos e seus companheiros. Aceitemos a affirmação de Alberdi de que Montevidéo era o Paraguay. Estudemos a nossa attitude no Uruguay. Mas antes lancemos uma vista de olhos sobre a situação do Rio da Prata na época.

O PRATA AS PORTAS DA GUERRA

Na Argentina mal se fechavam as cicatrizes do caudilhismo e das lutas civis.

Mitre, seu presidente, cercado de inimigos internos, precisava lançar mão de todos os recursos da habilidade, para que não ruisse por terra a construção nacional apenas esboçada.

Fraca e dividida, a Argentina de então bem longe estava de ser a Rainha do Prata. O Paraguay não fazia cerimoniaes para accusal-a de embaraçar o seu commercio, de que tinha a unica porta. Urquiza, sempre ás turras com Buenos Aires, não se conformava com a supremacia desta.

Não era misterio para ninguem que todas as suas inclinações intimas eram por Lopez, seu amigo e compadre. O Uruguay não perdoava a Buenos Aires a hegemonia do estuario, nem a posse de Martin Garcia. Só o Brasil, o alliado de Montecaceros, lhe estendia a mão leal.

Urquiza da sua estancia de S. José, mascando o freio, mal tolerava o jugo de Buenos Aires. Embora paradoxalmente houvesse contribuido para derrocar a dictadura de Rosas, toda a sua propensão era pelos seus principios. Inda era uma grande força politica: podia levantar facilmente um exercito de doze mil homens. Entre-Rios, estava sob a sua suzerania e Corrientes, presidida por Lagraña, á mercê da sua primeira invasão.

Embora seu antigo alliado, não gostava do Brasil. Um dia em carta a Mitre qualificou de odiosa a idéa de uma possivel alliança comnosco. Teve a resposta nas buchas. Mitre lhe retrucou

quanto, pelo contrario, fôra gloriosa e util á Argentina a nossa cooperação em Caceros, justamente ao lado delle, Urquiza, que então prestava os maiores serviços ao paiz.

O Uruguay sob o dominio dos *blancos* exaltados sentia trucidar á distancia os cavallos da invasão *colorada*. Ameaças de tempestade rondavam pelos ares. Só o Paraguay, cujas forças e cujos recursos eram a grande incognita sul-americana, menos para os *blancos*, parecia livre de qualquer competencia e isento de qualquer pretensão. A nossa diplomacia, cochilando, levava á conta do incuravel delirio de grandezas do seu despota a intensa propaganda pela qual o Paraguay se fazia enaltecer no estrangeiro.

O EQUILIBRIO DO PRATA

A linha mestra da nossa politica no Rio da Prata estava traçada por Paulino José Soares de Souza e Honorio Hermeto Carneiro Leão. Queriamos o equilibrio do Prata. Precisavamos da Independencia do Uruguay. Os dois pratos da balança platina eram a Argentina e o Paraguay: queriamos que servisse de fiel a pequena republica do Sul.

“O dever do Brasil, dizia Paulino, era concorrer para a pacificação do Uruguay, para o estabelecimento e manutenção dum governo legal:

ajudal-o a levantar-se, a reorganizar as finanças, a consolidar sua ordem e independencia, a fazer desaparecer mediante alguns annos de paz a influencia dos caudilhos. Só assim seria possível extirpar o mal pela raiz”.

Paraná inda é mais incisivo: “E’ uma questão de gloria e importancia para o Brasil impedir a dissolução do Estado Oriental, salvá-o e fortalecer a pacificação e a nacionalisação desse Estado. Não conheço um só estadista brasileiro que não repilla com horror a simples idéa da incorporação do Estado Oriental ao Brasil. Todos elles comprehendem bem a impossibilidade de se fundir nacionalidades tão distinctas. Todos elles sabem que é um interesse brasileiro a conservação do Estado Oriental como Estado intermediario”.

A fronteira gaúcha não nos devia normalmente preoccupar. Muitos riograndenses tinham cooperado com Artigas para a sua independencia. As incursões predatorias, mais tarde, chamadas *Californias* não tinham character politico. Uma boa politica de fronteira havia de extinguil-as. Deveriam os uruguayos recear da nossa parte designios de conquistas? Seria um erro palmar. Tinhamos abandonado ha muito a aspiração de dar por limite ao imperio a margem esquerda do Prata. O sonho de D. João VI evanescera-se. D. Pedro I convencera-se de que era um erro a annexação da Cisplatina. E’ exacto que, quando Metternich e

Castlereagh pensaram implantar no Prata monarchias absolutistas, chegamos a admittil-a de novo como preferivel a uma monarchia argentina protegida pela Santa Alliança. Mas mesmo ahi resalvamos que preferiamos a independencia do Uruguay sob a corôa de um principe nosso amigo. Ti-nhamos comprehendido que já havia no Uruguay um espirito de nacionalidade que ninguem conseguiria assimular.

Calogeras, numa profunda e concisa observação sobre a politica de D. João VI, a politica annexadora, diz que "não tinha o menor elo com a tradição realmente nacional da conquista dos bandeirantes". Não se podia explicar melhor o pensamento profundo que fez o segundo reinado abandonar velleidades sobre o Uruguay.

Por que tentariamos modificar o mappa Sul-Americano? A lei suprema das nações é o interesse. O nosso estava no equilibrio platino. A expressão pôde afigurar-se abstracta. Mas é realmente concreta. O que ella significava para o Brasil entra pelos olhos a dentro: era a differenciação das tres nações platinas, pelo espirito nacionalista peculiar a cada uma; era a formação de tres nacionalidades que na prosecução dos seus destinos se afastariam cada vez mais de idéa de um grande imperio hispano-americano, que constituiria perpetua ameaça para o nosso.

A missão geographica do Uruguay era providencial para nós. Servia de tampão e de trincheira ao Brasil como á Argentina. Entre as duas susceptibilidades e os dois orgulhos fazia o papel da pasta de algodão que impede o choque de dois crystaes.

Por outro lado o Paraguay impedia a marcha argentina para o norte, o sonho de Pueyrredon, e isolava as antigas provincias do Vice Reino da tutela de Buenos Aires, talvez desejosa de rehavelas para a realisação de um plano que não podia deixar de intimidar-nos.

Em 1864, apesar de revoltas interiores no Uruguay e na Argentina, as grandes linhas internacionaes dos paizes platinos pareciam fixadas. Nada tinhamos que desejar ou temer. De que esse equilibrio era o nosso *desideratum* as provas são irrefutaveis. Quando o Paraguay se sentiu ameaçado pela Argentina estivemos ao lado d'elle. Mandamos a Assumpção Pimenta Bueno para dar-lhe mão forte. Fornecemos-lhe não só officiaes que instruíram as suas forças, como Hermenegildo Porto-Carrero, o primeiro instructor do exercito paraguayo, a quem Solano chamava *mi maestro*, senão ainda os officiaes que fortificaram Humaytá, muitos dos quaes ao depois cahiram victimas das proprias lições.

Villagran Cabrita fôra o mestre de artilharia de Bruguez. O discipulo aproveitou. Um tiro de

canhão apontado por elle, e tão sobrescriptado como o de carabina que prostou Menna Barreto em Peribebuy, agradeceu-lhe o ensino.

A nós principalmente deve o Uruguay a sua independencia. Elle dirá que a conquistou por suas mãos, na Campanha Cisplatina. Seja. Mas essa independencia precaria, ameaçada por vizinhos poderosos da mesma raça, nós depois a mantivemos e asseguramos. Depois de Ituzaingo as instrucções de Alvear não lhe ordenavam que de modo nenhum reconhecesse a independencia do Uruguay?

A Argentina tambem nos devia grande auxilio na causa da sua libertação, que data de Caceros. Mitre lembrou-o duramente a Urquiza quando este, (que sempre inquiria ansioso da opinião de Rosas a seu respeito), deixava por escripto a prevenção que a sua alma primaria nos tinha. Mal refeita da guerra civil, enfraquecida por mil dissensões, tudo tinhamos dado aos libertadores de Buenos Aires — o sangue dos nossos soldados e o calor da nossa sympathia — sem nada lhes pedir em troca.

Lutamos pela independencia do Paraguay contra a Argentina. Lutamos pela independencia da Argentina contra Rosas. Lutamos pela independencia do Uruguay contra Oribe e Rosas. Por que desejaríamos uma conflagração do Rio da

Prata? A que titulo? Por que bullas? Com que interesse?

A grande campanha, encabeçada por Alberdi, creava um ambiente de hostilidade ao Brasil. Por outro lado servia de traço de união entre os seus rivaes: Lopez e os *blancos* extremados do Uruguay. Mitre não tinha e não podia ter pretensões internacionaes. Queria que o deixassem em paz para organizar a Argentina. Urquiza chimarreando esperava a vêr no que davam as modas.

Foi nessa occasião que estalou o conflicto uruguayo brasileiro. O Brasil nessa época, tranquillo e despreoccupado quanto ás relações internacionaes não contava mais de 16.000 homens no seu exercito, prova provada de que não tinha ambições territoriaes.

A FRONTEIRA URUGUAYA

No Uruguay, sob as presidencias de Berro e Aguirre as fronteiras rio-grandenses começam a dar-nos motivos de desgosto. Os *blancos*, partidarios daquelles chefes de Estado, insistem em exterminar os brasileiros da fronteira.

Os escriptores uruguayos inda hoje argumentam com a reciprocidade de attentados. Puro sophisma. E' a reproducção de um argumento de Juan J. Herrera, que Saraiva esmagou. Apresentavamos listas e listas de brasileiros assassinados

nas fronteiras, de estancias incendiadas, de extorções de dinheiro e gado, de afrontas feitas á nossa bandeira. Herrera retrucou que brasileiros faziam outro tanto com os orientaes.

Saraiva provou que quanto a crimes de brasileiros só se tratava de quatro casos occorridos entre particulares e que o nosso Governo os apurara tão a sério que num delles o autor, levado aos tribunaes, fôra condemnado á morte. No emtanto os crimes de orientaes contra brasileiros além de muitas vezes mais numerosos eram praticados por agentes e commissarios de policia, cujos actos acarretavam a responsabilidade de governo. Não havia pois paridade de situações.

Os attentados contra brasileiros multiplicavam-se. Estes armavam-se. No que iria dar essa ordem de coisas? Era preciso evitar mal maior. O Uruguay não intervinha para refreal-o? Fal-o-ia o Brasil, custasse o que custasse. Quando por mais não fosse, para evitar uma leva irresistivel de rio-grandenses que, sentindo-se perseguidos pelos *blancos* fossem buscar protecção nas hostes *coloradas*, por um sentimento de defesa instinctivo, se quizerem legitimo e inevitavel, mas cheio de consequencias funestas.

FRAQUEZA DO GOVERNO "BLANCO"

Não era o Governo Uruguayo que ordenava essas matanças de brasileiros. Seria injusta essa

accusação. O seu crime era outro: era o de tolerar-as e procurar encobri-las com pretextos irrisórios.

Tratava-se de um Governo fraco. Seu principal ponto de apoio estava nos cabecilhas da fronteira. Castigal-os ou mesmo contel-os estava acima das forças de um poder, que sem elle não podia subsistir. Na nota de Herrera, de 22 de Outubro de 1863, em resposta á enumeração das violencias do general Diego Lamas, se diz que o Uruguay "não accêita a responsabilidade desses abusos nem dos muito maiores que se lhes seguirão".

Dominava o Estado Oriental o partido *blanco*, cujos corypheus eram las Carreras, Herrera, Lapido, Nin y Reyes e Sagastume. Odios de rara intensidade lavravam entre *blancos* e *colorados*. O morticínio de Quinteros, em que foram degollados cento e trinta e cinco *colorados*, que haviam recebido por escripto garantias de vida, separava os dois partidos por um rio de sangue.

Um estado de revolução latente lavrava pelo paiz, que sentia a sombra de Flores, chefe exilado dos *colorados*, impendente aos destinos nacionaes. A Argentina abrira-lhe os braços. Mitre, a quem auxiliara decisivamente nas batalhas de Pavon e Cepeda, e Gelly, seu ministro de Guerra, eram suspeitos de favorecel-o. Como afastar o perigo da intervenção argentina, aberta ou dissimulada?

— Reduzindo Mitre á necessidade de tambem defender-se elle proprio. Foi, o que pensou o grupo exaltado dos *blancos*. Para poderem engulir Flores era preciso engulir Mitre.

O Brasil e o Uruguay

O DILEMMA DO IMPERIO

Facil, é, sem estudar o ambiente e a pressão dos acontecimentos, increpar o Imperio de falta de tolerancia, e de precipitação. Mas quem se der ao trabalho de estudar a época terá de se convencer de que elle chegou ao extremo da longaminidade.

Realmente. Nunca passou pela cabeça dos nossos estadistas que uma reclamação no Uruguay pudesse arrastar-nos á Guerra.

Zacarias dizia a verdade, ao exclamar no Senado que ella o enchera de espanto. O Imperio não desejava nem a intervenção no Uruguay quanto mais o conflicto. Os *blancos* eram nossos amigos. Olhavamo a Flores com certa desconfiança. Surge, porém, de um momento para outro este terrivel dilemma: ou o Brasil intervem no Uruguay ou o Rio Grande do Sul entra em guerra com este.

Os gaúchos da fronteira podiam levantar um

exercito de seis ou oito mil homens aguerridos. O Governo Imperial teve a certeza que o fariam. A missão do general Netto, não foi senão um verdadeiro *ultimatum* dos rudes e destemidos filhos do Sul.

Se depois da intimação gaúcha o Brasil não se decidisse a intervir, teria de arcar com uma guerra civil, em que toda a razão estaria com os revolucionarios. Cedeu. “Antes a guerra com o estrangeiro do que a guerra civil!”, diria mais tarde Saraiva.

Tanto recalcitou o governo, tanto remanchou, que ainda hoje escriptores insuspeitos como Bormann lho censuram. Dessa exposição lisa dos factos surge resplendente a prova de que o caminho escolhido pelo Imperio era o unico a seguir.

OS “BLANCOS” EXTREMISTAS

Os *blancos* resolveram curar a sua fraqueza interna por uma alliança externa.

Lapido, Herrera, Nin y Reyes, las Carreras e Sagastume trataram de organizar um bloco com o Paraguay, Entre Rios e Corrientes. Formado elle, isolado ou vencido o Governo de Mitre, dictariam leis ao Brasil. O resultado da campanha não podia ser duvidoso. O formidavel exercito de Lopez levaria sosinho de vencida o pequeno exercito ar-

gentino. Quanto mais auxiliado pela irresistível cavallaria de Urquiza!

Era esse o plano: destruir Mitre para impedir Flores. Um incidente veio tornar urgente a sua execução. O Brasil, cansado de reclamar, enviara uma Missão Especial a Montevideo para pôr fim á perseguição de seus filhos fronteiriços. Estes eram fatalmente attrahidos pelas fileiras de Flores, pensando e com razão que era melhor morrer combatendo do que de braços cruzados.

Os *blancos* extremistas redobraram de actividade junto a Lopez. Não havia vapor que subisse o Paraná que não lhes levasse notas, officios, e portadores especiaes — os celebres *chasques* — insistindo pelo seu apoio e levando noticias tendenciosas, destinadas a precipitar-lhe a resolução. Foi então que o Brasil mandou a Missão Saraiva.

A MISSÃO SARAIVA

O enviado do Brasil era o typo da moderação, da veracidade e do bom senso, qualidade que levou ás raias do genio. Já era então uma das nossas grandes figuras politicas. O seu nome era uma garantia e um programma.

Dera-lhe o governo ordem de apresentar ao Uruguay um *ultimatum*, cujas principaes exigencias eram o castigo dos delinquentes, até ahí impunes; a indemnisação da propriedade extorquida

aos brasileiros pelas autoridades civis e militares da republica; a destituição e a responsabilidade dos agentes de policia criminosos; a libertação dos brasileiros engajados á força no exercito.

O presidente Aguirre recebeu com desconfiança a Saraiva. Mau grado a cordialidade das primeiras notas trocadas, em conversa intima queixaram-se tanto elle como Herrera, seu ministro do Exterior, da extemporaneidade da Missão, que vinha justamente num periodo em que a republica se debatia em toda a sorte de difficuldades. Note-se que para a apuração das nossas queixas já haviamos proposto a nomeação de uma Commissão Mixta uruguayo-brasileira, o que foi recusado. Só nos restava o *ultimatum*.

Chegando a Montevidéo, Saraiva convenceu-se de que a omissão de providencias em defesa dos nossos patricios da fronteira era menos filha da vontade do governo do que da sua fraqueza. Só um recurso se lhe antolhou capaz de remediar a situação; a fortificação desse governo, por uma pacificação geral.

O meio mais habil para esse escopo era sem duvida afastar da administração os nomes que nelle se ostentavam como uma bandeira de guerra, os extremistas, os exaltados. Uma reorganização ministerial, se tal nome não é excessivo para a substituição de dois ministros, daria ao paiz e ao estrangeiro arrhas de lealdade.

A ACCEITAÇÃO DA PROPOSTA

Estava fóra da questão a permanencia dos *blancos* no Poder. Seu supremo representante official, o presidente Aguirre, teria de continuar.

O que se lhe pedia, no seu proprio interesse, é que *dentre os seus propios correligionarios*, escolhesse os mais graduados pelos seus requisitos de tolerancia, cordura e magnanimidade.

Havia é certo um grande estorvo a remover: Flores, o chefe dos *colorados* que desembarcara em territorio oriental, desfraldando a bandeira revolucionaria. Flores estaria pelos autos?

Resignar-se-ia a embainhar a espada? Todos pensavam que não. A sua victoria parecia infallivel. E' o proprio Sarmiento quem o affirma.

Mas Saraiva não se deu por vencido. A Inglaterra e a Argentina desejavam tanto a paz como o Brasil. Seus representantes Thornton e Elisalde secundaram as vistas de Saraiva. Encontraram-se os tres com Flores no *Rincon de las Gallinas*. Pediram-lhe que não conflagrasse o seu paiz. Requereram-lhe o auxilio para a pacificação. Flores a troco do seu concurso pediu a pasta da Guerra. Saraiva repelliu essa condição como inaceitavel pelos *blancos*. Flores, bem a contra gosto, teve de acceder e de acceitar a convenção de Saraiva.

Este não hesitaria em garantil-a pelas armas, mesmo contra Flores.

Nada tinha de humilhante essa proposta. Aguirre acceitou-a, depois de convencer os companheiros da sua conveniencia. Baixou um decreto em que a deu por acceita.

RECUO DE AGUIRRE

Eis senão quando, apesar desse decreto, surge uma noticia inesperada: a de que Aguirre volta atraz. Flores recebe uma carta delle. Pensa que lhe traz o congraçamento. Abre-a. Traz uma ordem laconica para depôr as armas.

Nada mais havia a esperar: Saraiva, perdidas as esperanças, apresenta o *ultimatum*, que por seu proprio alvedrio, retivera tanto tempo. Qual a causa do recuo de Aguirre? A certeza de que o Paraguay interviria em seu favor. As noticias recebidas de que a mobilisação do exercito de Lopez estava prompta. O desvanecimento das ultimas duvidas sobre o seu soccorro.

Não estamos no terreno das conjecturas.

Os *blancos* exaltados queriam a guerra contra o Brasil. Tinham-na premeditado. "A guerra está de pé" escrevia Herrera ao seu encarregado de negocios no Paraguay, a 4 de Setembro de 1863. Eis porque o Uruguay recusou o accordo da pacificação. Era elle humilhante? Não; visto que, o presi-

dente Aguirre o ratificou. Não; porque teve o apoio de Lamas e Castelhanos, que, patriotas de escol não o teriam acceitado se elle pudesse ferir o melindre nacional. A nossa attitude era apenas de neutralidade vigilante. Não tinha o character de imposição e desafio, que a demagogia *blanca*, senhora das ruas de Montevidéo lhe imprimiu.

A OCCUPAÇÃO URUGUAYA

Aguirre depois da intimação do *ultimatum* ainda tentou entreter Saraiva com entendimentos, que não visavam senão ganhar tempo. Saraiva retirou-se, sendo substituido por Paranhos, a quem apoiava Tamandaré.

Deu-se o choque inevitavel. Occupamos Salto. Expugnamos Paisandú, defendida por Leandro Gomes. Quando Montevidéo soube da nossa victoria, exasperou-se. Mais ainda quando soube que Leandro Gomes fora assassinado. Um chefe oriental, Goyo Suarez, fôra o responsavel por essa barbaridade. Mas a imprensa *blanca* nol-o imputou, para exarcerbar os rancores contra nós.

Cumpre lembrar que Leandro Gomes, prisioneiro só foi entregue a seus patricios a seu pedido. Tinha mais confiança nelles do que nos brasileiros, que odiava. Mal o tiveram á mão, os orientaes passaram-no pelas armas. Nossa indignação foi tal

que immediatamente libertamos os outros noventa e dois officiaes que tinhamos aprisionado.

ARGUMENTOS CONTRA A MISSÃO SARAIVA

Em contraposição ao que affirmamos surgem tres argumentos:

Primeiro: que derrubamos os *blancos* para dar o poder aos *colorados* de Flores; segundo: que a as nossas sympathias eram por Flores, em cujas forças havia grande numero de riograndenses; terceiro: que desrespeitamos a soberania e a independencia do Uruguay.

A DERRUBADA DOS "BLANCOS"

Facilmente se contestam as tres affirmações. A Missão Saraiva, como disse Paranhos no Senado, tinha apenas dois escopos: *manter a nossa neutralidade e obter a pacificação.*

Demos aos *blancos* todas as garantias; puzemos a espada ao peito de Flores para obrigar-o a transigir quanto ás suas pretensões ao governo: conseguimos consolidar o governo de Aguirre, que, se tivesse chamado para o ministerio D. Andrés Lamas e D. Florentino Castellanos, teria o triplice apoio da Inglaterra, da Argentina e do Brasil con-

tra os proprios *colorados*. Que espécie de protecção era esta?

Não tivemos culpa de que Aguirre recuasse no caminho da paz, baldando os nossos esforços, que Flores coadjuvou com absoluta lealdade e com um patriotismo tal que se promptificára a depor as armas da victoria infallivel. Mesmo assim, mesmo depois de ludibriados pelos *blancos* não chegaríamos ás ultimas.

Só depois que Lopez nos declarou guerra; só depois que Tamandaré se precipitou para Paysandú é que acceitamos a alliança de Flores, a quem até ahí as nossas notas diplomaticas chamavam *rebelde*. São factos indiscutiveis. Onde a nossa preocupação de derrubar os *blancos*?

SYMPATHIAS POR FLORES

A allegação das sympathias do governo imperial por Flores, na época em que começou a questão uruguaia, é desmentida por facto notorio. Quando os *blancos* em 1855 o derrubaram da presidencia da Republica, embalde elle recorreu ao nosso auxilio.

Fieis á nossa tradição de não intervir na politica interna dos vizinhos, cruzamos os braços ante sua quéda. Reconhecemos o governo *blanco* que o substituiu. Não nos limitamos a reconhecê-lo: fomos em soccorro da sua triste situação financeira

mediante empréstimos desinteressados. Gratos á nossa attitude, os *blancos* nos tinham como os melhores amigos sul-americanos.

Essa cordialidade para comnosco só desapareceu quando a exasperação demagogica caudillesca, que se póde encarnar talvez em las Carreras, começou a dominar os governos *blancos*: O grupo mais esclarecido e ponderado desse partido, grupo que se póde encarnar em Villalba e no proprio Berro, resistia a todo o transe a essa pandilha, que se apoiava nos desordeiros de Montevideo e nos facinoras do interior. A breve tempo os cabelhas do extremismo se convenceram que esses elementos inconfessaveis não bastavam para assegurar-lhes o dominio do seu proprio partido. Voltaram-se para Lopez. Inimigo dos *blancos* moderados, que se podem symbolisar na grande figura continental de Andrés Lamas, o caudilho paraguayo dar-lhes-ia a ascendencia definitiva, que lhes faltava no seio do seu proprio partido.

Na politica do Uruguay o nosso grande amigo foi sempre Lamas. Publicista, pensador, estadista, o Estado Oriental nunca teve filho maior. As suas previsões politicas tocam ás raias do genio. Prophetizou a Aguirre, que Lopez não lhe mandaria nem um navio nem um soldado. Mostrou-lhe que o grande inimigo da sua patria era o caudilhismo.

Provou-lhe, appellando para os factos imminentes, que a vida uruguaya seria impossivel sem

uma pacificação geral sob cuja bandeira se acolhessem os dois partidos. Emquanto las Carreras e Nin y Reyes seguiam para Assumpção, ás tontas, como mariposas em busca da luz que as vae queimar, a sua profunda intuição politica, a sua indole serena e meditativa via o futuro da sua terra na consciencia dos dois Estados, que ella divide, quando não no seu reciproco interesse.

Esse o nosso amigo no Uruguay de 1864 e no Uruguay de todos os tempos. Era um *colorado* como Flores? Não. Era um *blanco*. Mas collocara a patria acima dos partidos. Amigos de Flores fômol-o, e não temos de que nos envergonhar, mas depois de 1864. A sua lealdade para conosco foi perfeita. O Brasil guarda carinhosamente a tradição do seu nome.

Não ha duvida que contribuimos para a sua ascensão á presidencia de 1865. Mas quem nos forçou a essa attitude, cuja responsabilidade comparem a Argentina representada por Elizalde e a propria Inglaterra, por Thornton foi a vesania politica dos extremistas *blancos*, já então conluiados com o Paraguay.

VIOLAÇÃO DA SOBERANIA DO URUGUAY

Não faltou quem nos imputasse em 1864 a intenção de reconquistar a Cisplatina. Tão inane era a accusação, que teve de cair por si, apesar da di-

vulgação que lhe dava o ouro paraguayo: ficou desde logo patente que a independencia do Uruguay era para nós questão de honra.

Accusaram-nos, porém, de ter attentado contra a sua soberania, perturbando a sua politica interna.

Já mostramos que o empenho principal de Saraiva consistia em manter a mais stricta neutralidade e que tudo envidou nesse sentido. Para argumentar, porém, concedamos que assim não fosse. Admittamos que tivessemos intervindo. Não estavamos no nosso direito? Mais do que isso: Não cumprimos o mais restricto dos deveres? Podiamos tolerar, de braços cruzados, morticínios iterativos de brasileiros por autoridades uruguayas? Podiamos tolerar pilhagens, extorsões, incendios que se levavam a effeito de envolta com os mais allucinados improperios ao Brasil, cujos escudos eram arrancados de agencias consulares e arrastados pela lama e cujo nome patronimico era posto em disticos de escarneo na bocca dos degollados?

Até onde chega o conceito da soberania? O respeito que lhe é devido ordenará que se fechem os olhos a taes desmandos e atrocidades? Não me parece razoavel. Só existe soberania na nação que tem força para garantir o imperio da lei. O Uruguay em 1864 não a tinha. O seu governo era prisioneiro dos facinoras de quem nos queixavamos.

Quizemos dar-lhe os elementos que lhe faltavam para punil-os. Não os acceitou, por mal en-

tendido orgulho ou por temor. Tivemos de fazer nós mesmos a policia das fronteiras, que lhe pediamos. Cumprida a nossa tarefa de impôr a ordem e o respeito, retiramo-nos sem nada pedir. Onde está um ataque á soberania uruguay? E são os filhos daquelles que nos solicitavam em 1858 a mesma expedição de 1864, que querem confundir uma *occupação transitoria*, que a fraqueza confessada dum governo impotente tornara indispensavel, com uma guerra de conquista!

Saraiva nunca pensou em abandonar a linha de Paulino: manter a independencia do Uruguay.

Coisa curiosa! Na formula deste — Equilibrio do Prata — que exigia a independencia de duas pequenas nações collocadas na visinhança de dois colossos — já se affirmava o principio da individuação nacional, como matriz da soberania. Quando Ruy Barbosa reivindicava em Haya a igualdade dos estados soberanos, suas palavras, muito embora ampliadas pelos pulmões dum genio, não eram senão o écho do pensamento que presidira a toda a politica imperial do Rio da Prata. A theoria que Ruy, afrontando a soberania insolente dos portacanhões, ousava reivindicar no *Ridder-Zaal*, era a mesma que estava implicita na formula sul-americana de Paulino de Souza: perante o Direito dos Povos como perante o Direito Civil não ha grandes nem pequenos.

A Republica não precisara renegar a tradição

diplomatica do Imperio para erguer-se mais alto do que elle nunca o fizera. Bastou-lhe continuar. E' que ali estava alguem que valia mais que a Monarchia, que a Republica e que Ruy Barbosa. Esse alguem era o Brasil em toda a integridade espiri-
tual da sua tradição.

Conclusões

Se só resolvemos policiar a fronteira do Uruguay quando vimos brasileiros levados a ferro e fogo sob um governo que não tinha força para os defender;

Se tínhamos procurado fortalecer esse governo, abrindo-lhe o caminho da pacificação, na guerra, civil que o abalava;

Se forçavamos o partido contrario a acceitar essas condições, passando pelas forças caudinas do ostracismo no momento mesmo em que se suppunha prestes a ganhar o poder;

Se mantivemos a mais stricta neutralidade enquanto podíamos esperar por essa recomposição de governo, que garantiria os nossos patricios;

Se esperamos quatro longos mezes, illudidos por vãs esperanças de concordia;

Se fomos ludibriados pelo governo de Aguirre; se elle só se abalançou a ludibriar-nos depois que teve o apoio do Paraguay;

Se só fomos ao Uruguay para evitar a sua invasão pelos rio-grandenses, prestes a se organisarem militarmente sob o commando do general Netto;

Nada mais legitimo do que a defesa da propriedade, honra e vida dos nossos patricios pela occupação de um territorio cujo governo não queria ou não podia fazel-o.

LUIZ ALBERTO DE HERRERA

Um dos maiores arautos do lopizmo é hoje sem duvida Luiz Alberto de Herrera, filho do famoso ministro de Berro e Aguirre. Sua obra: "*El Drama del 65*" é a historia diplomatica do conflicto do Brasil com o Uruguay e posteriormente com o Paraguay.

Herrera Filho não nos olha com a devida imparcialidade. Saraiva em suas notas diplomaticas julgou dura e injustamente a capacidade e o valor de seu illustre pae. Dir-se-ia que o filho nos torna solidarios com essa opinião que aliás nem todos os estudiosos da época partilham.

Para mim, por exemplo, Juan J. de Herrera foi um homem de real valor. Mas em vez de conduzir os factos era por elles empurrado, contingencia em que tantas vezes naufragam espiritos do mais alto quilate, e que só os diminue aos olhos dos observadores superficiaes. As paixões da épo-

ca, um meio convulsionado, os espiritos exaltados até o delirio por um falso conceito do ponto de honra perturbaram-lhe a clarividencia. Na sua carta de 31 de Março de 1864 vê-se que o seu sonho de estadista é collocar a base unica da politica uruguaya, na Europa, no Paraguay, e no Prata de Urquiza.

Eis a sua frase: *“adquirida aquella base en Europa y en America (Plata e Paraguay), seria entonces, recién entonces, opportuno pensar en librarnos del tutelaje brasileiro y también argentino. Bastaria, en lo entretanto, no ligarnos en nada parcialmente, ni con el Brasil ni con la Confederacion”*.

Não podia haver na época utopia mais clara. Herrera porém não lhe percebia a fraqueza. Muitos mezes antes, a 24 de Setembro de 63, Mauá já o tinha posto de sobreaviso contra as suas funestas illusões, mostrando-lhe que o Uruguay inda era *“um projecto de nacionalidade”*, discutido e acceito é verdade, porém, precisando do tempo para ser uma realidade. Mauá era seu amigo dos mais intimos e achava-se ligado ao Uruguay por vinculos de interesse e de coração. Nessas palavras não havia offensa e apenas a constatação de um facto.

Querer o Estado Oriental nessa época viver á revelia do Brasil e da Argentina, que ali tinham tantos interesses, era crer possivel romper laços que a fatalidade geographica, economica e poli-

tica tinham tornado indissolúveis. Juan J. de Herrera não pensou assim. Suppoz encontrar nas mãos dos soldados de Lopez e de Urquiza outras tantas espadas de Alexandre para cortar todos aquelles nós gordios.

Inda era cedo, como observou Mauá, para que o Uruguay pudesse assumir essa attitude de esplendido isolamento...

Não era só Mauá que via o fracasso da sua politica. D. Andrés Lamas não se deixou illudir um só momento sobre as suas consequencias. Vaticinava com a maior segurança que se o Uruguay entrasse em conflicto com a Argentina ou com o Brasil nem Lopez nem Urquiza lhe mandariam um soldado sequer. De facto Paysandú cahiu sem que um *buque* paraguayo a fosse soccorrer, e sem que Urquiza se mexesse.

A correspondencia diplomatica de Herrera se propõe a demonstrar a aleivosia de Mitre, a duplicidade do Brasil e a fraqueza, senão peor, do proprio D. Andrés Lamas. Não é possivel desfiar essa meada a não ser com um trabalho especial. Mas o mais curioso é que esse proprio livro vem desvendar ainda com mais clareza as manobras da politica uruguaya. A nota de 6 de Agosto de 63 de Lapido, ministro do Uruguay, em Assumpção mostra que o Paraguay está disposto a *concertar actitudes con el gobierno oriental*. A mesma nota allude á animosidade de Lopez e seu sequito con-

tra Lamas. Las Carreras em Agosto de 1863 apresenta o seu celebre *Memorial* que é uma violenta exhortação á guerra. Taes manobras não podiam permanecer secretas por muito tempo. A nota de 16 de Dezembro de 1863 do ministro das Relações Exteriores, Elizalde, a seu collega do Paraguay declara-lhe que chegou ao conhecimento da Argentina que o governo Uruguayo tinha "*intentado crear áquella as mais serias complicações junto ao governo paraguayo*". Pede-lhe que o informe do que se trata. Pela nota de 6 de Janeiro de 1864, Berges responde a Elizalde que ignora a especie, a origem e o merito dessas "*complicaciones*".

Outra nota de Berges a Elizalde, a 6 de Fevereiro de 1864, declara que o Paraguay se reserva o direito de seguir as suas proprias inspirações no Rio da Prata e que prescinde dali em deante de quaesquer explicações argentinas.

Herrera Filho commenta: "declaração tão grave importava na realidade numa rupturá de relações".

Essa nota de Berges derrama estranha luz sobre o estado de espirito da época. Mitre e Elizalde, ao par das disposições paraguayas, tinham de suppor a guerra um facto consummado. Mauá, diz na carta a que alludimos: "O Governo argentino tem o desejo mais pronunciado de declarar a guerra á Republica Oriental como resposta ás

machinações que, segundo elles, tem feito o Governo Oriental nas provincias argentinas, no Paraguay e nas exposições ás potencias estrangeiras". Haverá duvidas ainda sobre as resoluções aggressivas do Paraguay?

Um dos argumentos impressionistas para nos censurar foi o bloqueio e tomada de Paysandú. Mas é preciso lembrar que o Paraguay já nos tinha declarado guerra em Novembro; e que de um momento para outro esperavamos o ataque de sua esquadra. Paysandú devia servir-lhe de base de operações. Podiamos deixar nas mãos do inimigo elemento de tal força? As datas nesse caso são eloquentes. A 12 de Novembro Lopez apresou o *Marquez de Olinda* e o sitio de Paysandú só começou quasi um mez depois, a 4 de Dezembro! No emtanto esse é o maior argumento usado contra nós!

O outro é o da occupação do territorio oriental. Como occorreu? Pequenas forças nossas estabeleceram-se em Melo. Mas para impedir conflagrações e não para trazel-as. Nossas forças tinham, ordem de evitar fusão com as de Flores. A sua missão era preventiva.

Essa entrada em territorio estrangeiro era um desrespeito? Parece que não. O proprio Juan J. de Herrera não achava nada de extraordinario numa occupação de character repressivo e fiscalizador. Pensava que não era um acto de guerra.

Vamos proval-o com suas proprias palavras, pela nota de 9 de Maio de 1863.

Diz elle que, não podendo ver impassivel o que se passa nas fronteiras com o Brasil, "*no mirará de hoy en adelante con la misma escrupulosidad el deber que hasta ahora le ha corrido de respetar el territorio y la jurisdiccion vecina*". O Governo Imperial provavelmente não viu nessas palavras, apesar dessa irritação, senão um caso de politica de fronteira, que não bastava para crear um *casus belli*. Herrera achava razoavel o seu acto. Por que motivo o nosso, precedido de considerações que lhe tiravam o character hostile, não o seria?

O recente livro de Luiz A. de Herrera veio comprovar que os politicos uruguayos não só foram responsaveis pela luta do seu paiz comnosco em 1864 e 1865 como ainda, se não arrastaram, contribuíram quanto podiam, para levar Lopez á guerra.

As duas principaes figuras do partido *blanco* extremista foram Juan J. de Herrera e las Carreras. O primeiro que na nota official de 22 de Setembro de 1863 insiste com Lopez para que este occupe a ilha de Martin Garcia, cedo viu o que valiam as suas promessas.

Seu filho Luiz A. de Herrera marca hoje entre os uruguayos de maior prestigio literario e politico. Comquanto se tenha penitenciado em 1916 do erro

de nos dar a responsabilidade da guerra, ainda por vezes se deixa contagiar do velho erro, apontando-nos faltas em que não incidimos, intenções que não alimentamos.

Seu pae teve em vida a prova provada da felonía de Lopez. Não sei se chegou a ter conhecimento das cartas de Berges a Brizuela e outros, em que o ministro de Lopez lhes aconselha toda a reserva com Herrera, "que não trabalhava senão pelo Uruguay quando fingia fazel-o pelo Paraguay; que plantava verdes para colher maduros; que queria arrastar o Paraguay a "quixotadas politicas". Não sei se chegou a conhecer certa carta a Crespo, aos 6 de Agosto de 1864 em que verbera "a falta de lealdade dos politicos orientaes". Talvez não tivesse precisado disso para saber o que era então a politica paraguaya.

Ao começar o cerco de Montevideo, Juan José Herrera homisiou-se em Buenos Aires. Quer saber o seu illustre filho o que lhe estava reservado se tivesse preferido o exilio em Assumpção? Ahi vae um trecho da carta em que Lopez se queixa da falta de sinceridade de Herrera.

"Por los demas procure hacerce amigo desse Señor, obtenga del las noticias que pueda y el agradecimiento venará después. Son virtudes que tienen su recompensa... en la otra vida."

Vê o sr. Luiz Alberto de Herrera?

Seu illustre pae daria todas as noticias que

pudesse ao Paraguay, pol-o-ia ao par de todos os segredos diplomaticos do Rio da Prata e teria a sua recompensa... no outro mundo.

Ha nessa phrase a ironia do ingrato ou a ameaça do criminoso que elimina o cumplice que lhe pode revelar o segredo? Escolha o sr. Herrera Filho. Inclino-me pela segunda hypothese. Era uma ameaça de morte. E partida de Solano Lopez que dictava a maioria das cartas de Berges. Será um exaggero meu? Que o diga las Carreras.

LAS CARRERAS

Triste destino o desse desventurado uruguayo! Ministro do Exterior da sua terra, fez da alliança com Lopez o eixo da sua politica. Deixando Montevideo, quando os *colorados* venceram, foi habitar Assumpção. Se soubesse o que as cartas de Berges diziam do seu *Memorial* não o teria feito...

Acompanhou a campanha como partidario fanatico do Paraguay. A' proporção que a estrella deste empallidecia, ia crescendo contra elle o odio de Lopez, que o considerava um dos principaes factores da sua temeraria empresa. Com ordem de prisão de nada lhe valeu o homisio no consulado yankee. Preso como envolvido na supposta conspiração de Salinares começaram os seus martyrios.

Interrogado sobre factos imaginarios contes-

tou-os por negação. Os padres Maiz e Roman mandaram açoital-o a umbigo de boi. Resistiu. Faminto, sedento, nú, seviciado, applicaram-lhe o cepo uruguayo. Comquanto debil de compleição, e extenuado, o valoroso uruguayo continuou a negar. Então o padre Maiz, (o mesmo a quem O' Leary chama a mais alta gloria do clero paraguayo) tomou de um malho de ferro e martelou-lhe todos os dedos da mão direita, reduzindo-os a uma pasta de sangue e ossos.

Las Carreras tinha chegado ao extremo da resistencia. Para salvar a mão esquerda declarou que assignaria tudo que os seus carrascos quizessem.

A folha dos autos em que se vê a sua assignatura no processo de S. Fernando é uma photographia do lopizmo. Quando o presidente Rivarola em 1870 a mostrou aos ministros e generaes alliados, que tinham quasi todos conhecido las Carreras, um arrepio de horror correu-os da cabeça aos pés; uns garranchos feitos por um aleijado, era tudo que restava de um nome que enchera a politica internacional do Prata.

Uma testemunha presencial relata os passos do seu martyrio. "Na jornada de Villeta a Itá-Ybaté, durante a *via crucis* das pobres victimas de S. Fernando, que cahindo e levantando-se, inda achavam forças para caminhar aos açoites do cipó e da baioneta ainda se contava o desgraçado

las Carreras, apesar de suas feridas nas costas, nos dedos e da sua extrema inanição. Chegou no entanto um momento em que a dôr e a consumpção o chumbaram ao solo, sem poder mover-se mais. Ao vel-o assim, os companheiros esperaram que fosse lanceado a baioneta como se vinha fazendo com todos quantos cahiam. Mas las Carreras não tinha sorte nem para morrer. Dois soldados ergueram-no do chão e o levaram aos arrastões e aos boléos durante o resto da jornada”. Lopez queria ter o prazer de mandar fuzilal-o pelas costas como trahidor ao lado de mais cincoenta e duas victimas!

Era essa a especie de agradecimentos que aguardava a Juan José Herrera, e a que se refere a carta de Berges, bom conhecedor dos designios do seu amo.

PARANHOS

Cumprida a sua missão. Saraiva volveu ao Brasil. Para substituil-o foi nomeado Paranhos, já conhecido e respeitado no Prata. Paranhos chegou a Buenos Aires quando o odio contra o Brasil estava no paroxismo. Superior ás contingencias da occasião, encarou o problema do alto, á luz do futuro e dos grandes interesses nacionaes. Poz fim á guerra pelo Convenio de 20 de Fevereiro.

A opinião nacional não lhe foi favoravel a principio. Accusavam-no de fraqueza e transigencia. Nossa bandeira arrastada pela lama e pisada aos pés, nossos tratados queimados em solenne auto de fé numa praça publica, os brasileiros extremados pensavam que a honra nacional só se poderia desaggravar com o castigo dos culpados. Talvez cedendo a essa corrente de idéas o Imperador demittiu-o do seu posto. Não tardaria a reparação.

Paranhos da tribuna do Senado fez a defesa dos seus actos. E logo em seguida, instantaneamente a hostilidade geral transformou-se em reconhecimento.

Assumiu Flores o Governo do Uruguay. Podia o Brasil contar com um alliado.

TRIPLICE ALLIANÇA

Coube a Francisco Octaviano substituir no Prata ao grande Paranhos, tão iniquia quão momentaneamente sacrificado. Foi elle quem assignou pelo Brasil o tratado da Triplice Alliança, consequencia inevitavel da guerra declarada por Lopez a Argentina e da nossa identificação com Flores.

Muito alarido levantou na Europa a divulgação desse documento, feita pelo *Foreign Office*. O Paraguay fez businar que se tramava o seu esquar-

tejamento e que o queriam reduzir á triste situação de Polonia da America.

Empenhada numa guerra de exterminio, tendo contra si um caudilho que pedira demissão da grei humana para exceder os mais sanguinarios exterminadores do alienismo, não sabendo ainda se venceria ou seria vencido, o Brasil não podia pensar precisamente em fazer uma paz elysia e congratulatoria, cobrindo de flores o inimigo e apertando-lhe a mão.

Desde o principio que fixou o seu escopo: o aniquilamento politico de Lopez. Não tinha odio ao Paraguay. Mas não daria treguas ao seu tyranno. Se elle renunciasse, se se resolvesse a abandonar o paiz, se não teimasse em manter-se sobre o seu throno de ruinas, fariamos a paz. Se persistisse em ficar no Paraguay, iriamos até o impossivel.

Não o queriamos matar. O sacrificio da sua vida não restituiria a das creaturas que sacrificara aos milheiros. Queriamos cortar-lhe as garras, impedil-o de fazer o mal e de continuar a sua rubra e tenebrosa carreira. Essa foi a idéa central do Brasil ao assignar o Tratado.

Quanto ao celebre artigo 7.º, que se refere á liquidação da questão de limites, vamos ver como o applicámos. Vamos ver se é exacto que usurpámos terras do Paraguay, que fizemos delle a Polonia da America.

O TERRITORIO PARAGUAYO

E' bom que os espiritos desprevenidos fiquem ao par do que foi a nossa Questão de Limites com o Paraguay, para verem que só a cegueira da prevenção nos poderá levantar accusações. O nosso desprendimento na liquidação desse caso foi tal que toda a vociferação do despeito embalde lutará por encobril-a.

Pretenderamos muito mais: tínhamos direito a muito mais; o Paraguay em 1842 e 1846 nos offercera muito mais, como provou Pimenta Bueno, no Senado, em 1855. Não nos deixámos cegar pela ambição em 1865, como não nos deixariamos embriagar pela victoria em 1870. Contentámo-nos com a *minima fronteira* natural. Não podíamos abrir mão desse ponto estrategico, indispensavel á nossa segurança, e que era indisputavelmente nosso, como o reconhecera o proprio D. Carlos Lopez. Mas deixámos ao Paraguay tudo que embora nosso, se a nós não nos fazia falta, a elle lhe podia aproveitar.

E' exacto que certos mappas, encommendados na Europa, pelo Paraguay, que não vacillava em custear-lhes edições com mudanças e alterações que lhe convinham, ampliam os limites paraguayos. Não faziam senão seguir a tradição de D. Felix de Azara. A reforma do mappa de Brezes

custou-lhe quatro mil patações. Documentos inéditos provam que os artigos Paraguay e Lopez do dictionario Larousse foram obtidos de modo analogo. Trata-se, porém, no caso dos mappas, de fantasias geographicas desmentidas por toda a cartographia anterior á de D. Felix de Azara.

A verdade é que abrimos mão de todo o terreno que se estende entre os rios Ipane e Apa, ao qual nos davam direitos o art. 6.º do Tratado de 13 de Janeiro de 1750 e o art. 9.º do Tratado de 1.º de Outubro de 1777. A maior prova de que os paraguayos só pretendiam a margem esquerda do Apa consiste em que ahi estabeleceram cinco fortes para defender a sua fronteira. Essa fronteira foi justamente a que lhe deixámos, a que, embora victoriosos, achámos do nosso dever respeitar.

Veja-se o que diz Ramon Carcano, escriptor insuspeito ao Paraguay:

“El Brasil no avanzó mas que Portugal y pudo, con verdad, afirmar que no exigió después de la guerra mas de lo que pretendió antes de la guerra.

Los escriptores paraguayos le han acusado de haberse apoderado por derecho de conquista de la tercera parte del territorio. Los escriptores argentinos han repetido la acusación, repitiendo todos la misma historia, sin el análisis claro de la controversia secular de limites, sin considerar los nuevos hechos que modificaban las circunstancias,

asseguraban las pretensiones y resolvian los derechos”.

E adeante, mostrando que havia conformidade sobre a fronteira e que a discordia estava no modo de interpretal-a:

“No hubo diferencias en el texto de las convenciones sobre los humbres de los puntos arcifines que marcaban las lineas divisorias. Las diferencias surgieron sobre el terreno al determinar los puntos de partida para la demarcación. El Igurey de España era el Ybinheima de Portugal: el Igurey de Portugal era el Garey de España”.

Ora, para que as pretensões de Espanha vinguassem era preciso ou negar a existencia dos rios ou dar-lhes nomes diferentes. Que fez Azara? Falsificou os mappas da região. Mudou o nome do Igurey, rio de que já tinham conhecimento os jesuitas conforme se vê no mappa que mandaram a Roma e foi ali impresso em latim no anno de 1632. Cotegipe provou que Azara negou a existencia desse rio. Baptisou o Yvenheima com o nome de Igurey.

A sua fraude foi tão patente que muitas cartas geographicas ao nome de Yvenheima annotam ou “Igurey de Azara”. O pensamento intimo de D. Felix Azara, commissario espanhol na demarcação, nossa diplomacia teve a fortuna de descobri-lo e revelal-o pela sua correspondencia confidencialissima, que Castella nunca esperou ver di-

vulgada. Todo o seu fim era excluir os portu-
guezes dos terrenos seccos da margem do rio Pa-
raguay, o que difficultaria os soccorros a Matto
Grosso em caso de ataque e permittiria a Castella
que se apossasse dessa provincia dentro em pou-
cos annos. Para consecução desse objectivo mu-
dou e transpoz nomes e cursos de rios, com uma
audacia que desprezava a torrente dos documen-
tos cartographicos contrarios que sempre chama-
vam o Igurey de Igurey e o Yvenheima de Yve-
nheima.

A synthese da questão dos nossos limites com
o Paraguay é essa: depois da guerra reclamámos
o mesmo que antes e nos satisfizemos com menos.
Cotegipe, discutindo com o plenipotenciario para-
guayo Loizaga, abandonou a pretensão tradicional
do Igurey para deixar a linha divisoria correr um
pouco mais ao norte, partindo do Salto Grande.
Quem o affirma não sou eu. E' o escriptor argen-
tino Ramon Carcano. Conclusão: tínhamos recla-
mado o mesmo que antes da guerra e acabámos
por nos satisfazer com muito menos para que se
não nos lançasse em rosto que a nossa omnipotencia
no momento nos fazia preferir a força ao
direito!

Quanto aos seus limites com a Argentina é
questão em que não podia nem devia o nosso ple-
nipotenciario intervir. Seria ridiculo que em ple-
na campanha fôsse o Brasil tomar o papel de

advogado do Paraguay contra a sua nobre alliada. Confiamos nos seus sentimentos de justiça. Acreditamos que seriam tão altamente inspirados como os nossos. Acertámos? Só temos que nos applaudir. Errámos? Ao Paraguay prejudicado é que cabe appellar da usurpação do seu territorio.

Dura embora a sorte do vencido, o Brasil pôde ter consciencia de que não aggravou a do Paraguay. Não lhe ficou com um palmo de terra. Não lhe annexou um povoado. Não lhe recebeu um real; ao contrario, assistiu quanto nelle cabia as familias paraguayas reduzidas á nudez e a fome. Pôde levantar a cabeça: a sua attitude foi a da mais desinteressada nobreza.

D. ANDRÉS LAMAS

Confesso a minha ignorancia. Apesar de uma larga convivencia com o Barão do Rio Branco, em cujas demoradas palestras sobre a politica do Prata de minuto a minuto havia uma referencia a D. Andrés Lamas, só recentemente o pude conhecer. Os titulos da sua grandeza dormiam nos archivos do Itamaraty.

Pouco havia publicado a seu respeito. Seu filho, Pedro Lamas publicou em 1908 o seu livro *Etapas de uma Grande Vida*. Não o li porém senão ultimamente.

O estudo da nossa politica platina levou-me

porém a rastrear melhor a sua passagem pelos nossos destinos. Uma surpresa me aguardava. Ronald de Carvalho por deliberação do Itamaraty ia publicar toda a sua correspondencia diplomatica comnosco. Permittiu-me a sua gentileza o accesso a esses documentos ineditos. Juntos chegamos á mesma conclusão: não conhecemos diplomata maior no Rio da Prata.

Muito feliz me julgo da companhia desse moço illustre tão precocemente amadurecido no que o pensamento tem de mais profundo, e mais nobre.

Talvez que a muitos se afigure exaggerado esse entusiasmo. Não é.

Quasi todos os grandes diplomatas do Continente representaram nações poderosas.

E Lamas atraz de si não tinha senão uma bandeira desfraldada sobre um pedaço de terra, menor do que muitas fazendas e estancias do Brasil.

Os Annaes da Camara Uruguaya de 1894 mostram que em sua propria terra essa figura singular ha pouco inda não estava envolvida da aureola de consagração definitiva, a que tem direito. E' natural. Não ha politicos mais apaixonados. Os homens do Uruguay trazem no seio os vulcões de que a natureza lhes privou o solo. São-lhes pela bocca o fogo central da terra.

Porem o leitor attento dessa discussão, motivada pela proposta de uma pensão á sua viuva, teria em dois oradores a medida da nobreza e

da justiça daquela raça. Flores, deputado pelo Serro-Largo, quando quizeram esmagar a dignidade de Lamas com uma carta offensiva que seu lendario pae lhe escrevera, desautorisou-a immediatamente, attestando que este a repudiára, e confessára que erroneas informações, lha haviam inspirado num momento de paixão. Não se pôde ser mais cavalheiresco.

Por outro lado, outro parlamentar creava uma das mais luminosas paginas da eloquencia sul-americana. Palomeque fez a sua *Defesa de Lamas*, obra exhaustiva, completa, formidavel, perfeita na fórma e profunda no pensamento cujo conhecimento devo a Walter A. de Azevedo, um dos mais pertinazes e meritorios conhecedores da Historia do Rio da Prata que possuímos.

Confesso, aliás, que tive uma grande surpresa ante o nivel mental dos nossos vizinhos. Nada da rhetorica plateresca, do neo-gongorismo, do *vargas-villismo*, dos ataques lyricos de certos oleographos *ad usum coquinarum*.



Argentina

Não nos propomos a fazer a synthese da historia argentina, da qual deixamos neste trabalho largos traços. Desde a sua independencia em 1810 até Monte-Caseros, o facto predominante dos seus feitos é a luta de Buenos Aires com as provincias enciumadas da hegemonia que a posição geographica lhe dava.

Repetiu-se na Argentina o feudalismo europeu. Os grandes caudilhos violentos e facinorosos tinham direito de vida e de morte em seus dominios. A força era o unico direito. Creou-se então uma civilisação de que o symbolo era o cavallo, o instrumento do ataque e da retirada, da rapina e do morticínio, do dominio e da auto-ridade.

Uma scena lendaria define esse periodo. As proezas dos tres caudilhos. Estanislau Lopez, Facundo Quiroga e José Manoel Rosas reuniam-se á margem do arroio Pavon para ver quem era o mais forte em proezas equestres. Rosas levava sempre a melhor. Lopez foi o primeiro a dar parte de vencido: "*Usted es muy brutesco! No me quiero lastimar!*"

Não ha melhor symbolo da época. Vence o mais duro. Os outros curvam-se e reconhecem-lhe tacitamente a inferioridade.

ROSAS

Para se comprehender a Argentina de 1864 é preciso retroceder á Argentina de Rosas. A imaginação não póde attingir os seus requintes de ferocidade. Na galeria shakespeariana dos Henriques não ha figura mais torva. No emtanto ainda tem hoje rehabilitadores.

Está conforme. Todo o scelerado que encher com o seu nome uma época, mesmo para ensanguental-a, póde ficar certo que no futuro terá Juans O'Learys. De Nero a Solano Lopez, a regra não tem falhado. A tendencia ao paradoxo, a notoriedade que se liga a quem é um contra mil, o amor proprio nacional levam espiritos avidos de singularisar-se ou doentes de falso patriotismo a essas escamoteações systematicas da verdade que, nem por serem interessantes perante as letras, deixam de ser sacrilegas perante a historia.

Quem não sabe o que é a *mazhorca*? Quadrilha organisada por um degollador de nome Ochotego, sob o nome de *Sociedade Restauradora*, por inspiração da famosa D. Encarnacion Rosas, só tomou o nome de *mazhorca*, espiga de milho, depois que a sua interessante filha Manoelita mandou uma,

enfeitada de fitas, á benemerita instituição. A *mazhorca* liquidava o que Buenos Aires tinha de melhor. A' noite só respeitava as pessoas que andavam de poncho. As *Tabellas de Sangue* de Rivera Indarte que arrolavam vinte e duas mil victimas, desde 1829, até 31 de Outubro de 1843, já estão hoje enriquecidas de mais dez mil. A operação preferida desses sicarios era a degolla. Para tornal-a mais demorada praticavam-na com uma faca cega, *la resbalosa*, cujo modelo Rosas em pessoa mandou fazer numa cutelaria da capital, ou com um serrote limado — *el serrucho*.

Rosas era a divindade votiva desses sacrificios humanos. Orgulhava-se delles. Podia gabar-se de luxos ineditos. Um delles era o dos maniaadores de cavallos, feitos da pelle dos inimigos que mandava esfolar, quer se chamassem Andrés Maciel, quer Beron de Astrada, governador de Corrientes. Era uma autoridade em esfolamentos. Entre os brincos da sua risonha infancia occupava o primeiro lugar — mesmo antes do gato queimado no breu — o esfolamento de um cachorro vivo.

Outra das suas diversões favoritas era mandar cortar de um golpe a cabeça das victimas junto á cova, de modo que o corpo cahisse justamente dentro della e a cabeça fóra, vindo rolar-lhe aos pés.

Não podia passar muito tempo sem ver cabe-

ças fóra do tronco. Quando não as fazia saltar, os seus cabecilhas mandavam-lhas. Em busca da cabeça de Lavalle um exercito andou revolvendo covas nos cemiterios, e tirando certidões dos parochos. Soube-se que fora enterrado na Bolivia, que recusou ao general uruguayo Oribe o macabro e inedito pedido de extradicção.

A innocente Manoelita, era objecto de attenções do mesmo genero. Depois da batalha de Monte Grande, tambem ella recebeu o seu mimo: as orelhas do coronel Facundo Borda. Ficou sensibilisadissima á fineza do amigo do *Tatita*, que lhas enviou. Collocou-as numa salva de prata, em cima do piano, para preparar ás visitas uma agradavel surpresa. Entre ellas contava-se o capitão Flanckland, da marinha ingleza. A suave Manoelita com o mais lindo dos sorrisos levou-o para ver *la delicada attencion*. O official inglez ao ver de que se tratava deu-lhe as costas horrorisado e no dia seguinte sahiu de Buenos Aires. "*Que hombre flojo!*" — muchocheava no dia seguinte a interessante *niña*. Temos depois um jornal de Londres, o *The Britannian* de 25 de Junho de 1842 relatava a scena.

Tantos serviços á Patria não podiam deixar de crear a Rosas fanaticismos incondicionaes. Em breve o seu retrato estava nas igrejas. Dahi para os andores das procissões foi um passo. Era uma honra appetecida a de puxar o carro do andor.

Toda a população se descobria reverente e electrisada em gritos e acclamações.

A *Gaceta Mercantil* de 19 de Setembro de 1839 descreve assim uma dessas procissões:

“A las diez de la mañana, el juez de Paz y vecinos se derigieron con un elevado carro de triumpho a la casa del “Heroe” á sacar su retrato y el de su esclarecida esposa. Al recibir el retrato, el juez de Paz pronunció en la puerta de la calle de nuestro Illustre Restaurador, la alocución que va señalada con el numero 1. En el centro de las tropas de caballeria y infanteria que escoltabam los retratos, conducia don L. B. um rico estandar-te de seda punzó alegóricamente bordado en oro, costado para este acto por el mismo ciudadano. El retrato fué recibido en el atrio de la catedral por el señor cura y otros eclesiásticos y colocado dentro del templo al lado del Evangelho. El templo estaba espléndidamente adornado; la majestad con que brillaba, persuadia que era el tabernaculo del “Santo de los Santos”. La misa fué oficiada á grande orquesta, y la augusta solemnidad del acto no dejaba nada que desear. Nuestro ilustrissimo señor el bispo diocesano, D. Madriano Medrano, assistió de medio pontifical, y celebró nuestro digno provisor canonigo d. Miguel Garcia. El cura de la catedral, D. Felipe Elotono y Palacios, desempeñó con la maestria que lo tiene acreditado la dificil tarea de hacer la apologia del Arcán-

gel San Miguel, mezclando oportunamente eloquentes trozos alusivos á la funcion civica en honor del Heroe y en apologia de la causa federal. Fué en seguida presentado el nuevo estandarte ante las aras y recibió la benedición episcopal”.

E' possivel que o “Santo dos Santos” inda achasse pouco. Que falta de respeito não o compararem a Deus Omnipotente!

Habituaado ao sangue, não podia supportar outra cor. Todas as casas de Buenos Aires ao seu tempo eram pintadas de vermelho. Senhoras que se esqueciam dessa prescripção no toucado, tinham de soffrer o supplicio do breu quente com que lhe collocavam ao cabello as fitas *coloradas*.

Um dia na Cathedral viu uma imagem de Nossa Senhora da Conceição liturgicamente vestida de azul. Fez parar em meio a cerimonia da missa até que a imagem fosse revestida de vermelho.

Não se comprehende como a Argentina tenha supportado durante vinte annos esse sinistro degenerado. A primeira vez que alguem ousou atirar á face de Buenos Aires a sua cobardia, esse alguem, apesar de occupar uma pasta de ministro e de dispor da policia portenha, só salvou a vida pela fuga.

De quem se tratava? Nada mais nada menos do que de Vicente Fidel Lopez, uma das maiores cabeças da Argentina.

VICENTE FIDEL LOPEZ

Celebrava-se a mais famosa de todas as sessões historicas do Congresso Argentino a de 22 de Junho de 1852. Discutia-se o *Accordo de São Nicolau*, que dava a Urquiza poderes dictatoriaes para organizar a Republica. Mitre abrija no dia anterior as discussões. Seu *maiden speech* fora conciso, vibrante e lapidar. O auditorio electrificado acompanhara-o ao seu jornal — *Os Debates*. Conquistara Buenos Aires.

No dia 22 fala Velez Sarsfield, o maior jurista argentino, que apoia Mitre. Profunda sensação. O auditorio intervem com apartes e acclamações.

Então, do banco dos ministros, pallido, franzino, cabeçudo ergue-se o ministro Vicente Fidel Lopez. Não tem figura. Parece não ter resistencia. Toda a sua vida se concentra nos olhos e na frente. Começa a falar. As galerias apinhadas são-lhe hostis. Logo ás primeiras palavras estrugem o tumulto, os apartes e as ameaças. “Que lhe dêem quatro balaços!” ronca um. “Hei-de tirar-te o couro pelo fio do lombol!” vocifera outro. “Precisas é duma *gravata vermelha*!” treveja o terceiro.

Vicente Lopez não se intimida. O que Mitre chama povo elle considera patulêa. Mais augmen-

tam as ameaças, mais proximo é o perigo, mais recrudescce a audacia do seu desprezo e do seu desaforo. Seus proprios adversarios, Velez Sarsfield á frente, pedem-lhe que se modere e attenuae a dureza das suas verdades. "Só eu — retruca impavido Vicente Lopez, só eu sou o juiz do limite das minhas palavras. Hão de ouvir-me quer queiram quer não"!

E rompem as verdades cara a cara, contra o povo de Buenos Aires:

"Este povo arrastou-se ás plantas de um dictador, tyranno atroz que atirava ao exilio os cidadãos, este povo pagava os punhaes e os agentes incumbidos de perseguil-os no estrangeiro como a bestas ferozes, sómente porque eram ou tinham sido partidarios das liberdades desse mesmo povo"!

As apostrophes e as injurias recrudescem. Inutil! Vicente Lopez continua:

"Foi preciso que viessem homens das provincias para emancipar este povo, que já parecia não querer ser libertado e achar-se muito satisfeito com a abjecção e a deshonra".

O cauterio chiou na carne viva. Reluzem armas. A policia difficilmente evita um attentado. Mitre em vão quer impor silencio. Redobram os gritos, "servill! trahidor! cala a boca, bandido!"

Vicente Lopez ainda não está satisfeito. Os valentes de hoje, que hontem se arrastavam aos pés de Rosas, hão de beber até as fezes o calice amargo da verdade:

“Quantas leis não votou Buenos Aires neste mesmo lugar, renunciando sua liberdade, honra e fama?”

As galerias espumavam de raiva. Um muro vivo — mais dos amigos de Mitre do que dos seus — impedia os patriotas de attentarem contra o heroico orador, que só depois de dizer-lhes tudo que precisavam ouvir passou á discussão juridica e constitucional do caso.

Vicente Lopez dissera a estricta verdade. Buenos Aires não fizera outra coisa senão lamber as botas de Rosas.

Não era, comtudo, falta de valor ou de caracter. Era um caso clinico, uma pandemia moral, a suggestão collectiva do Terror.

A medulla da energia está na imaginação. Quebrem-na pela prova diaria de que a luta é inutil — e ahi está a resignação.

Aterrorisem-na pela convicção de que a rebeldia não incrimina só o rebelde, senão ainda quantos lhe são caros — e ahi está a obediencia. Corrompam-na, mostrando os que batem palmas ao despota ricos e felizes, e os outros na desgraça — e ahi está o servilismo.

Buenos Aires, porém, não se deve envergonhar de ter aguentado Rosas.

O coração não tem culpa da syncope. O mal era a tyrannia, a eterna matriz da abjecção e do crime, fonte de podridão organica cujos miasmas corroem o character como os gazes asphyxiantes os pulmões.

A sua politica internacional não podia deixar de ser o reflexo da interna. Queria decapitar o Uruguay como aos inimigos. A nossa politica foi impedir essa degolla pela qual Montevideo lhe rolaria aos pés.

Não nos permittia a situação interna declarar-lhe guerra durante muito tempo. Fomos obrigados a contemporisar. Paulino Soares de Souza, depois Visconde do Uruguay, escreveu ahi a pagina mais brilhante da sua carreira de estadista. Conseguiu evitar o ataque do monstro, enquanto não estavamos seguros da sua derrota.

Um alliado de Rosas; o caudilho Oribe, talaria todo o interior do estado oriental. Só o ultimo pedaço da Cisplatina lhe resistira. Montevideo, como um nucleo planetario em torno do qual se havia de reconstruir a nacionalidade, conservava livre de qualquer esmorecimento o centro de attracção cosmica para que iriam gravitar todos os corações uruguayos. Nove annos, alimentada dentro de suas trincheiras pela energia de ferro do presidente Suarez e de Herrera y Obes, no ex-

terior pelo genio de Andrés Lamas, nove longos annos durou o assedio da nova Troya Americana. Montevideo era a ultima brasa que ainda ardia para reaccender a lareira nacional.

Esse periodo historico mais facilmente se acompanha pela vida de alguns homens que o encarnam do que na simples enumeração dos factos.

Os destinos da Argentina e do Uruguay estão soldados nessa época, cujos fastos são a biographia de Rosas, Urquiza e Andrés Lamas. Em torno delles gravitam os homens a quem a Providencia reservava a missão de formar a Argentina e o Uruguay modernos.

A Argentina estava cansada de Rosas. Tudo tinha elle escravizado, menos o que não se escravisa: a faísca do pensamento, que homens como Mitre e Sarmiento iam conservar accesa no exilio.

A Argentina e o Uruguay tiveram ambos a sua *Era do Cavallo*. Os Artigas, os Riveras, os Oribes, os Lavallejas correspondem, nas linhas geraes, aos Guemes, aos Facundos, aos Lopez, aos Rosas. Todos elles precisavam da immensidade do pampa, da sua falta de lei, da sua liberdade para as suas algaras de extorsão e violencia pessoal, ou para seus planos politicos. Piratas da terra tinham o cavallo por navio. Só o povoamento e a organização politica e judiciaria das terras que assolavam podiam exterminal-os. Não foi preciso

caçal-os a tiro. A civilização tornou-os incompatíveis com as novas fórmulas de vida que trazia.

Sem o meio em que manobravam, pela rarefacção do deserto, sem o apoio do poder central, pela consolidação da consciencia juridica, sem a certeza da impunidade, pelo poder coercitivo da força ao serviço da lei, ficavam como essas aves marinhas, amarradas a bordo pela curiosidade dos nautas: esquerdas, oscillantes, deslocadas.

Urquiza por certos traços inda pertence á época dos caudilhos. Mas por outros já pertence a nova formação moral que lhe vae succeder. Habitros, costumes, trajes, ardis, porém, inda demonstram que o caudilho predomina.

URQUIZA

Urquiza inda é para muitos um enigma. Toda a dissimulação de Machiavel nada vale perto da do cabecilha entre-riano. Jano tinha duas caras. Elle tres. Com uma sorria a Rosas, com outra ao Brasil, com a outra ao Paraguay. Berges dizia d'elle em Dezembro de 1863: "*La politica de D. Justo ciertamente esta envuelta en los arcanos del misterio. Talvez los successos posteriores lleguen a desmascaralo y entonces sabremos si pertence a los gregos ó a los troyanos*".

Vivo estivesse elle, e ao ler essas palavras sorriria satisfeito. De nada tinha mais orgulho do

que da sua astucia. Sua vida foi um duello com Rosas: teria de vencer o mais astuto. Ao primeiro contacto, o dictador vermelho, adivinhou-o. "*Quien es aquel jefe, que usted me presentó?*" — perguntou a Echague então Governador de Entre-Rios. — "*El General Urquiza*", respondeu Echague. — "*Bueno amigo, tenga cuidado; esse jefe será su ruina*", disse Rosas. O caudilho conhecera o outro de longe, por um gesto, um olhar, uma attitude. Acertara. Apenas devera ter ampliado a prophesia.

Devia ter dito: "Cuidado Echague, elle será a nossa ruina".

Quem era Urquiza? o senhor da provincia de Entre-Rios e o mais popular e querido dos regulos do Prata.

Consolidara o renome militar vencendo Paz e Rivera na batalha decisiva de Arroio Grande. A imaginação popular foi encarnando nelle a pouco e pouco a antithese de Rosas. Igual a elle em força, destresa e astucia, divergia no sentimento: era humano e generoso.

Cansado dum systema que consistia na negação de todos os direitos, mesmo os mais elementares, os escravos de Rosas volviam o mais recondito das esperanças para o Centauro entre-riano.

Rosas bem que o percebia. Mas nada podia fazer. Urquiza puzera-se a bom recato, em sua estancia de S. José, aquartelado entre forças que

o adoravam. Contemporisaria com elle, como fizera com Facundo, até pegal-o de geito.

Urquiza, porém, não era Facundo. Não se deixaria *pialar* tão loucamente, indo metter-se na bocca do lobo. Pelo contrario. Redobrou de provas de fidelidade ao dictador. Só tinha um agente. Só um homem lhe conhecia o pensamento. E esse não podia despertar desconfiança no tyranno de Buenos Aires, que o tinha em conta de *rosista* rubro. Tratava-se de um homem energico e audaz, cujas repetidas indas e vindas pelo Rio da Prata não podiam causar suspeitas, tal o espalhamento das suas estancias, saladeros e casas de commercio: Cuyás y Samperes.

Todo o mundo o suppunha entregue ao trato dos seus interesses. No emtanto, era elle quem combinava com os homens de Montevideo e do Brasil o plano contra Rosas, cuja base devia ser Urquiza.

Sem a chefia deste a guerra contra Rosas seria impopular, pelo character de intervenção estrangeira. Com elle tudo mudaria passando a ser a luta da Argentina liberal contra a Argentina despotica.

Note-se que Cuyás y Samperes não descobria Urquiza. O papel que se avocou foi por muito tempo o de um advogado junto delle.

Urquiza esperava com calma e cautela o amadurecimento do plano. O Brasil viu que não era

mais possível esperar. Tinha as informações de Cuyás. Até que ponto devia dar-lhes credito? Resolveu jogar a cartada. Communicou a Urquiza que COM ELLE, SEM ELLE ou CONTRA ELLE enfrentaria Rosas. Herrera y Obes por sua vez foi a S. José. Tinha Urquiza quanto queria. Communicou-se com Oribe, alliado de Rosas, por meio de duas cartas, uma que elle devia mandar a este para adormecer-lhe a desconfiança, a outra portadora do seu verdadeiro pensamento. Nesta dizia-lhe: “descomponha-me de *selvagem, unitario e immundo trahidor*” á vontade e mande cópia a Rosas. Oribe obedeceu-lhe. Estava ganha a primeira campanha: o resgate de Montevidéo sem um tiro.

As suas artimanhas eram tão perigosas como seus lanceiros. Antes de Caceros, de todos os generaes de Rosas só um lhe inspirava respeito pela competencia: o general Pacheco. Vivia preocupado com a possibilidade de tel-o pela frente. Como afastal-o? Não lhe foi difficil. Conhecendo a desconfiança do despota, escreveu a Pacheco varias cartas com phrases destas: “Como ficou combinado...”; “como você me escreveu...”

Essas cartas foram apprehendidas pelos espiões de Rosas, que ficou de sobreaviso com Pacheco, não o aproveitando em Caceros.

Alberdi não comprehendeu a differença de Rosas e Urquiza. Eram ambos caudilhos? Isso

bastou a Alberdi para envolvel-os no mesmo desprezo. No entanto que enorme differença não vae de um a outro! O primeiro era o caudilhismo no seu processo involutivo que se denuncia por um simples symptoma: a generalisação da degolla. O outro era o caudilho lutando para deixar a chrysalida de sangue. Representava um processo evolutivo em toda a sua extensão. A degolla de Santa Caloma, que se lhe attribue ter permittido, diminue de odiosidade para quem sabe que Santa Caloma mandava degollar os prisioneiros pela nuca.

Vejamos Urquiza por dentro.

Alberdi, com a falta de intuição psychologica que o caracteriza, suppoz ter achado o traço dominante de Urquiza na cupidez. No seu livro *Grandes y Pequeños Hombres del Prata*, diz que só se metteu nas campanhas da liberdade para fazer fortuna e pergunta: "Para que deu tres batalhas? — Caseros para ganhar a presidencia. Cepeda para ganhar fortuna. Pavon para consolidal-a".

O ideologo não apprehendeu esse caudilho em cujos assentamentos a familia encontrou quasi dois milhões de pesos dados e emprestados a amigos sem espirito de cobrança. Qual o forreta capaz de distribuir tão grande somma? Não ha cupidos manirosos. Com as suas 450 leguas de

campos cheios de gado, Urquiza não podia desejar mais riqueza.

Força é convir que, analysado á luz de idéas superiores ao seu meio, o heróe entre-riano apresenta o flanco a censuras. Precisa-se, porém, considerar que se fez por si, que teve uma instrucção escassissima, que a familia o destinava ao commercio. Sua carreira é um heroico esforço para a ascensão. Sae do balcão para os pretorios. Rabuleja e chicanea para ganhar a vida. Acha o meio estreito para a sua actividade. Segue a carreira das armas e pouco a pouco, passo a passo, ascende ao governo de Entre Rios, onde emfim abre as asas.

Aproveita-se da posição para enriquecer. Era a consequencia fatal e insensivel do caudilhismo. Enriqueceu. Mas sem extorsões nem confiscos, associando-se a todos os negociantes que o convidavam e tinham orgulho em serem commanditados por elle. Quando morreu era interessado em trezentas casas commerciaes.

OSORIO E URQUIZA

Urquiza foi o typo herculeo do caudilho, que já tivera a sua encarnação apollinea em Rosas. Sua physionomia respira decisão e audacia. Embora abeberado da astucia esparsa na atmosphera do meio em que nasceu, é capaz de dominar-se.

Nas fintas e escaramuças dos prelios politicos move-se com uma rara capacidade de dissimulação. A sua malicia é proverbial.

Poucos o conheceram como Osorio. Já chimarreavam juntos em S. José antes que elle se declarasse contra Rosas. Eram amigos. Juntos estavam naquellas carreiras de Entre-Rios, onde, num dia batido de sol, Urquiza, *se vuelteó el poncho*, apparecendo com elle de azul, ante as acclamações da multidão, a quem annunciava, nesse gesto gaúcho, que abandonara o tyranno vermelho... Mas Urquiza na campanha fez-lhe quantas picuetas poude.

Sarmiento na mais rara das suas obras, a *Campanha do Exercito Grande Alliado*, dá um instantaneo de algumas. Commandava o gaúcho o 2.º regimento de cavallaria, que chegou "quasi a pé". Urquiza só lhe deu potros bravos. Já descontava o prazer de rir-se. Mas enganava-se. Os peões de Osorio montavam os baguaes melhor que os argentinos, (é Sarmiento que o diz) e laçavam indistinctamente com uma e outra mão, sem que o equipamento militar, a lança, a espada e a pistola os embaraçassem, de qualquer modo. Chasqueando das balandronadas dos urquizanos, ria-se Sarmiento ao ver aquella gente "*de chiripá y mugrienta*" olhar com pouco caso para os brasileiros, "cujos officiaes subalternos pertenciam ás familias mais distinctas do Brasil, cujo equipa-

mento era o mesmo que nas cidades e cujas tropas eram um modelo de disciplina, de ordem e de sciencia estrategica em suas marchas e acampamentos". Ia mais longe. Mandava armar a sua barraca de campanha ao lado dos brasileiros, porque dizia, "*nos otros no sabemos mas que sorprender o ser sorprendidos*".

Em Monte-Caceros Urquiza fez com Osorio o mesmo que Dumouriez em Neerwinder com Miranda. Assignalou ao seu contingente na disposiçao do combate o ponto inglorio. Osorio percebeu-lhe o intuito. Não se deu por achado. Sem esperar que se movesse a infantaria do coronel Galan, que era o signal combinado para o ataque brasileiro, e que não se movia, carregou á frente dos seus lanceiros.

Foi o primeiro a chegar ás trincheiras rosistas, ás casas de sotéa, seu mais poderoso reducto. Tomou ao inimigo uma bandeira, que está no Museu Militar do Rio...

Sarmiento no *Boletim* de batalha omitta a nossa influencia decisiva: redigiu-o automaticamente de accordo com as partes officiaes communicadas por Urquiza. Elle mesmo o declara. Mas promptificou-se a rectificá-lo, honrando os testemunhos que lhe chegavam de todos os lados entre os quaes os dos uruguayos, cujos officiaes affirmaram que ao chegar ao sopé das trincheiras passa-

ram por cima de cadaveres brasileiros, o que prova que estes os haviam precedido.

Foi Urquiza nosso amigo? A primeira resposta que se impõe é que não. Não dispunha de cultura que lhe permittisse alcançar a inanidade e a sem razão do odio atavico. Não podia reagir contra o meio como Mitre e Sarmiento. Mas se não foi nosso amigo foi nosso alliado duas vezes: contra Rosas e contra Solano Lopez. Desta vez toda a sua tendencia nos era contraria. Mitre dominou-o alçando contra elle a visão da Argentina, que teria de combater se quizesse combater-nos. A sua posição no Paraguay foi uma especie de neutralidade. Quando lhe pediamos soldados elle os reunia... mas para debandarem antes de seguir para as operações.

Seja como for, não temos queixas delle. Se se tivesse alliado ao Paraguay, muito mal nos teria feito. Só lhe devemos gratidão e respeito.

Com a queda de Rosas começa o eclipse dos caudilhos. A alma de Urquiza era o theatro de uma luta cujos effeitos se sentem na sua carreira de militar e politico. Quer ser estadista, mas inda é regulo.

Esse embate de forças contradictorias revela-se nos seus actos. Buenos Aires delira de enthusiasmo. Desfilam pelas suas ruas os exercitos que a libertaram. O seu enthusiasmo chega ao auge quando passam as forças brasileiras, de primeiro

uniforme, irreprehensíveis de trato, disciplina e garbo. As atenções convergem para duas figuras, já lendárias: o Conde de Porto Alegre elegante e varonil, com aquellas luvas brancas que nunca descalçou nos combates, e o coronel Osorio, entroncado, herculeo, cujo olhar e cuja, expressão irradiavam um não sei quê de fagulhante vivacidade e franqueza que lhe conciliava todas as sympathias...

Buenos Aires anseia por ver Urquiza, o heroe do dia. Anseia por bater palmas áquelle que a livrou das loucuras e violencias do tyranno, áquelle que acabou com os seus caprichos de alienado, áquelle que extinguiu a maldita facha *colorada* que era a libré da sua escravidão.

Eis senão quando apparece Urquiza. Vem de poncho e chapéo de feltro e nelle se ostenta... imagine-se o que? Nada menos que a negregada fita *colorada* que tambem lhe atravessa o poncho branco. O povo estremece e custa a crer.

Dia a dia, depois, vão augmentando os desganhos. Urquiza teima em dizer-se federal. Não derrubou a Rosas para dar a sua herança a *los selvajes unitarios*. Exige de seu ministro Alsina o uso da cinta *colorada*. Sarmiento toma o caminho do exilio e vem para o Rio, donde Andrés Lamas o leva para Petropolis.

Dentro em breve Urquiza faz-se eleger presidente da Confederação Argentina. Mas Buenos Aires resiste-lhe e não se deixa dominar. Frente

a frente das provincias confederadas, que representam a Argentina do passado, levanta-se animada pelo espirito de Mitre, Buenos Aires que representa a Argentina do futuro.

Estavam frente a frente dois principios, duas éras, duas fórmulas de civilização. Urquiza era a dictadura, a formula pampeana, o caudilhismo. Mitre a organização, a formula urbana, a civilização. Esta tinha de vencer e venceu.

Sarmiento tinha presentido o conflicto antes da sua eclosão. O seu *Facundo* chama-se tambem *Civilização e Barbarie*. Urquiza era um Facundo humanizado. Mas como os obsessos da Edade Media o vencedor de Caceros trazia dentro da alma o incubo do rosismo.

O espirito de Sarmiento foi o fermento que levedou o pão espiritual da Argentina. Na grande campanha de 1851 por toda a parte onde passa a população accorre a vel-o. Tem necessidade de fugir ás manifestações e acclamações para não despertar os ciumes de Urquiza. Já começava a ser a esperança da Argentina. Dahi em deante não faz senão crescer.

Leva a todos os espiritos a convicção de que é preciso declarar guerra ao deserto pelo povoamento, pela instrucção, pela escola. Creou a instrucção publica na Argentina, em 1855. E, facto a que se não dá o devido alcance: introduziu o fio de arame para cercar as propriedades ruraes.

Até ahí os campos e pastagens não tinham divisas. O cavallo do bandoleiro só tinha o limite da sua vontade. A sua fuga não tinha empecilho. Podia galopar á noite impunemente: nenhuma tranqueira o detinha. Sarmiento creou o *alambrado*. Parecia pouco; mas representava a primeira barreira opposta pela civilisação á barbarie.

MITRE

Mitre era o typo do homem providencial, do homem que chega a seu tempo para fechar ou abrir uma época. Soldado e estadista tinha os dois requisitos para evolver naquelle solo moral inconsistente: a energia para dominar um periodo em que a força era a lei, e a cultura para auxiliar e presidir á elaboração duma nova ordem de coisas. A energia enrijeceu-a elle na fragua das batalhas, e no risco diario da vida. Desde o cerco de Montevidéo, onde lhe coube a honra de disparar o primeiro tiro de artilharia, a Pavon, onde derrotou Urquiza, tomou parte em vinte combates. A cultura alargou-a na exploração de todos os problemas que se lhe apresentavam ante a intelligencia, duma lucidez e duma penetração que ainda hoje forçam a admiração: jornalista, mestre, chefe de Estado, parlamentar, tribuno, historiador não houve equação argentina de que elle não tivesse buscado descobrir a incognita.

Quando Mitre assumiu o poder o solo moral da Argentina ainda estava no seu periodo secundario. Monstros da prehistoria institucional ainda se arrastavam pesadamente sobre um terreno mole e balofo, que só lentamente o sol eocenic do novo regime iria endurecer. Os amigos e asseclas de Rosas e Facundo só na apparencia se tinham extinguido. Amoitados nos rincões mais distantes do interior, dir-se-iam dinosauros saudosos da palude natal. Mitre os conhecia. Sabia do odio que lhe votavam. Poderia talvez exterminal-os pela força. Preferiu entregar essa tarefa ao tempo: pela consolidação da crosta legal elles teriam fatalmente de desaparecer.

Não podiam existir sem o seu *habitat* a lama sangrenta das revoluções. Inda ahi foi grande estadista: soube esperar que o terreno legal se consolidasse.

Com elle Buenos Aires começou a moldar a provincia á sua imagem, e a humanisar a politica. Com elle os choques partidarios entraram a deslocar-se do terreno das lutas pessoases para o dos debates incruentos.

A politica no Prata era a *vendetta* còrsa. O adversario era o inimigo a quem não se devia dar quartel. Raro o politico que não acabava de morte violenta. Todos viviam sob a espada de Damocles. Mitre acabou a era dos caudilhos sangrentos. Mitre foi o ponto final desse capitulo.

Só depois d'elle é que se abre na Historia Argentina a pagina em que a republica vae deixar de ser uma vã logomachia para se transformar na realidade que permittiam os tempos.

Essa transfiguração do caudilho encarnou-se num homem. E esse homem foi Mitre.

O retiro e a distancia agigantavam o enigma formidavel de Urquiza. Dispunha de dez mil homens aguerridos; poderia agrupar mais quinze ou vinte mil dentre os descontentes. Alberdi, redigindo a Constituição e dando-lha para promulgar, revestia de um verniz de estadista, o seu visceral caudilhismo. Mitre oppoz a Urquiza o *veto* de Buenos Aires. Uma das suas grandezas foi ter tornado impossivel Urquiza, que intimamente considerava um Rosas alberdisado. A outra, talvez a maior, foi exactamente o contrario. Foi tornar possivel Sarmiento.

Embalde em 1863 o sinistro dictador do Paraguay empregou junto a Mitre todos os recursos da dialectica, e da seducção para chamal-o a uma aliança.

O guaycurú não contava com o tino do gaúcho, habituado a conhecer-lhe as manhas. Mitre escutou-o com attenção e cortezia sem lhe acenar com promessas mas tambem sem lhe tirar as esperanças.

Reserva-se para proceder no Prata conforme

os interesses argentinos lhe aconselharem. Nem aliado, nem adversario.

Um vizinho benevolo, mas independente, não querendo influir na casa alheia, mas tambem não admittindo que mandem na sua, eis a synthese da attitude de Mitre para com Lopez, o seu pensamento profundo, que não podia escapar á sagacidade do El-Supremo, que desde ahi considerou o maior dos seus inimigos.

O esboço dessa figura argentina foi feito para demonstrar que havia em sua patria duas correntes: a do regresso, representada por Urquiza, que não pode eximir-se a ella, e a do progresso, representada por Sarmiento. A nossa luta com o Paraguay foi luta da cultura com a barbarie. Por isso e não pelas sympathias que nos votassem tivemos ao nosso lado os grandes expoentes da cultura platina: Sarmiento e Mitre. Por isso conseguimos que Urquiza com a sua dupla alma se neutralisasse. O Paraguay era a condensação do caudilhismo, era toda a barbarie de Sarmiento enfeixada nas mãos dum homem.

Era o caudilhismo tornado Nação.

Urquiza e Honorio Hermeto

O Brasil, durante a barbarie e a post-barbarie platina, se impunha pela força moral. Nada pinta melhor a nossa attitude de civilizados, mas que sabem fazer-se respeitar, do que um incidente occorrido entre Honorio Hermeto e Urquiza.

Cahira Rosas em Monte Caceros. Urquiza que commandava o exercito alliado conferenciava com Honorio Hermeto. Em dado momento permittiu-se affirmar que a sua alliança com o Brasil firmara a corôa na cabeça do Imperador. Honorio Hermeto replica altivamente. Urquiza insiste citando factos: a propaganda republicana, os sentimentos democraticos do Rio Grande, onde sob as cinzas de 1842 inda estavam accesas as brasas da *Guerra dos Farrapos*; as subvenções de Rosas a jornaes brasileiros; a instabilidade da monarchia.

Não sabia com quem tratava. Não sabia que aquelle homem magro, de rosto pequeno e nariz agudo, cujo maxillar inferior fugidio autorisava a

illusão duma vontade malleavel, era uma vontade de ferro. Ignorava que havia naquelle homem uma rêde nervosa de tão alta tensão que o seu choque era capaz de siderar de espanto o seu proprio Imperador. Não sabia que em troca duma desconsideração, mais imaginaria que real, elle atirara aos pés de D. Pedro II, que lhe demorara um despacho, a pasta de ministro.

Honorio Hermeto apertou os olhos e dilatou as narinas, como para encher de mais ar os pulmões. Para os que o conheceram de perto era o signal da tempestade. Retrucou em palavras secas e metallicas como o recuo dum gatilho que a identificação da Corôa com o paiz era absoluta. Urquiza insistia. Habitudo a ter a ultima palavra em todas as discussões, usando do grito e da exasperação como dum recurso dialectico, desencadeou sobre Honorio Hermeto a tempestade verbal, cruzada de relampagos a cuja fulguração se abriam horizontes de ameaças pessoases, e de desafios de homem a homem. O prestigio da sua bravura e a lenda da sua irascibilidade, raiana da loucura, gelavam e paralytavam os contradictores.

Desta vez, porém, enganava-se. Ferido nos seus melindres de brasileiro e de patriota Honorio Hermeto não lhe deu tempo de concluir.

Urquiza roncava? Elle trovejaria... Urquiza tremia de raiva...? Elle espumaria de indignação. Urquiza dava um passo á frente? Elle

daria dois. Embalde o caudilho quiz interrompel-o. As palavras lhe sahiam da bocca marteladas e inflammadas como ferro candente. "Que poderia temer o Brasil? Mesmo que Rosas tomasse o Rio Grande do Sul não passaria além. O Rio estava fóra do alcance da sua cavallaria. E atraz do Rio estava a immensidade do Brasil com seus inexgottaveis recursos. Mas fosse como fosse não admittia que ninguem se permitisse deante d'elle o desrespeito dessa hypothese. Estava disposto a chegar a toda e qualquer extremidade pessoal para repellil-a. Não media consequencias".

Frente a frente um do outro, o poderoso caudilho, que iria morrer combatendo sósinho contra sessenta assassinos, e em cujo animo heroico nunca entrou nem de longe o medo, e o moço brasileiro que nunca empunhara uma espada, dir-se-ia imminente o desfecho do conflicto pessoal.

Qual dos dois transigiria? Os assistentes mudos e gelados não ousavam intervir. A um canto, pallido, mas sereno, José Maria da Silva Paranhos, braços cruzados, estampava no rosto marmoreo a dignidade offendida dum patricio romano ante um bestiaro da Sarmacia.

Urquiza era um bravo. Como tal admirava a coragem alheia. Aquelle paisano estrangeiro, que lhe revelava de repente tão formidaveis reservas de energia desarmou-o. Compreendeu num relance os milagres da força moral. E o vencedor de

Caceros, o derrubador de Rosas, o futuro presidente da Confederação Argentina, o chefe dum exercito onde tinha fanaticos e dedicações cegas, emmudeceu e ouviu calado a exposição dos motivos que nos levaram á alliança contra Rosas, rajada de eloquencia e de razão, ante a qual a sua rara bem que inculta intelligencia teve de ceder. Não supportou a atmospherá que creára. Sahiu.

A majestade hostile de Honorio Hermeto não lhe permittiu a sahida duma desculpa. Contentou-se com abraçar a Paranhos, seu secretario e dizer-lhe que não se deviam tomar a mal as suas explosões. Que elle era assim mesmo.

O poder civil e a força moral tinham curvado a cerviz do caudilhismo. O officio confidencial de 4 de Março de 1852 em que Honorio Hermeto reproduz com as attenuações diplomaticas a energia desse encontro é a melhor synthese dos motivos que nos levaram á alliança contra Rosas. Graças a ella podemos reproduzir essa scena, a que só se encontram referencias superficiaes nos historiadores da época, entre os quaes Sarmiento. Eramos assim em 1852. E podiamos sel-o...

Em summa: ás portas da guerra, para empregar uma expressão que o sr. Helio Lobo celebrou, estavam o Paraguay em plena barbarie, e a Argentina e o Uruguay apenas a deixavam, isso mesmo com sobresaltos a cada momento.

O Brasil era a civilisação.

Nos Estados Platinos as tres grandes figuras, que a representavam, foram tres grandes amigos do Brasil.

SARMIENTO, MITRE E LAMAS

Sarmiento, Mitre, Lamas! Trindade augusta de antecipadores! Honra e gloria dum Continente! Creadores e organizadores de mundos! Ha qualquer coisa de sagrado e mysterioso no pensamento dessa trindade augusta em que se funde toda a grandeza da raça platina.

Sarmiento é a visão da realidade ethnica, da barbarie cega, do instincto predatorio e destruidor, da influencia do deserto, sem lei, sem escola, sem idéa, sem piedade, sem futuro. Levanta o pendão da revolta com o seu *Facundo*, o verdadeiro heroe de Caceros. *Facundo* é apenas um livro. Mas esse livro é uma cruzada. Mostra que é preciso extinguir um estado social em que se carneam indifferentemente homens e rezes. Mostra que a Argentina não pôde ter como ideal a civilisação de faca e chiripá. Arranca dos altares da ignorancia popular as imagens dos facinoras, Guemes ou Aldá, Rosas ou Quiroga, em quem a exploração politica forceja por encarnar o typo do *homo argentinus*. Evoca ante os olhos attonitos dos seus patricios — imagem em que mal poderiam acreditar naquelles tempos — a Argentina de hoje levanta-

da sobre o altar das quatorze provincias unidas e recebendo o culto duma raça indomita e opulenta, civilisada e feliz.

Mitre é a visão politica, o coordenador das forças nacionaes, o conjugador dos esforços patrioticos em torno da Republica de verdade. Actividade omnimoda mas serena, prefere levar a todos os pontos a sua luz tranquilla e uniforme. O seu processo mental diverge do de Sarmiento que pelos focos relampejantes que o seu genio concentra sobre certos problemas, é obrigado a deixar outros na penumbra. Sarmiento é o primeiro sol de alvorada, faiscando entre as cristas chanfradas da cordilheira nacional, dentre cujas aberturas, durante as penedias vizinhas, se projecta num feixe de luz sobre os destinos dos Pampas. Sarmiento é o espancamento das trevas, o *hallali* das feras, o *die iræ* dos caudilhos.

Mitre é o sol da manhã, sereno e frio como o dos invernos argentinos. E' um sol que já não dardejia do alto dos entre-montes alterosos, como Sarmiento, cujos raios tiveram de romper por entre os dois paredões de granito da ignorancia e do interesse.

Subiu. Está mais alto no firmamento. Seus raios illuminam montes e valles, cidades e campos, o litoral e a provincia, rios e florestas, toda a Argentina que elle sonhara, na juventude e que na velhice lhe caberá contemplar.

Lamas é a fusão dos dois, com menos horizonte que Mitre e com menos fulguração que Sarmiento, mas com tantos serviços á causa da civilização como qualquer dos dois, e tanta cultura como ambos.

Sósinho. Mitre tinha Sarmiento. Sarmiento tinha Mitre. Os dois podiam trocar dialogos como este, depois de se convencerem de que Urquiza era a segunda edição de Rosas, com a crueldade a menos:

“E agora, Mitre, que vamos fazer?” — “Só nos resta recommençar, Sarmiento!” Mas esperavam juntos e tiveram depois da victoria a gratidão nacional. Ambos subiram á Presidencia da Republica, e depois de realisarem a grandeza argentina puderam dizer ao futuro: “Eis ahi o que fizemos!” Lamas teria o ostracismo.

Lamas reproduzia em si Montevideo. Era a sua coordenada moral. Isolado como a cidadella gloriosa. Como ella buscando aliados e só achando decepções. Tudo desabara em torno d'elle. Sua patria era uma convenção politica, uma figura de rhetorica, uma *concessão*, isto é, a hypothese que começa por um *seja* mas tem sempre depois um *se*. “Seja independente”!, concediam-lhe em todas as portas a que batia... Mas *se* puder conciliar-se com Rosas. A nota de lord Palmerston ao consul inglez de Montevideo O'Brien: “a paz se fará, *se* Montevideo entender-se com o general

Oribe" chia como um sarcasmo. Equivale a dizer ao cordeiro da fabula: "arranje-se com o lobo se este o permittir!"

O Uruguay era Montevidéo e Montevidéo uma Carthago que o poncho de Rosas reduzido a tiras talvez bastasse para limitar.

Lamas foi Montevidéo humanado. O reducto viveu nelle; respirou do seu ar, bateu do seu coração, alimentou-se do seu sangue. Que foi o Uruguay durante muitos annos? Uma bandeira em Montevidéo e um homem no Brasil.

Dois annos, dois longos annos o Imperio fechou-se para com elle numa attitude reticente e laconica. Embalde elle nos falava a linguagem do direito e da justiça. Duas linhas de resposta lembravam-lhe a dura realidade.

Mas a sua fibra era heroica. Não desanimava ante a reserva como não trepidava ante o perigo. Insistiu. Insistiu sempre e venceu.

Modificara-se a politica do Imperio. Paulino tomou a pasta de estrangeiros. Recalcitravam os estadistas do Imperio? Olhavam e não viam? Paulino fel-os ver, isto é, obrigou-os a pôr a consciencia atraz da retina. Lamas tinha razão. Lamas vencera.

Desde ahi Lamas foi o meridiano politico do Uruguay.

Lutara contra a nossa prudencia no principio: lutara contra a diplomacia de Rosas, encar-

nada num adversario formidavel, o ministro Guido; lutara contra a falta de recursos. Nada lhe impediu a victoria. Mas quando teve que entestar o odio e as paixões dos proprios a quem salvara, não quiz lutar e esmoreceu, deixando ao tempo, a sua defesa. Seus patricios não comprehenderam que para triumphar precisava transigir. Accusaram-no de ter cedido de mais na questão de limites. Proclamaram-no mais brasileiro que uruguayo — a elle que não hesitara em jogar toda a sua carreira diplomatica na cartada com que nos arrancou do Museu Militar a bandeira que tomaramos em Paysandú!

O colosso que a tudo resistira, dessa vez estremeceu. Vergaram aquelles hombros que tinham sustido Montevidéo.

Ultimou a sua missão. Abaixou a cabeça e volvendo á patria que reconstruira disse, no caes, aos amigos que o acompanhavam: “Cumpri até o fim o meu dever. Agora... Agora só me resta ir entregar-me á impopularidade nacional”!

Ha uma grandeza eschyliana na descida desse titan, contemporaneo de Kronos, ao pelago das intrigas subalternas. Prometheu era sangrado todos os dias pelo bico do abutre que lhe devorava o fígado. Mas, em cima dum pico de pedra, no alto duma montanha para a qual se voltavam os olhos abysmados das Oceanides e dos homens.

A grandeza do scenario compensava a iniqui-

dade do supplicio. O Prometheu de Montevidéo, ao contrario, amarraram-no a um poste no charco das lutas partidarias para deixal-o entregue ás vazeiras da mentira e ás sangue-sugas da calumnia.

D. André Lamas era maior do que a sua terra. Não admira que esta ainda não o pudesse comprehender. Ninguem se liberta do atavismo, da tradição e dos preconceitos. O Uruguay, como a Argentina, tinha uma civilização muito recente. As paginas de Sarmiento no *Facundo*, quando trata do gaúcho e do bandoleiro, applicam-se tanto a uma como a outra. O seu ideal ainda se encarnava no caudilho. A bravura pessoal, a força physica, a destreza na montaria, a certeza no laço e nas bolas ainda eram as componentes do typo do heróe uruguayo. As façanhas de Artigas, Rivera, Oribe, Encarnacion corriam de bocca em bocca. Gauna, com os 132 homens que assassinara e Andresito Artigas com o seu habito de beber sangue vivo na carotida das rezes, não causavam horror. Ao contrario, havia por elles um secreto sentimento de admiração. Era o reinado do musculo e da faca. Essa a nota geral, a physionomia predominante do meio paraguayo, embora nobres excepções e fortes nucleos de cultura lhe fornecessem uma pleiade de homens eminentes, que iriam presidir aos seus destinos.

Mas o espirito de nacionalidade precisa tanto

do elemento popular como os tijolos do barro. Esse barro não o teve a reputação de D. Andrés Lamas para se erigir na altura que lhe competia. Suas proezas não falavam á imaginação. A massa não *crystallisava* o seu typo, nem comprehendia as suas lutas, sem cavallo e sem faca, apenas com a ligeira penna das suas notas. Se lhe dissessem que esse pedacinho de cartilagem valeria mais que todas as cargas de cavallaria de Artigas e Rivera juntas, havia por certo de sorrir. Não poderia comprehendel-o.

O espirito nacional contrapunha-lhe os rudes *creollos* guaranys, de poncho sobre o chiripá, chilenas nos calcanhares nús, laços nos tentos e faca na cintura que, ora num partido, ora noutro, á feição dos seus interesses, gauchavam em *montoneras*, atravessando a nado os rios nas cheias, conhecendo todas as arvores da campanha e identificando todas as regiões pelo gosto do capim. Assim se explica que o coração uruguayo tenha feito de Artigas, antes de qualquer outro, o seu heroe nacional.

Foi glorificado o semi-deus guarany, mas D. Andrés Lamas continuou esquecido, como se não houvesse lugar para os dois.

Não censuremos a ninguem. Demos tempo ao tempo. A reparação virá, e infallivel, muito antes do que se pensa. Tudo leva a crer que o Uruguay de hoje se está cansando de applicar aos

homens o seu metro muscular e bravio de hontem. Se ainda ha, ali, quem pense que o melhor fim duma divergencia de idéas é uma bala; que o primeiro dever do politico é ter odio figadal ao seu adversario, que as contestações se devem decidir por uma especie de duello judiciario, não faltam grandes espiritos que sondando o futuro comecem a fazer justiça ás victimas das paixões desenfreadas e dos erros momentaneos e a pregar que o debate das idéas é incompativel com a legalisação do homicidio.

Quem poucos annos atraz via como se succediam os duellos provocados por discussões no Congresso tinha a sensação de que os seus legisladores eram D'Artagnans politicos para quem o mandato electivo era o tablado da esgrima romantica do velho Dumas. Uma vez que a verdade dos argumentos se apura pela habilidade nas armas, justo é que todos procurem a mestria no terreno para encaminhar "o julgamento de Deus".

Seria exaggero pensar que os legisladores dos paizes vizinhos cruzavam a espada para liquidar debates sobre direito constitucional. Mas as paixões partidarias são ali tão exaltadas que á primeira divergencia descambam logo para o terreno dos doestos. Mas graças a Deus, o duello inda é melhor que a *montonera* e a pistola que o *cuchillo*.

Dentro de trinta annos no maximo e de dez

no minimo, a alma uruguaya esquecida dos odios, purificada pela formidavel cultura que ali já se desenha, ampliada pelos sentimentos de paz, tolerancia e horror á violencia, que dia a dia augmentam no mundo, terá serenidade bastante para medir o colosso esquecido que um dia, para sua gloria, nasceu no seu seio e ha de erguer-lhe, tão verdadeiro como ha uma justiça immanente, um monumento na sua capital, que elle salvou.

Talvez que esses conceitos passem por indiscretos na bocca dum estrangeiro. Não me parece.

Os direitos do pensamento não conhecem fronteiras, senão pelos incapazes de medir a distancia que alonga a critica da injuria.

Tem um Andrés Lamas e desdenhal-o só se explica pela cegueira das paixões. A America não tem figura maior. O seu lugar é ao lado de Washington, Miranda, José Marti, Bolivar, José Bonifacio, San Martin, Sarmiento, Mitre, Rio Branco, Ruy Barbosa, entre os fundadores e organisadores de nacionalidades, entre os antecipadores e creadores do Direito e da Paz.

Ha momentos em que as perturbações atmosphericas, a interposição das nuvens, as poeiras que se elevam da terra impedem a passagem dos raios solares. Mas esses phenomenos de obscurecimento são passageiros e os céos acabam sempre por volver á transparencia.

Dia virá em que o Uruguay reconheça que D. Andrés Lamas foi o maior dos seus filhos e o verdadeiro patriarcha da sua organização nacional.

Creio ter demonstrado quanto a civilização do Imperio era incomparavelmente maior do que a do Rio da Prata que apenas começava a reivindicar os seus direitos por uma geração que culminou nos typos de Mitre, Sarmiento e Lamas.

Agora, a proposito da campanha lopezguaya mostraremos que Lopez não pertencia á civilização platina. Era um phenomeno isolado, um caso teratologico, que, de modo algum, pode representar o povo sobre que reinou.

Campanha Lopizta

Sobre Solano Lopez desde muitos annos pesa uma sentença definitiva, lavrada por todos os povos civilisados — e solennemente referendada pelo seu proprio paiz, que, pelo decreto de 17 de Agosto de 1869 deu a ultima palavra sobre o seu sangrento processo.

E' necessario divulgar esse acto legislativo.

El Gobierno Provisorio de la Republica,

CONSIDERANDO:

Que la presencia de Francisco Solano López en el suelo paraguayo es un sangriento sarcasmo a la civilizacion y patriotismo de los paraguayos;

Que este monstruo de impiedad ha turbado el orden y aniquilado nuestra patria con sus crímenes, bañandola de sangre y atentando contra todas las leyes

divinas y humanas, con espanto y horror, excediendo a los maiores tiranos y bárbaros de que hace mención la historia de todos los tiempos y edades, ha acordado, y

DEGRETA:

Articulo 1.º — *El desnaturalizado paraguayo Francisco Solano Lopez queda fuera de la ley y arrojado para siempre del suelo paraguayo como asesino de su patria y enemigo del género humano.*”

Esse decreto resume numa synthese lapidar o verdadeiro Lopez: “monstro de impiedade”, “assassino de sua patria”, “inimigo do genero humano”.

Esse o juizo definitivo. Mas não é impunemente que um povo passa por tres gerações de despotas que lhe arrancam a consciencia para substituil-a pelo fanatismo. Sessenta annos de tyrania tinham conseguido collocar o centro de gravidade da alma paraguaya no culto do despotismo e da sua encarnação visivel — o despota. As incriveis atrocidades de Lopez conseguiram deslocar esse centro de gravidade. Mas qualquer impulso restabelecel-o-ia. Não na parte culta e intelligente da nação. Mas entre os elementos incultos e primarios, incapazes de senso critico. E' exacto que essa campanha de involução arrastou

algumas intelligencias juvenis transviadas pela inexperiencia da idade. Pode-se comtudo affirmar que o lopizguaysmo constitue infinita minoria.

CAUSAS DA CAMPANHA

Não admira que sob o rescaldo do vasto incendio ateado por Lopez na sua infeliz patria inda estivessem accesas algumas brasas capazes de acender uma campanha pseudo nacionalista. Quem ama perdoa a quem o fez soffrer. E a tyrannia tinha esvaziado o coração paraguay de todo e qualquer sentimento que não fosse o amor do tyranno, que o *Catechismo de Santo Alberto* lhe ensinava ser a encarnação humana da patria.

Muitos sobreviventes da geração sacrificada pelo tyranno ainda existiam no Paraguay quando as primeiras tentativas hesitantes e prudentes para a sua rehabilitação começaram a surgir. Dos seus companheiros de Cerro-Corá inda viviam tres ou quatro entre os quaes o padre Fidel Maiz, o coronel Silvestre Aveiro e outros. Muitas centenas de combatentes alguns dos mais heroicos inda se disseminavam pelo paiz. Começaram a ouvir a glorificação da patria e exultaram. Ninguem a merecia mais do que a pequenina nação que se poz toda de pé e toda pegou em armas para defender

o solo da patria, que o tyranno lhe garantia estavam defendendo.

Mas... mas essa epopéa da raça não era então escripta senão para insinuar entre os seus canticos estrophes inteiras em honra do despota. Esse foi o inicio. Admittido elle como parte epica da gesta nacional, dentro em pouco a intriga tiraria a mascara e mostraria o que era: um Lopez maior que o Paraguay.

JUAN O'LEARY

O Godofredo de Bulhão dessa cruzada foi o sr. Juan O'Leary, bello e imaginoso escriptor em cujos typos sómente o olho exercido do critico pode perceber a falta de traço pessoal que caracteriza a oleographia. O sr. O'Leary, numa série de livros, dos quaes os mais famosos são: *Nuestra Epopea* e *El Marisca Solano Lopez* chama-lhe *el super hombre paraguayo, heroe eponyano, colosso da America*.

Tyrteu e Pindaro nunca tyrtirisaram nem pindarisaram com tão lyrica epicidade como o delirante panegyrista, que reatou a tradição do padre Fidel Maiz naquelle artigo do *Semanario* em que chamava a Solano Lopez de "*genio dos genios*" e terminava sem mais aquella por comparal-o nem mais nem menos que com Jesus Christo. A propaganda por Solano Lopez teve no Uruguay um gran-

de arauto, o sr. Luiz Alberto de Herrera, figura de relevo em seu paiz. Com esses dois elementos não foi difficil á campanha lopezguaya estender-se como um incendio pela America Espanhola. Blanco Fonbona, Vargas Villa e Rodrigues Triana, cahiram extaticos "ao vel-o surgir de novo como um vulcão submarino em meio *al rogado de las ondas*". Mas nenhum desses escriptores hispano-americanos foi tão longe como Carlos Pereyra, que escreve:

"No se fundirá bronce bastante en America para glorificar a Francisco Solano López, por haber sabido abrir el cimientó de un Estado en el fondo de una selva".

Que dirá Carlos Pereyra, se lendo este trabalho conhecer o verdadeiro Lopez?

Volvamos, porém, ao sr. O'Leary. Vamos lêr algumas linhas suas que resumbram amor filial:

A MI MADRE

.....
Ah, los tiranos, mi maldicion para ellos!

En este mismo dia, hace treinta y seis años, eras conducida ante el juez inicuo que habia de dictar tu setencia. Acusada de traición a la patria, habias passado largos dias en el fondo de obscuro calabozo. Y te condenaron por traidora. El destierro perpetuo, allá en los confines de nuestra tierra, fué el tremendo castigo de tu crimen. Antes

habia muerto en la cárcel victima también del tirano, tu generoso compañero. Tu hermana, cargada de grillos, lloraba por ti en el silencio de su prisión. Tus hermanos, perseguidos por el tirano, morian unos tras otros, ya lanceados, ya en el cepo de Uruguayana e ya de miseria y de hambre!

.

Estas palavras servem de apresentação á senhora D. Dolores Urdapilleta de Jollanos que, pela morte de *su generoso compañero* Jovellanos, convolou segundas nupcias com o sr. Juan O'Leary Senior. A desventurada senhora foi accusada de trahidora á patria, jogada ao fundo de um obscuro calabouço e condemnada ao desterro perpetuo nos confins de sua terra. Seu pae e outros membros da familia Urdapilleta tinham por sua vez passado o melhor de sua vida nas pocilgas de Francia que para O'Leary Filho é um velho com alma de chagal, mesmo sem licença de Augusto Comte.

Nada mais tragico do que a peregrinação dessas mulheres descalças, com os pés lacerados pelas sarças do caminho, com os filhos famintos nos braços, pelo crime de ter incorrido no desagrado do tyranno. O coração do sr. O'Leary admite que sua mãe perdoe ao tyranno. Elle não.

Todo o seu odio é pouco contra o facinora dos facinoras!

"Ah! madre querida, tú me enseñaste a perdonar. Tu no guardas rancores para nadie. Pero, apesar de todo, siento agigantar-se el odio imenso que llena mi alma: odio hacia el tirano y odio hacia los lobos hambrientos que se derramaron sobre nuestra tierra e hicieron añicos de nuestra nacionalidad!

Muchas veces, madre mia, el odio es la más sublime de las virtudes.

Yo tengo mis grandes odios. Quien no odia alguna vez, no es virtuoso; es un espirito muerto, sin energia.

Para tus verdugos y para los verdugos de nuestra patria, perdoná-me madre mia, mi odio es eterno".

A indignação humana raras vezes desferiu apostrophes mais eloquentes. Crimes destes contra a propria mãe são dos que allucinam aos mais calmos e autorisam até que se exhume o esqueleto do algoz para calcal-o aos pés. Mas o odio eterno do sr. O'Leary filho de inglez, era para inglez ver. Logo depois dessa terrivel objurgatoria elle escreve: *"el Mariscal se mantuvo dentro de la ley, sin applicala nunca en todo su barbaro rigor!"*

Estava dado o primeiro passo. Depois da exculpação viria a passos de gigante a glorificação:

"En medio del incendio se destacaba la figura del heroe paraguayano como el protago-

nista unico de la tragedia. A su lado todos eran pigmeos. Sus adversarios se perdian en la sombra de su figura gigantesca. Qué eran, en efecto, Mitre, Caxias y Osorio ante aquella montaña resplandeciente, bateida por un mar de sangre, cuya frente fulguraba bajo la gloria del cielo? Como medir-se en grandesa moral con quien superaba a todas las grandesas de la historia americana? Por eso aquellos oscuros transeuntes de las batallas apenas pudieron lastimar el talón de nuestro Aquilles. Para herirle en el corazón, para abatirle, necesitaban su estatura. Y Alberdi dijo de el que no tenia su igual ni en Bolivar, ni en San Martin, ni en los más bellos tipos de constancia indomable y grande que presenta la historia de America”.

Mitre! Caxias! Osorio! Tres pigmeus! E fala em grandeza moral esse escravo lopezguayo! Pigmeus serão, mas se contemplados do alto da pyramide de ossos, tão alta como a de Gengis-Khan, levantada pelo algoz do Paraguay no seu desventurado territorio. E' alta a pyramide? Perde-se nas nuvens? E' por isso que dessas alturas de vertigem e allucinação homicida não se contemplam bem os heroismos da terra.

E fala em grandeza moral o Tyrteu do alienismo que não trepidou em renegar as cinzas da pro-

pria mãe, seviciada pelo tyranno para beijar a mão que a entregou á crueldade e á bruteza dos seus verdugos!

A JUNTA PATRIOTICA

Mas não pense o filho sacrilego que aqui no Brasil não se lê e não se sabe que ao seu esforço de galvanisar o cadaver moral de Lopez contra-põe-se no Paraguay a resposta definitiva da historia. Aqui não se ignoram os trabalhos da *Junta Patriotica* de Assumpção.

A' epilepsia rhetorica dos lopezguayos ella responde serenamente que antes dessas glorificações é preciso provar que:

1.º Que a defesa do territorio nacional não teve para Solano Lopez outro alcance senão o de *incorporal-o definitivamente a seu patrimonio.*

2.º Que igual destino *não tiveram a fortuna publica e a particular* de todos os habitantes do paiz.

3.º Que a continuação da guerra não foi para elle *mais que um pretexto para a continuação do mando e seu exercicio da maneira mais brutal e tyrannica de que haja memoria.*

4.º Que para emmudecer as suas victimas e justificar o despojo de seus bens, *transferidos ao*

seu peculio, não as envolveu em um processo infamante e as submetteu a toda a sorte de torturas para arrancar-lhes falsas confissões e acusações, que logo se escreviam destinadas á posteridade...

5.º Que nesta febre de destruição e de demencia *não sacrificou sem piedade e com sangue frio e calculo sinistro o que havia de melhor na sociedade paraguaya...*

6.º Que a sua torpeza, tyrannia e crueldade sem limites *não causaram mais victimas que o inimigo...*

7.º Que por isso mesmo, em vez de defensor da patria, *não deve ser julgado como o maior trahidor da causa do seu povo.*

8.º Que em todas as circumstancias, até os seus ultimos instantes, *não antepoz os seus interesses e o seu egoismo á sorte e ao serviço da nação.*

9.º Que finalmente, *não levou a sua covardia a andar fugindo sempre dos campos de batalha, enquanto mandava os outros para o fogo...*

Esbraseêm-se de quanta colera entenderem os Lusbeis de papelão do Averno lopizta. Hão de engulir até o fim os fastos do seu Heróe serenamente contra-postos á demonolatria lopezguaya. *Res non verba.*

Mas assumiu o poder, Lopez inventou novos crimes. O primeiro foi o crime do convivio. Alguem lhe incorria no desagrado ou na suspeita?

Logo os seus parentes, amigos e conhecidos iam para o carcere ou para o supplicio. Outro crime por elle engendrado: o de escutar. Um pobre soldado contou a outro que uma sentinella argentina lhe dissera: "*Eche el barrigon de Lopez e venha para nós*". No dia seguinte foram fuzilados, tanto o que falou como o que ouviu, e não tugira nem mugira. Calar tambem era um delicto. Não o silencio tendencioso. Mas o silencio natural, o calar por não saber. Dava-se uma deserção numa companhia? — Eram executados os companheiros do fugitivo, porque se tinham calado. Na configuração juridica desse delicto está implicito outro — o de não advinhar. E as penas comminadas para essas infracções do culto ao *Mariscal* eram todas as mesmas — o cepo uruguayano e o fuzilamento.

O CEPO URUGUAYANO

O cepo uruguayano! E empregado debaixo duma constituição que prescrevia a tortura! Consistia numa espingarda posta sob os joelhos e em cinco ou seis sobre o pescoço da victima. Cordas de couro apertavam por laços corredios umas contra as outras as quatro pontas das armas. A cabeça nessa posição ficava olhando pelas costas entre os dois pés. A sensação descripta por quem passou por esse supplicio que escapou ao Dante era de que o coração vinha á bocca, que os ossos

rangiam e que os miolos, depois da primeira sensação de vacuo, pareciam ir despedaçar as paredes craneanas para rebentar em estilhas. Raros dos que passaram por elle não ficaram com a espinha quebrada. Lopez mandou applical-o a seus dois irmãos Benigno e Venancio. Ambos desde esse dia ficaram aleijados: só se arrastavam de gatinhas. Era essa a fraternidade da republica do Paraguay. Ao cepo uruguayano, ao cepo de laço, á prensa ajuntavam-se as torturas naturaes. A fome. A sêde. O esterquilinio. A vasta familia dos mosquitos, os óphtalmicos inclusive. O berne, o pulex. Os sevandijas pediculares. Expostos os martyres ao sol e á chuva, dormindo na lama dos charcos, imagine-se o que a inclemencia dos elementos não ajuntava á atrocidade dos homens!

O que foram *Las Destinaciones!* Assim se chamavam as caravanas de martyres destinadas a fazer centenas de kilometros á pé. A mãe do sr. Juan O'Leary foi uma dessas *destinadas*. Fez o caminho com dois filhos aos braços. Eram tres esqueletos. Tres esqueletos, mas apenas os dois braços, duma cruz ambulante, duma cruz humana, cruz em que o filho desnaturado cuspiu para celebrar a Missa Negra do demonio lopizta.

Nessa jornada sinistra, nesse desfile de espectros o cansaço era crime de morte. A ordem era formal. Tinha sido dada de viva voz pelo proprio *Mariscal*: dois lanços em quem fraqueasse. Esses

lançãos tinham o seu segredo: dois soldados ao mesmo tempo davam o golpe, um pelas costas, a meio da espinha, outro pela frente, no coração, de cima para baixo. A belleza do golpe era quando a ponta das lanças, torcidas como saca-rolhas, tinham uma contra a outra, encontrando-se no corpo da victima!...

O BAILE DOS CARRASCOS

Um livro notavel, *La Masacre de Concepcion*, de Hector Decoud, nome glorioso nos fastos paraguayos, descreve o que foram os morticínios dessa época. Povoações inteiras passadas a fio de espada, para extorquir joias e dinheiro. O maior autor dessas hecatombes, o major Gregorio Benitez, conhecido pela alcunha de *Touro Pixaim*, que pela ferocidade merecera ser um dos favoritos do *Mariscal*, viveu bastante para relatar por miudo como lhe cumprira as ordens.

Oh! a mulher paraguaya! Que doloroso Calvario o dessa creatura, que Deus creou para disputar á chilena a corôa da belleza sul-americana!

Juliana Insfran, prima de Lopez, passa pelo cepo uruguayo e depois é fuzilada pelas costas, aos 24 annos de idade. Seu crime era ser a mulher do coronel Martinez, o estrenuo defensor de Humaytá. Martinez tambem era réo. Réo da culpa de não ter mais que comer e de render-se com a

legião de esqueletos que commandava. O general brasileiro, commovido ante tanto sacrificio e tanta bravura, não se contentou com devolver-lhe a espada e mandou prestar-lhe continencia. A bandeira do Brasil inclinou-se á passagem daquelles bravos que lhe tinham arrancado tantas vidas, mas que o heroismo santificára. Lopez mandou fuzilal-os todos... Pelas costas, como trahidores.

Dolores Recalde, outro nome glorioso no martyrologio paraguayo, passa pelo cepo uruguayo tambem e morre lanceada, pelo crime de ter resistido a um dos verdugos de Lopez.

Deram-se ali scenas inenarraveis. A quadri-lha de magarefes entrava num villarejo e tangia para um galpão vinte ou trinta senhoras, que lá ficavam de sentinella á vista, esticadas por tiras de couro entre dois postes. Despojavam-nas das pobres joias, que não tinham seguido o destino das mais, offerecidas ao tyranno, alianças, cruces, medalhas, bentinhos. *Touro Pixaim* enchia de aneis os oito dedos.

Tinham vindo para roubar e matar. Mas chegava á noite e queriam divertir-se. Armavam um baile... A esperanza de salvar as companheiras entregava-lhes, como passaros assustados, as que ainda estavam livres. Nem todas eram anonymas e obscuras. Muitas pertenciam á melhor estirpe platina e juntavam aos de baptismo nomes como Irigoyen, Urbieta, Agüero, Esquivel, Pedrueza, Ca-

risimo, Quevedo de Aquino, Recalde, Miltos, Garcia, Corbalan, Martinez e Villanueva.

E achavam forças para dansar as tristes! E achavam forças para sorrir as malfadadas!

Rompia a guitarra. Rompia o *Cielito*. Ah, se Deus Nosso Senhor parasse os ponteiros do relógio ou escondesse o sol até que o coração daquelles homens se desempedernisse!

Ah, quem contemplasse de longe aquella scena! O donaire do *Cielito*, a um tempo petulante e grave, dava ao desgarré dos volteios um tom de bizzarria castelhana. E ellas dansavam. A morte no coração mas o sorriso nos labios para poder supplicar, encantar e desarmar! "*Uno dia más!*" "*Uno solo!*" A' resposta inexoravel: "*El Mariscal lo quiere!*" contrapunham ainda a incredulidade da suprema esperanza. E era preciso bailar! E era preciso sorrir! E a noite que estava desmaian-do! E a Santa Virgem da Conceição que não atrazara o curso do sol!

Que é o baile do *Navio Negreiro* de Castro Alves, sob o chicote dos corsarios da liberdade perto dos de S. Fernando, nos braços dos corsarios da honra e da vida?

Rompe a madrugada. Mais um *Cielito!* Impossivel. As ordens do *Carai* são terminantes: "pela madrugada". Expiram as ultimas notas da guitarra paraguaya, tão cheia de saudade e tristeza. Os primeiros raios do sol illuminam o ran-

cho das victimas e a separação dos pares. As mulheres rondam de longe o tôsko presidio de palha, antigo curral de vaccas, onde suas miseras irmãs expiam o crime de ter nascido no Paraguay de Solano Lopez. De repente rola uma descarga de fuzilaria. A festa terminara em hecatombe. Só ahí as desgraçadas comprehendem... Choram e deliraram de dôr. Algumas enlouquecem: tinham dançado á beira da cova da irmã ou da filha e com os seus algozes!

PANCHA GARMENDIA

Sobre todas essas figuras femininas, porém, paira como uma visão celeste a sombra resplandecente de Pancha Garmendia, uma dessas creaturas em que a Providencia, tão raramente prodiga desses dons geminados, reuniu á mais deslumbrante das formosuras a mais completa das perfeições moraes.

A vida de Pancha Garmendia é um epitome da crueldade paraguaya. O pae, depois de reduzi-lo á miseria, roubou-lho a velha raposa sanguinaria que os positivistas enthronisaram no mez de Frederico, o Grande. Orphã cresceu sob o cuidado de uma familia estranha.

Era o carinho, a joia, o orgulho de Assumpção, que nella via o esplendor da sua raça e talvez a imagem da sua belleza moral. Apareceram-lhe

pretendentes á mão de esposa como era natural. Não contavam, porém, com o *Generalito*, que a destinava para si, como tinha feito com tantas outras. O primeiro dos seus admiradores, D. Pedro Egusquiza, foi recrutado para o exercito e mandado para o deserto. Os outros retrahiram-se. O bravo *Generalito*, que, para o sr. O'Leary, é o typo das perfeições, redobrou de insistencia. Panchita nunca lhe deu uma esperança. Não era da massa de que se fazem as barregãs, mesmo de despotas. A sua resistencia cresceu á proporção da audacia do monstro, que só recuou ao vel-a prestes a despenhar-se no tumulo para fugir-lhe.

Estalou a guerra. Annos passaram sobre esse incidente. Pancha, como as outras, foi encarcerada. De lá passou a uma *Destinacion*. Lopez encontrou-a macilenta, ferida, os cabellos empastados pelo sangue do cepo uruguayano. Nem ante aquella ruina da mais linda creatura que o Paraguay já-mais produziu, e que elle reduzira áquella triste sombra, sentiu um vestigio de remorso. Ao contrario. Levou-a á presença da "Madama", talvez para dar-lhe a sentir a omnipotencia do seu poder. De nada valeu á pobre Pancha o inopinado encontro. Aquelle monstro só tinha de humano o aspecto. Ao dia seguinte, recomeçou a sua triste odyssea. Não resistiu. Não pode andar. Caiu. Dois lanceiros confundiram as pontas das lanças através do seu pobre coração.

E' em torno duma figura dessas que a alma paraguaya deve entrelaçar a lenda, a poesia e o orgulho nacional. Nesse destino, que decorreu entre Francia e Lopez, como entre duas catastrophes, se geme todo o soffrimento de uma raça entregue ao pabulo de dois tigres humanos, harpejam tambem em cordas eoleas os canticos sidereos duma Transfiguração. A Donzella de Assumpção é a imagem da Patria paraguaya, que está resistindo ás glorificações posthumas do bandido com o mesmo denodo da sua filha querida ás suas tentativas de infamal-a.

As nacionalidades não se reconstroem ao habito do odio, mesmo agigantado em cyclones e vendavaes. Em torno de Lopez só ha o sangue, a lama, o supplicio, o terror. Que querem os moços a quem desvaira a campanha de Juan O'Leary? Construir uma Prussia sul-americana? Para durar quantos annos, se o modelo typico tão pouco tempo poude manter a sua hegemonia da espada? Cincoenta, sessenta, oitenta annos?

Mesmo que o culto de Lopez fizesse o milagre de transformar seu paiz num vasto quartel, valeria a pena sacrificar-lhe o futuro em troca de um ephemero esplendor militar? Quantos segundos duraria este no relógio do tempo, em que os seculos são minutos?

A DONZELLA DO PARAGUAY

Muitos maiores milagres póde o Paraguay esperar daquella de quem o proprio padre Fidel Maiz dizia:

Pancha Garmendia, a formosa e desventurada Pancha, é a honra e a gloria do seu sexo. E' a Donzella do Paraguay como Jeanne d'Arc é a Donzella d'Orléans."

Esse voto de consagração canonica é, na vida do bispo Cochon assumpceno, o minuto de contricção que resgata annos de culpa. Já constitue de per si o primeiro dos milagres.

Remove a perspectiva do castigo sinistro com que a França respondeu ao carrasco de Ruão: o ferrete suino, o enchiqeuimento do seu nome nas pocilgas do idioma. Pancha realisou o milagre de pôr na garganta de Maiz em vez do coicho symbolico um hymno do paraiso. Rehumanisou o egresso da humanidade, que esbofeteara senhoras e mutilara prisioneiros.

Tinha razão o redimido sacerdote, cujo coração se despederniu ante a visão da Martyr. Ha uma secreta analogia entre Pancha Garmendia e o plasma de que se formam as eleitas. Mais, porém, do que com Jeanne d'Arc, que foi a reacção, Pancha parece-se com Therezinha de Jesus, que foi a Aceitação.

O aperfeiçoamento espiritual desta foi contemplativo. A immolação de Pancha é da mesma familia.

Ambas tiveram de commum a resignação para viver, muitas vezes bem mais meritoria do que a de morrer. Os pulmões da Donzella do Paraguay tinham as cellulas radiantes com que Therezinha aspirava o oxygenio da Eterna Vida. O ar da terra, bochornado de sangue pelo halito do tyranno, era a asphyxia. Pancha como a Therezinha respirava o do céo.

Tão puras ambas como a agua da fonte em que bebia São Francisco de Assis, a virtude, o martyrio e a fé da *poveretta* de Assumpção dir-se-ia que desabrocharam no berço de Therezinha, que nasceu quatro annos depois da sua morte.

Conta uma lenda paraguaya que depois do lanceamento de Pancha nasceram as primeiras roseiras nos desertos do Espadin e do Arroio-Guazú. Não parece o annuncio prophetico da Virgem das Rosas? Não parece que foi o sangue de Pancha que tingiu de vermelho as rosas da Therezinha?

Por que não havemos de pensar, por que não hão de admittir mesmo os incredulos, que á influencia espiritual da caçula das Santas os paraguayos olhem com mais attenção para a sua *Donzella do Martyrio*? Que á sua influencia se embe-

bam no horror á violencia e no culto das crenças que unem os povos em vez de dividil-os?

Teria assim uma finalidade o supplicio de Pancha Garmendia. Abriria os olhos ás novas gerações. Mostrar-lhe-ia quem foram Francia e sobretudo Lopez. Seria a imagem da terra paraguaya, sacrificada na sua belleza, no seu heroismo, na sua fecundidade, no seu futuro.

São epidemicas e inevitaveis as seitas demonolatricas. Ha pessoas no Paraguay que andam com o retrato de Lopez á lapela. Mas cada vez que uma senhora paraguaya lhes perguntar: "Quem foi Pancha Garmendia?" hão de vel-as empallidecer, disfarçar e calar.

Quereis exorcismar o fantasma de Lopez das ruas de Assumpção? Segurae-o onde estiver, na botoeira dos inexperientes, na penna dos ambiciosos, na intriga dos exploradores, na colera dos illudidos e perguntae: "Lopez, o que fizeste de Pancha Garmendia?"

Como ao grito do Senhor: "Caim, que fizeste do teu irmão?" só lhes responderá o silencio.

O primeiro milagre da Donzella do Paraguay foi a redempção do padre Maiz. O segundo será o exorcismo de Lopez.

AS FAÇANHAS DEL HERÓE

Tudo corrompeu Lopez no Paraguay até a religião. O seu maior verdugo foi o padre Maiz,

hoje tambem proclamado Santo, o celebre padre Maiz que esmagou a martelo os dedos de las Carreras. Ao seu lado o padre Roman, a quem Dolores Recalde deveu o seu triste destino.

Mais abaixo os padres Borgia e Velasquez que punham nos retabulos do Santissimo Sacramento o retrato do tyranno, que andavam com escapularios que tinham numa face a sua photographia e na outra a de Elisa Lynch. Os moribundos pediam-lhes para beijar a imagem de Christo e de Nossa Senhora. Mas o que os renegados lhe chegavam aos labios eram as duas sacrilegas imagens.

Feitas direito as contas ver-se-á que no Paraguay do seu tempo morreram 400.000 pessoas, quasi metade do paiz. Correram por conta dos alliados talvez 30.000 cahidos em combate. Por conta das epidemias o dobro. O resto todo deve ser inscripto na conta corrente de Lopez na columna do debito. As migrações em massa por elle ordenadas destruíram mais vidas que combates e epidemias juntos. A fome que elle produziu pela imprevisão de arrancar á lavoura todos os braços, a miseria, a fraqueza, o duplo.

Não se póde fazer o computo das suas execuções. Não se contam as areias do oceano. Mas não foram as armas dos alliados que escolheram a flor do heroismo e da cultura paraguaya para cortal-a. Não foram elles que sacrificaram o grande Berges, os generaes Bruguez, Resquim e Bar-

rios, o commandante Meza, o coronel Martinez e tantos outros.

Se alguém desejou, com todas as veras daquillo que nos outros se chama alma e nelle só se póde chamar instincto sanguinario, se alguém desejou com todas as fibras de sua sanha de louco que um povo tivesse uma só cabeça para cortal-a, foi Lopez. Quem lhe estuda os ultimos mezes de vida, em que ordenava a media de 65 fuzilamentos diarios, sae convencido de que elle estava executando o plano de exterminar o Paraguay. Sacudiu ahi os ultimos laços que o prendiam á humanidade. Mandou executar os dois irmãos Benigno e Vanancio Lopez e os dois cunhados Bedoia e Barrios com requintes de crueldade. Passaram os quatro pelo cepo uruguayano; os quatro foram reduzidos á attitude de animaes, obrigados a arrastarem-se sobre os pés e as mãos.

Dizem os seus defensores que Lopez exercia um direito e castigava uma conspiração. Demos de barato que as victimas fossem culpadas. Concedamos até a tortura. Mas, se só castigava forçado pelo dever militar, por que, por que obrigar-lhes as mulheres a presenciarem a trituração dos ossos, a laceração das carnes, a deslocação da columna vertebral? E essas desgraçadas eram suas irmãs...

Parece que com o supplicio dos irmãos chegamos ao 34.º canto deste Inferno dantesco, onde

Lucifer, o Imperador do Reino Doloroso, encravado no gelo até o meio do peito, e grande de uma milha tritura os condemnados entre as maxillas das suas tres boccas: .

*“O quanto parve a me gran meraviglia
Quando vidi tre facce a la sua testa!”*

O PARRICIDA

Não. Esse monstro dantesco tinha tres faces e tres boccas. Com a primeira devorava os homens. Com a segunda as mulheres paraguayas. Com a terceira toda a familia.

Não o satisfazia o sangue dos irmãos. Queria o da propria mãe. O Lucifer do florentino é mais humano: devorava estranhos. Faltou-lhe um grau de horror. Deixara ao *mariscal* Francisco Solano Lopez a honra de o attingir com os seus requintes de tortura guaycurú, encarcerando, seviciando, esfomeando a propria mãe. Quatro dias deixou-a sem alimento algum, e, quando um infeliz soldado, condoído dos seus soffrimentos, teve a piedade de soccorrel-a, pagou com a vida o crime de dar um punhado de farinha áquella que o alimentara com seu sangue. Deixou-a desnudar até a cintura para que as cutiladas do verdugo imprimissem melhor as marcas. Expoz á curiosidade sacrilega dos carrascos o pudor daquelles seios em que bebera o leite da vida. Man-

dou estampar-lhe no rosto, como um ferro em brasa, a bofetada covarde do padre Maiz, da qual annos mais tarde, esquecendo os estigmas indeleveis dos espadaços, diria a desventurada senhora: "*Aun siento en las mejillas el calor de las manos del padre Maiz!*"

Nas tragedias do parricidio não conheço mais torva. Relampagos muitas vezes de loucura, essas allucinações de atrocidade não duram mais que o segundo bastante para desencadear a violencia e deixar o criminoso muitas vezes marmorizado de horror ante os effeitos preterintencionaes do seu desvario.

No parricida paraguay nada disso. A violencia reveste a riqueza imaginativa das peores torturas mongolicas. Só lhe faltou o desfecho. Lopez deve ter morrido com esse pezar: os nossos soldados interromperam o curso da mais bella criação da sua atrocidade! Chegaram a Cerro-Corá justamente no dia em que a sua imaginação shakespeareana, que escrevia tragedias em carne viva, ia coroar com o mais gigantesco dos epilogos a ultima criação do seu genio.

Eis o homem "maior que Bolivar e San Martin!" Eis "*o vulcão que rebentou em ondas de luz na historia sul-americana!*"

Não. O Paraguay tem mais sentimentos de humanidade do que pensam os que o vilipendiam aos olhos estrangeiros pela mais infame das cam-

panhas. Esse bandido nunca será o seu heroe nacional.

D. Joanna Carilo de Lopez viveu o bastante para chorar debruçada sobre o corpo do filho. Se a maior das dores humanas foi a da mãe de Judas, ninguem na terra com certeza poude comprehendel-a tão bem como a viuva de D. Carlos Lopez. Mas era mãe. Tinha de chorar o filho.

Suas duas filhas acercaram-se-lhe para consolal-a. Traziam os olhos enxutos. Procuraram a palavra que lhe fosse direito ao coração amargurado. Rafaela, a viuva de Bedoia, não encontrou senão estas: "Mãe, não chores, elle não era irmão nem filho!"

Irmão do Paraguay o Brasil póde dizer á humanidade: "Não chores: esse parricida foi o monstro dos monstros".

E QUINDI USCIAMO...

Mas é tempo de sairmos do inferno. Deixemos longe de nós o ranger dos dentes e o guayar dos castigos. Affirmemos mais uma vez que não lutamos contra o Paraguay e sim contra Lopez. Affirmemos mais uma vez o heroismo dos seus soldados, mas não maior do que o dos nossos. Aos seus generaes como Diaz e Caballero, aos seus Genes, Bados, Martinez, Rivarolas e Lopez Yacaréz podemos contrapôr os Caxias, os Osorios, os

Porto-Alegres, os Andradas Neves, os Menna Barretos, os Barrosos, os Marcilios, uma centena de nomes, menos resplandescentes mas tão altos, além da myriade de heroes obscuros que estrellaram a nossa historia de sacrificios e actos de bravura tão singulares como os paraguayos.

Ha uma illusão de perspectiva quando se pensa que o interesse humano foi todo pelo Paraguay. Os Davids que se armam para lutar trahicoeira-mente com os gigantes desprevenidos são necessariamente mais fortes do que elles. David lavou as cinco pedras do rio, guardou-as no surrão e foi a campo com a funda. Era uma luta leal. O simile biblico da desproporção não calha no caso. Gigante seria o Brasil. Mas o bom gigante, como São Christovão, que vadeava aos hombros os viandantes. S. Christovão tomou nas costas o Paraguay, atravessou com elle o Atlantico e levou-o á Europa, para que lhe reconhecesse a independencia. Feita a tarefa o bom gigante deitou-se a dormir. De repente sentiu nos pés um lacrau. Es-magou-o. Para encontral-o, porém, quantos sacrificios, quanta tortura, quanto trabalho! Não, a luta não foi desigual! Nossos soldados iam para o desconhecido. Cercados de feras, de epidemias, atravessando *esteros* e paludes, vingando macegas e bosques invios, atraz dos quaes um homem vale por vinte, lutamos quatro annos, erguemos a improvisão contra a premeditação, o patriotismo con-

tra o fanatismo, a desafronta contra o odio. Mas depois de termos provado ao mundo que sabiamos defender a honra nacional não se nos encontrou no coração um resquicio de odio e respondemos á injuria com o perdão.

A guerra do Paraguay custou-nos cem mil vidas, e não lhes tiramos em troca um palmo de territorio, como já deixei demonstrado. Do embolso da sua divida não ha no Brasil quem cuide, a não ser para abatel-a numa proporção que nem humilhe o orgulho paraguayano nem ridicularize o innocente obrigado a pagar as culpas do peccador. Não me parece que o cotejo das duas áttitudes nos seja desfavoravel, e que o *interesse humano* seja pelo Paraguay.

...A RIVEDER LE STELLE

A humanidade está hoje talvez na curva decisiva dos seus destinos. Adeante entroncam-se na estrada geral dois caminhos: o da paz e o da guerra. Turmas de trabalhadores occupam-se no preparo do leito quer duma quer doutra. Qual delles ficará prompto primeiro, annunciando o abandono do outro?

Creio na paz porque creio na civilização. Creio no homem, porque creio na cultura. Creio na evolução, porque contemplo ás transformações do senso moral, que, apesar dos inevitaveis des-

vios, têm, dia a dia, melhorado o mais tenebroso dos instintos: a violencia. Mais tempo ha de durar com certeza a luta contra a fraude. Mas longe não deve estar o dia em que ella tambem seja tão incompativel com os costumes quanto estes o são hoje com o homicidio. Por que descremos?

Os attentados de sangue dia a dia diminuem. E se mais não diminuem é porque a imprensa ainda não se convenceu de que a publicidade escandalosa é o maior estimulo para a sua reiteração, influindo sobre almas incultas, que muitas vezes pagam o retrato no jornal com o tostão do sangue alheio. Mas, graças a Deus, os coefficients da criminalidade todos mingnam por obra da elevação do nivel geral.

Apenas a grande criminalidade, a criminalidade da mentira, a criminalidade do odio, a criminalidade das marchas e bandeiras, a criminalidades de trompas e clarins, a criminalidade de aeroplanos e submarinos, a criminalidade de canhões e gases asphyxiantes, a criminalidade da guerra, com o seu trem de euphemismos e o seu trom de palavras equestres, apenas a Guerra, magnificada e santificada, não desce das fallazes altura em que a illusão da humanidade a enthronisa como a mais alta finalidade da civilisação!

Trabalha um homem e cria e educa um filho com o suor do seu rosto, á custa de todos os sa-

crifícios. Revê-se nessa carne da sua carne, nesse espirito de seu espirito, nessa alma da sua alma, pedindo a Deus que lhe pague em juro de bençãos sobre a cabeça do filho o capital que inverteu nas proprias provações. Eis o teu filho, adolescente, entre as bençãos da mãe, o carinho das irmãs e o interesse promissor da noiva! Inda não viveu, mas espera a vida entre flores. O que se dá aqui contigo, dá-se tambem ali com o teu vizinho de casa, morador como tu na grande praça do Universo. São talvez amigos os dois adolescentes. Talvez que os olhos da irmã deste volvam para aquelle os sonhos côr de rosa do seu coração. Mas eis que se cruzam os fios dos telegraphos: odios de raças, perspectivas de reinvidicações, preocupações commerciaes, ambições de conquistas, dignidades feridas, imperialismos. Ennegrecem os ares. Chocam-se os cyclones do orgulho nacional. Desce a cortina sagrada do patriotismo, que fecha os limites da analyse. E a Deusa sangrenta, illuminada de fuzis, apparece no horizonte, brandindo a espada das reivindicções, que relampeja menos do que seus olhos. "Dá-me o teu filho!" Ouve o pobre pae deste lado. "Dá-me o teu filho!" Escuta o seu vizinho. "Dá-me os filhos para que se despedacem como tigres! Preciso delles para o meu festim de carne humana. A minha majestade cesarea exige que o mundo não passe de um Colyseu! De que vos quei-

xaes?! As mães não aleitam os filhos para morrerem nas batalhas?"

"Tenho palavras de amavios irresistiveis para os que morrerem. Sacrificio, heroismo, gloria. Que mais queres, homem insensato". "Deste-me um homem e eu te restituo um heroe, deste-me uma creatura e eu te restituirei um immortal!"

E' assim que fala a Guerra. Tristes dos que a escutam!

Não. Erinnya maldita! Tu que pretendes pagar-me com europeis o sangue dos teus banquetes, podes arrancar-me o filho, porque és o numero, a compulsão, a força organizada e irresistivel. Mas a tua fronte, enroscada de serpentes como a da Medusa, não me impedirá de desmascarar-te, homicida mascarada de gloria. A gloria não és tu. A gloria é o trabalho, a semente, a flôr, o fruto, a messe, a geração, o esforço, o engenho, a labuta, a invenção, a descoberta, o pensamento, o regime inerme dos que cream a riqueza, a cultura, o aperfeiçoamento, a solidariedade humana. Tu não crias, destróes. Tu não edificas, arrazas. Tu não aperfeiçoas, deformas. Tu não pregas a verdade, disseminas o erro. Eu te conheço, sinistra e bebedeira vivandeira, que tens acompanhado cambaleando o sequito de todos os inimigos da civilização.

O teu imperio sinistro está nos ultimos estertores. Já te ergueste como um arco-iris de san-

gue do seio ridente da Guanabara ás margens do Rio da Prata. Que fizeste? No que melhoraste a sorte dos dois povos que arrastaste ao campo de batalha? Qual delles ganhou por te ouvir os conselhos? Ambos depois da luta, cahiram extenuados e nenhum dos dois ainda se refez das feridas que abriste. Um não additou ás suas as forças que o outro perdeu. A fraqueza do vencido não augmentou a robustez do vencedor. Passados cincoenta annos um olha para o outro e ambos podem perguntar: "O que fizemos? Para que? Com que fito?" Para perdermos dez vezes aquillo pelo que lutámos?

Repito. A éra da violencia internacional ha de ter o seu dia, como teve a Éra dos Caudilhos no Rio da Prata, como teve a Éra da Escravidão no Brasil. Tudo o annuncia. Forma-se uma consciencia internacional. O arbitramento floresce em Haya, sob os auspicios de uma côrte cujas sentenças se revestem da majestade irrecorrivel da consciencia.

A Sociedade das Nações tacleia em busca duma formula que congregue todas as nacionalidades em torno do novo Direito dos Povos. Pouco importa que ainda se não desprendesse do velho conceito da Força indeclinavel. Pouco importa que ainda queira enfeixar os destinos do Universo nas mãos de quatro ou cinco potencias, que se arrogam o direito de dividir entre si os destinos

dos mares e dos continentes. O grande principio está firmado, apesar das falhas da sua execução, que correm por conta das contingencias humanas. E á sombra desse principio ha de surgir bem cedo a formula que resolva a equação dynamica da Paz. Por isso mesmo os que não levaram a Sociedade das Nações, o concurso do seu nome têm certeza de que hão de fazel-o mais cedo ou mais tarde, desde que a igualdade das soberanias, que um dia se levantou em Haya á voz dum brasileiro, como a estrella de Belem dum mundo novo, se torne a expressão de um facto reconhecido e não o euphemismo dum voto tão depressa enunciado pela palavra como desmentido pelos actos...

Guerra! Sinistra divindade! os teus dias estão contados! Na tua ronda sinistra talvez inda encontres ovelhas perdidas para devorar. Mas não será por muito tempo. Has de passar, como passa tudo que não repousa sobre o coração, inda amanhã, como hontem e como hoje, o foco da energia da criação e da vida. Tu arrastaste um dia o Brasil contra o Paraguay. Elles te conheceram, viram o que és e arrancaram-te a mascara. Elles te maldizem!

O reino da Paz ha de chegar sob os auspicios do Christianismo, que não é mais do que a systematisação da parte divina que ha no coração dos homens. Quando Elle surgiu na Galiléa já annunciára a eclosão dum mundo melhor, que lhe viria

substituir na corôa de espinhos do Golgotha o dístico da irrisão pelo de Príncipe da Paz. E' para Elle que nos voltamos, pedindo ao senhor das Nações que congregue os homens de boa vontade dos dois paizes para que reparem juntos os erros do passado e juntos marchem para o porvir, para a fraternidade americana, que é a fraternidade universal e para o dominio da civilisação, que é o dominio do Direito.

O Brasil e a raça

*Conferencia feita na Faculdade
de Direito de São Paulo a 19
de Junho de 1928*



ESPIRITO NACIONAL

O Brasil é dos brasileiros. Mas, para que o seja sempre, é preciso, antes, que os brasileiros sejam do Brasil. Por que essas palavras?

Porque quem observa com atenção o nosso paiz, nota que lhe falta espirito nacional. Não o espirito nacional capaz de todos os sacrificios na hora do perigo. Mas o espirito nacional numa forma mais energica e menos estatica: o espirito nacional no estado radiante.

Um méro confronto com a Argentina mostra que os seus estadistas e pensadores conseguiram crear um estado psychico, feito de orgulho e ansia de aperfeiçoamento, que se traduz numa simples palavra: *la argentinidad*.

Esse grande principio, que inspira a imprensa, o magisterio e a politica, leva a todos os corações argentinos a sua formidavel luminescencia. A esse clarão aprendem as creanças a historia, e os homens o dever militar, que ali é uma consequencia da cidadania.

Ali, na vizinha Republica, seriam impossiveis mestres que praticassem a detracção da Patria, e militares que fornecessem argumentos a possiveis reivindicacões ou desforras estrangeiras, obrigando os paisanos a dar-lhes lições, quando não de historia, de civismo.

Como a Argentina nos ensina a escrever a historia dentro das finalidades nacionaes! Piedosos euphemismos dissimulam, nos seus livros didacticos, os erros e faltas dos antepassados. Os compendistas elementares, quando tratam de um Rosas ou de um Guemez, deixam de lado os seus defeitos para só destacarem, das suas existencias, o lado nobre, o momento feliz em que encarnaram a reacção contra o estrangeiro. O alumno argentino nunca regressaria da escola para o lar sentindo nas faces o rubor de pertencer a um paiz que praticou a covardia de esmagar, sem motivo um vizinho fraco.

Aqui, no Brasil, dá-se exactamente o contrario. Estabelecimentos de ensino ha, em capitaes dos mais cultos Estados, onde professores de Historia do Brasil omittem a Guerra do Paraguay, para não falar dessa "vergonha nacional". Outros, de tradição quasi secular, adoptam compendios onde se vilipendia o Imperador, apontado como autor da Guerra do Paraguay, e onde, entre os fundadores da Republica, se omittie o nome de Ruy Barbosa, seu organisador. Com este, o des-

plante chega ao ponto de se escrever que a lei de separação da Igreja do Estado é da autoria de Benjamin Constant. O caso aqui se complica de insensibilidade moral. Trata-se dum facto material, dum decreto cujo autographo tem sido varias vezes reproduzido em clichés pela imprensa. Como explicaria esse mestre aos alumnos o estellionato historico?

Homens que vestem farda e prestaram juramento á bandeira, desdenhando documentos que confessam não ler, repetem, com a renitencia dos relapsos, que, na Guerra do Paraguay, todas as culpas foram nossas. Embalde luzeiros do nosso exercito como Souza Docca e Mario Barreto mettem-lhes pelos olhos a dentro textos irrefragaveis, officiaes, insuspeitos, de origem paraguaya e platina. Nem se dão ao trabalho de lel-os, porque Teixeira Mendes não podia errar... O mecanismo da sua logica é o *magister dixit*. Não admira. O proprio Teixeira Mendes negava a possibilidade da navegação aerea, porque Augusto Comte não a admittia. Como ainda ha pouco accentuava o sr. Medeiros e Albuquerque, o governo brasileiro, soffreu, quando auxiliou as experiencias de Augusto Severo, uma campanha do positivismo, porque o philosopho de Montpellier suppunha insolúvel o problema da dirigibilidade. Poderia o brilhante escriptor ter ajuntado que a vacinação obrigatoria e os expurgos domiciliares,

medidas cuja imperiosa legitimidade seria ridiculo encarecer, provocaram campanhas iguaes do com-tismo.

O positivismo tem sido, no Brasil, o maior dissolvente do Exercito, confessava-mo, ha pouco, comquanto sympathico ás linhas geraes da doutrina, um dos mais brilhantes officiaes brasileiros. Preconisando a dispensabilidade das classes armadas, graças á theoria de que passou o seu tempo, tudo envidou essa escola para quebrar-lhe as molas do enthusiasmo e da fé. Tirando-lhe a consciencia da sua significação nacional, concitou-o virtualmente á indisciplina. Afrouxou os laços de obediencia ao poder civil, que um Foch, supportando as rabugices de Clemenceau, julgava necessarios á grandeza da sua missão de salvador da França.

Mas não param ahi as responsabilidades do positivismo. Encampando a glorificação de facinoras como Francia, abriu caminho para a de Lopez. Condemnando os nossos estadistas, que guiaram a espada dos nossos generaes, tentou apodrecer, no coração do exercito, as raizes das suas mais gloriosas tradições, e plantar, em lugar dellas, a arvore exotica da *paraguaydad*.

Cabe aqui ventilar um problema de ethica militar. Póde conciliar-se com a missão de defensor da Patria, verdadeiro sacerdocio cuja profissão de fé implica a renuncia de tantos e tão

sagrados sentimentos pessoaes, o papel de advogado de paizes estrangeiros?

Que o digam os officiaes de todos os exercitos do mundo.

Permissivel, talvez, aos historiadores, necessaria, talvez, nos sociologos, essa liberdade de idéas, esse ponto de vista de Sirius, essa falta de preconceitos raciaes torna-se, no que professou a sagrada missão de defensor da nacionalidade, um crime de lesa-patria incompativel com a honra militar.

Quem dá razão a um paiz estrangeiro contra o seu, principalmente numa questão secular, possivel de renovação quando menos se espere, fornece armas contra elle, pratica um crime mais grave do que o da espionagem, torna-se um agente provocador do estrangeiro. Quem tem idéas desse jaez, antes de expendel-as deve praticar o unico acto compativel com a dignidade: despir o uniforme. Vir para a rua detrail-o, emquanto o envergar, é um sacrilegio que faz estremecer no tumulo os ossos dos que cahiram no campo do dever amortalhados na honra de vestil-o.

A profissão das armas não é uma escola de metaphysica, nem um jardim de *Académus*. É um duro e penoso noviciado, onde se renunciám affeições e direitos, onde a liberdade de analyse expira nas fronteiras do interesse nacional. Perdem tempo, por isso, os rancores mais ou menos

fardados que tentam se me atravessar no caminho. Entre as unhas de tamanduá das suas protervias e as verdades que estou defendendo está a consciencia nacional.

Poucos factores terão concorrido tanto para o descaso com que se olha, no Brasil, a nossa missão historica quanto o esmorecimento da susceptibilidade nacional, cujo maior centro sensitivo é, em toda a parte, o exercito.

Sinto-me á vontade para essa affirmação. Amigo da paz e do desarmamento, que logicamente implica a extincção das corporações armadas, parece um contrasenso que affirme a missão providencial dos exercitos quem propugna pelo seu desaparecimento. Contradição apenas apparente. O desarmamento é um ideal remoto. Só se póde realisar depois da formação e do amadurecimento de uma pan-consciencia capaz, pela sua força, de sobrepôr-se aos regionalismos e de curvar as rivalidades internacionaes ante os interesses da especie.

Mas, enquanto não surgem novas gerações cuja mentalidade organise um systema de freios e contrapesos, tanto moraes como materiaes, que impossibilite o espirito de conquista, é preciso que cada nação, de sobreaviso, fazendo-se respeitar, tire ás outras, quasi sempre as vizinhas, as tentações de aproveitar-se da sua fraqueza.

O Brasil, mais que nenhum outro paiz, tem

necessidade de um exercito. Mas estricta e disciplinarmente alheio á politica. O ingresso ás armas deve implicar uma abdição total, como a entrada numa ordem religiosa. Tem de ser um voto civico de renuncia. As forças armadas são a columna vertebral da patria, o mecanismo anatomico que a conserva de pé. Quem lhe quizer pertencer tem de apurar, no mais alto gráu, o espirito de sacrificio, que é a sua essencia, e que é mais incompativel com a indisciplina espiritual do que com a material.

Uma rigorosa selecção deve preceder a admissão nas fileiras, de cujo estagio deve depender a conquista da cidadania, e a primeira lei do Decalogo militar tem de ser esta: "Tens de ser soldado e mais nada".

A gloria de defender a nação, de ser a sua tranquillidade e a sua honra, compensa bem os sacrificios dessa classe privilegiada que, encerrada dentro na sua missão, deve ser a primeira, a mais cercada de carinho no coração de seus patricios.

Os exercitos — e nessa expressão comprehendendo tanto as forças de mar quanto as de terra — valem pelo que sentem. O patriotismo é a metade da victoria.

Dos factores em jogo nos conflictos internacionaes, a Grande Guerra veio provar que, em ultima analyse, o mais poderoso é o espiritual.

Só elle tira partido das armas e efficiencia do preparo bellico. Todos os calculos de probabilidade, que repousam apenas sobre differenças materiaes, elle os tem desmentido com a surpresa dos seus milagres.

Quantas vezes o principio espiritual não tem conseguido vencer, antes de lutar! Tal a sua importancia e o seu peso, que batalhas houve, ganhas por um lado e perdidas por outro, antes de travadas.

Não precisamos ir muito longe para proval-o. Quando as reivindicações liberaes da Argentina defrontaram o caudilhismo de Urquiza, nos campos de Pavon, dir-se-ia, que o choque das duas phalanges não passava de uma formalidade. A batalha estava de antemão perdida pelo regulo entre-riano, assegura, sem temer renunciar aos loiros da peleja, o proprio Mitre que o desbaratou. O apparatus das forças não passava de méra formalidade. O espirito nacional argentino, simples factor imponderavel, vencera de antemão as resistencias da força bruta, viva na apparencia, no numero dos soldados e no poder dos armamentos, mas de facto inerte na medulla de acção.

A primeira mobilisação de um paiz é a mobilisação espiritual. O seu mais poderoso armamento está nas almas. Sobrepairando ás suas dissensões internas, a França pode improvisar as maravilhas da sua resistencia, porque cada cora-

ção francez, bonapartista, orleanista, socialista, communista ou radical, na hora das grandes reivindicações, se sentia ligado ao seu adversario de hontem por uma affinidade inaccessible a velhos rancores.

E' que todos os grandes paizes mantêm um terreno sagrado onde não penetra a discussão. E' ahi nesse campo de concentração moral que se reúnem todos os filhos de uma patria ameaçada.

Terá o Brasil esse recinto sagrado onde, ao primeiro vestigio de perigo, se reúnem todos, sem distincções de origens e principios? Tem-no. Não será preciso que Catilina bata ás portas de Roma para proval-o. Nem por isso comtudo se deve deixar o campo livre aos que intentem destruil-o.

Pela sua immensidade geographica, pela difficuldade de communicações, o Brasil é um organismo onde o sangue do pensamento corre lentamente. A sua circulação topa, no curso, com as concreções com que a paixão politica e a imprevisão do futuro lhe tem obdurado as arterias mais nobres. Temos de combater por todos os meios esses agentes da esclerose e de dissolver esses sedimentos vasculares.

A primeira necessidade do Brasil é crer em si proprio. Conhecendo a sua historia, encarando de frente as accusações de inferioridade que se lhe fazem, convencendo-se da inanidade das prophcias pessimistas com que o preconceito ou o

odio lhe têm medido a curva no futuro, terá elle a consciencia de si proprio e poderá proseguir na sua jornada.

Não podemos consentir que o Brasil seja um eterno calumniado. Precisamos dar-lhe a consciencia exacta do que vale. Nem o delirio laudatorio, nem o pessimismo negativo. Entre essas duas correntes ha lugar para a critica imparcial e serena.

Até ha pouco, vergavamos a cabeça sob imaginarias culpas na Guerra do Paraguay. Não nos déramos ao trabalho de destrinçar a meada de documentos que escondiam a sua genese e os seus propositos. Aceitavamos como definitiva a versão tecida pela habilidade paraguaya com o engenho de uma rendeira de inhanduty.

Não me dobrei á calumnia historica. Desconfiando-lhe da veracidade, não me conformei com recebê-la sem verificar-lhe as fontes. Corri archivos, colligi documentos, confrontei informações e breve conclui e demonstrei que a Guerra do Paraguay fôra provocada por este. Attestado de que o meu trabalho destruiu a diatribe historica foi que ninguem me poudo responder no terreno dos documentos que exhibi. Os mais renitentes limitaram-se a invectivas pessoases, rechinantes de despeito. Quanto ao nucleo da questão, porém, não lhe tocaram. Ao passo que as outras nações tudo envidam para elevar o cara-

cter nacional, nós recebemos as campanhas de humilhação estrangeira como se a nossa sensibilidade estivesse revestida da couraça do tapir.

Uma vasta propaganda em castelhano, cujo ponto de irradiação visível é o Paraguay, dissemina por todas as republicas néo-espanholas a noção de que somos um paiz aleivoso, que se constituiu geographicamente com terrenos usurpados, dos quaes é preciso expropriar a nossa "população de negros e mestiços".

Raros são, desses paizes néo-castelhanos, os que não têm um escriptor a serviço da calumnia historica que inspira despropositos desses, desde o Mexico, com Carlos Pereyra, até o Uruguay com Luis Alberto de Herrera, deixando em meio a Venezuela com o seu reboante e vazio Vargas Vila.

De quanto tem calado essa campanha contra nós é medida um artigo recente, de um escriptor colombiano, de que nos falou Ronald de Carvalho no *O Jornal*. Prophetizando a nossa desintegração em tres pedaços, aquelle lemure cadaverico de Solano Lopez concita as outras republicas sul-americanas a cortarem, cada uma, o seu quinhão nas nossas fronteiras. Esse convite para uma churrasqueada, onde fazemos o papel de rez morta, em cujo lombo cada qual dos convivas vae cortar o tassallo de carne para o braseiro, dá bem a medida de como nos encaram em certas rodas permeaveis á campanha lopezguaya.

Não nos podemos todavia queixar. Não o fazem senão em virtude de uma propaganda que nunca procurámos destruir e reduzir á sua indiscutível inanidade. Não o fazem senão apoiados nos escriptores brasileiros que nos apontam como algozes do Paraguay.

SYSTEMATISAÇÃO DA BRASILIDADE

Se queremos ter uma consciencia collectiva que não nos falhe no momento opportuno, é preciso primeiramente crear as consciencias individuaes, que a constituem. Esse trabalho deve começar nas escolas, proseguir nas academias e systematisar-se em cadeiras especiaes, nos centros de cultura superior. Precisamos ser um paiz varrido de calumnias. Precisamos crear um Brasil novo. Precisamos mostrar ao estrangeiro o Brasil tal qual é. Precisamos fazer a integralisação espiritual do Brasil. Para isso, não são precisos esforços de imaginação. Basta dizer rigorosamente a verdade.

Antes que cada brasileiro sinta brasileiramente o Brasil, este não será capaz de esforços uteis no caminho do aperfeiçoamento. O corpo compõe-se de cellulas vivas. Todas ellas contribuem para o equilibrio geral. Quando ha cellulas degenerescentes ou malignas, o organismo soffre, sem o querer,

o influxo nefasto das zonas enfermas e perde o melhor da sua energia. Regiões existem no Brasil, das mais povoadas, que estão apenas á espera de motivos para acendrar pelo raciocinio o amor instinctivo da patria, que receberam no berço. As nossas populações do sul, onde a mescla européa é tão forte, os sertanejos do meio-dia, os caboclos nordestinos e os *paroaras* da Amazonia, quando souberem o que é realmente o Brasil sentir-se-ão orgulhosos de lhe pertencerem. Precisamos não deixar ao *criollo* dos pampas e dos contrafortes andinos, em cuja cutis bronzeada ainda reponta o indio, e que se glorifica de ser argentino, o privilegio de ter como caracteristico primacial o orgulho da patria.

Ao lado de cada abecedario deve haver um resumo da nossa historia tal qual é. A primeira consequencia da alphabetisação deve ser gravar no coração do alumno a imagem da Patria. E cada mestre que saía das Escolas Normaes deve ser, tanto como um professor, um apóstolo desse culto.

Esta sub-estructura espiritual tem de ser o alicerce, o baldrame, o enrocamento do edificio nacional. Com ella poderemos fazer milagres. Sem ella, estamos votados á desintegração que vaticinava o escriba colombiano. Realisaremos a prophesia de Herbert Spencer, de que as sociedades fracamente organisadas estão á mercê de

seus vizinhos. Esse trabalho de architectura nacional tem de ser a obra de muitas gerações. Não cabe nas forças de uma só, que poderá, quando muito, traçar o seu delineamento.

A TRANSFORMAÇÃO DO JAPÃO

Dir-se-á, talvez, que o desejo de tal realisação transcende os limites do possível. Retorquerei que não, e com um exemplo mais ou menos recente.

Em peores condições de cultura se achava, incontestavelmente, o Japão de 1865. Tudo ali estava por fazer, ao passo que nós, embora pouco, alguma coisa temos de feito. Um estadista amarello realisou a irmanação de Washington e Sarmiento, necessaria para tal empreendimento. O Marquez de Ito, primeiro ministro do Imperio, traçou o programma de reconstrucção nacional.

O seu primeiro cuidado foi a criação dos operarios que deviam realisar a grandeza nipponica. Viu que, sem elites humanas, todo o seu esforço seria improficuo. E, como as elites humanas não se formam senão pela aquisição das conquistas seculares da sciencia, cujos repositorios unicos estavam então no Velho Mundo, nas universidades, nas escolas profissionaes, nas officinas, nas forjas, nas usinas, nos laboratorios, espalhou por elles, como bandos de andorinhas, os

pequeninos descendentes dos samúrais, que, em breves annos, de regresso ao lar, trariam ao velho Imperio dos Choguns as fórmulas da sua evolução e os instrumentos do seu progresso. Em cerca de meio seculo, durante o reinado de Mutsu-Hito, o Japão correu os seculos de civilisação que o separavam do Velho Mundo. Dir-se-ia que calçara as botas de sete leguas da fabula, nesse páreo do progresso. E um bello dia a humanidade, attonita, contemplava este espectaculo quasi maravilhoso: o pequenino guerreiro oriental vencera, peito a peito, em luta descoberta, o colosso slavo, cuja musculatura dominara a de Napoleão e que, depois de Waterloo, fora, por decennios e decennios, um dos arbitros do Universo.

IDÉA E ACÇÃO

A acção, antes de ser acção, é, foi e será sempre idéa. O braço não move a cabeça, e, emquanto a cabeça mover o braço, a idéa predominará sempre sobre o gesto, seu escravo.

A vida é toda acção, toda energia e movimento. A realidade pratica e a acção constituem uma symbiose politica, desde que a arte de governar tomou o progresso por escopo. Mas proclamar que a acção prescinde do pensamento ou contenta-se com as suas linhas elementares é um tal disparate, que inspira apenas compaixão. Muito

vale o trabalho dos pontoneiros numa campanha militar. Mas muito mais o plano do Estado maior que os dirige de longe, e que abrangendo todo o movimento de tropas decide da batalha.

A idéa tem, muita vez, consequencias mais duradouras que as maiores batalhas. A questão é vel-a em tempo opportuno. Móra o raio no céu limpo de nuvens. Todos sabem que existe, mas o sorriso do azul faz esquecel-o. Assim nos dias communs ninguem dá á idéa a importancia que lhe tem de reconhecer quando fulmina e sidera.

Vamos vêr como uma idéa pode salvar ou perder um imperio.

O ERRO DE NAPOLEÃO

Quando Napoleão, em 1807, se achava na Europa Central, á frente do exercito que ganhara a batalha de Austerlitz, uma idéa se lhe radicava no espirito. Embriagado pela gloria das armas e lançando o olhar sobre o universo, chegou o moderno Cesar á conclusão de que os destinos do mundo se decidiam em terra: "E' em terra, dizia, que hei de decidir os destinos do mundo e abaixar a cerviz da propria Inglaterra".

Passam-se os tempos. O homem que vencera a Europa colligada e quebrara o orgulho dos netos de Carlos Magno e de Pedro o Grande, desdenha da sua marinha de guerra, e a descoberta de Fulton,

que ia revolucionar o mundo, apenas lhe merece uma nota laconica, recommendando a um dos seus ministros que a estude com cuidado. Não foi obedecido. Fulton transpoz o oceano com o seu invento e levou aos Estados Unidos uma das bases mais indiscutíveis da sua grandeza: a primazia da navegação a vapor.

Napoleão fica com a terra e deixa os mares á Gran Bretanha, que se conserva fiel ao rumo politico traçado pelo genio da Chatham. Tinha o grande Córso escripto a sua sentença de morte. O pensamento do primeiro Pitt, transmittido ao segundo, mesmo depois deste desaparecido, haveria de constringil-o entre as malhas da sua politica naval, como a serpente oceanica entre cujas roscas estalaram os ossos de Hyppolito.

Qual foi mais fertil em consequencias: a victoria de Austerlitz ou o erro mental da supremacia em terra? O sol de Austerlitz durou dez annos apenas. Afogou-se em clarões de sangue naquella triste noite de 15 de Junho de 1815, em cujo crepusculo desapareceram os derradeiros grana-deiros da Guarda Imperial em Waterloo.

Cahira Napoleão, a quem só restava Santa Helena. Pagava, com lingua de palmo, o tributo de um erro. Se alguém lho tivesse opportunamente demonstrado, teria prestado á França um serviço maior do que os de todos os homens praticos,

que então como Chaptal creavam ou ressuscitavam a industria franceza.

Rude lição para os ordenanças dos factos concretos! Invisivel, immaterial, inexistente quasi, a idéa de William Pitt, de que os destinos do mundo pertenciam ao mar, derruba o colosso que parecia tel-a vencido em Austerlitz.

Não acreditemos sómente nas forças visiveis da opulencia e do progresso material. Procuremos as idéas antecipadoras da realidade futura. Estão esparsas no ambiente moral idéas iguaes ás que fizeram a grandeza da Inglaterra. Procuremol-as. Descubramol-as. Realizemol-as. O Brasil ainda é, como o Amazonas, um rio que procura o seu leito. Procuremos consolidar-lhe as margens. Aproveitemos a lição dos dois William Pitt. Convençamo-nos de que os destinos do Brasil estão no coração dos brasileiros.

Capacitemo-nos de que somos uma raça capaz das maiores realisações. São as depressões que fazem as derrotas. Conheçamo-nos. Não nos temamos de encarar frente a frente a accusação de mesclagem, com que nos malsinam certos escriptores estrangeiros e que continúa hoje tão virulenta como quando Buckle escrevia de nós, ha mais ou menos setenta annos, que a natureza aqui não deixara lugar para o homem.

BUCKLE

Reflectindo noções entrevistas pelos antigos gregos, mas ainda não systematisadas, Thomaz Buckle fez da formidavel influencia que o meio physico exerce sobre o homem, influencia que Taine se encarregaria de popularisar, a base do seu processo de investigação historica.

Na obra desse precursor da anthropogeographia ha traços de genio. O seu subsidio para a historia das idéas é dos mais preciosos. Mas as suas observações sobre o Brasil, deficientes e apresadas, inquinam de erro todas as suas conclusões a respeito deste pedaço da America. Falhando-lhe as premissas sobre o meio, que não conhecia, as conclusões tinham de falhar.

O Brasil que Buckle via era, do Amazonas ao Chuy, uma vasta floresta continua, cercada, de momento a momento, de maravilhosas pastagens onde o gado se desenvolvia em profusão e onde a existencia do homem, acabrunhado pelo calor, não tinha nem ideal, nem objectivo superior, nem ambição de progresso. O celebre trecho em que lavra a nossa sentença de inferioridade racial devido ao meio é a prova inconcussa do seu alheamento á nossa realidade geographica e climaterica. A sua affirmação de que a natureza esmaga irremissivelmente o homem será, talvez, um facto

na região amazonica, a unica que se coaduna com a sua descripção. De lá para baixo, com escassas excepções tudo é differente. As grandes florestas e os grandes rios, que elle pinta, desapparecem em immensos trechos do nosso territorio. O Nordeste não conhece nem o Inferno Verde, nem o systema fluvial que elle nos dá irreflectidamente como uma constante hydrographica. O S. Francisco e seus affluentes transformam-se, de grandes correntes, em minusculos filetes d'agua lodosa, que apenas dão para empapar a crôsta das ipueiras.

Do Pará para o sul não temos uma provincia que não desmintá, em parte ou totalmente, a affirmação de Buckle. Mesmo, porém, no Amazonas, o brasileiro não se deixou esmagar pela natureza e creou uma civilisação que, dia a dia, se aperfeiçôa e augmenta, dando talvez o mais energico dos exemplos, nos tempos modernos, da victoria do homem contra a hostilidade dos elementos. O povoamento da Amazonia, com a sua insalubridade de terra quaternaria, com a sua fauna flagelladora, revela em cada um dos seus povoadores a energia de um Stanley ou de um Livingstone.

Nada mais perigoso do que a generalisação. Quem a emprega, vê-se, a todo o instante, desmentido pelos factos. Dahi a amarga dureza desta observação de Ripley: "os erros de Buckle cahiram no esquecimento". Todo o Brasil de hoje

é um revide ás suas generalisações, principalmente no sul do paiz, de clima temperado e frio, onde, em vez de ser por ella esmagado, o homem domina a natureza.

Não é dado a ninguem sondar os destinos de um povo e medir-lhes a orbita pelas apparencias de momento. A historia, como a meteorologia, depende de phenomenos instantaneos, cuja origem se acha tão envolta no mysterio como as correntes do Polo Sul, a que devemos os nossos pampiros e tornados.

Perturbações registradas pela mecanica celeste mas desconhecidas em suas causas e imprevisíveis na sua data, determinam as deslocações atmosphericas que abalam immensas regiões distantes. Assim, numa nação, ha movimentos subjectivos que desnorteiam toda e qualquer previsão.

Melhor exemplo não se vê disso que no proprio Buckle.

Pinta-nos ella a Inglaterra de George III com as mais negras côres. Autoritario, enfatuado, incapaz, ferrenhamente obsecado pela tradição a ponto de propugnar pela escravatura, que as leis inglezas legitimavam; rancoroso, obstinado, incapaz de soffrer o contacto das superioridades, quem visse esse soberano mediocre — que reinou sessenta annos, — não poderia prever a Inglaterra victoriana, que viria crear o maior dos imperios da

historia. Mas ao lado delle vivia Lord Chatham, o primeiro Pitt.

Nessa Inglaterra, empequenecida e minguada pelo mimetismo nacional, que faz as nações do tamanho dos seus governantes, havia um fermento capaz de levedar a substancia de uma grande nacionalidade. Era a politica maritima, creada pelo grande estadista e transmittida ao filho.

Seria natural que o observador consciencioso dessa Inglaterra a visse com os olhos depreciativos de Buckle. No emtanto, a idéa pittiniana deveria, em breve, desmentir todas as previsões e operar como agente catalytico nas aspirações mal esboçadas de um povo que ainda não encontrára seu caminho.

Com o Brasil descripto por Buckle deu-se a mesma coisa. Elle viu um paiz de seis milhões de habitantes, de immenso territorio, povoado por uma raça em formação, tosco bloco de pedra que o cinzel da civilisação ainda não desbastara. Não o observou pessoalmente. Guiava-se pelos livros que lho pintavam povoado de pretos e indios, desprotegidos e deseducados, regidos por uma infinita minoria de brancos.

As suas previsões seriam talvez razoaveis. Não contava, porém, com o largo poder eugenico do portuguez; com a melhora do negro que a nossa escravidão, tão differente daquella em que vivia na Africa, humanisava e redímia; com as

qualidades de bravura e agilidade que o indio, transmittira aos seus mestiços sertanejos; com o sopro latino.

Não contava principalmente que o brasileiro já era uma realidade, que já se affirmara em soldados, diplomatas e estadistas iguaes aos melhores da sua patria.

Poucos annos depois dos seus vaticinios pessimistas, o Brasil empenhava-se numa guerra de morte com um paiz cuja inferioridade numerica de população era largamente compensada pela superioridade de um exercito cinco vezes maior que o nosso e tão primorosamente adestrado e municiado que constituia o melhor apparelho bellico da America do Sul, capaz, por si só, de enfrentar o de todas as outras republicas unidas. Esses homens que Buckle pintava inertes, sem vontade, esmagados por uma natureza hostil, revelaram, nessa luta de gigantes, qualidades insuperaveis. E' exacto que muitas vezes tinham a apparencia flagellada dos jagunços de Euclides. Mas ao primeiro rebate o fluido electrico da energia os transfigurava em atletas e centauros, capazes dos maiores heroismos.

A nossa attitude no Paraguay devia desorientar Buckle. E' que elle nos vira por fóra. Não tivera o ensejo de nos conhecer por dentro.

Bem mais surprehendido deveria ficar elle em outra conjunctura.

A Inglaterra empenhara-se numa guerra de vida e de morte. Todos os concursos lhe eram preciosos, mórmente os moraes. Houve um momento em que a campanha submarina fazia oscillar a balança da victoria para os seus adversarios.

Nesse momento climaterico, um homem intervém com a sua palavra, já de rara autoridade no mundo, e os canhões das trincheiras emmudecem para ouvil-a na ordem do dia dos seus chefes. E' a voz da America que duma tribuna sul-americana desce, num vôo resplandescente, aos campos do Velho Mundo, que a recebem inclinando as bandeiras. Quem era esse maravilhoso condensador de energias moraes que foi "um minuto da consciencia universal"? Um nordico por acaso? — Não. Um filho desse paiz onde, segundo Buckle, tudo podia ser grande, menos o homem...

Foi assim que o Brasil de 1918 respondeu a Buckle.

GOBINEAU

Garante-se que o Brasil soffre de uma lesão medullar, pelos sangues contaminados que se lhe reuniram nas veias. Vaticina-se a sua incapacidade para a civilisação. Affirma-se que não passa de um gigante tabetico, incapaz de movimentos coordenados.

Por que? — Primeiro, porque descende do portuguez. Segundo, porque se lhe encontra, na estructura racial, uma grande contribuição africana e indigena.

Será verdade? Devemos curvar a cabeça ante a fatalidade original? Penso que não. Não me impressionam, nem os augures scientificos, arautos de megalomanias ethnicas, que a realidade se encarrega, dia a dia, de dissipar duramente, nem a grita descompassada dos odios.

Trata-se de um problema de historia, para cuja solução contribue um grupo de sciencias affins, de creação recente. E' á luz desses elementos que devemos encarar a questão, antes de offerer o pescoço á canga dos capitães de matto, que, como o da gravura de Rugendas, nos querem levar como escravos fugidos para as senzalas da anthropologia.

O Imperialismo renascia na Europa e preparava-se para, em breve, dominal-a com Bismarck.

Um hoje celebre romancista e diplomata francez, susceptivel em extremo ás influencias do meio, Gobineau, foi o primeiro a erigir em dogma a superioridade das raças brancas do norte sobre as morenas do sul. Sedan pareceu vir consagrar as suas theorias. Foi a carga dos couraceiros de Richttoven sobre a tradição latina.

São communs essas apotheoses dos vencedores.

Mommsen saudou a criação do Imperio Germanico com o epinicio de Cesar e a detracção de Cicero. Devido a elle, o grande cidadão que salvou Roma das hordas bolshevistas de Catilina e mereceu o titulo de *Pae da Patria*, o grande jurista, o humanista sem par, que crystallisou toda a cultura da antiguidade no seu mais puro diamante, vive até hoje infernado nas verrinas da critica, á espera de um historiador que o rehabilite da pedantocracia cortezã.

Graças a Mommsen, com a sua lisonja indirecta, a presença invisivel de Julio Cesar presidiu á coroação do Cesar germanico, e, multiplicada pela sala dos espelhos de Versalhes, iria disseminar pelo mundo a noção de que a victoria dá todos os direitos. Dahi a sua glorificação no seculo dezenove.

Póde-se reconhecer o genio militar e literario do conquistador das Gallias e autor dos *Commentarios*, sem erigil-o em padrão humano, sem esquecer as suas fraquezas, que o latim costuma velar.

Se a victoria de 1870 tivesse sido de MacMahon, não sei se assistiriamos phenomeno inverso. Não sei se a indulgencia com o neto de Venus lhe perdoaria o ter sido o "*omnium viro-*

rum uxor et omnium mulierum vir". Napoleão III também esquecia os defeitos pessoas de Julio Cesar para só lhe ver as qualidades politicas e militares. Mas mesmo assim seria mais facil provar que Cicero era o que realmente foi: o grande cidadão do universo, o miraculoso precursor dos mais bellos sentimentos do christianismo, o romano, que, ao contrario de Cesar, não precisou do genio para fazer esquecer a mais innominavel das abdições viris.

Isto prova que as sentenças proferidas em épocas de apotheoses politicas reclamam, muitas vezes, revisões que nem sempre são immediatas.

Gobineau, embora francez, era teutonico pelo coração. A Allemanha retribuiu-lhe com usura esse sentimento. Centenas de associações gobi-nistas ali estudam, como a de um patriarcha racial, a obra desse neto de Ottar Jarl, desse descendente dos Vikings, os audazes piratas septentri-naes que escumavam os oceanos hyperboreos.

Para Gobineau só as raças integralmente brancas têm valor e direito ao sol. Para Gobineau, o aryanismo é o Moloch ao qual se devem sacrificar as raças mescladas.

Esteve elle no Brasil em 1868, como ministro de Napoleão III. Era o Rio, realmente, como elle o pinta, uma cidade atrazada, onde esfervilhava uma grande população de cor. Dos brasi-

leiros, só conviveu estreitamente com um: D. Pedro II. Estabeleceu-se, entre ambos, um estreito commercio de sympathia e amizade, que predilecções communs pelas letras contribuiam para consolidar. Mas nem por isso o diplomata francez abriu mão dos preconceitos com que nos olhava: a sua correspondencia particular revela que para elle não passavamos de um paiz de negros.

Um incidente de ordem pessoal deve ter contribuido para a antipathia com que nos observa. Exilado num paiz tropical, sem as facilidades amorosas tão communs noutros onde já fôra e onde inda devia ser acreditado, o elegante diplomata, cuja finura physionomica e cuja barbica lembram o Aramis de Alexandre Dumas, teve, num theatro carioca, um incidente lamentavel. Segundo tradições da época numa noite de espectáculo, pensou que encontrara, numa senhora brasileira, a duqueza de Chevreuse que lhe faltava e foi-lhe á fala, sem tirtes nem quartes. Pessoa da familia, e das mais cotadas, o Visconde de Saboia, sem ligar importancia á sua ascendencia Viking e aos seus vinte e quatro quartes de nobresa escandinava, espalmou-lhe a mão no rosto. O Aramis normando-viking subiu á serra. Só mesmo num paiz de barbaros um selvagem moreno teria o topete de perder o respeito a um neto de Odin, que era, além do mais, amigo intimo do Imperador. "*Pays de sauvages!*" resmungava elle,

no atrio do theatro, passando o lenço no frontespicio avariado.

Desde ahi que elle nos pôz no index. As suas theorias raciaes esbraseadas pelo calor da face castigada, vulcanisaram-se-lhe num odio implacavel. E eis ahi por que o sr. Gobineau não via, no Brasil, senão um paiz de negros, inspirando a Lapouge a ridicula prophécia de que estes, em breve, dominariam os brancos e de que o Brasil, africanizado, dentro de algum tempo não passaria de um Congo sul-americano.

DESIGUALDADE DAS RAÇAS HUMANAS

Os preconceitos de Gobineau vinham de longe. A aggressão apenas lhes augmentou a virulencia. Póde-se rastrear o seu pensamento no seu celebre livro "*A desigualdade das raças humanas.*"

Algumas idéas matrizes bastam para defini-lo: a incontestavel supremacia das tribus brancas, de que descendia e que possuiam o monopolio da belleza, da intelligencia e da força, e a idéa de que toda a civilização decorre dos brancos. Não é possivel analysar, por miudo, toda essa obra, sem fazer uma do seu tamanho, coisa que realmente equivaleria a gastar cera com ruim defunto.

Mas, ao correr da penna, póde-se salientar a inanidade de algumas das suas affirmações. Acha elle que o negro é a raça essencialmente cruel. Isto equivale a eliminar, de um traço de penna, a historia dos assyrios, dos tartaros e dos mongóes.

Leva a sua leviandade ao ponto de dizer que a honra é desconhecida ao amarello. Esquece a civilisação chinesa, onde a moral de Confucius creou um typo moral de rara perfeição. Esquece que os mercadores de Shangai não davam recibos e que, no emtanto, durante seculos, foram considerados os prototypos da fidelidade e da seriedade, principios que só abandonaram ao contacto da civilisação occidental, que os obrigou, levados pela legitima defesa, a combatel-a com as armas de que ella fôra a primeira a servir-se.

Esquece ou ignora a historia do Japão, onde o culto da honra vae até o sacrificio da vida. Nunca ouviu falar nos quarenta e sete guerreiros que se suicidaram. Ignora a palavra *bushido* e o seu profundo conceito moral. Não poderia prever que, em pleno seculo vinte, a humanidade assistiria, attonita, a esse espectáculo capaz de desorientar todas as suas idéas de materialismo; o mais glorioso dos generaes, velho e coroado de loiros e riquezas, idolo do seu povo, abrindo o ventre, no sacrificio do *hara-kiri*, em que a esposa o acompanhava, para não sobreviverem ambos á

corporificação humana da sua raça e morrerem com o seu Imperador, que os precedera no tumulo.

Nos Eddas escandinavos, nos rudes poemas barbaricos cuja crueldade arrepia como um sopro glacial dos polos, não encontraria, decerto, o descendente de Ottar Jarl espectaculo semelhante.

Ali, os deuses e os heróes bebem o sangue dos inimigos em craneos humanos. O aperfeiçoamento moral não reside no sacrificio da propria, mas da vida alheia. E o conceito da victoria, o premio do heroismo consiste nas orgias vinolentas, entre os braços brancos das Valkyrias.

Dou de barato que Gobineau não estivesse ao par da alma japoneza, que os occidentaes só começaram a penetrar ha sessenta ou setenta annos, e de que, em seu tempo, as melhores noções estavam occultas nas chronicas portuguezas. Mas não se comprehende que desconhecesse a civilização mongolica, que creou, na India, um typo de arte materializado em monumentos perto dos quaes desaparecem, amesquinhasdas pela pequenez e pela pobreza, as mais extraordinarias creações architectonicas do genio occidental. Todavia, diz e affirma, com a maior das canduras, que toda a civilização decorre da raça branca, como se a arte não fosse o maior indice da civilização.

Não se contenta Gobineau em ignorar: contradiz-se a cada passo. Prega a supremacia dos brancos e a inferioridade dos mestiços. No emtan-

to, logo depois, diz, textualmente, que o genio artistico só appareceu depois da alliança dos brancos com os negros:

“C'est ainsi que le génie artistique, également étranger aux trois grands types, n'a surgi qu'à la suite de l'hymen des blancs avec les nègres.”

Ahi, nesse passo, força é reconhecer que attingiu a verdade. Mas a seu máu-grado, involuntariamente, de um modo paradoxal, que inquina de erronia tudo quanto disse anteriormente e que é a negação da propria idéa central que sustenta: a supremacia branca.

O pensamento de Gobineau não tem a objectividade e o rigor scientifico que se requerem nos investigadores de raça. O pulso do seu pensamento lateja sempre nos 40 gráus da febre literaria. Dir-se-ia que escreve sempre na pyrexia de um accesso. Tem a coragem de escrever, candidamente, mostruosidades deste jacz:

“Os heróes da Illiada e os guerreiros scandinavos eram agentes de civilisação e de grandeza mais activos, mais intelligentes e mais seguros que as populações mestiças, cem vezes mestiças, da época actual.”

Qual foi a civilização creada pelos guerreiros scandinavos, pobres piratas e pescadores sem outra finalidade na vida que a de resistir aos frios polares, sem outro ideal senão o de beber o hydromel nos serralhos posthumos do Walhalla? Onde encontrou, nos guerreiros da Illiada a intelligencia e a actividade dos “agentes de grandeza”, dos fundadores de nacionalidades? O pensamento, nesse passo, mostra a cauda simiesca da imitação. Trata-se de uma Illion vista pelos olhos de Vergilio. Gobineau chama os gregos de Homero de civilisadores, porque toma ao pé da letra a Eneida. Toma o symbolo como realidade. Aceita como estricte verdade a hypothese lendaria, graças á qual o genio mantuano quiz enastrar com as rosas do heroismo hellenico o berço da Italia nascente.

O methodo conjectural e generalizador do pseudo sociologo francez, que não sobreviverá na historia senão como um maravilhoso novellista rival de Merimée, perdeu uma bella occasião de fazer um achado impressionista no terreno da glottologia. Na Asia central havia os Guhyakas, gnomos guardiões do ouro das cavernas, que deram origem á mesma lenda na Scandinavia. Gobineau mencionou este facto, numa nota do seu livro. Se soubesse que, nos paizes platinos e no Rio Grande do Sul, a palavra *guayaca* significa a bolsa de couro, em fôrma de cinto, onde se guarda-

vam as moedas de ouro, tiraria, decerto, a illação de que os piratas scandinavos tinham chegado ao Rio da Prata... A conclusão seria logica dentro dos seus processos, e não deixaria de boquiabrir os basbaques de anthropologia.

BRYCE

Outra das grandes prophcias pessimistas sobre o nosso destino, devemol-a a James Bryce. São delle estas interrogações pessimistas sobre o Brasil:

“Que será do seu futuro? E’ o seu povo digno da opulenta herança que recebeu? Com o correr dos tempos, é indubitavel que as terras e os instrumentos irão para aquelles que os possam utilizar”.

Dois motivos devem ter contribuido no espirito do pensador inglez para esse conceito. Quando visitou o Brasil, poucos mezes antes, a politica nacional arrancara das mãos de Ruy Barbosa, por um *caucus* legislativo que lhe escamoteara a victoria das urnas, a presidencia da Republica. A nação, abdicataria, cruzara os braços. O civilismo, que lavara, com as suas ondas de tempestade civica, todo o territorio nacional, não conseguira cobrir com as suas espumas o promontorio

de granito de onde os interesses conspirados esperavam, tranquillos, o refluxo da maré nacional.

Bryce acompanhara, como toda a Europa, o grande movimento, que foi o *sursum corda* dos nossos destinos e de cujas invisíveis conquistas até agora se está alimentando a vida nacional. Pensou perdido um paiz onde um movimento desses não vingara.

Um incidente fortuito ainda mais devia tel-o confirmado nessa idéa. Quando passou pelo Rio, a esquadra nacional cahira nas mãos do almirante negro que encabeçou o levante naval de 1911. O governo da espada curvou-se-lhe á audacia. Capitulou.

Concedeu uma amnistia, para cuja votação, em nome da cidade ameaçada de bombardeio, mandou supplicar ao homem que espoliara na vespera o incomparavel prestigio do seu voto.

Foi esse o Brasil que Bryce viu: o Brasil da resignação, o Brasil do fatalismo, o Brasil da dissolução militar. Não era de estranhar que levasse daqui a má impressão que levou.

Esquecia, porém, que, méros accidentes na vida dos povos, certos phenomenos de illegalidade e desordem não bastam para deprimil-os. Não teve a Inglaterra tambem os seus caudilhos politicos? Que outra coisa foi Warwick, o *Kings' Maker*, o fabricante de reis? Que outra coisa foi Roberto Cecil, quando, abrindo as janellas do palacio

onde jazia, ainda quente, o cadaver da grande Isabel, annunciava ao povo, com a fórmula sacramental — *O rei morreu: viva o rei!* que a *Virgin Queen* legara o throno a Jacques I da Escossia?

Sublevações navaes e amnistias impostas... Não ha duvida que são censuraveis, mas mesmo as maiores nações não as têm podido evitar. Não as houve tambem na Inglaterra, e mais de uma vez? Em tempos relativamente recentes, não foi com uma amnistia prévia que o governo britannico conseguiu recuperar o dominio de varios navios da sua esquadra ancorados no Tamisa?

Tirar conclusões definitivas de factos isolados é fazer sociologia impressionista. Não ha nada que escape a esse criterio. Até ha bem pouco tempo, a Inglaterra era accusada de praticar a escravidão em seus dominios africanos mais distantes da inspecção européa. Dou que a não praticasse e simplesmente fechasse os olhos para tolerar o trafico com os mercados mussulmanos. Dahi se segue que se deva descrever da livre Inglaterra?

Não basta encarar as coisas por um lado só, para conhecê-las. Do flanco de certas montanhas despenham-se fios d'agua que, pela erosão das margens, vão encher de lama os sangradouros onde desembocam. No outro flanco, porém, muitas vezes pompeia, immaculada, a pureza das neves eternas. E' preciso rodear a montanha para conhecê-la.

Bryce não se dá a esse trabalho. Não só no Brasil, mas também nos Estados Unidos, só contemplou o lado onde descem as aguas turvas.

Um dos capitulos principaes do seu livro sobre os Estados Unidos occupa-se de Tammany Ring, a camorra politica de New York, que, em trinta e dois mezes, subtrahiu oitenta e um milhões de dolares, isto é, seiscentos e quarenta e oito mil contos, ao cambio do dia, aos cofres do formidavel municipio. Mostra, uma por uma, as chagas da grande cidade, de cujo poder executivo se apossou a audacia de facinoras dignos da quadrilha de Ali-Babá. A julgar por esse critério, seriam os Estados Unidos uma nação irremissivelmente perdida.

Calumniou Bryce os Estados Unidos? Não. Ninguem nega a existencia de Tammany Hall, de Fernand Wood e de William Tweed, indices da maior organização corruptora que se conhece na historia.

Mas, par a par desses casos de gangrena politica, sempre houve um grande movimento no sentido de extirpal-os. O caracteristico dos Estados Unidos é que a cada abuso que surge, por mais poderoso que seja, corresponde sempre uma reacção. Consequencia do seu immenso progresso, nenhum paiz levou mais longe o conceito utilitario da vida. Póde-se, affirmar porem que nenhum outro tem

uma corrente de idealismo maior, que nenhum outro tem uma fé mais viva nas forças moraes.

Esse é, talvez, o fundo da raça, a dominante que terá de prevalecer no futuro. Mas não ha duvida de que esse caracteristico interno, perceptivel aos que estudam minuciosamente os norte-americanos, é invisivel aos que, guiados por velhos preconceitos e fechando os olhos á sua immensa evolução scientifica e intellectual, se obstinam em ver nelles uma musculatura de gigante e uma mentalidade de pygmeu.

Não basta ser um bom escriptor e um bom observador do momento, para analysar povos e instituições. E' preciso ter a sensibilidade electromagnetica, que registre as vibrações das actividades invisiveis. São estas as que elaboram os destinos dos povos. E' preciso ter as antennas do futuro. O Brasil, em tempos bem proximos, ha de provar a James Bryce que elle não as tem.

O DE QUE PRECISAMOS

Temos a riqueza, a resistencia, a força, a eugenia atavica, isto é, a adaptação tropical, a immunisação contra os males do meio physico, todas as potencialidades para attingir uma grande civilisação. Não nos deixamos illudir sobre o conceito desta, que sabemos ser, em ultima analyse, de

ordem economica, *subtractum* material indispensavel para a construcção moral.

Tudo o que aos outros falta, a nós nos sobra. Se o nosso solo montanhoso não offerece as facilidades de exploração de outros territorios mais bem fadados, e se o factor da distancia tira ao trabalho o seu incentivo maximo, pela difficuldade da exportação dos seus productos e da sua transformação na utilidade visivel do dinheiro, as novas instituições têm buscado vencer a hostilidade orographica, encurtar as distancias e permittir a producção.

O nosso trabalho preparatorio, de que se encarregou a monarchia, foi manter a integridade territorial. A republica, em meio a todas as suas vicissitudes, tem procurado e procura resolver os nossos problemas dynamicos segundo a escala da sua imprescriptivel imperiosidade. Temos tudo duma grande nação, menos a alma. Falta-nos a coordenação moral, o sensorio collectivo, o ideal commum. Perdidos nos rincões mais remotos do nosso territorio, um sem numero de patricios nossos nunca recebeu, para a fome de orgulho racial, que vive no cerne de todas as creaturas, o pão da Patria magnificada no pensamento dos seus historiadores. Repontam por toda a parte da nossa superficie, como cabeços de ilhas sobre a vastidão do oceano, nucleos de cultura onde se sabe o que foi, o que é, o que póde vir a ser o gigante sul-

americano. Mas entre esses archipelagos de cultura, existem, nadando nas aguas dormentes e profundas, os esqualos da ignorancia e do derrotismo. O Brasil precisa fazer a propaganda do Brasil ante os proprios brasileiros. Urge mostrar-lhes o que somos, antes que o estrangeiro lhes metta pelos olhos a dentro a imagem do que quer que sejamos. Urge não cruzarmos os braços ante a detracção peregrina, phenomeno suggestivo que opera sobre intelligencias primarias com a mesma ascendencia das palavras do mestre sobre o espirito ductil e informe do discipulo. Quanto aos máus brasileiros precisamos atirar-lhes argumentos que lhes estoirem as entranhas como a abobora fervendo as dos tubarões.

SE ELLES RESUSCITASSEM

Se Buckle e Gobineau resuscitassem em 1928, para buscar no Brasil a confirmação das suas prophcias pessimistas, teriam de estarrecer de espanto. O primeiro achava a nossa natureza incompativel com a civilisação. O segundo assegurava que nunca attingiríamos o coefficiente moral e intellectual da Europa, e que viríamos a ser uma Africa sul-americana, da qual teriam desaparecido todos os brancos. Contrapostos a estes vaticinios sinistros, erguia-se implicita a visão de uma Europa

cada vez mais adeantada no caminho da moral e da civilização.

O tempo encarregou-se de desmentir duramente os augúrios desses romancistas anthropologicos, a cujas palavras a nossa ingenuidade e o nosso respeito supersticioso pela sciencia estrangeira davam a resonancia dos pulmões do Talthybios grego, "semelhante aos deuses pela voz".

O mesmo orgulho racial que dictava esses auto-elogios ethnicos, desconhecedores do principio da fraternidade, que, antes de ser politica, é christã e, antes de ser christã, é humana, levou a soberba e o orgulho das nações européas a se entre-devorarem nos campos de batalha.

A civilização que sorri desdenhosamente do carro de Jaggrenat dos hindús não fez mais que copial-o em ponto grande, esmagando sob as suas rodas ensanguentadas a mocidade européa.

A grande guerra sacrificou justamente os elementos mais eugenicos da humanidade: os fortes, os moços, os resistentes, os que iam arrostar a vida infernal das trincheiras. Ficaram atrás, nos respectivos paizes, quasi que apenas os velhos, os fracos, os emboscados, os incapazes de supportar as agruras da vida militar. Foram os que se salvaram. Daquelles outros os que, numa proporção minima, escaparam, ao regressar ao lar eram organismos depauperados.

Ficou a Europa, na maioria, entregue aos elementos inferiores. Os grandes specimens humanos, aquelles em quem se haviam apurado os ideaes da raça, os padrões de aperfeiçoamento, os que traziam na mente a faisca espiritual que iria illuminar os costumes, o pensamento e a vida interior de uma luz mais pura, cahiram ceifados, como a messe dos campos sob a foice do lavrador. Da falta que fazem á humanidade temos a prova no regresso moral e intellectual que a sua perda determinou no Velho Mundo e que, entre muitos outros espiritos de igual franqueza, Leon Daudet assignala em periodos candentes. A Europa de hoje é um triste espectaculo de decadencia. A intelligencia, a abnegação, o bom gosto, o senso artistico desapareceram. As raras excepções não bastam para desmentir a regra geral. Nada o prova melhor do que certas escolas esdruxulas que ali appareceram. Para moldar-se ao primario das intelligencias sobreviventes, o pensamento teve que se tornar primario como ellas. Para prender atenções, incapazes de se volver senão para o prazer e para o conforto, teve de celebrar as conquistas utilitarias. Creou escolas de poesia, de prosa, de musica e de pintura apenas dignas do nivel das mais baixas tribus melanesicas. Prescreveu o ideal, baniu o pensamento e, dos instinctos, só enthronisou os mais baixos.

A Europa de hoje é uma *selva selvaggia*.

Quem o diz não sou eu; são os seus proprios escriptores. Nos juglares da India, na selva hindú, que Rudyard Kipling, descreveu no *Jungle's Book*, ha, entre as feras que elle descreve, mais humanidade e delicadeza do que na Europa de hoje. A brutalidade, ali, se tornou a regra geral. Como as boas maneiras vêm do coração, ali não ha lugar para as boas maneiras. Um egoismo formidavel arrazou até as apparencias de cortezia. Os viajantes estrangeiros são olhados como inimigos. Em certos paizes a hostilidade chega a ser aggressiva e insultuosa, como se o peregrino fosse culpado das consequencias da guerra. Talleyrand costumava dizer que quem não conheceu a Europa antes de 1789 não sabia o que era a doçura de viver. Que não diria elle hoje!

Todas as guerras trazem, depois de si, um certo afrouxamento de principios. A ansia de viver, naquelles que a morte rondava pouco antes, aguçalhes a cobiça dos prazeres. E' humano. Phenomeno constante depois de todas as guerras, não surprehende a ninguem esse estado de espirito. Mas nas antigas, menos cruentas, o numero de homens superiores que sobrevivia era muito maior. A visão do ephemero da vida correspondia á ansia de aproveitar-lhe melhor os minutos. Essa desforra das privações de campanha seria, ás vezes, capaz de abdições, momentaneas, mas nunca de

obliterar o senso da elegancia moral, recebido da tradição.

Agora, não. Romperam-se todos os liames moraes. Morreram o gentilhomismo, a galanteria, a flor dos sentimentos cortezes que embalsamava a vida. Dir-se-ia que uma irrupção de anthropoides, de frente baixa, estendeu sobre a terra o nivel da rudeza primitiva.

Sumiu-se o conceito de dama e cavalheiro, substituido pelo de macho e femea. Os espiritos lupercalisados contentam-se com a finalidade do cío. O véo irisado da poesia não mais dissimula o instincto. Nos lugares onde ainda o vicio se esconde sob as galas da elegancia tudo é um, entre senhoras e phrynéas, que trocam amabilidades e sorrisos. Ah! se Buckle, e Gobineau resuscitassem!

O CULTO DA MULHER

O homem em plena involução, regrediu á mentalidade das cavernas. Despiu a mulher do seu manto estrellado.

Durante seculos, a cultura occidental não teve outro escopo senão a divinisação feminina. Quanto caminho percorrido, desde os dias de sol frio, em que a companheira do primeiro homem fitava, com os olhos vazios de pensamento, as brasas da fogueira troglodyta! Passo a passo, numa ascen-

ção lenta mas continua, sahindo da inconsciencia pelo soffrimento e recebendo a alvorada da idéa nas visitas da maternidade e da viuvez, entrou a mulher a descobrir o mundo moral. Por essa ascensão pôde-se medir a curva da civilisação. As nações que faziam da mulher a escrava estacionaram ou regrediram. Só as que acceitaram a sua soberania progrediram. Ella está na raiz de todas as religiões como a parte divina do homem.

Desde ahi, nos olhos femininos estremeceu o arrebol de todas as auroras. Mas quanto caminho percorrido antes que as pupillas da Magdalena reflectissem toda a peregrinação da divindade exult

A glorificação da argilla feminina, transfigurada por um raio de luz, que era o ponto de incidencia do céu sobre a terra, radiescia no paros da Pallas Athenéa. Seus olhos de pervinca acompanharam o marulho das ondas mediterraneas, que levaram ás praias occidentaes a sua imagem de archetypo. A lenda, a poesia, e a arte desde ahi deram á mulher uma vida parallelá á vida nos livros, nos museus, nas galerias, em todo o immenso dominio da arte. Mas isso ainda não bastava. E ella subia ainda, para ir, coroada de rosas ou lilazes, resplandecer nas cathedraes e tomar o primeiro lugar na hierarchia do culto divino. Os receptores invisiveis, que existem em cada creatura pensante, vibravam, muitas vezes, sem o saber, a

todo esse conjunto de forças psychicas, cujos geradores e transformadores eram o culto da mulher.

O pensamento occidental adquirira o *tonus* dos seus poetas e dos seus musicos. As fibras de cada coração estremeciam á divinisação feminina. Quem os pudesse auscultar, sentiria que o orgam nobre da vida tinha transformado o rythmo que perpetúa a especie numa symphonia transfiguradora da matéria, como Beethoven as sete notas da musica nas suas maravilhas orchestraes. Fonte do genio e do heroismo, do sacrificio e da belleza moral, o *freudismo* inconsciente de uma geração alimentada da medulla dos genios, fez da mulher a finalidade dos seus sonhos. Não havia mãos femininas nessa seara de Booz que não pudessem apanhar como as de Ruth algumas sobras da messe dourada.

A sua legataria, porém, a geração que recebeu das suas mãos o facho lucreciano desse culto, não era digno de possuil-o e deixou-o rolar, apagado, na lama dos vicios rasteiros. Não acreditava na eternidade. Bastava-lhe o minuto. O espirito dominante na Europa de hoje tirou a mulher dos altares e só lhe reconhece o lugar de ancilla do prazer.

Ninguém dá senão o que tem. O clarão de paraíso que o Florentino encontrava na visão da Inspiradora estava na sua propria mente. O homem crea a mulher ao molde do seu ideal. A ge-

ração do após-guerra não podia dar-lhe senão o seu conceito tacanho e desnobre da vida. Fêl-a á sua imagem e semelhança. Plasmou-a da costella mais rija e mais brutal do seu thorax de primata. Transformou-a de instrumento de perfeição moral em mero instrumento de gozo. Era princeza. Fêl-a cortezã.

Cansada de esperar, em vão, elementos mais nobres para a vida de todos os dias e desilludida de encontral-os, teve a mulher de resignar-se ao seu duro rebaixamento.

Conformou-se com elle. Tomando ao pé da letra o cynismo masculino, adquiriu-lhe os vicios, a licença, o desregramento, a anarchia sexual. Triste liberdade que, ao fim da jornada humana, nesses minutos finaes em que se recapitula todo o passado deixa, na bocca dos que a possuiram, elles ou ellas, a triste sensação dos frutos cheios de cinza.

Bem sei que a emancipação feminina, graças á qual a mulher mostrou ao homem que pode levar-lhe vantagens em todas as actividades ao seu alcance, vem de alguma forma libertal-a do seu embrutecido rival e companheiro. Bem sei que na Europa ha reservas de energia e de belleza moral, em regiões onde raro logram penetrar os olhos do estrangeiro, para quem se abrem apenas os *dancings*, os *cabarets*, os *music-halls*, os balnearios, os restaurantes, os theatros, as estações thermaes

e os outros encantos das cidades do prazer. Mesmo, porém, essa Europa, que sempre existiu, para drenar o dinheiro forasteiro, acompanha o diagramma das idéas dominantes. Os seus habitos reflectem a maior e a menor corrupção do ambiente. Essa, não é o estrangeiro que a leva para lá. Ao contrario, não faz senão trazel-a para o seu paiz de origem.

Por esse lado, pôde-se garantir que a Europa está infectando a civilização dos sul-americanos, a quem ensina a confraternisação do vicio por intermedio das religiões da moda e do luxo, e a quem tira o pudor como os molinillos dos seus restaurantes o gaz do champagne.

Não falo por prazer nestas tristes coisas. Falo para avisar, prevenir e remediar. O Brasil precisa defender-se do contagio europeu. Precisa estabelecer, na sua sociedade, um cordão sanitario que o isole dos máus elementos que lhe trazem a peste moral. E' a melhor das respostas ao seu desprezo.

Enganavam-se os srs. Buckle, Gobineau e Lapouge quando affirmavam a nossa inferioridade de intelligencia e de character. Dobradamente se illudiam em prophetisar a nossa decadencia esmagada pelo contraste do esplendor europeu. Hoje está se dando o contrario. A Europa é que está em muitos sentidos decadente. Nós progredimos.

Nós é que temos aperfeiçoamento moral. Nós

é que podemos dizer-lhe, face a face, o que ella é, e o que precisamos não ser. Foi-se o tempo em que a Europa era o padrão da cultura, das maneiras e dos sentimentos. Hoje, essa hegemonia desapareceu. Hoje, ella é, pelo menos no seu aspecto mais visivel e activo, a grande corruptora, a grande cortezã dos continentes.

Pensar que eu poderia escrever essas palavras sem tremer-me a mão pela injustiça, se não me estivesse presente ao espirito, como ao de todas as pessoas sensatas, que só falo de uma certa Europa, seria um disparate indigno de um espirito criterioso. Sei o que é, e o que vale a Europa, em certos nucleos incontaminados da sua vida. Mas, justamente por sabel-o é que me sinto autorizado a chamar a attenção dos meus patricios para a outra, para a que os seus filhos mais facilmente conhecem e a que devem fugir o quanto possivel. Em vez de levar-lhe os milhões da economia americana, que alimenta o desprezo e as calumnias dos seus escribas, devemos gastal-os em nosso paiz ou em nosso continente, retirar-lhe as nossas economias e feril-a na bolsa, unico lugar onde se lhe refugiou a sensibilidade.

A PROPHECIA DE WILLIAM T. STEAD

Já se começa a cumprir, mais cedo do que se esperava, a prophesia de William T. Stead, da

americanisação do mundo. A America já arrancou da Europa o sceptro do ouro e da força. Caminha a passos de gigante para tirar-lhe os outros. Na biologia, na chimica, na electricidade, na cirurgia, já os Estados Unidos estão á frente do mundo. Como se servirá dessa superioridade o Novo Continente? Para os mesmos fins estereis que a Europa, quando os enfeixou nas mãos? O perigo é que não se liberte desse exemplo. O dever dos pensadores americanos é prevenil-a contra elle. A fallencia da Europa veio provar a fallencia da força material. Acina desta ha de haver um ideal, a que a Europa nunca se curvou e a que é preciso que a America se curve, se não quizer ter o mesmo destino. Por mais complexo que pareça o problema americano, por mais difficil que seja pôr em pratica ou realisação os principios de que elle depende, vê-se que estes não pódem girar fóra dos dois pólos do idealismo humanitario, que congrega os homens sobre a terra e da religião, que concilia os homens sob os céos.

Não pretendo fazer profissão de fé no jingoismo. Reconheço o immenso que devemos ao Velho Mundo. Penso que jamais poderemos desconhecer o immenso que lhe devemos. Recuso-lhe todavia o direito de desprezar-nos. E quando o faz arrogo-me o direito de cidadão americano de pagar-lhe na mesma moeda, nos assumptos em que a consciencia me disser que estou com a razão.

Mas voltemos a soprar nas bolhas de sabão dos anthropologos e ethnologos estrangeiros.

CRANEOMETRIA

Entre as sciencias subsidiarias da historia, conta-se como uma das de mais voga, a anthropologia. Um sem numero de difficuldades, porém, oppõe-se a que as suas conclusões tenham um rigoroso character scientifico. Tudo, nella, ainda são conjecturas.

Um dos seus departamentos que mais enthusiasmo despertaram foi a craneometria. Deu-se tal valor que Retzius, da simples comparação de dois craneos, tirou toda uma classificação dos primitivos typos europeus. Seria enfadonho referir a sua evolução até hoje. Basta accentuar que a mais acceita das suas theorias é a que divide os homens, segundo a forma da calota craneana, em dolicocephalos e brachiocephalos, isto é, craneos compridos e estreitos, os primeiros, e curtos e redondos, os segundos.

Os partidarios da superioridade nordica e germanica declaram que a civilisação pertence aos dolicocephalos. Os Gobineau e os Lapouge fizeram um cavallo de batalha desse principio, para elles irrefutavel. Mas as observações mais recentes sobre o assumpto vêm mostrar que esse characteristico é mais commum ainda nos negros do que

nos brancos... Regiões inteiras da Africa, justamente aquellas que mais provavelmente invadiram a Europa em épocas immemoriaes, são todas dolicocephalas. Fallencia maior não pôde haver de uma theoria do que essa: o indice pseudo superior dominando justamente n'aquelles cuja inferioridade se tenta provar. Dahi a procedencia da observação de Virchow, que lhe dá um caracter todo relativo, como caracteristico racial.

Que a amplidão cephalica não esteja em relação com o desenvolvimento intellectual do individuo não são precisos muitos esforços para provar-o. Ainda recentemente, o craneo de Anatole France veio trazer um retumbante desmentido ás mensurações craneanas, segundo as quaes Broca formára a sua dynamometria intellectual. Pesado o seu cerebro não alcançou 1.200 grammas, peso abaixo da média do de um kabila ou de um congolez. Prova provada de que, nessas questões, o que regula não é o continente e sim o conteúdo, a finura da grã cinzenta, que é a substancia das circumvoluções, e talvez a complexidade capillar dos seus meandros, assignalada na autopsia do autor de *Thäis* como o segredo do seu genio subtil.

A physiologia e a biologia, cujo contingente seria inutil encarecer e que, desde Cuvier e Bichat a Mendel e Morgan, têm procurado attingir com tanta pertinacia o mysterio dos phenomenos vitales, esbarram sempre num muro intransponivel

que, dir-se-ia, é a ultima trincheira do mysterio da vida.

Não ha menoscabar os seus trabalhos e os seus esforços, nem diminuir-lhes o valor porque ainda sejam falhas e deficientes as leis scientificas que a experiencia e as pesquisas de laboratorio lhes permitem deduzir. Devemos porém, estar ao par do seu formidavel labor e saber que as suas conclusões não attingem senão os phenomenos da vida que dizem respeito aos accidentes secundarios, que taes são os caracteres externos, não chegando nenhum delles a descobrir nem o como, nem o porque da hereditariedade psychica e moral. Em balde busca estudar a physiologia, no cerne do tecido vivo, o soma e o germen, isto é, os nucleos da propria vida. Não vae além. Saberá, como Mendel, quando e como um de dois elementos prevalecerá no cruzamento de especies botanicas. Ainda não póde prever, no cruzamento humano, até que gráu o soma e o germen de um elemento se conservam através das immensas vicissitudes dos cruzamentos raciaes, e até que ponto são identificaveis os phenomenos espirituaes que determinam.

Tudo ainda são conjecturas nesse terreno movediço. Brada a genetica que os caracteres accidentaes não se transmittem. Vem o japonéz e mette um filhote de peixe num canudo de bambú pintado de preto. O peixe toma a côr do recipiente em que cresceu, e transmitta aos filhos esse ca-

racter accidental. Cresce outro peixe num aquario onde uma luz restricta o obriga a um esforço continuo nos musculos oculares. Adquirem-lhe os olhos a exophtalmia a que os especialistas chamam telescópica. Procreia, ao depois, em condições opticas normaes e nascem-lhe os filhos com a mesma exophtalmia.

Recomeça para os observadores o trabalho de Sisypho. Os caracteres accidentaes pódem transmittir-se.

Nos cruzamentos humanos, bem poucas são as conquistas feitas pela observação scientifica. Quando muito, nessa traducção incompleta das potencialidades em presença, sabe-se que certas raças predominam sobre outras, quando se cruzam. Entre o japonéz e o nordico predomina sempre o japonéz. Entre o branco e o preto predomina sempre aquelle. Isto, porém, quanto á sua questão morphologica. Quanto á psychica, ainda tudo são apalpadellas. Dahi as conclusões da hereditariedade racial serem desmentidas pelas da hereditariedade especifica. Dahi a possibilidade de um José do Patrocinio e de um Booker Washington.

Um preconceito tenaz, nascido de analogias literarias, admite, no producto de cruzamentos, uma dualidade alternativamente dominante no mesmo individuo. Dahi pintar-se o mulato como um navio com duas bussolas, uma das quaes aponta para o norte e a outra para o sul. E' uma in-

genua analogia com a obsessão, o incubato, a possessão, pelas quaes duas almas coexistem no mesmo individuo, uma dominando a outra.

Sem querer negar a coexistencia de forças hereditarias diversas no mesmo individuo, é preciso comtudo, ter em vista que nada legitima ainda acceitar, como factó incontroverso, essa dualidade espirital. A falta de logica nos nossos proprios actos basta para explicar a sua apparente diversidade.

A hereditariedade não é fixidez; é evolução.

Os phenomenos humanos não se encadeiam com a rigidez das observações mathematicas. A sonmma das quantidades arithmeticas e algebricas não póde offerecer variantes nos seus resultados, mas a totalisação das parcellas humanas, mas a addição das componentes psychicas de cada individuo não póde ter o rigor scientifico e integral dos processos mathematicos. Falta-lhe sempre a medida do elemento imponderavel, que crystallizou os factores materiaes numa entidade pensante. Para se ter idéa das difficuldades desse assumpto, recorramos á analogia de uma nova sciencia: a thermo-physics. Esta consegue medir instantaneamente o gráu de uma fusão e por elle a consistencia do metal que vae sahir da forja. Applicado á especie humana, esse gráu de fusão depende de um milhão de causas materiaes em que o meio, o momento, a euphoria, o estado psychico dos dois

componentes humanos entram com uma energia que depois se desata em phenomenos espirituaes impossiveis de prever. A côr então pode não exprimir senão condições abolidas. Dahi a fallencia dos systematistas, que desconhecem que o progresso do espirito eliminou ou modificou o factor racial.

MADISON GRANT

Um dos escriptores modernos que mais se occuparam com o problema negro foi Madison Grant. A sua obra causou grande sensação nos Estados Unidos. Não vem a pello encarar as soluções que propõe para o problema negro. De todo o seu livro reçuma um rancor atavico e sombrio á raça secularmente opprimida. Tem ainda o escriptor *yankee* o preconceito gobineano da supremacia nordica. Como Gobineau, lança mão de futeis argumentos linguisticos. Gobineau descobriu a etymologia do vocabulo *Asia* em *arya*, buscando, com isso, provar que *Asia* significa o paiz dos aryanos, quanto é indubitavel que significa a região do poente. Madison Grant, para provar que os espanhóes encaravam os nordicos como uma raça superior descobre que *hidalgo* significa filho de *godo*. Desconhece a communissima expressão *hijo d'algo*, cuja contracção deu o nome que significa *filho de*

alguem, filho de pessoa conhecida, filho de gente de prol.

O scientista norte-americano ainda está vagando nas faixas da infancia gobineana. No entanto, esquecendo o seu postulado basico, confessa que a Inglaterra deve, em grande parte, a sua aptidão a governar com justiça e competencia ás raças mescladas e, portanto, inferiores, que contém. Poderia ter citado o exemplo de Disraeli, que creou o Imperio Britannico e era um brachicephalo mediterraneo, neto de italianos e portuguezes judaisantes.

Ao tomar da obra de Madison Grant esperei encontrar coisa nova, tal o seu renome. Tive uma amarga decepção. Obra de jingoismo e preconceito, não lhe vi um ponto de vista novo, uma idéa original, uma observação profunda. Deu-me a impressão de um *film* de Los Angeles, onde as velhas imagens da anthropologia brancophila se succedem, gastas e esmaecidas pelo tempo.

RIPLEY

Uma das obras mais notaveis que têm apparecido ultimamente sobre anthropo-sociologia é a de William Ripley, professor da Universidade de Columbia da cidade de New York. Cerca de vinte annos tem de publicado esse livro. Nem todas as suas conclusões, talvez, serão acceitaveis.

Mas, entre as obras de vulgarisação, com certeza, nenhuma offerece tantos elementos seguros para o estudioso chegar, por si mesmo, a conclusões pessoaes sobre a questão das raças.

Estudando a origem européa, Ripley encara de frente a celebre doutrina da raça aryana. Mostra que não passou da apressada generalisação de uma hypothese glottica. Mostra que, quando surgiu, ainda não existiam, nem a anthropologia, nem a archeologia prehistorica. Assim, essa identificação do aryano com o *homo europeus* de Linneu nada mais é do que uma fantasia sem a minima raiz. Max Muller que, na mocidade, lhe tinha pago o tributo do arrastamento geral acabou escrevendo:

“Falar em raça aryana, sangue aryano, olhos e cabellos arianos é tão grande abstrusidade como a do linguista que falasse em dictionarios dolicocephalos e grammaticas brachicephalicas. E’ acceitavel — dizia elle — apenas que se fale numa lingua aryana”.

Ripley, apesar de pequenas lacunas, é o guia mais seguro nesses assumptos: As conclusões a que chega, depois de longas e rigorosas investigações, são as de que ainda estamos mais perto da unidade de raças, affirmada pela Biblia e por Darwin, do que da heterogeneidade pela qual se

batem os propugnadores dos preconceitos raciaes. Para elle, hoje em dia, é um contrasenso falar-se em homem branco. Sejam quaes forem as apparencias e a pureza da pigmentação, pôde-se dizer, sem receio, que não ha uma creatura ethnicamente branca, isto é, extreme de mescla. No seu entender, por exemplo, a França é uma immensa caldeira em que se fundiram todos os tres typos europeus, a seu ver, raças intermediarias entre o africano e o asiatico. A chamada lingua aryana, para elle, é de origem afro-européa, e as populações mais antigas do continente europeu denotam, no seu *abstractum*, as maiores affinidades phisicas negroides.

Para elle, o europeu é o typo intermediario entre o negro e o asiatico.

A inferioridade da raça negra perante a historia recente do mundo é innegavel. Mas o seu longo martyrio não nos permite vêr o que ella poderia ser noutras condições.

Invertamos, por hypothese, os papeis. Imaginemos os brancos, submettidos por millennios á escravidão, quer dos seus iguaes, quer do estrangeiro. Qual seria o nivel da sua civilização? Teriam resistido eugenicamente ás degradações do captiveiro?

RAÇA AMARELLA

Se não podemos comparar povos livres e povos escravizados, nada impede que entre aquelles comparemos os brancos e amarellos. Recorrendo a épocas relativamente recentes, vemos que os mongões, de que os aryanistas tanto desdenham, nada têm a invejar aos caucasicos. Como exemplares humanos, a sua robustez é maior do que a destes. A sua longevidade excede as medidas do crível. A sua alimentação principal, o leite de egua, preserva mais da senescencia do que o kefir dos bulgaros. A sua adaptabilidade aos climas mais diversos é a mais extraordinaria que se conhece, segundo Ripley. Raça guerreira por excellencia, os seus feitos militares eclipsam os de todos os guerreiros do occidente, que, antes da Grande Guerra, nunca haviam travado batalhas, comparaveis, no numero de combatentes e na importancia dos destinos que decidiam, ás grandes campanhas de Genghiskan e Timurleng. Dominadores da China e conquistadores da India, deram a esta uma dynastia de grandes soberanos, de que nenhuma nação européa tem sequer pallida aproximação. Crearam uma arte architectonica e decorativa, perto da qual empallidecem as construcções que são o orgulho da Europa. Quem se der ao trabalho de cotejar, pelas descripções dos

viajantes e pelas photographias, a descripção dos monumentos hindús com os seus congeneres estranhos, terá de concluir pela inferioridade destes.

Muitas das conquistas da vida moderna lhes pertencem. A Roma pagã dá aos cuidados do corpo uma attenção especial. O christianismo primitivo, vendo neste um alliado do Tentador, condemnou-o ao desprezo. Desde ahi que a Europa viveu mais ou menos na sordicie pessoal. Luiz XIV, em toda a sua vida, não tomou um banho, segundo o seu camarista Dangeau. Mas os inglezes, tão adeantados nesse ponto como os francezes do grande seculo, penetraram na India com Lord Clive. Viram os banheiros hindús e o conforto que representavam. Importaram o banho para a Inglaterra, em cujos palacios não se conhecia esse exotismo oriental. Os inglezes disseminaram pelo mundo os habitos de asseio pessoal, que o Oriente tinha sempre conservado.

OS JAPÕES

Quando, porém, valesse o argumento de que a cultura mongolica apenas primara na architectura, teriamos para mostrar o que vale a raça amarella e o exemplo dos japões, para empregar o termo dos nossos velhos chronistas. E' de hontem o facto. Foi hontem que o mytho da superioridade branca se dissipou como os muros de uma for-

taleza de preconceitos aos clarões dos canhões nipponicos, em *Tsushima*. Já não quero falar na superioridade bellica. Quem estudar essa campanha, sob o ponto de vista humano, verá que a verdadeira civilização estava com os japões, cujo respeito aos imperativos juridicos era tal que se faziam acompanhar de professores de direito internacional, que lhes traçassem os limites legais dos seus actos.

Sob o ponto de vista da bravura, o espirito que sobrepairar a prevenções de raça terá que confessar que não ha, na historia, nenhuma mais épica. Os pequenos nippões atiravam-se sobre os fossos que defendiam as trincheiras inimigas, para encher-os com os seus corpos e permittir a passagem das hostes da retaguarda sobre os seus cadaveres. Fanatismo, dizem os que fecham os olhos para não vêr.

Ao lado desse heroismo, que não trepidava ante o suicidio, havia um incomparavel respeito á vida e á propriedade do inimigo. Para encontrar exemplos de polidez guerreira igual aos d'elle, é preciso remontar ás tradições cavalheirosas do grande seculo onde os marchaes de Luiz XIV proviam dos viveres que lhes faltavam aos commandantes das praças fortes que estavam sitiando.

Os russos eram tão bem tratados em seus hospitaes como elles proprios. Serviços de posta e de almoxarifado, exclusivamente creados para esse

mistér, remetiam ás familias dos inimigos que mortos, identificados pelas medalhas que traziam ao pescoço, tudo o que lhes pertencera e fôra possível salvar antes de enterral-os. Não raro, no fundo da Siberia, um casal de velhos recebia, num *colis-postal*, o anel, o relógio ou o escapulario que lhes pertencera ao filho. Achar inferior uma raça destas que, oscillando entre os dois polos da energia humana, a bravura e a magnanimidade, attinge a regiões dessa belleza moral, é zombar do bom senso, desmentir a evidencia e negar a verdade.

Cegos serão os estadistas que não virem que o tempo do exclusivismo branco passou, e que terá de desaparecer pela força, se não quizer transigir pelo direito.

Hoje em dia, é um segredo de Polichinello a causa pela qual se firmou o predomínio branco: a machina e os seus dois elementos, o carvão e o ferro. Emquanto a Europa foi a unica a dispôr dessa carta marcada no jogo do predomínio universal, emquanto teve o monopolio da metallurgia, tudo lhe ia bem e a sua supremacia sobre o Oriente era tão grande como a do automovel sobre a jinrikisha, o leve carrinho de duas rodas, puxado á mão pelos *cooleys* nas ruas de Pekin. Mudaram-se, porém, os tempos. O Japão nada tem mais que invejar á Europa no dominio metallurgico. Seus estaleiros e arsenaes são perfeitos.

Seus operarios levam, sobre os europeus, a vantagem de uma incomparavel habilidade mecanica. A sua faculdade de assimilação, imitação e execução é um caracteristico atavico. Já Fernão Mendes Pinto assignalava que o naufragio de um chaveco portuguez levou á costa nipponica tres portuguezes armados de arcabuzes. O *shogun* da região deu-lhes um junco para continuar a viagem, e comprou-lhes dois dos mosquetes. Tempos depois, ao passarem de novo por ali, os antigos naufragos desceram á terra e verificaram que todos os incolas já dispunham de arcabuzes feitos com a maior perfeição, sob o modelo dos que haviam comprado.

O Japão tem hoje o papel de instructor da Asia, onde não faltam o ferro, o carvão e o petroleo. Tem ao seu lado a China, com os seus quatrocentos milhões de habitantes. A civilizada Europa entendeu que ella devia envenenar-se para enriquecer-a. Declarou-lhe a guerra do opio, em nome do direito de matar-a aos poucos.

Bem o merecia o Celeste Imperio... Não conhecia a polvora, seculos antes de Bertoldo Schwatz descobri-la na Allemanha? Por que só a empregara nos dragões luminosos, nos buscapés e nas rodinhas dos fogos de artificio? Por que não a applicara á arte de matar?

Com essa mentalidade, os europeus assolaram a China, destruíram a Torre de Porcellana, talvez

a mais pura joia architectonica do mundo, e queimaram a encyclopedia chinesa, cujo só indice tinha centenas de volumes e era o mais antigo e copioso repositorio de historia que se conhecia.

Desde ahi que o Occidente pensa que o Celeste Imperio nunca despertará do letargo do opio. Mas uma propaganda intensa, iniciada ha muitos annos, está procurando despertá-lo. No dia em que se japonisar, isto é, adquirir a mesma integridade nacional do velho Cipango, todos os mercados do Oriente estarão fechados aos brancos, que terão de tratar de igual para igual com os amarellos, e não, como até hoje, de senhor para escravo. Note-se que todas as outras raças de côr consideram os brancos o inimigo commum.

O agravamento dos antagonismos de raça, a obstinação em não dar direitos de cidade a nações só convencionalmente inferiores, pôde determinar, no mundo, uma guerra continental. Os maiores pensadores contemporaneos vêm ahi a mais tenebrosa das incognitas do seculo. A celebre gravura do Kaiser, em que este pintou as nações da Europa reunidas numa collina e de espada na mão para resistirem juntas á invasão das tropas asiaticas que se aproximam, já o confessam até escriptores francezes, não merecia os remoques com que foi acolhida. Era uma antecipação sensata do futuro. Perdida pelo Occidente a supremacia metallurgica e chimica, igualadas as forças no ter-

reno das armas e dos recursos, seria o factor numerico quem decidisse a victoria. Já os mussulmanos e os hindús propagam a necessidade da Guerra Santa. Por hypothetico que pareça esse movimento, ahi está o exemplo das Cruzadas do Occidente, para mostrar a sua possibilidade eventual.

Tem de haver, portanto, uma revisão de idéas e directrizes. O orgulho branco terá de entrar no terreno das composições, se quizer manter a sua posse pacifica sobre os dominios que occupa. Os *homens praticos*, isto é, os que enxergam o dia de hoje apenas, desdenham desse problema, de que não chegam a admittir a equação. E' a philosophia da avestruz que, quando ameaçada, fecha os olhos, pensando que assim foge ao perigo.

RAÇA NEGRA

Entre as conquistas da sciencia, uma das mais pacificas parece ser a da unidade de especie. As theorias materialistas de Darwin e seus successores coincidem, nesse passo, com o testemunho da Biblia. Não ha provas de que, nos tempos pre-historicos, tenham sido os brancos, e não os negros, os dominadores da terra.

A archeologia estaca, desanimada, nos confins dessa idade, que se conta por millenios. Donde partiram os primitivos colonisadores da Europa?

Em épocas de relativa proximidade, não ha duvida que foi da Asia. Em outras, anteriores, ha quem sustente que da Africa. Saint Yves d'Alveydre, curioso escriptor francez, que escreveu a celebre *Mission des Juifs*, narra que a raça dos Kouschitas, transpondo o Mediterraneo, invadiu e dominou a França. Para marcarem o seu desprezo por aquella raça de brancos, cuja côr, a seus olhos, constituia uma inferioridade, deram-lhe o nome da mais desprezível coisa branca que conheciam: *scytha*. *Scytha* significa saliva na lingua de Kousch. Foi esse o nome que os antepassados dos abexins deram aos celtas.

Na India e na Arabia, é frequentissimo quasi tão frequente como o olivaceo, o typo do negro, que só se differencia dos africanos pelos cabellos corridos.

Segundo os Védas, os primitivos habitantes da India sahiam em grandes expedições conquistadoras, que devem ter chegado ao Mediterraneo, uma vez que a theogonia grega não é mais do que a adaptação symbolica e a encarnação anthropomorphica dos mythos cosmogonicos da India.

Da mescla de sangue hindú, consequente á conquista, deve provir a pigmentação morena da raça grega.

Sahindo, porém, do terreno conjectural da prehistoria, a endosmose africana dos povos ribeirinhos do Mediterraneo está fóra de questão.

Abertas ás incursões maritimas, todas as ourelas mediterraneas recebiam o affluxo do sangue africano, que as communicações commerciaes lhes traziam. Sobre esse conceito, ou, antes, sobre esse facto historico, ha quasi unanimidade de opiniões.

O proprio Gobineau o reconhece, e Ripley, indo mais longe, dá á lingua aryana uma origem afro-européa, o que prova que a assimilação dos dois elementos foi completa num dado momento.

Se essa influencia negra, tão grande, conseguiu desapparecer da Europa, repontando apenas em vestigios na pigmentação morena de certos agrupamentos ethnicos, tres conclusões se devem tirar. Primeira: a mescla africana não é uma condição de inferioridade, uma vez que raças mais nobres não conta o mundo do que as mediterraneas. Segunda: a aryanisação progressiva do Brasil, a exemplo do que se deu na Europa, é um phenomeno fatal e inevitavel. Terceira: os europeus e os africanos são parentes. O talento genial de José do Patrocinio já o presentia instinctivamente. Como? — Vamos vel-o.

JOSÉ DO PATROCINIO

José do Patrocinio falava um dia num theatro do Rio.

Quem não o ouviu não sabe o que é a elo-

quencia arrancada ás raizes da vida como a chama de Zeus á raiz dos carvalhos de Dódona.

Vi um dia, numa queimada, a extracção dum tronco de peroba por dois *tanks* de guerra, transformados em tractores. Foi preciso multiplicar a força de um pela do outro, ligando-os por cabos de aço, e puxarem os dois a um tempo.

O colosso, que um homem mal poderia abraçar, mergulhado no fundo da terra, tremeu, mas resistiu ao primeiro abalo. A corrente rangia estreitando-lhe a cortex. Mas os *tanks*, conquanto a inaudita resistencia duma cimentação secular tentasse paralyzal-os, continuavam numa reptação, de scolopendros. E ao cabo de minutos de angustia, ao empuxe dos musculos de aço dos monstros mecanicos o tronco despegou-se do torrão nativo, torcendo-se, estalando, sangrando terra roxa pelas raizes, num longo gemido, num gemido de fibras dilaceradas, num gemido humano.

A palavra sahia das entranhas do *Negro* — assim o baptisou o carinho symbolico de Olavo Bilac — como esse tronco de peroba da sua gleba.

Era o gemido de toda a sua raça que lhe sahia ululando das fibras.

“O *Negro* parecia um golfinho, as ventas inchavam para beber o ar e todo elle tremia” — contava-me Guimarães Passos, descrevendo a interrupção que deu lugar á apostrophe magnifica:

“Se Deus me deu a côr de Othello foi para ter ciumes de minha patria!”

Numa dessas orações plutonianas, em que sua palavra ardia como uma cratera numa noite carregada de estrellas, um escravocrata deu-lhe um aparte firmado num autor saxonio, que legitimava o trafico.

O *Negro* estacou e reproduziu o golfinho de Guimarães Passos. “Nós latinos, respondeu trovejando, temos outra mentalidade; a creatura humana não é uma mercadoria”. O theatro veio abaixo de palmas.

A’ sahida, caminho do Carcellér ou da Guarda Velha, onde iam *molhar* o triumpho, Guimarães Passos e Olavo Bilac, seus irmãos, puzeram-no á bulha com o carinho aspero com que costumavam esconder o seu perenne deslumbramento:

— “Então, seu “*Negro*”, nós latinos... hein?”
— “Latinos pela cultura”, desculpou-se atrapalhado o grande orador.

Não, José. Não tinhas razão na restricção. Latino, sim, por tudo, até pelo sangue. O sangue africano que te corria nas veias era menos dissimulado do que nas dos europeus. Faltavam-te á epiderme tres; quatro, ou mesmo se quizerem, vinte gerações de cruzamentos. Mas se é exacto, como elles querem, que o soma e o germen do preto nunca desaparecem, tu eras tão latino como elles, porque elles são tão africanos como tu.

A FUSÃO ETHNICA DO BRASIL

Não devemos, portanto, nós, os brasileiros, curvar a cabeça á accusação de mestiçagem. Mestiças são, hoje, todas as raças do mundo, excepto os pequenos nucleos, aliás do mais baixo indice mental, dos esquimós e dos lapões e os pretos, que desde que se cruzam deixam de ser pretos.

O curioso porém é que os proprios que nos depreciam, chamando-nos mestiços, como Gobineau, dizem que a arte européa é filha da mestiçagem, que nasceu no berço afro-europeu.

Se alguma coisa ha de certo na anthropologia, é que todas as nações da Europa, mórmente as mediterraneas, são mestiças. Ripley, nos seus mapas anthropologicos, sarja de influencias africanas quasi todo o seu territorio. Em bôa logica, isto é chamar os mediterraneos de mulatos da Europa. Os brasileiros que tiverem na cutis "a sombra do sol posto" não têm de que se envergonhar. Antes delles, os antepassados de todas as nações modernas passaram pela mesma sorte. Nasceu a arte á orilha de esmeralda jonica. Quando ainda os barbaros do norte disputavam aos ursos das cavernas os ossos das rennas, já o Parthenon perfilava no horizonte da Acropole os troncos de palmeira imperial do seu columnario. E tanto aquelles que o edificaram como os que lhe com-

prehendiam a suprema belleza traziam nas veias esse sangue africano, que o proprio Gobineau confessa ter sido o fermento do sentimento artistico.

Mestiça, e das mais mestiças, é toda a França, o que não lhe tirou o messianismo espiritual que em vão o ciume lhe tentaria negar. Os filhos da Dordonha, herdeiros da raça de Cro-Magnon, são irmãos dos Kabilas e Bérberes. Se dalguma coisa valem indices craneanos, se dalguma coisa valem traços physionomicos, não passa Clemenceau de um mestiço euro-asiatico, cuja origem mongoloide reponta, numa regressão atavica talvez de centurias, nos zygomas, nas maxillas e no indice cephalico do grande francez.

Lapouge, que prophetisava a africanisação do Brasil, pelo cruzamento, ignorava o processo deste no Brasil. Aqui, o emigrado portuguez recém-vindo achava na preta a guardiã da casa e a companheira. O interesse immediato, tão sabio como Salomão, abria os ouvidos e os braços ás Makenas e Sulamitas. Deixava-se arrastar pelo "*nigra sum sed formosa*", nem sempre verdadeiro, do Cantico dos Canticos. O elemento branco era sempre masculino. A mulher branca tinha a incompatibilidade organica do preto. A sua conjuncção com elle parecia-lhe uma aberração, com que rarissimamente transigia.

Na Europa dá-se o contrario. As Belkiss brancas têm a fascinação do negro. Corramos um véo

sobre as regiões por onde passaram os soldados coloniaes da Grande Guerra. Que o digam apenas os grandes hotéis, forçados a retirarem de elevadores e portarias os trintanarios pretos porque as Pompadours de hoje, esquecidas até do exemplo da antiga com o seu Zamora, não se desdoiram de descer até á libré dos lacaios. No Brasil, em summa, Chantecler sempre foi branco. Nas *basse cours* da Europa dá-se sempre o contrario. São as faisãs brancas que correm atraz do Chantecler oxydado.

Não ha, nestas palavras, proposito de detracção. Quem fala assim reconhece mais que ninguém o quanto devemos á Europa. Mas é preciso não lhe dar a liberdade de dizer o que queira sem ouvir o que merece. E' preciso mostrar aos seus sociologos de pacotilha, desde Gobineau a Gustavo Le Bon — esse Paul Geraldty da sciencia, que affirmava irresoluvel a dirigibilidade aerea com o mesmo topéte com que hoje affirma a fragmentação dos Estados Unidos, — que a contra-critica brasileira é tão apta como a delles não só para descobrir na cutis dos mestiços seculares a côr de chocolate como ainda para proclamal-o.

Mestiço é o Japão onde as migrações melanesicas se radicaram para formar essa raça cuja assimilação do progresso occidental constitue o maior prodigio ethnico da historia. Numa época em que a sciencia ingleza procura resolver a accli-

mação britannica na India pela transfusão do sangue hindú aos seus soldados, como vaccinação contra a hepatite dos paizes humidos e quentes, ninguem pôde envergonhar-se de compartilhar com a Europa o privilegio de ter no proprio algumas gottas do sangue africano. Não é mais possivel na Europa falar em raças puras, diz Pittard, no seu livro *l'Herédité*.

O contingente indigena que contribuiu para a nossa formação, pequeno no litoral, é maior no sertão. O indigena não se erradica. E' visceralmente nomade. Precisa da liberdade dos campos e florestas. Só uma intuição muito segura da sua mentalidade infantil era capaz de congregal-o em povoações e amansal-o. Até Rondon, só os jesuitas haviam conseguido esse milagre. Mas a obra destes foi extincta pelos bandeirantes que destruíram as suas reduções.

Dahi o internarem-se elles em regiões cada vez mais remotas. Dahi a nossa mescla indigena ser em menores proporções do que na maior parte dos outros paizes americanos. Dahi o sermos mais europeizados do que elles. Calogeras, autoridade que se precisa evocar a cada passo quando se trata de assumptos brasileiros, accentúa que o seu influxo, maximo nos primeiros tempos da conquista, foi gradualmente decrescendo. Diz elle:

“O que, do corpo e da mentalidade do selvagem, passou ao descendente cruza-

do não é facil distinguir pela pequena fixidez do typo intermedio, de transição, assim surgido”.

“Talvez maior desprezo pelo soffrimento, maior desapego á vida, ferocidade no trato com o inimigo, altivez incoercivel, astucia, indifferença pela riqueza, persistencia na vingança, pouca sequencia nos propositos alheios á sua vindicta”.

O indigena era um homem na pureza primitiva, com a rara afinação dos sentidos que lhe é propria. As suas percepções intellectuaes não passavam de um circulo estreito. Mas, uma vez neste, determinavam resoluções tão firmes e elevadas como nos brancos. Os Tibiriçás, os Arari-boias, os Potys, os Camarões, nada ficavam a dever, em heroismo, aos portuguezes, a cujo lado combatiam. Foi essa a raça que trouxe o seu contingente ao brasileiro de hoje. Della surgiu o mameuco e deste o nosso caboclo do interior. Em summa na raça brasileira o factor de fixidez é o elemento branco.

A GLORIFICAÇÃO DA CRUELDADE

Bem poucos os que se lembram do direito, quando a gloria passa no horizonte com o seu tro-

pel de canhões o seu trapejar de bandeiras, paralyando o espirito de analyse pela fascinação dos seus triumphos. A mentalidade nordica e germanica, essa, então, nunca teve outra convicção senão a de que só a victoria dá direitos. Dahi a magnificação do meio de conquistal-a: a guerra. Dahi o aphorismo de tornal-a cada vez mais cruel, para tornal-a mais breve.

De gradação em gradação, chegam os theoristas da guerra á apologia da crueldade. “Aos inimigos não se deve deixar senão os olhos para chorar”, — dizia um delles, cujo nome a compaixão me leva a omittir, porque as suas palavras têm um toque de ironia, depois da derrota da sua grande patria que, se as acceitava quando tinha a certeza de vencer, foi a primeira a repudial-as depois de vencida.

Essa crueldade foi sempre a caracteristica dos guerreiros nordicos. Os homens fazem os deuses á sua imagem. Quem lhes estudar a theogonia primitiva verá que o caracteristico dos seus numes era o desprezo da vida e a apologia do homicidio. Essa mentalidade, entretita preciosamente pelos manipuladores de guerras, educou e exercitou phisicamente gerações e gerações para os seus rudes mistéres. E' natural que esse cuidado apparelhasse o animal humano, a elle submettido, de uma resistencia maior do que os outros, isentos das mesmas preoccupações. Athleticos e crueis, mas

deformados nos sentimentos e na intelligencia, esses povos desdenhavam dos outros que, com um conceito diverso da vida, não se preparavam para matar.

De todas as raças européas, as menos crueis são as latinas. As excepções dessa regra são talvez oriundas de regressões atavicas, devidas a cruzamentos com os povos do norte. Na bacia mediterranea, o conceito da luta não tem requintes de atrocidade. Os deuses do Olympo bebem o hydromel e a ambrosia em krateras de ouro, ao passo que o Jupiter scandinavo é em craneos humanos que bebe o sangue dos inimigos.

Talvez devido ao instincto da musica, que abranda até os animaes, os africanos, entre os quaes ella nasceu, tenham trazido á Europa prehistorica o contingente racial da bondade. Conjectura ou não essa contribuição, o facto é que, entre os latinos se encontram os grandes cultores da bondade. Tambem matam, é certo, tambem são excellentes soldados, talvez os melhores da Europa. Mas não matam por prazer, ou por necessidade organica. Matam para defender a patria. Matam para não morrer. Matam em legitima defesa.

Uma grande confusão reina entre crueldade e bravura, entre obstinação e character. Os bons, os que odeiam o homicidio, os que detestam a violencia passam por fracos, ducteis e pusillanimes. Os máus, os desalmados, os atrozes passam por ser

os constructores da civilisação, os operarios do progresso, os exemplares nobres da especie. Que sobre, porém, a adversidade e todo o inteiriço dessa arrogancia tomará a flexibilidade dos canços ou dos vimes. Inda ha pouco, publicavam os jornaes a descripção da impressão que tinham os modernos descendentes de Odin quando os soldados negros da Algeria avançavam contra elles, de faca nos dentes, semi-nús, a bocca convulsiona-da num rictus que lhes mostrava os dentes, mais brancos pelo negrume da pelle. Ficavam estarecidos como deante da apparição de demonios. Sabiam que não teriam quartel, como poderia occorrer se combatessem com brancos. Ahi podiam medir todo o horror da crueldade, que não se contenta senão com o exterminio do inimigo. Creança grande, cujos instinctos ainda não percorreram o cyclo do amadurecimento total, o negro não tem gradações nos instinctos. E' visceralmente bom. Mas, quando deixa desencadear a besta humana, a sua combatividade não conhece os limites da piedade, que a cultura christã instillou, de geração em geração, durante seculos, nos que nasceram á sua sombra.

O caracteristico do brasileiro é a bondade. Herdou-a da civilisação mediterranea, através de Portugal. Nunca fez da crueldade o padrão moral da eugenia.

A parte da população brasileira, oriunda de

cruzamentos indios e negros, não tem a crueldade no sangue. A anthropophagia dos nossos indigenas, observações recentes concluíram que não era senão um rito religioso, quasi sempre symbolico e consistindo em repartir, entre centenas de individuos, o corpo do inimigo morto, para infligir-lhe assim, embora posthumamente, a humilhação das humilhações. O nosso negro, afeiçoado pela brandura dos nossos costumes, que não tinha parelha nos outros paizes de escravidão, bem cedo humanisou-se e, com as excepções de poucas raças, das menos numerosas entre aquellas que Braz Amal conseguiu identificar, é de uma bondade tão notoria que a sua tradição ainda se conserva em todas as memorias.

O brasileiro do interior, o nosso caboclo, fundiu em si essas almas. Porém, quando arrastado aos combates, alguma coisa da astucia, da bravura, do arranque instinctivo, do desprezo da vida do indio e do negro o transfigura num soldado incomparavel. Foi isso o que conservámos das chamadas "raças inferiores"! Elles nos deram o melhor elemento para a defesa nacional.

TRADIÇÃO LATINA

Provado pelo cotejo entre brancos e amarellos que a civilisação não é privilegio de uma raça, vejamos quem somos. As nossas raizes ethnicas

mergulham no solo lusitano. Somos especificamente latinos. Os cromosomas portuguezes, nos cruzamentos ethnicos, prevalecem sobre os outros, com uma constancia maravilhosa. O filho do portuguez com qualquer outra raça é portuguez.

Embalde os arautos do nordismo têm decretado a decadencia latina. A cada uma das suas afirmações corresponde sempre um desmentido. A America do Sul não tem que se envergonhar da sua tradição romana. Os que mais pensam fugir-lhes, mais lhe pertencem. O seu esforço para se lhe eximir é ingenuo e vão. Se o peso dissesse á lei da gravidade: — “Não me submetto ao teu imperio” — faria o mesmo que esses pretensos evadidos da cultura latina. Que lingua falam elles? De que syntaxe dispõem? Que idéas, que principios, que leis de relação, que preconceitos os dominam?

As sociedades modernas repousam sobre o Direito Romano. Foi elle quem humanisou a vida de relação. Infiltrado em todas as outras codificações a todas domina, como a Eternidade ao Tempo. Foi elle o creador do mundo contemporaneo.

Como, pois, póde haver quem se gabe, hoje, de não soffrer a influencia latina?

Bem sei que se ha de entender de modo restricto essa latinophobia.

Mas á independencia autochtone ou cabocla, que a condemna, eu lhe pergunto em que paiz es-

quartelou seus braços de legitimidade, e com que resultados. No Paraguay de Francia? Mas para que? Para odiar os vizinhos? Para perseguir os naturaes e mantel-os em escravidão?

Não nos illudamos. Esse americanismo, esse bugrismo, esse indianismo que por ahi campeia, num exclusivismo cego, não tem verdade, não tem criterio, não tem observação, quando repudia a origem latina. Roma sobe e desce, declina e ascende, transfórma-se e transfigura-se, ora no eclipse, ora no fastigio. O seu phenomeno politico e social está sujeito ás vicissitudes dos tempos e dos homens. Mas a fórmula romana, a fórmula latina, feita do direito que plasmou a civilização moderna, sujeita embora a transformações e modificações como tudo que é humano, inda não appareceu astronomo que lhe medisse a parabola de desaparecimento.

Temos, pois, que, colonizados por Portugal, não ha que renegarmos a nossa ascendencia. Desnaturado é o filho que renega o pae que decahiu e empobreceu. Concedamos que a moral entre os povos não seja a mesma que entre os individuos. Mas, mesmo afastada essa consideração e estudada a nossa origem sob o ponto de vista racial, só temos que nos orgulhar.

Das nações colonisadoras da Europa, nenhuma creou uma nação tão grande, tão homogenea e tão culta como Portugal. O senhorio espanhol,

na America, fragmentou-se em grande numero de paizes, é verdade. Mas com um contingente minimo de sangue castelhano, na maior parte absorvido e dominado pelo elemento indigena. No Brasil deu-se o contrario. O elemento portuguez predominou, absorvendo as outras raças. Dahi a nossa unidade ethnica, que pequenas variantes não conseguem descaracterisar.

A Inglaterra creou os Estados Unidos. Doou-lhes a lingua e a religião. Mas os Estados Unidos de hoje são um vasto mosaico ethnologico, onde o sangue inglez puro faz os maiores esforços para não se deixar absorver. As colonias allemãs e judia, americanisadas, mal se deixaram assimilar. O perigo da invasão immigratoria é ali tão grande que o governo tomou medidas contra ella. Um enorme contingente negro, que orça por quinze milhões, inassimilado, hostilizado, odiado, mostra a falta de qualidades assimiladoras do inglez.

O portuguez tem qualidades eugenicãs de primeira ordem. Nos cruzamentos com outras raças, a constante é a da sua predominancia. Na mestiçagem, com o negro, elle domina sempre. No caldeamento afro-lusitano, a sua influencia opera como a do sangue de boi na refinação do assucar preto: é o agente catalytico da brancura. Elle e o italiano são os dois povos colonisadores por excellencia.

Em resumo, a raça de que o Brasil desce, de

nada inferior a nenhuma das outras, cujo fastigio momentaneo nos deslumbra, foi a que consolidou, no mundo moderno, o dominio branco. Nenhuma prestou serviços tão assignalados á actual civilisação. Anthropologicamente, é ella uma raça superior; nem ha nenhuma mais nobre.

HEGEMONIA POLITICA DOS BRANCOS

Ninguém pensa hoje em discutir a primazia da raça branca. A humanidade, ordenança da victoria, está de ha muito habituada a confundir as duas noções de dominio e superioridade. E' a logica do successo. O vencedor tem todas as qualidades; o vencido, nenhuma.

A historia universal, limitada a um periodo restricto de mais ou menos quatro mil annos, quando a idade da terra é pelo menos de um milhão, inda não fornece dados scientificos para tal affirmação. A proporção do periodo conhecido para o ignorado é de um para vinte e cinco. Trata-se de um alfabeto de vinte e cinco letras, das quaes só conhecemos uma. No emtanto, com o simples conhecimento de uma, queremos ler toda a historia do homem na terra...

Ha, para isso, causas poderosas. Voltam-se os olhos ao passado, e só se vêem brancos na historia do mundo. "Ah! se os leões fossem pintores!" dizia o bom Lafontaine. Quando muito, dá-se um pouco

de attenção aos amarells, aliás quasi desconhecidos pelos autores occidentaes, ciosos em manter a lenda da inferioridade racial do asiatico e do africano. Tudo conspira para consolidar a these mais lisonjeira para o orgulho caucasico. Precisamos estudal-a.

A raça branca nem sempre dominou o mundo. No anno de 1500, a população branca da Europa equivalia, talvez, á sua quarta parte. Grande parte dos barbaros, cujas invasões foram o flagello do continente europeu, que geographicamente não passa de unia península asiatica, pertenciam á raça amarella.

No anno de 1500, pequenos nucleos brancos e mestiços dominavam as orilhas maritimas. De um desses grupos, o que do ultimo pedaço da Europa dominava o Atlantico, partiu o movimento que devia salvar as populações litoraneas.

O PAPEL DE PORTUGAL

Coube a Portugal o papel de salvador da raça branca. Para contrastar a invasão e a influencia barbarico-asiatica dois caminhos lhe restavam: ou marchar, por terra, ao seu encontro e combatel-a em campo raso, ou crear meios indirectos de combatel-a. Portugal teve de escolher o segundo. Procurou, no Atlantico, a arma que lhe faltava. A organização scientifica dos descobrimentos mari-

timos foi a forja em que o velho Portugal caldeou a espada da victoria.

A guerra é uma questão de rapidez de movimentos e de riqueza, elementos que faltavam aos barbaros, na maioria nomades. A navegação e o commercio maritimo iam dar esses dois factores aos portuguezes. As suas bandeiras atlanticas, descobrindo novos caminhos, novos emporios, novos mercados de permuta, iriam pôr-lhe nas mãos a chave da guerra e do predomínio. A escola maritima de Sagres foi o nucleo desse movimento, que até hoje está dominando. Se a raça caucasica quizesse erigir um monumento ao seu archetypo, teria de ir buscal-o em D. Henrique, o infante navegador, que, dando á Europa o dominio dos mares, lhe deu tambem o dominio da terra.

PRIORIDADE NA NAVEGAÇÃO SCIENTIFICA

Não póde haver duvida quanto á prioridade dos portuguezes nas conquistas da navegação. Ainda é difficil descobrir as origens da sua superioridade na arte de navegar. Talvez que tivessem herdado os segredos phenicios. Tudo, porém, leva a crer que se não lançavam ás cegas ao desconhecido. As galeras phenicias, nas suas explorações, tinham ordens, a que obedeciam cuidadosamente, de se afundarem com toda a tripulação, se ameaça-

das de apresamento: era a defesa dos segredos que lhe constituíam a supremacia do emporio commercial. Portugal não levou tão longe a defesa dos seus. Comtudo, os seus roteiros e cartas de marear eram cuidadosamente preservados do conhecimento dos povos rivaes. Somente quando uma organização excepcional lhes permittia destemer a concorrência é que se tornavam publicas as suas expedições.

A Historia da Colonisação Portugueza no Brasil, admiravel repositório de documentos, deixa provado á saciedade que Portugal escondia, ciosamente, os rumos das suas caravellas. Para demonstral-o, basta um facto curioso: os annalistas portuguezes, grande linhagem de historiadores minudentes, em que se enumeram os João de Barros e os Damião de Góes, são omissos sobre quanto faziam e alcançavam os marujos lusitanos, na época dos descobrimentos. Os chronistas-móres do reino não tujem nem mujem quanto ás incursões transoceanicas. Tal silencio só pode provir do motivo acima apontado: a necessidade do segredo, o receio da concorrência e a vantagem da prioridade.

Conquistado o oceano, sobraram braços e meios de fortuna aos audazes exploradores. A Asia era sangrada nas veias mais ricas: as do commercio. Este dantes tomava dois caminhos: a Estrada da Seda, que chegava ao Mediterraneo por meio de longas e demoradas caravanas, e a grande

estrada migratoria que desce da Russia, marginando o Danubio. Os portuguezes praticamente annullaram essas duas estradas. Reduziram a um terço ou a um quarto o percurso das viagens. Genova e Veneza, explorando o caminho mediterraneo, tinham enriquecido. Portugal veio inutilisar essa rota, já de si infestada pelos piratas turcos. Arrancou ás republicas italianas a hegemonia commercial e tornou-se durante algum tempo, a primeira das nações da Europa.

Depois que Portugal assumiu essa situação, teve a raça branca o que lhe faltava: o braço, a riqueza, a organização, a consciencia da propria força. Desde que o Atlantico se tornou suzerano da colmeia de Sagres, a onda asiatica estacionou parte, e parte refluiu para a Europa oriental, caminho do seu berço. Todo o orgulho da raça branca não se mostraria, portanto, se o pequeno Portugal não lhe houvesse dado nos mares a grandeza que lhe faltava em terra.

E' preciso insistir nessa gloria do pequenino Portugal. Coube-lhe a missão historica de ser o paladino da raça branca. O promontorio de Sagres foi o berço do orgulho caucasico. Logo depois de Portugal, veio a Espanha, competindo com elle na primazia. Em seguida, a Italia, com os seus Colombos e Vespuccios, e a França, com os seus armadores de Dieppe. Essa a verdadeira historia: onde estão os dolicocephalos teuto-saxonios?

O plano nacional do infante D. Henrique foi continuado por D. João II, e corporisou-se na criação da Junta dos Mathematicos, destinada a dar um character scientifico á navegação. Embalde Humboldt tentou reivindicar para a Allemanha a gloria de ter creado com Martim Behaim, a astronomia nautica. São irrefutaveis as demonstrações de Bensaúde, que prova a prioridade portugueza e cita as tabellas de declinação do sol, pelas quaes se guiavam os portuguezes muito antes do apparecimento do cosmographo allemão.

Os espanhoes, por seu turno, não fizeram senão seguir os passos dos seus vizinhos; o tratado de Enciso foi calcado sobre as lições dos irmãos Falleiros.

Pedro Nunes, o inventor do *nonio*, podia escrever, em 1537, que os portuguezes não iam descobrir ao acaso, mas scientificamente, levando bons instrumentos e boas cartas de marear.

A navegação deixou de firmar-se apenas na bussola. Procurou as directrizes celestes. Nessa transformação de methodos, a primazia portugueza é incontestavel. João de Lisboa, em 1514, escreve um tratado de longitudes calculadas pelo Cruzeiro do Sul, do qual somente quatorze annos antes Portugal tinha tido noticias pela carta a El-Rei D. Manoel, em que Mestre João, physico da Armada de Cabral, se lhe referia. Não tinha, mais uma vez, razão Humboldt, dizendo que a mais an-

tiga referencia ao cruzeiro é a de Corsali, em 1515, na carta a Juliano de Medicis, em que fala na *croce maravigliosa nel mezzo di cinque stelle*. Muito antes delle, já Mestre João a assignalava. Isto, se esquecermos que, já em 1455, Luiz Cadamosto a havia descripto numa expedição portugueza.

Em summa, a energia de D. Henrique tinha importado as melhores capacidades em mathematica e astronomia, entre as quaes o cartographo e constructor de bussolas Mestre Jacome de Maiorca.

D. João II teve ao seu lado, por sua vez, Abrahão Zacuto, professor de astronomia em Salamanca, e Mestre José, o Zé Vizinho ou José Judeu, a principal figura do tempo, que simplificou o astrolabio mourisco e fez uma viagem a Guiné afim de fazer observações da latitude por meio da altura meridiana do sol. Foi com estes elementos, voluntaria e determinadamente congregados, que Portugal estabeleceu as bases das suas navegações. Nessa época, nenhum outro paiz deu ao assumpto o caracter de interesse nacional.

LISBOA E A ITALIA

Em principios de 1500, Lisboa era o maior entreposto atlantico, a capital maritima do mundo.

Genova, do seu ninho rupestre, e Veneza, das suas lagunas, alimentavam o esplendor dos seus

palacios com os proventos de um commercio que monopolisava o Mediterraneo e canalisava para as angras italianas as riquezas orientaes. A Renascença resuscitava nos espiritos o culto da belleza e do humanismo. Florença, sob o patriciado dos Medicis, gravava na pedra das collinas toscanas a cruz de seus lyrios vermelhos, que reproduz a insignia das velas luzitanas. Um espirito novo começou a reinar no mundo. Dir-se-ia que um oxygenio, mais puro e mais amplo começava a arejar os pulmões da humanidade. O espirito latino-mediceo consorciava a sciencia e pratica, a belleza e a utilidade, a idéa e a acção, o pensamento e a conquista. Muito antes de Goethe, no segundo *Fausto*, ter symbolisado em Euphorion o mundo moderno, o espirito latino tinha realisado o seu sonho, creando a civilisação de que ainda hoje vivemos.

A renascença italiana não se insulou no seu paiz. A Italia não podia falhar á sua missão de Ceres do genio latino. Portugal, com quem as suas communicações eram constantes e o entre-lançamento de interesses profundo, recebeu todos os beneficios do seu grande movimento espirital.

Das varias republicas em que então se dividia a Italia, a que tinha mais contacto e mais interesses communs com Portugal era Florença. Veneza e Genova não podiam ver com bons olhos o pequeno povo atlantico. Florença não podia esperar que suas rivaes do norte a chamassem á com-

munhão dos beneficios do commercio maritimo. Podia esperal-o, porém, de Portugal, cujo raio de acção era differente e com quem não tinha motivos de rivalidade. Florença foi amiga de Portugal. Foi ella que lhe levou o espirito da Renascença.

A colonia florentina, em Lisboa, era das mais importantes. Lisboa era a capital das navegações. Todos os aventureiros illustres para lá se dirigiam. Lá morou Americo Vespucio. Lá moraram Ferdinand Venet, Lorenzo Girardi e Juano-to Berardi, amigos de Colombo, e Benvenuto de Domenico, que, em 1504, enviava a Renata de Lorena a relação das viagens de Vespucio. Lá morou, muitos annos, Christovam Colombo.

Nessa capital descobridora da renascença, com o seu bulicio constante e com a sua febre de negocios, a colonia florentina era a corda do arco-iris que a ligava ao soberbo movimento do Lacio. Ha um character de grandeza nessa ligação da cidade dos armadores e dos nautas com o espirito de Lourenço de Medicis, o Magnifico. Por ella, Portugal se incorpora á Renascença. Por ella, e epopéa das navegações portuguezas é filha do espirito latino-mediceo. E' ella quem vae pôr na bocca do novo mundo o sal da cultura latina, que o baptisa.

A EXPEDIÇÃO DE PEDR'ALVES

Para a expedição de Pedr'Alves, muito contribuiu, Bartholo Florentino, que representava, em Lisboa, Lourenço de Medicis. Bartholo tinha um agente na India, de nome Leonardo Nardi, e gozava de tanto conceito que Affonso de Albuquerque dizia, numa carta a El-Rei, que acreditasse mais nas informações de Bartholo do que na dos seus proprios feitores da India.

O nascimento do Brasil occorreu, pois, sob bons auspicios. Portugal e Florença deram-se as mãos sobre o seu berço.

A historia das navegações portuguezas apaixonou-se como um romance de aventuras. Os seus mysterios apenas ha pouco começaram a ser descobertos, graças em grande parte aos relatorios dos espiões genovezes e venezianos. Todo esse periodo nasceu do sonho do Infante D. Henrique e da Escola de Sagres. D. Henrique está tão acima de Vasco da Gama, Fernão de Magalhães e Pedr'Alves como a cabeça do braço, como o architecto do constructor. Foi elle que viu que os destinos de Portugal estavam no mar. Foi elle que fez do Atlantico o Mediterraneo portuguez. E' o symbolo do Portugal-maior. E, como o Portugal-maior comprehende, ethnicamente, o Brasil, segue-se que

D. Henrique é uma figura que também nos pertence.

ORIGEM PORTUGUEZA

Portugal, precedeu á Hollanda e á Inglaterra no imperio dos mares. Não é de molde, aqui, o estudo das causas da sua decadencia. A falta de visão nacional, a politica de curto alcance, a ignorancia da aristocracia, o favoritismo aulico, a preterição das capacidades em favor dos chamados homens praticos, pseudonymo de todos os incapazes de realisações que escapam aos olhos, a falta de nexo evolutivo, a falta de continuidade espirital, o fanatismo religioso, a intolerancia dos successores de D. João II — explicam, pelo lado intellectual, a queda de Portugal, ao passo que a escassez da sua população, a pobreza do solo metropolitano e o abandono da industria explicam, pelo lado material, o fracasso do seu predomínio maritimo.

Hollanda e Inglaterra, *profiteurs* do esforço portuguez, aproveitaram-se dos seus erros. Hollanda enriqueceu-se com o elemento judaico, supersticiosamente expulso da Peninsula Iberica, onde era o elemento mais trabalhador e intelligente. Inglaterra aproveitou a imprevisão de Portugal, que achava mais commodo ganhar dinheiro

para pagar as importações do que crear as indústrias que as dispensavam. O tempo consolidou essa superioridade, mas não se póde negar que o caminho da sua grandeza foi aberto pela pequena nação que as precedeu nos mares.

Se nos orgulhamos da ascendencia latina, muito mais devemos fazer da de Portugal, que nol-a trouxe directamente. Orgulho da sua virilidade, orgulho do seu denodo, orgulho do seu espirito de sacrificio, orgulho da sua generosidade, orgulho da sua cultura, orgulho da sua lingua.

A LINGUA PORTUGUEZA

Não pertencemos á escola dos que querem fazer uma lingua nova: o brasileiro. Não vemos a necessidade de renegarmos a lingua dos nossos maiores. Por que? Para que? Não a estamos enriquecendo diariamente com vocabulos e construcções novas? Continuemos nessa trilha. Falemos o portuguez enriquecido pelo Brasil, mas falemos o portuguez.

Não digo que não se acceitem todas as contribuições dialectaes para o thesouro do idioma. Mas, filtrando-as e depurando-as de suas fêzes. Impôr o solecismo é querer impingir a borra por vinho. A escolha dos vocabulos e locuções com que se en-

riquecem os lexicos é uma questão de gosto, tacto e medida. Não é frauta para o primeiro jaboti. Castro Alves com a sua fauna e a sua flora, Gonçalves Dias com os seus indianismos, Euclides com o Nordeste, José Verissimo com a Amazonia, Waldomiro Silveira e Monteiro Lobato com os seus caipirismos, Mucio Teixeira com os gauchismos, uns mais, outros menos, deram fóros de cidade a vocabulos e locuções preciosissimos, extrahidos ás fontes vivas do regionalismo e do genio da lingua. Mas isso é dar e não tirar. Ora, justamente o paradoxo é que dessa contribuição ha quem deduza o enfraquecimento do portuguez, engulido pelo dialecto brasileiro. Isso equivale justamente a deduzir do enriquecimento a pobreza.

Ora, a syntaxe de uma lingua é o seu coração, e um coração que não se sujeita, como o dos cães e cobayas, aos milagres de transposição cirurgica dos irmãos Mayo. Não haveria forças humanas que transformassem a nossa morphologia. O vocabulario brasileiro cresce em proporções de que dão bem idéa as collectaneas lexicas do padre Teschauer e de Affonso Taunay, que averbam milhares de vocabulos não colligidos no dictionario de Candido de Figueiredo. Mas a syntaxe é a mesma. Para que, portanto, essas questões de nonada, como se diz em Portugal, ou esses casos de cutiliquê, como se diz no Brasil? Deixemos as coisas como estão. Enriqueçamol-o com os vocabulos

brasileiros, bem cunhados. Mas falemos o portuguez.

Ha pouco tempo, discutia-se, num congresso sul-americano a lingua em que cada delegado devia falar. Quando um delles, aliás, alto e nobre espirito, declarou que falaria no seu dialecto, já com fumaças de emancipação, o delegado da Venezuela, lugar onde talvez o castelhano se conservou mais puro, pediu a palavra: — “Eu me contentarei de falar na lingua de uma cavalheiro que se chamou Cervantes”. Bella lição para os que se julgam diminuidos por falarem a lingua de outro cavalheiro, que se chamou Luiz Vaz de Camões.

Acha o portuguez aspero e tosco quem o não sabe manejar, pobre, quem o não conhece, deficiente quem o mede pela sua limitação.

Num certo estagio de cultura, escrever é menos uma questão de cabeça que de coração. Este é o reservatorio dos grandes pensamentos, dos que, submettidos ao microscopio da analyse, revelam, na tinta que os reproduz, o calor e a fibra do sangue arterial, que os alimenta. Para os que conseguem arrancar a idéa do plasma da vida a lingua é quasi indifferente. O grego de Demosthenes não é mais subtil, harmonioso e perfeito do que o portuguez de Ruy Barbosa.

Nas mãos dos que lhe não descobriram o genio, o equilibrio, os recursos, a força, a energia, a vivacidade, a plastica, o calor e a fulguração, esta

lingua maravilhosa fica realmente tolhiça e canhestra. Para os que a sentem no seu esplendor e conhecem na sua infinita opulencia, ella reproduz todos os mysterios da eurythmia grega e do *numero* latino, que consistiam em integrar o pensamento na eternidade do rythmo.

E' preciso lel-a com a acustica das épocas. Nos *Lusiadas* está toda a Renascença, a alma rude e letrada que lia Homero e empunhava o montante de Aljubarrota, caminho das Indias. A sua lyra de cordas de bronze, emmudeceu, porque não a sabem escutar ouvidos surdos á voz das aguas e dos céos. O Brasil, com a sua configuração geographica que, de Belém a S. Paulo, lembra uma prôa mettida nas aguas dir-se-ia uma das caravellas que ao dobrar o Cabo da Boa Esperança escutavam no bramido das tempestades as apostrophes do Adamastor.

Mas o Brasil não se limita a entender a voz dos elementos para comprehender a belleza do idioma que fala. Vae ainda mais longe. Amando a lingua em que, desde o berço, ouviu menos as palavras do que o palpitar do coração materno, na caricia celeste — *Meu filho!* — não quer outra para echoal-a em todas as edades, na interjeição divina — *Minha mãe!*

Não lhe basta, porém, sentir a poesia dos affectos individuaes. Quer apprehendel-o no espaço e no tempo, estrellados de lendas e recordações.

E escuta todo o coração da raça numa simples palavra: saudade.

SAUDADE

Só o portuguez dispõe de uma palavra que exprime, ao mesmo tempo, solidão e presença, desconforto e consolo. A saudade vive só e acompanhada. Traz á ausencia a presença querida. Reparte-se entre os que partem e os que ficam, e permanece a mesma em ambos. Desapparece, talvez, nos que morrem, mas estes, antes de se irem, levam como derradeiro consolo a certeza de que a saudade lhes guardará a memoria nos corações que lhes ficam.

Os dictionarios embalde porfiarão por defini-la. Recordação? Falta-lhe a tristeza. Soledade? Falta-lhe a evocação, que a espiritualisa e sem a qual a saudade não é saudade. Tristeza? Nem sempre, porque ha saudades alegres. Como caracterisal-a? Para conseguil-o, seria preciso fazer a histologia do coração e definir a complexidade dos sentimentos que lhe fazem estremecer as fibras.

Nenhuma lingua conseguiu traduzir essa palavra. Por que? Porque nenhuma é indice de uma sensibilidade como a nossa. Por isso, nenhuma a comprehende. Haverá ahi um mysterio anatomi-

co? Os ouvidos e os olhos da Raça da Saudade estarão mais perto do coração do que os das outras? Talvez que sim.

Basta a palavra *saudade*, que domina o vocabulario universal, como a Victoria Regia o reino das flores, para que o portuguez não inveje língua alguma.

Vêde os seus milagres. Ella repete diariamente Homero e S. Francisco de Assis. Illumina de sorrisos e lagrimas a visão dos que se partiram e abre em flores os espinhos da ausencia. Afflige mas consola e, porque é assim, ninguém lhe repudia a afflicção para não abrir mão do lenitivo. São bemvindas as suas lagrimas, que distillam um alcaloide especial para a anesthesia do soffrimento.

Um astrónomo viu no Setestrello o centro de gravidade do Universo. As sete letras da saudade formam o Setestrello da lexicologia.

RECAPITULAÇÃO

Façamos uma synthese das idéas principaes deste ensaio. Nelle se affirma:

a unidade da especie;

a inanidade do preconceito de raças;

a impotencia da anthropologia e da ethnologia na discriminação dos caracteres individuaes e na determinação de superioridades e inferioridades;

os limites conjecturaes dos povoamentos e migrações primitivas;

a fallencia do gobinismo e da superioridade nordica;

a indiscutibilidade da mestiçagem em quasi todos os povos;

a influencia e a penetração do sangue negro em todas as civilisações;

a caracterisação afro-européa da civilisação grega e da latina, que lhe succedeu;

o recente da hegemonia branca;

o papel de Portugal como agente determinante dessa hegemonia;

e, finalmente, a improcedencia das accusações que se fazem ao Brasil, de não ter as qualidades que se requerem aos vanguardeiros da civilisação, por ser o habitaculo de uma raça deteriorada pelo affluxo de sangues inferiores.

Este resumo ainda póde mais resumidamente resumir-se: Não ha raças puras superiores. Superiores só ha raças mestiças. O Brasil é uma raça mestiça e superior.

JAM NOVUS...

Quem tem feito o Brasil? Que tem elle feito? Nasceu num berço agreste, entre os indios e as feras. Ao seu primeiro vagido, respondeu de longe

o clangor das inubias e o rugido das sussuranas. Debruçou-se-lhe sobre o berço o crucifixo do jesuita, que lhe trazia aos labios uma gotta de sal, colhida na bacia azul do Mediterraneo, pia baptismal da civilisação. Cresceu. A Terra-Mãe, que o conchegava ao seio, dera ao invasor portuguez, tudo quanto possuia; a sua virgindade e o seu dote de opulencias inexploradas. Faltavam-lhe as riquezas, que só a mão paciente do tempo desentranha. Os seus thesouros jaziam sepultos nos grotões, nos rios, nas perambeiras e nos penhascaes. Os indios e as feras defendiam, palmo a palmo, o terreno em cuja posse haviam nascido. Surpresas homicidas salteavam-no em cada arranque. Eram hoje os reptis e os insectos, amanhã as piranhas e os casunungas, e sempre as maleitas, as febres, o desconforto de uma natureza, formosa e sorridente na apparencia, mas contra cujas surpresas a experiencia ainda não ensinara a combater.

A epopéa do primeiro desbravamento, isto é, da penetração litoranea, ainda não foi escripta. Quem dirá a rude subida de João Ramalho do lagamar da Bertioga, vingando, sozinho, entre os indigenas, as cristas bravias do Sanzalá, para alcançar as planicies de Santo André? Que energia não vestia de aço os musculos do Titam lusitano, que curvava ao respeito a indomita cerviz da tribu de Tibiriçá? Genro do cacique indigena, que o seu valor dominara, pae com certeza do primeiro

paulista, transmittiu ao filho a resistencia ancestral e os rins infatigaveis com que, mais tarde, este iria penetrar os sertões e chegar ao Paraguay, espantando os seus colonisadores, que não comprehendiam como *los mamalucos de S. Pablo* pudessem atravessar as selvas "com tanta facilidade como elles as ruas de Madrid".

Caracteristico do brasileiro, que se lhe descobre desde o inicio da existencia, foi o de amar a terra pela terra e não apenas pelo que dá. Por isso, disputou-a ás outras nações. Por isso guardou sempre as suas fronteiras com um zelo de dragão. Ao espanhol interessava apenas o ouro. Não se radicava aonde não o houvesse. O portuguez não. Ficava onde puzera o pé. Tão aventureiro como o castelhano, era, comtudo, mais do que elle, colonizador e radicavel. Onde lhe nascesse um filho, ahi ficava com meia duzia de indios para o serviço e meia duzia de animaes domesticos para a creação.

A epopéa das bandeiras, quem é que a não conhece? Creadoras territoriaes do Brasil, que apenas os Andes impediram de alargar até o Pacifico, a que chegaram, a sua gesta heroica, que durou deccennios e cujas estrophes são as linhas das nossas fronteiras, não tem simile na historia. A sua arancada exprime uma coordenação de esforços successivos, que só se póde attribuir ao genio instinctivo da raça, uma vez que os monarchas espa-

nhoes e portuguezes, sob cujos reinados se deram, nunca tiveram o pensamento de empregal-as senão como factores de descobrimentos mineraes. No emtanto, foram ellas que fizeram o Brasil. E, sob cada marco de pedra erguido, como um padrão, nas extremas arcifinias, pôde affirmar-se com segurança que branqueja a ossada de um bandeirante.

A mineração... Depois de traçar o seu mappa começou o Brasil a explorar-lhe os thesouros. Fez a epopéa da mineração. Estabeleceu um tapete rolante de ouro e de diamantes do Rio para Lisboa, donde o genio inglez descobriu meios de desvial-o para as suas manufacturas, lançando as primeiras bases da sua futura opulencia.

Quem viaja por Minas e observa as suas velhas catas, o sitio das explorações abandonadas, sente ainda hoje uma impressão de espanto ante o labor sobrehumano que revelam. Parece incrível que, com os rudes instrumentos da época, fossem possíveis trabalhos taes, que se diriam da raça que levantou os muros de Mycenae. Nadou o Brasil em ouro. Mas não era seu. Não tinha licença de ter um ourives. Possuir um tear era crime de lesa-majestade. Permittia-se-lhe, quando muito, a róca e o fuso manuaes. Rico e miseravel, nabado e mendigo, o amor da terra, nutriz e dadivosa, o indennisava, com as suas promessas, das exac-

ções da Metropole. Continuou a trabalhar. E foi crescendo.

AS ESTRADAS DE SAL

Ainda não se deu a devida importancia ao commercio de sal como factor da civilisação brasileira. Foram, comtudo, as estradas de sal as primeiras que se abriram para levar aos sertões esse elemento vital para o homem e para o gado. Só depois d'elle é que foi possivel a industria pastoril. Surge, então, o tropeiro, o factor por excellencia das nossas communições, o vaqueano dos campos e florestas, a bussola viva na incerteza dos rumos. Foram elles os primitivos engenheiros das nossas estradas. Sem telemetros e sem theodolitos, abriam entre dois pontos accidentados o caminho mais curto pelas rampas mais suaves.

Dir-se-ia que a Raça sempre trabalhou para o Futuro. A picada do indio marcou, em geral, o rumo da estrada do sal, que precedeu á do tropeiro, e ambas marcaram o leito da estrada de ferro. O percurso da S. Paulo Railway foi calcado inteiro num desses caminhos: o da descida dos Tupiniquins. A Mogyana reproduz a rota dos Anhangueiras. Pena é que se não houvesse aproveitado o caminho que demandava por terra Assumpção. As bandeiras, as minerações, os tropeiros, provam

que o Brasil tinha a intuição de que era o Brasil ainda quando não tinha especificação nominal e quando ainda o bandeirante não se chamava senão o portuguez de S. Paulo. Essa resistencia da raça ainda perdura como um laço commum entre os diversos typos regionaes. O gaúcho, apesar da endosmose pampeana e da affinidade platina tirou da vizinhança o que tinha de bom para com isso refinar o seu patriotismo de defensor historico da Patria, daquelle que por ella até hoje mais sangue derramou. O matuto e o caipira de Minas e S. Paulo, menos épicos e mais utilitarios, com as facilidades de comunicação dos dois grandes Estados quasi desappareceram, mas são a mesma phalange de desbravadores de sertões, que estão fazendo do norte do Paraná um novo S. Paulo. O sertanejo bahiano, que desce dos rincões nataes para vir, a pé, fazer a colheita dos cafezaes paulistas e volver alegremente aos lares, como se fossem um brinquedo as centenas e centenas de leguas de ida e volta; o nordestino que prefere a todas as outras a sua terra ulcerada de sol, que só a sabe abandonar no auge das seccas, e que ás primeiras chuvas repudia todos os interesses para volver ao seio materno, onde o refrigerio das aguas curou as chagas solares; o cearense, que tem a fascinação da Amazonia, que a devassa e explora como ninguem e que, trocando a jangada dos "verdes mares bravios" pela igaraté das montarias, vae extrahir o

ouro branco da *hévea*, desdobram, em suas explorações por zonas lethaes, uma faculdade de acclimação surprehendente.

A sua vida nos seringaes é a mais bella pagina da luta épica em que vivem, á beira do Rio-Mar, o homem e a natureza. Só uma tempera de platina póde ali resistir ás inclemencias do meio. Estão no matto, ás vezes, em plena derrubada. Chega a hora das sezões. Deixam de lado as ferramentas e acocoram-se no chão para trem'er e bater o queixo. Durante uma hora, pallidos e cobertos de suor, tiritam de frio. Findo o accesso, voltam aos machados e dahi a pouco a floresta rebôa ao écho dos golpes que detonam sobre o cerne dos colossos vegetaes.

Toda essa raça, do Amazonas ao Chuy, fala a mesma lingua, reza aos mesmos santos, decora os mesmos vérsos, crê nas mesmas abusões, e, se o plasma regional a differencia nos caracteres secundarios, uma indefinivel intuição nacional a preserva, pelo instincto e pela tradição, mais do que pela intelligencia, de esquecer que é brasileira.

Esse é o *abstractum* vivo da raça. São as raizes mergulhadas na terra que levam a seiva ao tronco, á copa, á flor e ao fruto da arvore bemdita da Patria. Representam todos esses typos a energia da acção material.

OS TROPICOS

Desmentimos um velho preconceito, contra o qual aliás, se insurgiu o proprio Gobineau, lembrando que Babylonia, onde nunca chovia, e o Egypto, apesar da sua terrivel adustão, crearam grandes civilizações. Creámos uma civilização tropical. Rehabilitámos os tropicos. Os systematizadores do orgulho nórdico crearam o mytho glaciario, segundo o qual só os paizes onde neva têm condições de habitabilidade. Coube-nos desmentil-o, e quem correr a Amazonia de hoje terá de reconhecê-lo. A natureza tropical, depois de afeiçoada pelo homem, é um sorriso paradisiaco. Não é em vão que a Biblia pinta o Eden como um jardim temperado. No instante em que pudermos organizar a defesa contra as maximas do thermometro em nossas regiões mais quentes, estas mesmas não se tornarão impropicias ao homem. Note-se que já estamos adaptados, em grande numero dos nossos patricios. E' preciso, porém, não esquecer que a designação de paiz tropical dada ao Brasil, que tem todos os climas, é um erro palmar. A uma ou duas horas do Rio estão Petropolis e Therezopolis, com os seus mil e duzentos metros de altura. Onde estão os tropicos? A oito horas do Rio estão os Campos do Jordão, onde, neste mez de Junho, é commum a geada e o thermome-

tro desce a quatro e cinco gráus abaixo de zero. Nos estados do Norte, ha por toda a parte, climas mais ou menos semelhantes. Na propria Amazonia ha temperaturas excellentes e regiões saluberrimas. O planalto central, todo temperado, desconhece o calor acabrunhante. De S. Paulo ao Rio Grande do Sul o clima é todo europeu. Zonas temos de deserto, realmente insupportavel, mas que servem apenas para mostrar a superioridade do brasileiro, que ahi se acclima e prospera. O que se tem feito e o que se está fazendo na Amazonia, que, com certas regiões de Matto Grosso, e do Norte partilha o privilegio dos calores excessivos, é um padrão de gloria. O que inglezes e holandezes não conseguiram fazer em suas Guyanas, de clima igual á nossa Amazonia, nós o fizemos nesta. A comparação do Amazonas com as Guyanas é esmagadora. Roosevelt ao chegar a Manaus não acreditava no que via. Aquella cidade equatorial desmentia todas as suas idéas sobre anthropo-geographia. Essa impressão cresceu ainda no espirito do aviador italiano De Pinedo. De toda a sua maravilhosa peregrinação aerea a mais viva recordação foi a de quando, do alto do seu aeroplano, descobriu na sua acropole fluvial, branquejando entre as aguas e a floresta, como um sorriso da civilização, a capital do Amazonas. O seu asombro não conheceu limites.

A MOLESTIA DE ADDISON

Pintam-nos como um gigante mascavo. Para o ciúme a ignorancia ou o pouco caso estrangeiro somos o gigante cor de bronze, soffremos da molestia de Addison. Não devemos temer esse diagnostico. A therapeutica colloidal já consegue dominar essa degenerescencia das glandulas supra-renaes. O nosso tratamento seria facil; estaria em nossas mãos.

Doutra molestia rara nos individuos, mas menos escassa nas nações é de que nos devemos temer. E' da ossificação dos tecidos musculares por uma metamorphose fibrosa que termina em verdadeiros osteomas. E' da *myosite lithoide*, que se define pelas suas raizes gregas: empedramento dos musculos.

Essa estranha molestia, que petrifica corpos vivos, quando ameaça um paiz tem como symptomas de invasão o endurecimento das consciencias, em que os erros tomam a pouco e pouco a rigida concreção do granito. Essa é a molestia que eu temo para o Brasil, a de que todos os brasileiros devemos preserval-o, combatendo-a em todos os pontos em que ameace o organismo vivo da patria.

...CHE NELLA MENTE MI RAGIONA

Para amar o Brasil o que é preciso? E' preciso primeiro que tudo vel-o, tel-o nos olhos da mente, crear a "certa imagine" aureolada de fulgor, de Leonardo.

E' preciso abarcal-o na grandeza das suas aguas, onde ha immensidade de oceanos, e das suas terras, onde ha immensidades de continentes. E' preciso sentil-o no esplendor de suas auroras e na serena magnificencia dos seus crepusculos. E' preciso comprehendel-o na peregrina belleza das suas aspirações e escutal-o nas fibras mais reconditas da sua sensibilidade.

Sondei o recesso mais profundo da minha energia, para encontrar um poema onde pulsasse toda a grandeza do Brasil. Embalde. A rocha agreste, granitificada pelas decepções, pelas desilusões e pelas abdições recusou-me a agua viva. Esse hymno, ante o qual recua a miseria da minha fraqueza, a consciencia das minhas faltas, o remorso dos meus erros, a contricção dos meus arrependimentos, a certeza da minha humildade, hão de compol-o outros, para quem o futuro sorri, como a terra promettida ao gageiro da capitanea.

Não basta, porém, sentir a musica secreta da terra. O hymno mysterioso, que palpita e estremece em todos os corações, o hymno que eu não

pude compor mas cuja aspiração balbucia em meus labios não é apenas pantheista, não celebra apenas a fascinação e a gloria da natureza como a araponga, que forja na garganta o disco em brasa do sol nascente. E' tambem a voz do sino, arrancada ás entranhas da terra para fazel-a falar, é a palavra quente como a fusão dos metaes, onde resoam todas as emoções humanas, as dores e alegrias, os luctos e as festas, a alma dos mortos, a esperança dos vivos, a promessa radiante das nascituros.

A ACADEMIA DE CASTRO ALVES

Ah! se os sinos de S. Francisco falassem! Se alguém pudesse transpor para a palavra humana a sonoridade das suas vibrações. Oh! se evocassem um certo dia do anno da graça de 1868!

Velada pelas suas neblinas, a velha S. Paulo academica dorme.

Os flocos de nevoas algodoam os torreões do Mosteiro Franciscano. Tudo é silencio. De repente os sinos começam a tanger a matinas. Os campanarios das outras igrejas, escondidas pelos novellos de cerração, vão respondendo aos poucos.

Em breve, uma orchestra de carrilhões transforma o céu numa immensa campanula de crystal, que estremece e vibra ao roçar das notas argenti-

nas. Reproduz-se a scena matinal da cidade flamenega, onde apenas vive a alma dos sinos.

Quem deu esse rebate ás harmonias celestes? Quem despertou a cidade morta das consciencias? Foi o Sineiro do Porvir que se chamou Castro Alves.

Que scena e que homens naquella tarde de 1868 em que nesta mesma sala, talvez neste mesmo lugar de onde estou falando, o moço Castro Alves recitou aos companheiros o poema que ia ser a columna de fogo da Abolição!

E que auditorio! E que estudantes! E que promessas!

No primeiro banco, lado a lado, dois moços, um paulista, outro mineiro, estremeceem á voz do joven bahiano. São rivaes de proselytismo. Ambos preparam a proxima eleição para a chefia do jornal academico. O primeiro, já tempéra de benevola ironia a sua experiencia dos homens; o segundo, mais vibratil e impulsivo, mas da mesma estirpe mental, completa-se pelo companheiro de quem nunca se afastará. Ambos são politicos, ambos estudam a dynamica pessoal que permite a ascensão na vida publica. Chamam-se Francisco de Paula Rodrigues Alves e Affonso Augusto Moreira Penna.

De pé, desempenando junto á parede a estatura apollinea, um joven pernambucano, o mais bello homem do seu tempo, Joaquim Aurelio Nabuco

de Araujo estampa no rosto marmoreo, embeve-
cido nas pupillas de Castro Alves, o clarão de
Tarso.

Ao fundo, franzino, de aspecto melancolico e
grave, enlutado de um dó recente, um conterraneo
do "Cecéo" escuta-o commovido. E' um moço de
quem já se murmuram prodigios, mas que, viven-
do mais para as idéas do que para os homens, nun-
ca deverá contar com estes. E' Ruy Barbosa, cujo
coração inda sangra do lucto materno.

Quem poderia imaginar dentre os circumstan-
tes o que chegariam a ser esses quatro moços! A
dois delles reservava o destino o lugar já descoroa-
do do então Imperador. Governariam o Brasil re-
publicano prestando-lhe os maiores serviços. O
terceiro succederia a Castro Alves no principado
da Abolição, e, das letras, da historia e da diplo-
macia, forjaria o pedestal de um dos mais bellos
specimens da raça.

O quarto faria do coração o divino manancial
de toda sua época. Delle jorrariam em torrentes
de ouro e crystal todas as aspirações não só do seu
paiz como da humanidade contemporanea. Inte-
gralisador de aspirações incoherentes, coordena-
dor de energias dispersas, espiritualizador da pa-
lavra, a que o seu sopro dava a energia do *coro-
nium* solar, martyr que galgou o Calvario da poli-
tica com o lenho do vilipendio aos hombros, a sua
velhice foi comtudo um Thabor, donde a sua ima-

gem resplandeceu sobre a face dos homens numa consagração universal. Tinha de ser o orgulho e o symbolo espiritual da raça. Não é preciso repetir-lhe o nome. Foi o Unico.

Castro Alves, o astro que tinha quatro satellites desses, precedeu-os a todos na conquista e na realisação de si mesmo. Foi o orgulho e o carinho de cada um dos quatro. Era o laurel da sua geração e a saudade mais pura da sua commum juventude. Sentiam-se engrandecidos por elle, por maiores que fossem. Castro Alves, como expressão genial que era da raça, não despertava ciumes, provocava applausos.

Foi daqui desta mesma sala que o poeta dos escravos leu o "*Navio Negreiro*". Aqui proferiu Castro Alves o *Cantico da Redempção*, a cujas notas esboroaram-se as muralhas da Jerichó escravista. Como o radium embebe das suas emanações os lugares vizinhos, o seu genio dir-se-ia que floresce nestas paredes.

Dir-se-ia que a Providencia, á falta de instrumento humano capaz, quiz ao menos reviver a faisca de Castro Alves no ninho onde nasceu. Um acaso miraculoso fez-me o possuidor do manuscrito do "*Navio Negreiro*". Estes dedos tem-no folheado longa e piedosamente, como que para roubar-lhe a scintilla da paixão brasileira que os electriza. Não tive senão a missão de extrahir-a dessas paginas, esmaecidas pelo tempo, mas ainda

aquecidas do seu halito e da sua respiração, para augmental-a com a luminosidade que arde nestas paredes e entregal-a á geração de moços que são o Brasil de amanhã. E' uma brasa coberta das cinzas do tempo. Não a tenho na cabeça, bem o sei. Mas tenho-a nas mãos, ardentes do seu contacto, para entregal-a ao sopro das almas juvenis, a quem compete conserval-a accessa.

Se aqui desta sala nasceu a redempção dos escravos, nenhum local melhor para pregar uma Cruzada contra a detracção, que tambem é um captiveiro. O Brasil jaz amarrado ao tronco da inferioridade racial pelos grilhões de ferro da ignorancia. Precisamos libertal-o. Que caiba o rebate dessa missão ao velho Mosteiro Franciscano.

A NOVA REDEMPÇÃO

Que o preconceito ethnico desapareça. Que a idéa do Brasil symbolisado num "*Navio Negroiro*" em cujos porões nós os brasileiros nos amontoamos como os pobres africanos, "sem luz, sem ar, sem razão", se dissipe e desapareça completamente dos nossos horizontes como o "*brigue em chammás*" de Castro Alves nos abysmos de violeta e purpura dos crepusculos.

Não. O Brasil não vae para o futuro com a carga do Corsario Sinistro. A sua tripulação

guarda traços talvez de muitas raças. Mas a sua bussola, orientada pelo polo latino, ha de leval-o depressa ás regiões do porvir, que desconhecem preconceitos de raça.

Ahi está a faisca de Castro Alves, a faisca da Nova Redempção, a faisca da Reabilitação do Brasil. Não a deixeis apagar.

Em vão querem esculpir o Brasil em basalto negro como o escriba egypcio. Elle não foi estatuado na rigidez inorganica da pedra. A energia intra-molecular que o divinisa não cabe nos blocos, onde o genio dos cinzeis eternisa as formas contingentes.

Plasmado em granito humano, a grã da sua cutis tem reflectido as cambiantes dos seculos. Do porphyro arroxeadado ou rosijalde de Itupararanga ao marmore castanho de Goyaz e ao granito preto da Gavea, a sua epiderme reflectiu todos os matizes. Mas um principio interior, a luz latina aquece a sua atomicidade com a força que dá a cada cellula o movimento helicoidal e turbilhonante de um mundo em formação. A pedra em vez de opaca é transparente. Desempedra-se. O granito em vez de coheso, desgranitisa-se. A dissociação da materia restitue ao Cosmos a energia formidavel que a integrava. Myriades de scintillas fagulham na atmospheria. A estatua animada, resplandescente, vitalisada, flammeja numa luz interior que annuncia o ponto branco das gran-

des fusões. E' esse o Brasil de hoje, o colosso de Memnon onde o sol nascente accorda as harmonias do porvir.

Ahi está a faisca. *De profundis clamavi ad te, Brasil.* Não accites conclusões precipitadas. Examina. Não te conformes com sentenças injustas. Appella. Não te amedrontes com autoridades consagradas. Analysa. Não te compenestres de malsinações preconcebidas. Discute. Não accites resignado a affirmação da tua inferioridade racial. Confronta. Não te contentes em allegar. Prova.



B r a s i l i d a d e

- *Discurso proferido no banquete
que se realizou no Automovel
Club de S. Paulo, a 16 de Se-
tembro de 1928*



“Meus amigos:

Este banquete não é uma homenagem nem uma consagração. Se eu como tal tivesse tentações de recebê-lo, encontraria na própria consciência forças para evitá-lo.

Mas não. Aqui não se celebra o merecimento dum homem. Deixae passar a Amizade no seu carro triumphal, enastrado de flores. Deixae cahir as rosas que ella desparze na sua arrancada luminosa como a *Aurora* de Guido Reni. Deixae passar a illusão no vôo resplandecente dos seus devaneios. Tudo isso é ephemero como a gloria dos coloridos matinaes.

Insano seria o individuo que vendo as pompas da madrugada pensasse que era em sua honra a magia desse spectaculo. O mais que lhe cabe é contemplá-lo embevecido, e continuar a sua rota, levando no coração o encanto da sua belleza e o refrigerio da sua frescura.

Passam os diluculos e as antemanhãs. Esfloram-se e fenecem as suas rosas de chammas e refracções. Pouco duram as magnificencias do ar-

rebol: tanto como as nuvens e vapores que tecem os paineis maravilhosos do espaço. Assim o que a vossa generosidade me liberalisa nesta festa ha de passar. O que não passa é a sua idéa matriz: a affirmação do que somos e do que queremos ser, a confiança no presente e a certeza no futuro do Brasil.

Aqui, em São Paulo, onde correu a minha mocidade, aqui em São Paulo, onde tantos de vós me viram crescer, onde tantos de vós cresceram junto commigo, aqui em São Paulo, onde estão os meus mais velhos amigos, — desses cuja fraternidade voluntaria é uma dadiva dos céos, — aqui em São Paulo é uma honra para mim falar do Brasil.

O PROGRESSO DE S. PAULO

Encontrem outros na uberdade da gleba o segredo da grandeza paulista. O que eu vejo aqui é o cerne ancestral, a iniciativa, o descortino, que não esperou a descoberta da terra roxa para integrar o Brasil dentro das fronteiras que lhe conquistou. Muito deve São Paulo á Terra. Mas muito mais deve ao paulista. E tanto que a sua sensibilidade é hoje a que mais rapidamente captas vibrações dos grandes interesses nacionaes.

Daqui, como dum cimo alpestre, a objectiva do observador contempla melhor o horizonte. Não ha lugar mais alto para esperar o levante heliaco

do Brasil Maior. Tudo o antecipa em S. Paulo. Para annuncial-o não é mistér o dom da prophecia: basta a faculdade da previsão. Basta que julgemos o Brasil de amanhã pelo São Paulo de hoje.

O progresso de São Paulo atordoa e deslumbra. Cresceu dez vezes em menos de quarenta annos. Transformou-se numa cidade de arranha-céos. Plantou um bilhão e quatrocentos milhões de cafeeiros, creando a mais rica cultura uniforme do universo. Desbravou sertões povoados de indios e feras. Retalhou o seu solo de rodovias, que lhe ligam todos os quadrantes. Fixou um typo de actividade, feito de audacia e paciencia, arrojo e descortino, que acompanha todas as suas iniciativas como um penhor de victoria. Creou instituições modelos, cuja fama corre mundo, como o Butantan e a Penitenciaria. O estrangeiro que aporta a estas plagas sente logo que o rythmo do progresso aqui tem uma acceleração vertiginosa e que os homens capazes de milagres desses são uma raça a que o futuro reserva suas melhores promessas.

O que S. Paulo fez e o que S. Paulo está fazendo no terreno da criação dynamica!

Aquí, não morrem as idéas fecundas. Orville Derby, analysando os minereos do Ipanema, apontou a jacupiranguita como um poderoso fertilisante. Annos e annos essa observação do grande

geologo dormiu deslemburada. Um paulista de descortino resolveu seguir a trilha do mestre. E hoje a jacupiranguita, que é um phosphato de calcio, está em exploração, promettendo regenerar todas as terras cansadas da provincia e dar á sua agronomia perspectivas incalculaveis.

O combustivel é o coração da industria. Indicios de petroleo, depois que elle foi descoberto em regiões analogas, acenam com a sua existencia a São Paulo, que tudo faz por descobri-lo. Tudo leva a crêr que o descobrirá em breve, se é que as aflorações de gazes petroliferos, já verificadas, inda não o testemunham.

A solução desses dois problemas representa para S. Paulo e para o Brasil um seculo de avanço.

O RENASCIMENTO DO BRASIL

Mas não é só S. Paulo que progride, embora conserve sempre a deanteira a seus outros irmãos.

Tudo annuncia que o Brasil está em pleno renascimento. Sente-se por toda parte palpitar a seiva de uma primavera espiritual. Uma renovação de idéas fundamentaes prepara o terreno para as realizações dynamicas, como a previdencia do lavrador amanha a terra para a sementeira. Triangulam-se os terrenos cobertos pelas inundações do despreparo e da rotina triumphante, para

transformal-os, como os do Nilo, em messes opimas. O Brasil quer crear.

Mas, como quer crear, elle sabe que, antes de mais nada, tem que se crear a si proprio. Elle sabe que a primeira renovação e o primeiro renascimento têm de se operar no seu proprio espirito. Para isso atirou aos limbos os velhos erros que lhe impediam a marcha: a indiferença, o descaso do futuro, a humilhação racial, o scepticismo, a inercia, o desinteresse dos grandes problemas.

O Brasil hoje quer reintegrar-se na posse de si mesmo. Affirma o espirito nacional. Defende a tradição. Cultúa o passado, sem a saudade contemplativa, que é inercia, mas com a saudade renovadora, que é acção bebida no exemplo. Venera os seus grandes homens. Restaura o culto da competencia. Reconcilia-se com as capacidades. Busca novas directrizes. Desenvenena as fontes da opinião. Reintegra as classes armadas na disciplina, que lhes concilia o carinho e o respeito nacionaes. Reconhece a necessidade educadora da Religião. Colloca em plano inferior as competições pessoaes. Dá a devida relatividade ás lutas partidarias. Aplaina, acima das opiniões desencontradas, um terreno neutro, capaz de congregar homens de todos os matizes, onde não se permite a entrada nem o debate senão dos interesses fundamentaes da nação.

ACIMA DAS REFREGAS

Romain Rolland deu a um de seus livros o titulo: "*Au dessus de la Melée*", *Acima das Refregas*. Esta phrase podia ser a divisa dos que, acima das suas paixões, das suas opiniões, das suas dissensões, das suas preterições, têm serenidade bastante para collocar a imagem radiosa de um Brasil integrado na comprehensão dos seus interesses permanentes.

Os homens passam, as idéas se transformam, o abusos se extinguem, as faltas se reparam, os erros se corrigem. Num paiz novo e cheio de seiva bem poucos são os desacertos irreparaveis: equivalem aos estouvamentos da juventude. O que não passa, o que não se extingue, o que não se repara, o que não se corrige, são certos golpes na medulla do paiz, certas lesões que lhe vulneram a tradição, a honra, o credito, a gente.

Conheço de raiz um exemplo doloroso do que seja o odio entre irmãos, levado ás raias da impiedade. Antepassados meus, e não dos mais remotos, deixaram um grande solar cercado de campos: a *Estancia do Maricá*. Desavieram-se dois dos herdeiros. Não houve argumento que os persuadissem a uma composição. Cada um delles entendia que a casa seria sua.

O resultado foi que chegaram ao vandalismo de derrubal-a, "*para que não pertencesse a ninguém*".

Annos atrás, em S. Gabriel, fiz uma romagem piedosa a esse lugar, saudosamente entrelaçado em meu espirito a queridas tradições de familia. Nada mais encontrei. Onde fôra o casarão campestre, rumoroso de gente, ermava uma triste tapera: *Campos ubi Troya fuit.*

Tive a imagem concreta do odio que destróe o tecto paterno para ferir o irmão odiado. Lembrei-me do Brasil. Quantos, para tirar-lhe os destinos das mãos do adversario, não recorrem a expedientes capazes de leval-o á fragmentação e á dissolução!

Chegou o momento de aproveitarmos o impulso de S. Paulo para crear á sua imagem e semelhança o Brasil Maior. Devemos appellar para todas as energias. Deus fez o mundo com a palavra. Não ha symbolo maior de que a idéa é que precede á acção. Busquemos as directrizes do Brasil Maior. Chamemos a postos os homens de boa vontade de todos os credos. Todo o concurso é precioso para esse trabalho cyclopico. Cremos um espirito collectivo como as abelhas, que só conhecem o *espirito de colmeia.*

MIRAGEM

Conheceis todos a miragem, graças á qual cidades e oasis distantes apparecem deante do viajor, com o relevo quasi palpavel da realidade.

Ninguém duvida daquella evidencia, que os olhos lhe testemunham. Aquellas cupolas, aquelles zimbórios, aquelles minarettes, aquellas tamarreiras, aquellas cisternas, não são desenhadas pela phantasia. Existem longe, mas existem. Não são apenas filhas da illusão. Um phenomeno atmosferico trouxe-lhes a imagem de uma distancia incalculavel, para projectal-a no campo visual do viajor.

A visão do Brasil Maior é como a miragem do deserto. Está longe, mas as suas perspectivas, os seus lineamentos, a sua architectura são reaes. Vel-o, como o estamos vendo, será talvez uma miragem. Não mais, porém, o phenomeno de illusão; em verdade, e com certeza, o phenomeno de projecção.

No dia, ainda deste seculo, em que o recenseamento do Brasil accusar duzentos milhões de habitantes e em que a sua prosperidade assombrar o mundo, haverá por certo um investigador do passado, que se lembre daquelles que o annunciaram muitos decennios antes.

Redivivos em nossos descendentes, haverá de certo entre elles algum que leia piedosamente os nossos nomes, unidos hoje em torno duma idéa, e diga entre surpreso e assombrado: — “elles nos viram! elles adivinharam o Brasil de hoje!”

O BRASIL MAIOR

Acreditemos no Brasil Maior. Elle não é filho da illusão. Como a miragem do deserto remove as distancias do espaço, deixemos que a esperança nos annulle as distancias do tempo. Acreditemos no Brasil Maior, porque o Brasil Maior é São Paulo tambem. Elle é maior do que São Paulo, como o corpo é maior do que o coração. Adormecido no lethargo da pobreza, esterilizado pelas lutas partidarias, o Norte, o heroico Norte, não tem trazido á collectividade o concurso que seria de esperar do valor dos seus filhos, enrijecidos na adversidade, temperados na fragua de uma resistencia incrivel ás hostilidades da vida. Elle nos reserva surpresas assombrosas. A Amazonia é uma equação cuja incognita está no povoamento, mas cuja identidade está, talvez, antes que na borracha, nos lenções de petroleo que a visão de Gonzaga Campos ali descortinava.

O Piauhy com a sua hulha verde, com as suas jazidas inextinguíveis de babassú já não é porventura uma promessa: talvez que a estas horas já seja uma realidade. Se é exacto, como parece, que bramento da noz, e se os depositos de cocos, accumulamento da noz, e si os depositos de cocos, accumulados no solo, são virtualmente inexauríveis, existe ali uma das maiores riquezas do mundo.

Grandes cidades manufactureiras terão de surgir á beira dessa região de combustível tão facil.

O Ceará é tão pobre na terra quão opulento nos homens. E' o mais rijo, tenaz e resistente dos brasileiros. Será um dos mais completos operarios da grandeza nacional. Ha em seus pulsos a força até de dominar o seu sol.

Pernambuco já é o São Paulo do Norte. A sua riqueza cresce dia a dia ao mesmo passo que a sua cultura. A Bahia, a gloriosa e desventurada Bahia, é a região mais rica, como a intelligencia dos seus filhos a mais aguda do Brasil. Mas a politica pessoal tem sido das suas tradições, a que menos tem variado, desde o tempo em que um dos seus governadores geraes não se detinha ante os serviços, a velhice e a gloria do padre Antonio Vieira para envolvel-o num attentado em que estava innocente e commetter o sacrilegio de encarcerar-o. Será para desejar que a antiga metropole colonial encontre no seu patriotismo a energia de libertar-se dessa chaga, que tanto lhe tem empecido o progresso e que lhe retirou a hegemonia que exerceu na politica do Imperio. Sem falar no seu cacau, nos seus carbonatos, nos seus diamantes, dispõe a Bahia de immensas jazidas de um salitre que reúne num só o nitrato da Alsacia e o nitrato do Chile.

Se podemos esperar que a resurreição do Norte seja um facto, que auxilios não poderemos

esperar doutros Estados! O surto de progresso em Minas é immenso. Bello Horizonte acompanha a vertigem do crescimento paulista. O cuidado do seu governo pela instrucção tomou formas dynamicas do mais seguro alcance. Executada fielmente a reforma Francisco Campos, nenhum Estado apresentará gerações tão cultas e preparadas como Minas. Das suas possibilidades de todo o genero no terreno das realizações seria ocioso dizer. Minas como o Rio Grande do Sul acompanha S. Paulo na trilha do trabalho, da industria, da iniciativa, da riqueza.

O Brasil Maior terá de firmar-se principalmente sobre esses tres Estados. Chegou o tempo de construil-o.

Quaes os empecilhos para a construcção? Dois principalmente: primeiro — a desunião dos operarios, separados por questões de *lanacaprina*. Segundo — a sua auto-desmoralisação, o seu desalento, a falta de confiança em si proprios.

Estamos pois deante de um problema vital. Temos de unir os operarios da grandeza brasileira e de insufflar-lhes a confiança, que lhes falta, e que uma série de erros e sophismas de toda a especie tem contribuido para esmorecer. Quem póde realisar esse milagre?

Em nome de quem espancar as sombras e trazer a claridade?

Não nos illudamos. Não cabe nas forças dum

ou de varios homens produzir esse milagre. O arraiar dessa madrugada, que se alteia no horizonte, estriando de uma luz nova a immensa opála do oriente, é uma funcção solar. Só a póde realisar uma entidade que tenha em si o dom divino de presidir ás forças da Natureza. Só a póde realisar o proprio Brasil, em cujo seio cabem todas as auroras.

Só o Brasil é capaz de fazer o Brasil Maior.

Nós podemos ajudal-o no preparo das gerações que vêm vindo. Mas o primeiro passo dessa tarefa consiste em rehabilitar a seus proprios olhos os brasileiros e o segundo em unil-os uns aos outros num terreno neutro, acima do em que se entrecam as paixões, as lutas e as opiniões contemporaneas.

Tudo está por fazer nesse sentido.

Os dois livros, cuja publicação deu ensejo a este banquete, são dois ensaios modestos, mas inspirados nessa directriz.

CIVILISAÇÃO CONTRA BARBARIE

Jazia o Brasil avergado e humilhado ao peso da calumnia, esposada até por brasileiros, de que provocáramos a Guerra do Paraguay. Escrevi *Civilisação contra Barbarie* para lavar-nos dessa pecha. Uma intuição miraculosa, que os scepticos dirão filha do Acaso e eu da Providencia, dir-se-

ia que me guiou os passos na pesquisa dos documentos ineditos e definitivos com que pulverisei a chimerica versão.

Inda hoje não sei como explicar a força irresistivel que me levou a descobrir a *Circular* de Berges, mãe do estafado cliché do "Imperador escravocrata"

Quem conhece a pathogenia da febre amarella e, na sua prophylaxia, a chamada policia dos focos, terá idéa do processo que empreguei para combater a calumnia epidemica.

A' beira dum fio dagua, num remanso onde não ha renovação, ou no meio dum capinzal onde ella se estagnou, depõe o *Stegomya* as suas larvas. Em breve, completado aquelle cyclo, ellas saem ás myriades, sugando os infectados para ir depois contaminar aos sãos. Assim foi a calumnia de Berges. Incubaram-se-lhe os vectores numa poça do rio Paraguay. Dahi em breve surgiram myriades de novos *Stegomyas*, que, sugando o odio ao Brasil no sangue de seus adversarios, vinham depois inocular o seu *virus* maldito no organismo são dos proprios brasileiros. Descobri o foco. Foco descoberto, foco extincto, eis a palavra do grande Oswaldo Cruz, coroada pela pratica. A epidemia moral desapareceu em 1928 como a outra em 1906.

A calumnia de Berges póde reaparecer esporadicamente. Não se extinguem os espiritos male-

volos. Ainda é possível que pelo futuro a dentro reapareça, de quando em quando, um caso amarillico. Não se extinguem os *Stegomyas* de um e de outro genero. Mas pôdem calumniar e morder; já não conseguem infectar.

As duas calamidades estão virtualmente acabadas, e só espiritos renitentes o poderão negar.

Era em nome da escravidão e da “ominosa guerra do Paraguay” que se maldizia o Imperio. Era muito em virtude dessas duas allegações que se desuniam os brasileiros. Provei que o Imperio nunca foi escravocrata e apenas se viu na impossibilidade de alijar dos hombros, dum momento para outro, a carga da herança colonial. Provei que não ha mais partido monarchista no Brasil. Lamento o desespero dos incapazes de prestar á Republica outro serviço senão o de vituperar o regime, que era o Brasil. Mas tenham paciencia. Acima dos seus interesses estão os da verdade.

O BRASIL E A RAÇA

Correlata á infamação da nossa attitude na Guerra do Paraguay, corria mundo, com fóros de axioma, a lenda da nossa inferioridade racial. Busquei-lhe as origens. Chamei a contas os escriptores que a affirmavam, e confundi-os, umas

vezes com as suas proprias palavras, outras com as de seus patricios, sempre com factos e documentos. Eis o que é o *Brasil e a Raça*, o meu segundo livro desta campanha.

Limpo está o Brasil na sua tradição. Limpo está o Brasil na sua raça. Blaterem os que o odeiam ou renegam. O esplendor da verdade, como o do Sol, atura o coaxar dos ranideos, mas não diminue porque elles existam.

Pouco me vae de merecimento, se algum ha, na codificação das idéas que concateno nos meus dois livros. Não ha ninguem capaz de formar a opinião publica. Os Eólos, que inchavam as bochechas para soprar os ventos, pertencem ao dominio da Mythologia. As correntes de opinião se formam de imponderaveis nascidos da consciencia de todos, sem que ninguem lhes consiga rastejar a origem. As verdades que proclamei não me pertencem, não as descobri. Estavam na consciencia de todos, nuns mais claras, noutros mais latentes. Mas eram dominio da communhão e estavam esparsas no ambiente moral. Coube-me, quando muito, affirmal-as com clareza e com uma oportunidade cujo merecimento não me pertence, mas á geração capaz de comprehendel-as e esposal-as, que é esta, meus amigos, em que viveis e de que constituis uma das elites.

A HASTE DE COBRE

Em mim, portanto, não me applaudis a mim, senão a vós mesmos. Asorvidos noutras preocupações, empenhados noutros campos de actividade, cujo conjunto constitue a nossa grandeza nascente, era-vos mistér uma antenna, capaz de receber e transmittir-vos as ondas das verdades, que o vosso subconsciente esperava. Cumprida a minha missão momentanea, volvo á minha anonymia, como a haste de cobre á sua inutilidade, passado o momento das emissões.

Roberto Moreira, com o primor de engenho e sensibilidade que o fazem uma das grandes figuras do nosso scenario intellectual, já accentuou em traços de mestre a minha formação paulista.

Creio que Saint-Hilaire accentuou a quasi identidade de usos e costumes entre paulistas e riograndenses. O tempo vincou entre ambos algumas differenças. O gaucho ficou-se na vida da criação. O paulista enterreirou pelo café.

Mas da origem commum, uma vez que o Rio Grande do Sul foi conquistado e colonizado por paulistas, ficaram traços indeleveis: a audacia, a bravura, o descortino, a sensibilidade aos grandes interesses nacionaes, que se traduz na pugnacidade politica peculiar aos dois Estados.

Essa, bem cedo habituado a um ponto de vista por assim dizer antecipado do momento contem-

poraneo, essa não a possuo no terreno da politica estrictamente partidaria. Não que me desintereesse da mesma. Os meus amigos me conhecem as convicções, as idéas que acompanho, e os homens que as encaram a meus olhos. Mas nasci com um defeito: a incapacidade de odiar os meus adversarios. Não ha razões que me levem a mal-sinar alguém, porque aprecie de modo differente do meu a homens e acontecimentos, situações e attitudes politicas.

Guardo toda a força da minha indignação contra os inimigos do Brasil, entre os quaes infelizmente ha tambem os brasileiros que querem acabar com as suas tradições e com os seus grandes homens para, sobre a eversão de todos os valores, construir *as egrejinhas* da sua mythologia, tantas vezes erguidas com a precariedade dos casabres de sopapo, quantas derrubadas pelas rajadas saneadoras da verdade.

Tivestes, meus amigos, um vogal primoroso. Roberto Moreira, com o seu grande talento e a sua grande cultura, leu-nos uma oração maravilhosa. Consenti que eu não acceite das suas palavras senão o carinho que as embalsamou, carinho de que elle é sempre uma fonte viva, carinho que é tão bem retribuido pela sua geração que delle já se disse que atravessa a vida em meio a uma Ala de Namorados.

Na aridez da minha carreira, nada mais agra-

davel do que encontrar o sorriso dum rosal que se encurva para as minhas mãos. Consenti todavia que deste jardim encantado eu me contente em recolher apenas a fragrancia.

Por que? Porque as flores em que elle se desentranha não são minhas. Pertencem a S. Paulo, que me ensinou, que me creou, que me fez, que me anima, que me estimula, que dá á minha palavra a resonancia duma sympathia invulgar.

Que ellas vicejem por todo o sempre neste torrão sagrado, que é o berço de minha mãe e o tumulo de meu pae.

Dias atrás, visitando as *Nascentes do Ypiranga*, o grande museu florestal que o descortino paulista está afeiçoando como um padrão imperecível da raça e da terra, bem longe do meu lugar, numa curva da matta, divisei a roupeta fugitiva de um sacerdote.

Tratava-se, como verifiquei depois, de um ecclesiastico que ali levava a passeio os seus alumnos. Comtudo aquella silhueta, vislumbrada rapidamente, através duma clareira, ficou-me gravada na retina. Dir-se-ia que a minha imaginação evocara a visão de Anchieta, o fundador de S. Paulo. Nada mais natural do que a associação de idéas. A lembrança do grande thaumaturgo é inseparavel daquella matta primitiva, que elle tan-

tas vezes trilhou, buscando a recém-nada Piratininga.

Hoje, meus amigos, outra imagem me persegue, com a mesma obsessão. Mas já não é a roupeta do jesuita, que se me crava nos olhos com o relevo das coisas vivas. É o burel do apóstolo.

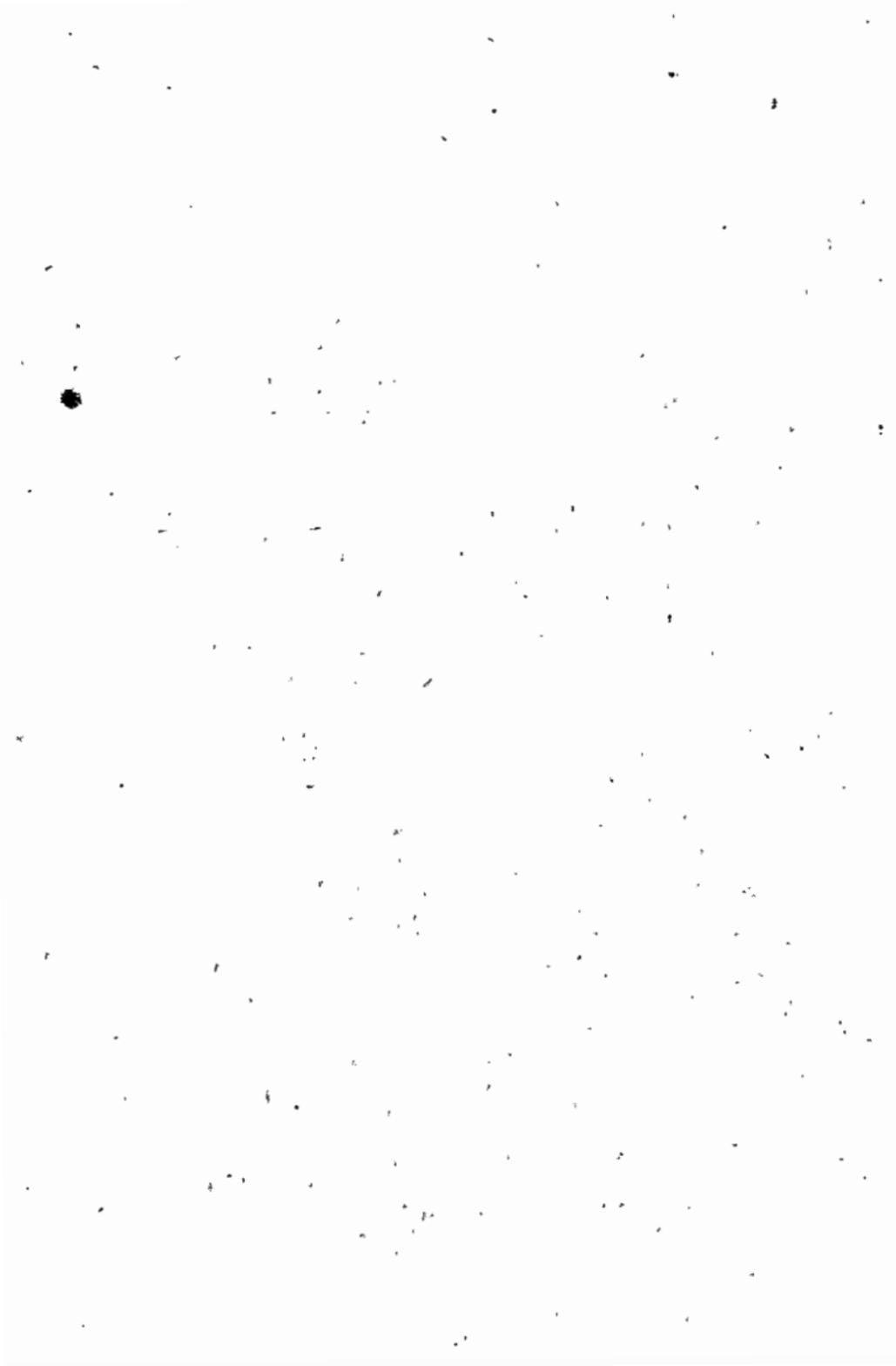
Sinto-me nas cabeceiras do Brasil Maior. Sinto-me no torrão bemdito onde nasceu a nacionalidade. Lanço os olhos para a estrada e vejo um novo romeiro.

Quem é o novo peregrino? É S. Paulo, o Apóstolo das Gentes, que calçou as sandalias para renovar o milagre com que fundou o Christianismo. É S. Paulo, que toma o bordão das longas romagens, para ensinar ao Brasil o senso da brasilidade, para mostrar ao Brasil o caminho do Brasil-Maior”.



A Formação Es- piritual do Brasil

Outubro - 1930



RATIO BRASILITATIS

O brasileiro não conhece o orgulho de o ser. Nasceu ouvindo desdenhar dos antepassados. Herdou, sem examinar-lhe a prescrição immemorial, a prevenção com que o brasileiro colonial olhava a metropole: a hostilidade do incola contra o *pé de chumbo, o mascate, o marinheiro*. Sahindo do terreno da vida para o da sciencia, acceitou sem verificação axiomas firmados em doutrinas ainda conjecturaes. Maldisse o mallogro de Mauricio de Nassáu: "ah! se tivéssemos sido colonizados pelos hollandezes"! Convenceu-se, sincera e fundamentalmente, de que é inferior o typo brasileiro. E desse principio tirou a deducção de que "o Brasil é um paiz perdido".

Quaes as causas que contribuíram para esse estado mental? Será possível resumil-as? Não me parece. Estão em jogo os mais complexos problemas da nacionalidade. Vã seria a tentativa de synthetisal-os. Mas, pelo menos, é preciso esboçal-os, principalmente em honra dos moços, para que, desprevenidos, não adoptem attitudes temerarias;

para que primeiro analysem as correntes de idéas, que insensivelmente as engendram. Não ha maior fraqueza que se suppôr o individuo fraco. Antes de acceitar essa condemnação é preciso estudar o processo que a lavra.

Se me foss edado fixar algumas certezas, necessarias ao conhecimento do nosso estado mental contemporaneo, obscurecido de preconceitos seculares, de ordem ethnica, social e religiosa, eu o faria em tres pontos:

- 1.º) o estudo da nossa origem.
- 2.º) o estudo da nossa formação espiritual.
- 3.º) o estudo dos criterios applicados ao nosso julgamento.

Passemos um lance de olhos sobre cada um dos tres pontos. Está claro que sem outro intuito senão o de circumscrever a um campo de analyse restricta os aspectos fundamentaes do problema brasileiro quanto ao *espírito da raça*. Da raça, sim, queira ou não queira a intolerancia do pedantismo especializado, que proscreeve o uso desse vocabulo quanto ás grandes agremiações humanas, que prescindem de homogeneidades anthropometricas para se julgarem com o direito de pertencer á grande familia que a palavra como nenhuma outra designa.

A NOSSA ORIGEM

Não ha mais desmarcada injustiça do que proclamar a inferioridade do portuguez. Inferior um povo que, com um milhão de habitantes, entrega á Europa as chaves do Oriente? Inferior um povo que realisa o maior imperio colonial que se conheceu até o anno de 1500? Inferior um povo que firmou o dominio da raça caucasica na Europa, simples península da Asia, e ameaçada por esta?

O maior problema da Europa — o da sua autonomia — foi posto em equação e resolvido pelo infante D. Henrique na Escola de Sagres. O dominio dos oceanos, até hoje, quando já começa a ceder a primazia ao dos espaços, o instrumento por excellencia da hegemonia, foi procurado por elle com a mesma tenacidade com que a Inglaterra, tres seculos depois, organisou o seu Imperio marítimo. Não ha mais alto exemplo do que vale a acção condicionada a um grande pensamento. Aliás, essa capacidade ideativa continuou, tendo indices igualmente gloriosos.

Momentos houve em que Portugal ensinou a Europa pensar. A cathedra de Santa Barbara, em Paris, era a cabeça do Universo. E era regida por portuguezes, que contaram entre seus alumnos os Montaigne e os Rabelais. Um desses reitores, Diogo de Gouveia, foi o primeiro cerebro que, adivinhando-lhe a grandeza, preconizou a colonisação

do Brasil, delineando o systema das capitánias, censurando a demora de D. João III em adoptal-o e determinando, talvez, a expedição de Martim Affonso.

Será o portuguez anthropologicamente um typo inferior?

Ha que distinguir nas qualidades do homem o permanente e o accidental. Não falo na estructura psychica e na organisação physiologica separadamente. Falo no homem, conjunto das duas.

O caracteristico permanente do portuguez não deve ser buscado apenas nos momentos de decadencia ou miseria do paiz, senão tambem naquelles em que se pode revelar em toda a sua especificidade. Eugenicamente, o portuguez, isto é, o portuguez typico, de que os companheiros de Martim Affonso e os Casaes de Açorianos são indices principaes e de que descendemos, nada inveja a outros povos. A sua robustez é proverbial.

Pouco inporta que não tenha o arcabouço e o esqueleto dos gigantes nordicos. Se fossemos julgar pelo tamanho, teriamos de preferir o cavallo mecklemburguez ao arabe.

Os Doze de Inglaterra levaram de roldão os mais tutanudos dolico-louros que Londres escolheu a ouro e fio para enfrontal-os. Dois ou tres delles, inda por cima, deram-se ao luxo de fazer outro tanto com os maiores traga-moiros de Paris. Luiz Vaz de Camões teve por alcunha o "Trinca For-

tes". Os dedos que escreveram os *Lusiadas* torciam pardáus e rupias. João Ramalho, cujo berço coimbrão foi descoberto recentemente, João Ramalho, o velho alcaide vicentino, inda depois de sessenta annos, "fazia suas nove leguas a pé, antes de jantar". E que nove leguas! As tantas que medeavam entre Santo André e o litoral, cortando a Paranapiacaba, o peor caminho do mundo, no testemunho desalentado de Anchieta. Os primeiros "portugueses de San Pablo", que chegaram ao Paraguay, andavam pelas selvas e carrascaes sul-americanos com a mesma segurança com que "os espanhoes nas ruas de Madrid". A nossa locução "á antiga portugueza" designa tudo o que é solido, robusto e duradouro.

Como colonizador nenhum povo se lhe compara, nenhum persiste tão intacto atravez dos cruzamentos, nenhum creou uma nação igual ao Brasil. Apenas o espanhol, seu irmão e vizinho, latino e peninsular como elle, se lhe aproxima.

Objectar-me-ão a Inglaterra. Não contesto o seu poder de scissiparidade politica. Mas faltam á raça poderes de assimilação. Falliu na Guyana. Falliu na Irlanda. Falliu nas Indias. Não terá fallido nos Estados-Unidos, onde o seu traço é só o da lingua, onde se deixou submergir por outras raças, onde não conseguiu assimilar nem a população da capital, onde imperam os judeus, nem a dos condados do sul, onde imperam os negros?

Descendentes do portuguez, temos, pois, que esse é um titulo de legitimo orgulho. Pouco importa que elle seja o Judas de alleluia dos nossos jacobinos, o alvo do sarcasmo secular, o inimigo intimo da nossa mordacidade, impressionada por aspectos picarescos de decadencia e de incultura. Não ri Paris do alvarnez e Lisboa do gallego?

Demais essa mentalidade depreciadora foi refinada por uma rivalidade inevitavel. E' um phenomeno commum a todos os povos colonizados. E' a lei fatal que dita a revolta da creatura para com o creador. Vejam a visceral antipathia do *yankee* pelos seus irmãos de além mar.

Riam do *mondrongo*, se quizerem, mas orgulhem-se do portuguez. Lembrem que "inventou o tamanco". Mas não esqueçam que fez o Brasil.

Vem a questão dos cruzamentos e os dois elementos que aqui foram branqueados pelo luso: o indio e o negro.

Não nos deixemos levar pelo culto das meias verdades. Confessemos que não fomos tão democraticos e isentos de prejuizos como se pretende fazer crêr. Por mais que o jesuita proclamasse a igualdade, por mais que as Cartas Regias da Metropole a garantissem — o indio e o negro nunca conseguiram vencer a fatalidade que os tornava socialmente inferiores. Devido a isso, as classes de elite desenvolveram-se á margem do cruzamento — com as inevitaveis excepções individuaes —

esperando que o portuguez de jaleco, que aqui aportava como aguadeiro, hortelão, estivador, ou famulo de escada abaixo, se encarregasse de refinar as classes inferiores, para ao cabo de tres ou quatro gerações recebê-las, já branqueadas e eugenisadas, no seu gremio.

Foi um mal, foi um bem essa mescla? Que o diga toda a nossa historia, contra a qual não valem hypotheses abstractas e dissertações academicas. Conclusão: a inferioridade ethnica do portuguez é um mytho.

A NOSSA FORMAÇÃO ESPIRITUAL

E' um erro pensar que não temos um *sensorium* espiritual commum. Apesar de descurado ou combatido por estadistas de fancaria, como esse obtuso Pombal — “a incapacidade e a crueldade reunidas”, como diz o grande Capistrano, — apesar desses Richelieus de latão, que nunca alcançaram que esse é o primeiro e o mais sério dos problemas nacionaes, temos milagrosamente conseguido preservar a nossa unidade psychica.

E' exacto que não a temos no mesmo grau que o Japão, onde á primeira vista ella se revêla com a energia intra-atômica do *radium*, explicando os prodigios de fé que fazem daquelle archipelago perseguido pelas catastrophes do céu e da terra, daquelle ninho de tornados e convulsões sismicas,

o povo, sob certos aspectos, mais homogêneo e admirável da terra. Mas não nos falta base para, se tivermos estadistas e pensadores dignos desse nome, criarmos uma pragmática nacional, um senso de direção do nosso destino, capaz de chegar aos mesmos altíssimos resultados.

O catholicismo moldou os nossos antepassados e o seu influxo ainda sobrevive mesmo no inconsciente dos seus mais irreductíveis negadores. É nesse *abstractum moral*, trazido pelos primeiros colonos, acendrado pelos primeiros jesuitas, combatidos pelo pombalismo, pelo encyclopedismo e pelo atheismo, mas sempre dominante, graças à sua preservação principalmente no interior do paiz, pela força da inercia e pelo respeito à tradição, que reside a mola das nossas acções e a explicação da nossa vida.

Veja-se um só exemplo (visto que temos a preocupação de resumir).

Os bandeirantes de S. Paulo abriram a luta de exterminio com os jesuitas do Collegio, que lhes interdictaram a rapina do indio — o café de S. Paulo seiscentista — a sua riqueza, o sangue de sua vida economica. Seria um erro suppôr que a sua rebeldia ao influxo catholico transcendia o limite do seu interesse immediato na captura do indio — que elles de bôa fé tomavam como uma questão de vida e morte.

Os barbaros eponyms da nossa gesta colonial

eram em tudo o mais exemplarmente catholicos: basta ler os seus inventarios no sertão. Começam sempre por uma invocação religiosa: "Entrego minh'alma a Nossa Senhora"; "Recommendo minh'alma a Nosso Senhor e Redemptor Jesus Christo". Antonio Ramalho, o Velho, o flagello dos indios, o algoz das Reducções, recommenda-se á Santissima Trindade, e a todos os Santos do Céu, protestando morrer na fé catholica. Dictados ou escriptos *in articulo mortis*, nesses minutos em que, rotos todos os laços do interesse terreno, imprimiam no papel a veronica do ultimo pensamento, via-se que o laço espiritual que os unia era o Deus da sua raça e da sua terra, que o interesse lhes fazia ás vezes esquecer, mas que a eternidade proxima lhes vinha recordar.

Suas familias eram exemplarmente organisadas sob o ponto de vista da fé. As matriarchas paulistas nunca conheceram a duvida, quanto mais a negação. A ellas, primeiras educadoras dos nossos sertões, deve-se além do mais a brandura da escravidão. Dir-se-ia que, com a doçura do seu senhorio, procuravam fazer perdoar a dureza dos maridos.

Se fosse de bom gosto o argumento *ad-hominem*, seria facil mostrar que no Brasil os mais inveterados atheus, os mais obsessos anti-clericaes

muitas vezes não o foram senão de bocca — desmentindo pelos actos as palavras.

Essa enumeração está ao alcance de todos. Quem não conhece, muitas vezes no seio da sua propria familia, um desses ferrabrazes do atheismo, cuja vida intima desmente as quixotadas bebidas em meios primarios ou em livros de falsos pensadores? E' que os movimentos reflexos da sua consciencia são todos involuntariamente filhos da impulsão christã hereditaria.

Em summa. A nossa formação subjectiva é toda catholica. Estudal-a sob esse aspecto, accetal-a como é e dahi tirar as consequencias logicas para a construcção psychica, que temos o direito e o dever de exigir dos nossos estadistas e pensadores como uma *Ratio Brasilitatis*, como a base do nosso futuro e da nossa integração espirital, é dever de quem quizer conhecer o Brasil.

OS CRITERIOS DE JULGAMENTO DO BRASIL

A theoria da nossa inferioridade estriba na convicção de que a prosperidade material é o unico indice de julgamento. A generalisação desse conceito, que confunde o instrumento com a finalidade, e abandona a essencia pelo accessorio, é o caracteristico do nosso tempo. Se a opulencia de-

terminasse na escala dos valores historicos a suprema hierarchia, Tyro e Carthago, rainhas do Mediterraneo, não teriam passado como sombras. Por outro lado, a Judéa, esteril e miserrima, não viria desmentir a tacanha inconsistencia desse axioma. O triumpho solar do espirito judeu, que plasma o mundo moderno em suas mais robustas e variadas manifestações, mesmo as economicas, vem provar a primazia do principio espiritual, como creador de valôres permanentes, sobre o principio utilitario.

Acham-nos inferiores porque não rivalisamos em riqueza com os outros povos. Esmagam-nos com o exemplo dos Estados Unidos. Mas ninguem se dá ao trabalho de verificar a differença das heranças que ambos recebemos, e a difficuldade da exploração da nossa. Bastam o Mississipi e os Lagos para dar-lhes dez vezes mais possibilidades.

O Brasil até hoje tem sido e continúa a ser um paiz pauperrimo. A lenda que o julga o paiz mais rico do mundo refere-se a possibilidades futuras e não a ensanchas immediatas. Eu mesmo, que presinto e ousa dizer que o seculo XXI será o seculo do Brasil, então o maior celeiro de materias primas do Universo, então senhor do grande inimigo de quem tem sido até hoje escravo — a distancia —, não posso negar essa evidencia. Como exigir á nossa pobreza actual os milagres de realisação que

só se conseguem por meio da opulencia? No entanto é por esse peso que nos aférem.

Não tenhamos duvidas. Ser pobre é ter todos os defeitos. E nós somos pobres...

Não sou um visionario. Não quero que sejamos uma nação de metaphysicos. Não desdenho do progresso. Não perco, porém, de vista que elle não é um fim, mas apenas uma condição.

A finalidade suprema das Nações é a unidade psychica, o espirito nacional, fonte de trabalho coordenado, de esforço convergente para a sua afirmação no scenario universal. Sem esse estado de espirito todas as creações materiaes serão instaveis e precarias e a opulencia, que representarem, debil e indefesa. Sejamos fortes e opulentos. Mas tenhamos um espirito capaz de dispor dessa força e dessa opulencia em beneficio da Humanidade.

Tenhamos orgulho do que fomos e do que somos. Saibamos que a religião é a grande fonte da vida interior, origem de todas as outras. Hierarchisemos o metro economico ao metro psychico. E não esqueçamos as palavras de Daniel Webster: "*Those who do not look upon themselves as a link connecting the past with the future do not perform their duty to the world*".

A FORMAÇÃO ESPIRITUAL DO BRASIL

E' um axioma biologico que o systema sensorio-motor predomina sobre o systema vegetativo.

.
A Religião é systema sensorio-motor das sociedades.

.
O estudo da consciencia psychica deve preceder ao do meio physico.

.
O phenomeno religioso é o phenomeno espi-ritual por excellencia.

Estas proposições chantei-as como marcos do meu itinerario no ensaio que se vae ler. Não se destinavam á publicidade. Eram um guia intimo. Traduziam o meu pensamento sobre a hierarchia do problema religioso. Marcos disse eu, mas disse

mal. Os marcos só se cravam na terra firme. As minhas directrizes, quando muito, serão as linhas, avivadas a minio ou brasil, dos antigos portulanos.

Pensei em eliminal-as. Mas um raciocinio me deteve. São tão raros os *tests* espontaneos! E' tão raro surprehender o processo de uma elaboração intellectual! Não tive a coragem de resistir á seducção de ser claro. Bem sei que ao terminar uma obra, tiram-se os andaimes. Por humildade intellectual seguí processo inverso. Deixei-os.

Creio que os systemas religiosos pesam sobre o individuo como a lei da gravidade sobre os corpos. Creio que o ambiente humano crêa um clima espiritual a que ninguem se exime e que pesa sobre nós como o clima physico sobre as plantas.

E dou á religião na sociologia o mesmo papel que á força motriz na dynamica.

Investigando as origens do espirito brasileiro, não quíz fazel-o sem arrimar-me á biologia e á sociologia.

Busquei o criterio moderno. Presinto que o meu trabalho vac ser acoimado de ultramontanismo. Paciencia. Cheguei á Religião. Mas por intermedio da Sciencia.

PROFISSÃO DE FE'

Sinto que a analyse me vestiu o espirito como a tunica inarrancavel do Centauro. Impregnei-

me dos effluvios cartesianos do seculo passado em que adolesceu a minha razão. Já aora duvido que me possa invadir á sua influencia. Confesso o Deus de meus paes e da minha raça e quero dormir tranquillo no seu seio. Porém receio que por instincto. E não posso esquecer que a duvida foi a Ceres que semeou de estrellas o campo do pensamento, fechado a Galileu.

Mas por isso mesmó reclamo para a critica o direito de transpor as barreiras da intolerancia racionalista, que restringe a investigação ao campo das sciencias positivas. Na sua essencia a Religião pertence á Theologia. Mas nas suas consequencias, tão visiveis como a das sementeiras nas méses, emancipa-se da Metaphysica para subordinar-se á Sociologia.

A' Sociologia, sim. A Religião é o systema sensorio-motor das agremiações humanas. Tem de ser, quer o queira, quer não a cegueira das prevenções anti-religiosas, o objecto precipuo da Sociologia.

Fôram-se os tempos em que o véto do materialismo postergava para o terreno das divagações academicas as especulações que entendessem, de longe ou de perto, com o seu duende — a religião.

Em vão o marxismo, herdeiro dos residuos philosophicos da revolução franceza e do individualismo luterano, quiz fazer da vida vegetativa, do systema de nutrição, a mola do mundo. A Bio-

logia desmente-o. O systema sensorio-motor tem a primazia sobre aquelle.

O progresso economico — vida vegetativa — base de tudo para o marxismo — está condicionado á vida espiritual, que tem de alimentar-o e defendel-o. De modo que hoje não é preciso mais abjurar da religião para entrar nos dominios da Sciencia. Muito pelo contrario. Ambas se auxiliam como a vida vegetativa á vida nervosa. E é dever dos estadistas e pensadores reconhecel-o.

Fortalecer a vida nervosa, augmentar-lhe a capacidade e a resistencia, é fortalecer a vida vegetativa, é crear o progresso economico. Este não póde nascer de si mesmo, como a materia inorganica da materia inorganica.

Os paradoxos materialistas que contrastam essa verdade não se aguentam de pé. Dizem por exemplo que foi o carvão que fez a Inglaterra. Mentira. Foi a Inglaterra que fez o carvão. Por que razão as jazidas da China, maiores que as britannicas, inda não conseguiram fazer da China uma Grã-Bretanha?

O espirito brasileiro já está formado. Germinou á sombra dos grandes jesuitas e dos grandes varões que fizeram do seiscentos portuguez uma quadra quasi sem rival na historia. Consolidou-se, com o concurso do indio e do negro, nas lutas de libertação. Hoje já chegou o momento em que

precisamos preservá-lo de contaminações estrangeiras, da apostasia e do suicídio.

Defendendo a grande força disciplinadora dos actos psychicos, que é a Religião, o Estado, cuja mais alta função é a coordenação dos actos psychicos sociaes, defende-se a si mesmo. Todas as doutrinas subversivas reconhecem-no. Todas por isso antes de destruir o Estado procuram destruir a Religião.

Até pouco tempo atrás podia-se dizer que o bolshevismo no Brasil era "uma questão de policia". Hoje não. Uma propaganda tenaz, intelligente, continua, allicia-lhe proselytos por todos os cantos. As reivindicações da doutrina apoiam-se num quadro tal de iniquidades, são um appello tão vehemente á justiça que o numero de proselytos dia a dia cresce. Poucos lhe conhecem o ponto fraco: a fallencia da parte constructora. Mais poucos ainda o meio de frustral-o, antecipando-se-lhe no que tem de aproveitavel. Mas a luta ahí está, ardente, feroz, sem treguas.

Neste periodo climaterico o maior baluarte do Estado é a Religião. A volta ás nossas tradições mais profundas de catholicismo constitue pois no Brasil uma urgente necessidade, que deve ser a preocupação dos nossos estadistas.

A SYNTHESE DE MARTIUS

Martius, o excelso naturalista da *Flora Brasiliensis*, conseguiu condensar em cerca de vinte paginas os elementos fundamentaes da nossa historia. A sua dissertação "Como se deve escrever a historia do Brasil", datada de Munich, em 1843, inda é hoje a obra de mais profunda synthese no genero, a que melhor discrimina e hierarchisa os elementos cuja conjugação creou e nutriu este grande todo, organico e vivo, que se chama o Brasil. Apesar da despreocupaçào e da simplicidade com que foi escripta, e da candura bávara de certas proposições, está ali o esboço de um monumento de cujo architecto inda estamos na espectativa.

O exemplo de Martius deve ser um incentivo. Não para tentar supprir a quantidade pela qualidade. Mas ao menos para imital-o no esforço.

Quanto não devemos a essas vinte paginas!

Quem lê com attenção Varnhagen, sente, até, em certas lacunas, quanto elle procurou seguil-as. E Capistrano, ao escrever a *Grammatica dos Caxinauás*, que considerava a maior das suas contribuições para a nossa historia, não fez senão ampliar o seu conselho e seguir o exemplo do seu celebre *Glossarium*.

Os dois nomes, a que nos acabamos de referir, bastariam para provar que tivemos grandes vo-

cações e heroicas actividades a serviço do nosso passado. Mas o estado embrionario de muitas das disciplinas sem as quaes hoje se verifica que a historia é toda conjectural e a inopia de documentos baldou-lhes em parte os esforços.

Só recentemente uma restea de sol penetrou na sombra dos nossos archivos, para salvar o que escapou á traça, ao cupim, ao bolor e ao descaso. Trata-se todavia de esforços isolados, que precisariam de uma ampla coordenação, de uma campanha nacional de systematisação. Só depois disso poderemos ter obra igual ás que a Allemanha, a França, e a Inglaterra dedicaram ás suas origens e evoluções. Como proceder á sua synthese com materiaes inda não discriminados e classificados pela analyse?

Haverá, na deficiencia de que acusamos os nossos historiadores, injustiça para com os dois maiores, os dois que, como vimos, buscaram seguir palmo a palmo o roteiro de Martius? Não nos parece.

CAPISTRANO E VARNHAGEN

O proprio Capistrano á confessava. Foi quando morreu Varnhagen e elle, ainda desconhecido, inda não adquirira em renome o que lhe sobrava em merecimento. Seu pensamento de moço ainda

não se crystallisava nas formas em que, mais tarde, sob a influencia germanica, se integrou. Toda aquella sensibilidade que os amigos lhe conheciam sob a apparencia retractil e desconfiada de caboclo vibrou ao descrever a carreira de Varnhagen.

E' com espanto que se vê o sobrio Capistrano, tão infenso a imagens, comparal-o a um bandeirante, que arrancava para o desconhecido: "trazendo na frente a flamma sombria do Anhanguera". A frente sombria do Anhanguera! E applicada pelo algebrico estylista dos *Capitulos de Historia Colonial* ao austero Varnhagen! Dir-se-ia um raio de sol na aresta rigida de um bloco de crystal. Mas nada definiria melhor aquella fome de documentos, tão absorvente como a do ouro, em que o grande bandeirante dos archivos consumiu a melhor da sua vida, aquella fome de documentos que lhe devia brilhar nos olhos como a visão dos "descobertos" nas pupillas do Anhanguera.

O APPELLO DE CAPISTRANO

Nessa soberba pagina, que a mão reverente de Rodolpho Garcia exhumou das collecções da *Gazeta de Noticias*, ha um appello profundo ao futuro architecto da nossa historia. Embora reconhecendo ao Visconde de Porto-Seguro um lugar excepcional no seu estudo, recusa-lhe a faculdade de

generalisação. Não conseguiu Varnhagen, nem conseguiria comprehender os factos brasileiros em suas origens, em sua ligação com factos mais geraes de que dimanam. Avesso por indole ou convicção ao estudo das “doutrinas creadoras” que constituem ou servem a sociologia “faltava-lhe o facho luminoso a cuja luz se vê a elaboração da vida social.” Dahi, dessa lacuna de Varnhagen, que elle Capistrano poderia preencher, se, lhe fornecessem os materiaes, irrompe o seu appello angustioso ao nobre pensador que invoca num futuro remoto, pedindo-lhe que “arranque das entranhas do passado o segredo angustioso do presente e liberte-nos do empyrismo crasso em que tripudiamos”.

Inda é cedo para o apparecimento desse pensador. Uma obra dessa magnitude só poderá ser feita quando os documentos da nossa historia estiverem mais ordenados e o trabalho de colligil-os e concatenal-os se desentranhar nas promessas que encerra.

Teu clamor ainda está longe de ser exalçado, ó grande Capistrano! Emquanto, porém, não chega o architecto que entreviste nos longes do futuro, mal não é que lhe busquem preparar o terreno aquelles que te ouviram a voz. Assim como o caminho do indio, a estreita picada por onde o tupy buscava, solitario, a barranca dos grandes rios, serviu de traçado aos trilhos de hoje,

nenhum estudioso deve furtar-se ao dever de procurar o itinerario que talvez aproveite ás gerações de amanhã.

O exemplo de Martius e a exoração de Capistrano devem ser um incentivo não só para o estudo da nossa historia como ainda da nossa formação subjectiva. E ai do que se abalançar á titanica empresa com a esperança de laval-a a cabo! Surprehender e fixar o que ha de caracteristico e permanente no elemento sobre todos instavel e refractario á visibilidade — o homem subjectivo — é tarefa de desanimar os mais corajosos. E principalmente quando não se trata só do homem subjectivo num ponto fixo da historia mas do homem subjectivo multiplicado numa immensa e successiva cordilheira de homens mergulhados no tempo. Como conhecer-lhes a geologia moral? O trabalho do naturalista que por um osso reconstróe um fossil não será cem vezes mais facil?

Nunca me illudí com a difficuldade da tarefa a que me propuz, ou antes me propuzeram. Emprehendo-a com a entristecida certeza de não realis-a. O relampago que resplandece no dorso da serrania brilha e passa, instantaneamente, sem deixar vestigios. Quem disse que elle pretendeu illuminar? Quem disse que elle não obedeceu apenas ás electricidades que o formaram para volver mais depressa ao nada?

Relampejar num sulco passageiro sobre alguns

picos da nossa historia subjectiva e desaparecer. A mais não visa o modesto esforço a que me abalanço pela estricta obrigação de chegar ao periodo historico em que o prefacio do *Papa e o Concilio* appareceu, de explicar-lhe as influencias e a significação e de mostrar, com a independencia que Deus me deu, quanto aberra da verdadeira tradição nacional.

ESPIRITO BRASILEIRO

Respondo de antemão á critica. Não resumirei a historia do Brasil para definir-lhe a formação do espirito. A obra secular dos seus escriptores e artistas, dos seus estadistas e heróes, dos seus martyres e das suas massas anonymas, esse conjunto de influencias, de que são ancillas todas as artes e todas as sciencias e sem as quaes hoje não se faz a historia de um povo, não viriam de molde nem caberiam numa synthese. Proponho-me a muito menos. Busco sondar esse espirito brasileiro que todos temos no coração, nalgumas épocas capitaes da nossa vida. Todos me comprehenderão.

O espirito brasileiro perquirido nestas paginas é o patrimonio psychico que recebemos dos nossos maiores. E' o principio vital do nosso modo de ser e de sentir. Começa a apoderar-se de nós antes de começarmos a balbuciar. Desprende-se do

gesto e da interjeição que nos aconchegam ao seio materno, da melopéa que nos embala o berço, das primeiras palavras que nos transmitem, menos o sentido que o rythmo do carinho. Resoa em todas as modulações da lingua, da lingua que crêa o ambiente sonoro cuja acustica envolverá por todo o sempre a nossa natureza.

Móra no coração e no pensamento. Mas tem as raizes mergulhadas nas regiões ainda mais fundas da sub-consciencia. E' ahí nessa zona conzinha do instincto que está o segredo da sua impercibilidade. O pensamento, precario, modifica-se. O instincto, inalteravel, subsiste.

O nosso veio-nos dos seios da velha loba romana, cujo leite nutriu o primeiro sangue das nossas veias. Não perdeu a especificidade original no longo percurso de seculos. E' imperecível, porque é legado por todas as gerações que passam a todas as gerações que ficam. E' immortal, porque é a vida, a razão de ser, a alma do immenso lar colectivo que habitamos. Tem um character e uma finalidade puramente latinos. E' um fidei-commisso sagrado da raça mediterranea que creou a civilisação.

A INFLUENCIA DA EUROPA

Não creio, e nisto sigo Martius, que seja possível discutir com clareza as leis do nosso desenvol-

vimento, sem dar como base a esse trabalho de psychologia retrospectiva o movimento das idéas e a formação das consciencias na Europa seiscentista.

Qual a mentalidade, qual a consciencia, quaes as aspirações, qual o ideal dos nossos primitivos colonisadores? Taes os problemas cuja solução constitue a preliminar para o estudo da nossa historia.

Filha da Europa, a America não pode ser estudada á sua revelia. Uma correlação sensível como a dos equinócios e das marés domina os phenomenos dos dois continentes. Essa influencia, visível a grandes traços, no commercio, nas instituições, nas correntes de idéas, a meu ver inda promana de fontes mais profundas. Borbulha das raizes do sub-consciente, isto é, de um germe plantado em profundidades maiores que a do proprio pensamento.

Na Europa da Edade Média, seja qual fôr a opinião que se tenha sobre esse periodo, preponderou o factor da religião. Foi ella que lhe deu seu caracteristico principal: a organização. A exemplo da Igreja, que se unificara, crearam-se corporações que abrangiam todas as actividades, desde o sapateiro ao lente da universidade. O homem aprendeu a renunciar um pouco do seu tempo, da sua actividade e da sua pessoa em beneficio de um ideal commum. Infiltrou-se em todas as camadas

sociaes a convicção de que o isolamento era, se não um crime, uma falta, se não uma falta, um erro.

Senhores e principes ligam-se pelo laço religioso e avançam para as Cruzadas. Artezões e mesteiraes cream, emulam, e aprimoram-se pelo espirito corporativo, cuja voz inda se escuta nos poemas de pedra das cathedraes.

A CALUMNIA DA EDADE MÉDIA

A historia tendenciosa, eterna vivandeira das facções triumphantes e clienta nocturna dos mais audazes, desempenha-se em mentiras tão difficeis de exterminar como a raça maldita das ratazanas. A apresentação da Edade Média como uma época de obscurantismo, palavra muito do calão racionalista, é uma das maiores caraminholas que se podem imaginar. Quem estudou pelas cartilhas mais em voga, editadas principalmente na França da *Encyclopedia*, tem de encaral-a como um periodo de miseria, ignorancia e fanatismo. A verdade, porém, é outra. A Edade Média foi um dos maiores periodos da Historia. Concebeu e crêou as universidades, espalhando cerca de cem pela Europa. Louandre (apud Leonel Franca, *Egreja e Reforma*,) mostra que a França de então contava sessenta mil escolas. Nesta propagação do culto de Deus e da Patria, tão antiga e tão disseminada, não estará o segredo da França moderna, da força sub-conscien-

te que lhe dá a sua maravilhosa reserva de energias moraes?

A' sombra dos mosteiros floresciaam escolas e officinas de ensino pratico. Regiões houve em que nessa época, tão mal julgada quão pouco conhecida, a proporção de analphabetos era tão pequena que causa assombro. Reinavam prosperidade e fartura. Foi a reacção contra o espirito medieval que começou a transformar o mundo num degredo para os pequenos e humildes, orphãos da sombra bemfazeja que os procurava abrigar. A logomachia revolucionaria, germe da anarchia e do bolshévismo, debuxa a Edade Média como a immensa Sexta-Feira de Trevas que se adensou sobre o mundo. Hoje, porém, a seriedade dos estudos não se compadece mais com esses contos do vigario. Quem não estiver familiarisado com os estudos que reintegram a Edade Média no seu devido esplendor não deixe de recorrer ao admiravel trabalho que lhe dedicou o padre Leonel Franca: *A Igreja, a Reforma e a Civilização*.

A Europa inteira tinha uma unificação espiritual.

A impaciencia dos interesses e da intolerancia não a deixou amadurecer. A politica quiz colhel-a antes de tempo. Buscando conquistar o Oriente e redimir o Santo Sepulcro não soube organizar as expedições nem preparar as campanhas. Foi derrotada pelos infieis.

A solidariedade vive da confiança e do exito. O mallogro das Cruzadas desalentou grandes e pequenos. A traficancia das graças espirituaes alienou do Catholicismo a legião de espiritos incapazes de comprehender e perdoar o erro dos economos do Vaticano. A consignação da venda de indulgencias a um banqueiro de Augsburgo, e a leva de broqueis que se lhe seguiu, enfraqueceram a Egreja, convencendo-a de venalidade e abrindo largas ao scepticismo. Nada prova melhor a eternidade da barca de Pedro do que resistir aos escolhos contra a qual tem atirado tantos dos seus pilotos.

Um vento de descrença varreu a Europa. As corporações sentiram afrouxar todos os laços moeraes que as sustinham. Começou-se a tomar a solidariedade como uma illusão. Ninguém mais acreditou senão em si proprio. Cada um quiz ter na mão a potencialidade de independencia que representa o dinheiro.

Por outro lado o descobrimento dos marmores antigos deslocava para o culto da belleza physica o fervor até então concentrado no aperfeiçoamento espiritual. A Renascença cahiu no excesso contrario do catholicismo, e só cuidava do corpo; e se das artes e das letras se occupava era com uma finalidade epicurista, de que só se libertaram os mais nobres especimes.

A Renascença equivale a uma declaração dos

direitos do corpo. A revolta contra o espirito, a descrença na solidariedade, o egoismo, a insubmissão aos imperativos moraes campeam por toda a Europa.

LUTERO

Um homem surge então, epitome dum mundo novo, que concentra em sua formidavel energia todas as reivindicações egoisticas e utilitarias de sua época. Lutero surge num convento da Allemanha como a encarnação de um individualismo feroz, que dora avante vae deslocar por seculos o eixo moral do mundo.

Lutero é um dos marcos milliarios da historia. Fecha realmente a Edade Média. Abre realmente a Renascença. E' o systematisador do individualismo. Outros antes delle se haviam rebellado contra a Igreja. Mas nenhum havia collocado o ponto da resistencia na autonomia total da individualidade humana.

Lutero cohonesta á luz do sol a satisfação de todos os instinctos. A Igreja tentara disciplinar o sexto sentido, que é o mais indisciplinado e vehemente de todos: o genesico. Lutero libertou-o. Monge, casa-se com uma freira. Apostolo dum credo, afoga-se em alcool. A sua phrase escatologica sobre a Razão, denota a mais grosseira das naturezas. Bolsou, provavelmente, numa daquel-

las cervejomachias que lhe arrazavam o systema nervoso, e o escravisavam á obsessão do demonio.

O seu odio á intelligencia não conhece gradações. Para melhor arrazal-a proscreeve a leitura dos classicos. Acha que saber é uma tola preocupação passadista e que só se chega á Fé, — qual seria a sua fé?... “estrangulando a razão”.

As consequencias das suas idéas foram sinistras. As escolas fecham-se; uma onda de cegueira varreu a educação das preocupações dos dirigentes. Os principes, cujas ambições servia, aproveitaram-lhe as idéas para confiscar os bens das ordens religiosas, precursoras multi-seculares dos Cresos que fundaram tantas universidades nos Estados Unidos. O povo, cujos instinctos mais baixos elle lisonjeava, tomou-lhe ao pé da letra as palavras: os camponios da Suabia e da Thuringia, antecipando o communismo, saquearam tudo que lhes chegava ao alcance das mãos.

Lutero foi um producto do seu tempo, mas restituiu-lhe ao centuplo o que delle recebeu. Wiclif, João Huss, Winglio, Jeronymo de Praga — batiam o Dogma em nome da Razão. Lutero bateu-o em nome dos appetites. Appellou para o mais profundo dos sentimentos humanos — o egoismo. Tinha de alcançar mais proselytos que todos os seus precursores. Da sua alma, como o vendaval da boceta de Pandora, irrompeu a tromba de materialismo que até hoje está devastando o mundo.

O phenomeno moral, que está na base de Lutero, seria mal definido por egoismo. Foi antes um egocentrismo feroz, com um traço de systema, invisivel até áquelles que mais candidamente se lhe sujeitavam e disfarçado sob a obrigação religiosa da leitura da Biblia.

*
* *
*

Lutero proclamou a legitimidade da força.

Os senhores da Europa Central não queriam outra vida. Erigiram em feudos e principados os apanágios confiscados á Egreja. O dominio dessa politica espoliadora, rebelde a todo e qualquer imperativo moral, consolidou em todos os espiritos a convicção de que só existe o direito da força.

Isso nos povos teutonicos, dir-se-á. Não. Os outros estavam tão preparados como aquelles para entronisar o individualismo. Henrique VIII da Inglaterra dava o exemplo. Discutira com Lutero, escrevendo um livro contra a sua doutrina. Mas ninguem obedeceu tanto ao seu pensamento central, ao pensamento que a sua vida, mais que as suas obras, denota, ao pensamento de que o homem está isento de toda e qualquer jurisdicção moral, visto que é irresponsavel pelos seus actos. Casou-se com sete mulheres, enforcou ou degolou setenta mil pessoas, deu ao mundo o exemplo da

omnipotencia do crime, quando servido pelo poder. E se não conseguiu consummar a degenerescencia do espirito inglez foi porque o catholicismo que o formara, regendo por mil annos a "Ilha dos Santos" e dando-lhe a sua constituição, constituia uma base de granito inaccessible aos seus golpes.

SHAKESPEARE

A individualidade humana, até ahi recalçada, rompeu ao sol, na plena expansão do instincto. Os caracteres accentuam-se. Quebram-se as velhas matrizes que, sob o influxo uniformizador da instrucção aristotelica e theologica, creavam a uniformidade psychica. Sobre o sitio onde outrora se elevava a construcção mystica de Santo Agostinho eleva-se a cidade terrestre. Enxameia em toda parte uma nova humanidade, instinctiva, ardente, sequiosa de viver, levando a ambição, a amoralidade, a violencia, todas as paixões e todos os sentimentos ao mais alto grau de incandescencia. Esse espectaculo houve quem nol-o fixasse em traços indeleveis. Shakespeare constróe a sua galeria. Dirão que ella é eterna e contemporanea de todas as edades, como as paixões que a vitalisam. De accôrdo. Eternas as paixões e os sentimentos. Mas novas as creaturas que os encarnam.

Na obra de Shakespeare freme a supresa do

homem novo, reingressado no instincto pela involução luterana.

Certos homens desempenham na physiologia nervosa das idéas a funcção de centros bulbares. Todas as lesões profundas que apresenta o organismo europeu, luetisado pela Reforma, escaparam ao diagnostico da critica, emquanto não localizou a sua origem em Lutero.

Sem elle não se poderia verificar a *tabis dorsalis* com que tanto tempo se arrastou, cortada de dores fulgurantes, a Europa contagiada do seu *virus*.

Mas a hygiene mental, hoje não tem mais que temer-se das epidemias, quando se lhes conhece o fóco.

O melhor meio de annullar uma energia não é ataca-la nos órgãos de distribuição mas no centro donde irradia. A enthronisação da besta humana, o Cháos mental da Europa, uma vez que a sua origem foi descoberta, começa a entrar no caminho da cura. A distensão tentacular de Lutero, pelos seculos afóra, não offerece mais perigo.

Os pescadores de polvo reduzem-no á paralyisia "virando-lhe o capello". A experiencia ensinou-lhes a vanidade da sua luta com os cem braços do monstro e a efficiencia siderante do ataque á sede da força que os dirige e titanisa. A exegése moderna "virou o capello de Lutero".

ISENÇÃO DA SEIVA LUTERANA

O grande característico do colonizador do Brasil foi a isenção da seiva luterana. Não trazia a rebeldia íntima, a divinisação do eu, a revolta contra todo e qualquer freio moral.

Essa genial observação de Martius confirma-se ainda hoje na *psyche* do nosso povo, immune dos defeitos e vícios que o schismatico de Wittemburgo enthronisou como qualidades e virtudes. A hypertrophia do eu creou a insensibilidade á dor alheia. Ninguém podia contar com ninguém. Dahi a necessidade de ter dinheiro. Dahi a cupidez e o culto de Mammon. No Brasil dá-se o contrario. Todos contam com todos. Ter, aqui, em regra geral, é synonymo de repartir e não de amealhar. O que ao estrangeiro superficial aqui muitas vezes se afigura confiança excessiva no dia de amanhã, não passa de plena certeza da solidariedade e do arrimo, que não faltam aos necessitados.

O milagre anachronico deste paiz, onde o calculo não mata a beneficencia e a generosidade não teme de ser acoimada de imprevidencia, não está ao alcance da observação de viajantes apressados, embora geniaes, como o conde de Keyserling.

EXPEDIÇÕES PORTUGUEZAS

Moldadas pelo catholicismo as expedições que nos povoaram guardaram o característico das em-

presas coloniaes dos portuguezes. Visavam mais ao interesse politico, ao futuro, que ao lucro. Como nas jornadas da India, Portugal mandava para cá microcosmos de Portugal e não méras levas de emigrantes; o fidalgo, o soldado, o padre, o burguez, o artezão, o operario, o agricultor, o jornaleiro. Ao desembarcar em nossas praias o nucleo adventicio já trazia em si a cohesão de uma sociedade em principio, cuja sancção moral era um freio aos desmandos e excessos, communs na época, porém, mais reiterados e violentos em outros paizes, onde a colonisação seguiu outros methodos e teve outros fins. Qual o paiz que recebeu uma colonisação tão incontaminada como o nosso, ao receber o portuguez seiscentista?

Nunca será demais chamar a attenção dos estudiosos para o reinado de D. João III. O *tonus* moral do soberano impregnou a época de magnanimidade, generosidade e austeridade. Foi essa atmosphaera psychica que modelou Camões. Os *Lusiadas* evadem-se do culteranismo porque a sua grandiloquencia não era literaria e sim o reflexo de uma grandeza vivida e sentida.

Não só os cimos humanos tambem o povo, a arraia-miuda seguem o exemplo de cima, sofrem um insensivel mimetismo. O Portugal de D. João III era tri-joannino em todas as suas classes, e a todas embebia de nobres correntes de idéas e sentimentos.

Foi esse o Portugal que nos formou: o maior e o melhor dos Portugaes que conhecemos.

Vejamos os nossos aborígenes.

OS ABORÍGENES

Não tinham religião os nossos aborígenes. Estavam no periodo do fetichismo inicial "Em coisa alguma, crêm e estão papel branco para nelles escrever á vontade," dizia Nobrega em 1552. "Ruínas de velhas raças", como os definiu a visão genial de Martius, e tudo faz crer, hoje que o monogenismo triumphou, nada conservaram do culto dos seus antepassados, talvez apenas lembranças vagas. Nas migrações, nos cataclysmas telluricos, e principalmente nos diluvios glaciaes, sinistro e irrecusavel tributo periodicamente pago pela Terra á mechanica do Cosmos, perderam a memoria de tudo quanto não se relacionasse com os reclamos immediatos da vida animal. O instincto de conservação, ás voltas com a hostilidade activa dos elementos, fel-os abolir tudo que lhes não fosse immediatamente util.

Esse estado de coisas durou millenios, segundo calculos dos geologos.

Por poucas gerações que a especie humana se absorva exclusivamente na defesa da vida, a memoria, fragil flor da espiritalidade, se obdura e desaparece.

Não é, pois, de admirar que os brasis tudo ignorassem do seu passado. Toda a escassa actividade mental se lhes resumia em manter e assegurar a existencia. Para mais não lhes sobrava tempo aos proximos antepassados. Essa tradição, essa ao menos, seguiam-n'a.

Regredidos ao instincto, só conheciam a lei da conservação e o seu instrumento immediato: a força e a destreza physicas. A religião, como o nome, *religo*, o indica, é gregaria e social. E como não tinham sociedade, que presuppõe conciliação, transigencia e segurança, não poderiam ter religião.

O *brasil* era individualista, se se pode dar esse nome a creaturas quasi tão instinctivas e insensíveis á espiritualidade como os brutos. Viviam em bandos, em pleno nomadismo, tendo da vida social apenas a organização rudimentar da familia. Quando uma familia se tornava muito numerosa emigrava e ia formar outra tribu.

Dahi a difficuldade de enumeral-os. Ao desprender-se do tronco commum, cada *clan* tomava um nome autonomo. A sua nomenclatura não sei se alguém a tentou. Supponho, porém, que o numero de tribus deve andar por alguns milhares, desde que Antonio Vieira só no valle do Amazonas verificou a existencia de 700. Martius acceta a de 1.300 dialectos.

A' falta de religião, o instincto de conserva-

ção os conduziu á superstição e ao fetichismo, que os seus habituaes exploradores, pagés, piagas e feiticeiros forçavam por estimular.

Quando o europeu aqui aportou esse era o estado religioso dos nossos aborigenes.

As informações dos primeiros chronistas e as observações dos viajantes e scientists que os estudaram e que lhes testemunharam a crença em certas entidades sobrenaturaes não desmentem a irreligiosidade que registamos. A fé em numes vagos, sem caracteristicos definidos, como Tupan, o senhor do raio, Anhangá, o genio hostile da natureza, Corupira, e Mboy Tatá os demiurgos maleficos das florestas e das varzeas, nunca se lhes systematisou no conjunto de cerimoniaes praticas e imperativas cujo complexo, orientado por principios espirituaes, constitue as theogonias e as religiões.

O INDIO E SUA INFLUENCIA

Pouco reagiu sobre o brasileiro de hoje a formação religiosa do *brasil*, seu antepassado. A sua embryonaria mythologia mal vive a vida das lendas e tradições. Delle teremos herdado quando muito, e isso mesmo os que vivemos no sertão, um conjunto de superstições rudimentares. Haveria talvez uma excepção, se o culto da bravura pudesse pretender aos foros de religião. O

brasil tinha como dever commum, mas imprescriptivel, saber dominar a dor physica e destemmer a morte. Esse traço do nosso character, tão vivo nas populações do extremo sul e do nordeste, devemo-lo ao indio.



Quando aqui aportou Pedr'Alvares Cabral, no intuito de rubricar internacionalmente os direitos de Portugal a esta parte da America, que os seus navegadores já conheciam, como o prova o mappa-mundi de Pero Capico, embora a *politica do segredo* a sonegasse ao conhecimento dos povos rivaes, quando Cabral aqui aportou já trouxe comsigo a cruz e o capellão. Era o baptismo catholico, naquella Praia de Porto Seguro, onde frei Henrique de Coimbra celebrou a primeira missa no Continente. Trinta e dois annos depois, na expedição de Martim Affonso, veio o padre Gonçalo Monteiro. Martim Affonso vinha continuar Pedr'Alvares. O seu capellão trazia a ordem de installar a fabrica ecclesiastica.

A SOCIEDADE DE JESUS

Mas antes da chegada dos jesuitas qualquer tentativa de religião tem um mero valor episodico. Da chegada de Manoel da Nobrega, a que se seguiu

logo depois a de Anchieta, é que começa a nossa hegira catholica.

Poucos annos havia que Ignacio de Loyola com seis companheiros fundara a Sociedade de Jesus. Com o fito de combater o luteranismo avassalador, o fidalgo navarrez estropiado no cerco de Pamplona tornou-se-lhe a antithese. Onde o schismatico de Wissemburgo escreveu revolta os sete de Paris escreveram obediencia. Onde elle disse arbitrio elles responderam disciplina. Onde elle pregou liberdade carnal elles responderam castidade. Um livrinho de alguns centos de paginas, os *Exercicios Espirituaes* de Loyola, antecipava de alguns seculos os prodigios do radium: era um fóco sempre renascente de luz e energia, a cujo contacto se temperavam as almas dos novos apóstolos.

NOBREGA E ANCHIETA

O espirito plasma a sua imagem e semelhança. A sciencia suspeita hoje que a pressão atinospherica seja o agente da diversidade nas faunas e nas floras. Dir-se-ia que phenomeno semelhante se dá com certos homens.

Ignacio de Loyola e Francisco Xavier irradiaram a pressão espiritual que formou no Brasil Manoel da Nobrega e José de Anchieta.

Manoel da Nobrega foi o grande politico da ordem. Tinha o descortino, a iniciativa, a energia, o poder de organisação de Loyola. Viu logo o que a Terra de Santa Cruz podia vir a ser *ad majorem Dei gloriam*. Resolveu começar, mau grado as difficuldades da empresa, dada a sublevação litoranea conhecida por confederação dos Tamoyos. Decidiu dominal-a. E depois de organizar e concluir a campanha de pacificação, de que foi Anchieta o mediador e o refem, e que terminou na paz de Iperoyg, fundou a cidade do Rio, de cujo futuro teve a visão. Um factio basta para pintal-o. Estacio de Sá hesitava em arriscar na luta as forças e o prestigio d'El Rei. Nobrega assume todas as responsabilidades e demove-o da inacção.

Anchieta foi a reproducção de Francisco Xavier. O apostolo do Novo Mundo espelhava o Apostolo do Oriente. Dir-se-ia que os seus pensamentos trocavam-se através dos oceanos como o pollen das palmeiras. Ambos deixaram a parte propriamente temporal das suas missões nas mãos dos superiores. Ambos tomaram a si o reino immaterial das almas, a conversão religiosa, a chamada do infiel ao aprisco do Senhor, a catechese.

Mais uma vez neste trecho da nossa historia se prova que o Brasil não é um producto do Acaso e sim, um filho da intelligencia. Loyola morara no Collegio Santa Barbara, em Paris. Diogo de

Gouveia, alma do grande instituto, recommendara a D. João III a ordem nascente. A vinda de Nobrega e Anchieta obedeceu a esse conselho. Antes de outro qualquer, esse humanista a cujo conselho se deveu tambem a expedição de Martim Afonso, pensou para o Brasil nas duas providencias que o fizeram: a colonisação e a catechese.

Nobrega e Anchieta, isto é, os jesuitas, foram os creadores do Brasil. Numa obra de synthese destoaria o debate e a prova de uma verdade pacifica entre todos os grandes mestres da nossa historia, de Southey e Varnhagen a Capistrano, para só falar nos absolutamente escoimados de qualquer eiva clerical.

O SOPRO DO OLEIRO

Como crearam o Brasil?

Com palavras, que são actos em promessa, e com actos, que são palavras em desempenho, diria Vieira. Com o prestigio moral diremos hoje em dia.

O indio duas coisas sobre as mais prezava: o destemor e a sinceridade. Achou-as no jesuita. Vêde o exemplo do luminar da ordem. Anchieta falava-lhes. Anchieta buscava-os. Anchieta pautava as suas acções pelas suas palavras. Anchieta tinha-os verdadeiramente por irmãos. Coroaé isso

tudo duma caridade que se lhes revelava pela primeira vez, duma honestidade acima de qualquer suspeita e de um heroismo superior ao delles, visto que lhes depositava sorrindo a existencia entre as mãos, e tereis a idéa da veneração assombrada que o refem de Ubatuba grangeou entre elles.

Anchieta se reproduzia em todos os companheiros. De Manoel de Paiva, o superior de S. Paulo, a Leonardo Nunes, o pensamento loyolista não tinha uma discrepância. Ganha a confiança do indigena, estava ganha a primeira parte do trabalho: entrara a brecha da luz na cidadella das selvas.

METHODOS JESUITICOS

Grandes psychologos, os Jesuitas comprehenderam logo as creanças grandes que lhes tocava educar. Despertou-lhes a curiosidade com os toscos *autos*, celebrados nas capellas de "taipa de mão e palha", onde o mal era ridicularisado e punido, e o bem premiado. Prendeu-lhes a attenção com as pobres cerimoniaes que podiam celebrar: a missa, ajudada pelo corumin, filho do Pagé, as novenas e os coros acompanhados pelos primeiros alumnos da aula. A musica e o canto a serviço desses domadores de almas repetiram os milagres de outrora. As rudimentares bandas de musica, onde

clangoravam inubias, as vistosas procissões, com seus personagens enfeitados de pennas de guarás, e tucanos, fôram o chamariz ingenuo, o amavio, a vara de condão que os congregou em torno do nucleo inicial — o Collegio.

A força da persuasão nada é sem o exemplo. A palavra dos Jesuitas tinha o valor duma realidade porque seus actos jamais a desmentiram. Aquelles homens graves, comquanto humildes e de boa sombra, que, dia a dia, hora a hora, minuto a minuto tinham a Deus deante dos olhos, não podiam enganar, nem podiam enganar-se.

Os *brasis* creram em Deus sob palavra. A palavra dos Jesuitas.

*
* *
*

Não se resume uma epopéa. Quando muito, marcam-se-lhe os episodios principaes.

Quando Nobrega morreu podia contemplar este espectáculo: cem mil indios abrigavam-se em torno dos modestos edificios da Ordem. Com certeza então achou ligeira aquella cruz com que desembarcara ás costas, no dia em que pela primeira vez pisou a costa brasileira.

A alma dos primeiros Jesuitas parecia feita da materia cosmica dos Sóes. Dir-se-ia que seus fragmentos enucleavam-se em novos astros. Só assim

se explica essa legião de predestinados que então surgiram no Brasil. O seu labor foi lento e cortado de vicissitudes, devido á guerra que lhes faziam os primeiros mamelucos, que elles embalde queriam retirar da anthropophagia.

BANDEIRANTES E ENCOMENDEROS

Os primeiros bandeirantes de S. Paulo não podiam deixar de ter pago tributo ao sangue atavico, ao meio e á época. E pagaram. Apesar de mestiços de branco e indio, fôram os peores algozes dos indios. Dava-se o mesmo no tempo do trafico. O mulato era o peor algoz do negro.

Só recentemente comprehendí a repugnancia do grande Capistrano em dar a todas as entradas de apresamento o character de bandeiras e em acceitar, sem documentos, para todas as penetrações sertanistas o tom homerico que se lhes têm querido indistinctamente emprestar. O seu instincto de justiça recuava de horror ante a glorificação daquellas "*caçadas humanas e deshumanas*".

Hoje, vou mais longe que elle. Quando se trata de bandeirante branco, portuguez puro, como o maior dos varios Antonios Raposos, ou paulista nato, sem mescla de indio, deixo de quarentena as proezas que se lhes emprestam.

Penetraram sertões? Conquistaram territorios

longinquos? Rasgaram picadas na matta virgem á busca de minas? Atravessaram o Brasil do Sul a Norte, do Atlantico ao Pacifico? Como? Com que bussolas? Com que mappas? Auxiliados por que força occulta e misteriosa?

O VERDADEIRO BANDEIRANTE

A verdade é que o portuguez recém-vindo ou o paulista recém-nato e estreme de sangue indio, não podiam ter o *instincto* da direcção, necessario para metter-se no *caa-etê*, no matto grande e no campo desconhecido. A verdade é que a bussola, o mappa, o olho dessas expedições era o proprio indio. Sem elle que, pela orientação dos ramos de certas arvores conhecia os pontos cardeaes; sem elle que, por um pedaço de flecha ou de tecido encontrados, identificava a tribu que os deixara; sem elle, que sabia descobrir alimentos em raizes e tuberculos desconhecidos; sem elle, que conhecia nas terras reseccadas pelo perobal o cipó dagua; sem elle, que tirava o mel e o palmito; sem elle, que, antes da acclimação da jaca no Brasil, já lhe conhecia o cheiro na catinga do jararacussú, que o reproduz de longe; sem elle, que conhecia por traços imperceptiveis e até pelo faro a presença invisivel da tribu inimiga; sem elle, que na espumarada dos rios divisava a es-

teira de canôas passadas dias antes, sem esse milagre vivo do instinto e da observação, teriam sido impossíveis as grandes façanhas das bandeiras.

O indio foi o protector do bandeirante. A immensidade territorial do Brasil é obra sua.

Deixemos de lado outros exemplos. Sem Cunhambebe, Nobrega não teria fundado o Rio, sem Tibiriçá a nascente Piratininga teria sido destruída. Sem os seus pilotos terrestres, sem os seus capitães de selva e campo, as entradas, bandeiras e resgates paulistas teriam sido impossíveis.

Entre as estatuas que no Museu do Ipiranga celebram a epopéa bandeirante falta uma: a do indio desconhecido que a tornou possível.

SALVADOR CORRÊA

Os mamelucos paulistas, entre os quaes João Mendes destacava pelo sangue ruim os netos de João Ramalho, hoje aliás entrelaçados aos de Antonio Rodrigues, queriam a riqueza larga e facil que a expressão "potentado em arcos" traduzia. Entraram em conflicto com os Jesuitas, que defendiam a liberdade do indio. Conseguiram enfraquecel-os e até expulsal-os.

O que se passou em S. Paulo é um epitome do occorrido no resto do Brasil, onde a exploração do ouro humano não era menos barbara.

Salvador Corrêa de Sá foi a meu ver um explorador de índios tão desalmado como os primeiros mamelucos. Escondia na sombra a sua traficância e creio que até hoje bem poucos documentos ha da sua hypocrisia, defendida e occulta pela sua omnipotencia nos mais altos postos da administração. Quem lê a revolta do Rio, quando chegou a ordem real da liberdade dos índios, vê que foi uma farça arranjada por elle, sem cujo apoio tambem a gente de S. Paulo não ousaria rebellar-se.

Tenho o presentimento que o então futuro governador de Angola foi o maior marchante de gado indigena, o maior *encomendero*, que tivemos. Os itens da representação feita contra elle pelo povo do Rio (publicada pela primeira vez pelo benemerito investigador Alberto Lamego na *Terra Goytacaz*) são a prova de que era capaz não só disso como de muito mais. Foi o primeiro tavolajeiro do Rio.

Seu genro Cespedes e Xeria, Governador do Paraguay, estava de mãos dadas com os *encomenderos* paulistas para entregar-lhes os grandes aldeamentos do Paraná. Momento houve em que no Rio estavam á venda 16 mil índios. Por pouco que Salvador de Sá obedecesse ao pensamento da Metropole, inspirado pelos Jesuitas, e que era forrar o indio á escravidão, esse affluxo de gado humano seria impossivel.

O NEGRO

O Brasil é uma construcção americana com material europeu. Esse o seu verdadeiro característico. E' exacto que um dos tres elementos que o constituíram foi o negro. Mas em que grau? E isso terá sido mesmo um mal? Provada a inferioridade do negro, provada estaria a nossa, pensavam os Buckle, Gobineau, Lapouge *et concomitante cetera*. Mas não é assim. Sem verificar em que grau e por que modo se operou aqui a contribuição chamítica, sem inquirir a que classes sociaes attingiu, cifrando-se a generalisações temerarias, essa congerie de "aryanistas", que chegava a garantir que o Brasil no começo do seculo vinte seria só povoado de negros, teria de errar como errou. Os factos ahi estão deante de todos para mostrar o que valia essa previsão detractiva, que teria se aproximado mais da verdade se visasse os Estados Unidos, com a sua formidavel massa de vinte milhões de pretos.

Ninguem definiu melhor do que Martius a confluencia dos tres sangues de que somos oriundos. O sangue portuguez constituiu o grande rio cujos afluentes fôram o indio e o africano. Conseguiriam as aguas dos afluentes tingir a côr do rio tronco? Não o cremos.

Não devemos exaggerar a importancia do contingente africano. A condição do escravo fazia com que elle se cruzasse principalmente com gente do mesmo nivel. Se não tínhamos, como na India, a barreira religiosa das castas, tínhamos o orgulho da grei preservando as familias tradicionaes dos cruzamentos em que a falta de sangue limpo poderia importar numa derogação. Todavia o negro influiu na nossa formação. Toda a domesticidade era negra. Da ama de leite ao cocheiro, do moleque, cria da casa, á doceira da porta da egreja, a vida do gury ou do sinhô moço do Brasil Colonia e Imperio estava num contacto permanente com o negro. Este impregnara-se rapidamente do catholicismo, cujo culto exterior, cuja pompa liturgica, cujas procissões, cujas confrarias, cujas solennidades deslumbravam o senso do maravilhoso, vivo na sua imaginação de creança grande. A Egreja deu-lhes a igualdade. No aprisco da Egreja as ovelhas negras nada ficavam a dever ás brancas. A maioria dos negros que o trafico aqui introduziu era de nações caracterizadas por qualidades que as elevavam muito acima das suas congeneres. Os Minas, em tudo, até na belleza physica, desmentiam a patacoada pseudo scientificado que o negro é o homem mal egresso do macaco. E' tradicional a ternura, a bondade, o carinho da mãe preta. Não ha familia brasileira onde inda hoje as pessoas mais velhas não apontem

typos de rara dedicação entre os antigos serviçães da casa.

O atrazo intellectual da raça levava-os á surperstição, á feitiçaria, ao candomblé, á macumba. Essa maçonaria preta, porém, não revelava o seu segredo senão aos iniciados. A' raça dos senhores esse ritos mais ou menos nigromanticos passavam despercebidos e não exerciam influencia alguma.

Na modelação do espirito infantil a *Bá*, a velha mucama da casa, exercia o papel de chaveira dos sonhos. Era a guardiã das lendas, das fabulas, dos mythos. Quanto não deve a conservação do nosso folk-lore ás historias da Scherezada negra!

Grande não podia ser a influencia africana sobre o espirito brasileiro. Tinha de operar em presença da influencia branca. Esse encontro não se traduzia por uma mistura ou por uma combinação e sim por um choque de duas forças antagonicas, das quaes a mais forte tinha que prevalecer. E prevaleceu.

Póde-se dizer com segurança que o negro não africanizou o brasileiro. Deu-se o contrario. O portuguez, tronco da raça, abraçileirou o africano que foi, dia a dia, abandonando os costumes, evoluendo, melhorando, progredindo, assimilando a consciencia profunda da nação. Essa absorpção total traduz-se ethnicamente numa polarisação caucasica, que entra pelos olhos de quem quizer ver.

INDÍOS E JESUITAS

Mesmo nos seus periodos de penumbra, grandes vultos e grandes episodios conta a Ordem. Nada mais commovente, nada mais heroico do que a jornada dos padres Lozano e Mansilla acompanhando os indios escravizados pelos paulistas nas Missões. Nessa *via-crucis* o bandeirante, (o bandeirante, não, o *encomendero*), para não entorpecer a marcha das mãos indias, arrancava-lhes os filhos dos braços e despedaçava-lhes o craneo na primeira arvore. Os fracos e doentes eram eliminados summariamente. Os dois Jesuitas não arredaram um passo. Afrontando a cada instante a morte, curavam, consolavam, sacramentavam, ungiam. Chegaram a S. Paulo a reclamar. Nada! conseguiram. Foram ao Rio. Nada! Passaram á Bahia. Os mesmos ouvidos de mercador. *Clama itaque ne cesses*. Atravessaram o oceano e fôram a Madrid, onde Fúlpe III os ouviu e satisfez as reclamações, com bem pouco proveito aliás.

As façanhas dos caçadores de indios, afeitos a lutar com armas de fogo contra o arco dos sel-

vagens, a 200 metros inocuo e mais inocuo ainda ante os seus gibões-courças, tiveram fim quando os indios obtiveram a proporcionalidade de armamento. Quando quizeram repetir nas Missões do Uruguay as proezas faceis do Alto Paraná encontraram os indios tambem armados de arcabuzes. Perderam o heroismo. Perderam a valentia. Regressaram cabisbaixos e mudos ao planalto. Passaram um seculo comendo içás e passóca, até que o ouro das minas os veio tirar da indolencia e da miseria, em que, perdido o braço do indio para trabalhar por elles, se tinham submergido.

DOMINIO FILIPINO

Durante o dominio filipino a Companhia de Jesus continuou na penumbra. Foi o periodo typico da expansão territorial e do eclipse da influencia jesuita.

O dominio espanhol não influiu no Brasil porque o jugo filipino permittiu que se conservasse intacta a autonomia portugueza. Conservou todos os seus aparelhos administrativos. Limitou-se a influir na orientação geral da politica. Filipe III procurou informar-se das nossas riquezas mineiras. Começavam a escassear as remessas de Potosi. Era necessario descobrir outras jazidas.

Belchior Dias Moréia e D. Francisco de Souza encheram os ouvidos d'el-rei e seus validos com a noticia de riquezas fabulosas: mais prata e ouro do que ferro as minas de Byscaia. Moréia morreu em viagem, sem deixar traços. D. Francisco de Souza, o das *Manhas*, vincou-se mais profundamente em nossa historia. As instrucções que recebeu em Madrid para o descobrimento das Minas mostram a attenção especial que á Corôa merecera o assumpto. Contractou e trouxe para S. Paulo mineiros de ouro, ferro, prata e margaridas. (Tinham-se achado e mandado para Madrid perolas d'agua doce). D. Francisco deu grande surto ás bandeiras e entradas. Filipe III precisava conhecer o fundo dos seus dominios. Esse periodo entregue á furia do desbravamento foi caracterizado pela escravidão do indio e pelo retrahimento da Companhia. Não mandavam mais os jesuitas como nos tempos de Nobrega e Anchieta. Uma sociedade semi-barbara, em que predominava pelo numero o mameluco, insurgia-se contra a sua ingerencia na vida civil. (Traduza-se: contra a defesa dos indios).

A Ordem contrahia-se á actividade exclusivamente didactica e missionaria. Não abdicava dos seus pontos de vista, não perdia occasião de reivindicar-os. Mas deixava para tempos melhores a intensificação da actividade redemptora.

INFLUENCIA JESUITICA

Muito se enganaria porém quem desse retrahimento concluísse a annullação da sua influencia. Tinham os Jesuitas nas mãos dois elementos capitaes: a escola e o templo. Com elles continuaram a plasmar os espiritos, embora não conseguissem extirpar as raizes do escravismo, para os mameucos as da propria vida. A sociedade brasileira formou-se assim á sombra da Egreja Catholica. Embalde o bandeirante quiz repudial-a. O padre acompanhava-o do berço ao tumulo. O baptismo, a crisma, a eucaristia, a confissão, o casamento, a extrema unção tornavam-no indispensavel. O cartorio ecclesiastico era o centro da vida civil. A necessidade das certidões de sangue limpo, indispensaveis para o provimento de qualquer cargo administrativo ou forense, e dependente dos seus archivos garantia á Egreja uma inarraigavel ascendencia.

Da luta aberta com os jesuitas por causa dos indios não se deve inferir no bandeirante ou no escravista o divorcio absoluto da fé. Eram catholicos exemplares em tudo que não cheirasse a indio.

Não lhes faltavam theoristas para justificar e legitimar o seu direito ao indio. O interesse, fertil

em expedientes, suscitava textos e opiniões que os punha a commodo com a consciencia: "*ultra equinotium non est peccatum*".

Quem tiver tempo abra a collecção dos *Inventarios e Testamentos* dos bandeirantes paulistas. Procure os mais barbaros, os mais crueis, os mais ferozes caçadores de indios e por isso mesmo os mais implacaveis inimigos dos jesuitas. Verá com que sinceridade, com que fervor, com que devoção se empenham em confessar a fé catholica, em reivindicar os foros de bons christãos, em morrer confortados pelas promessas da Igreja.

Ha poucos dias lí o testamento de Antonio Raposo, o Velho, o facinora-mór talvez do bandeirismo. Commoveu-me a sua crença. Como é que aquella mão que trucidou tanto indio inerme pode escrever aquellas paginas de tão alta piedade?! Por mais esdruxulo que pareça, a verdade é que o jesuita, mesmo vencido, continuou a dominar. Pertencia-lhe o oxygenio das almas. Sem elles não havia respiração possivel. Por isso pode-se affirmar que mesmo no ostracismo continuavam imprimindo seu espirito ao Brasil. S. Paulo, principalmente, muito lhes deve. Se o espirito ramalhista não fez da grande metropole um fóco e uma escola de insensibilidade moral só a elles o deve.

GUERRA HOLLANDEZA

A guerra hollandeza fortificou o catholicismo. Ahi se consolidou definitivamente o espirito brasileiro. E talvez com mais força que no sul.

E' a grande phase heroica da nossa historia. E' a primeira vez em que o Brasil sente-se bastante Brasil para combater pelo Brasil em nome do Brasil. A celebre carta a Sua Majestade Ultramarina, em que os insurrectos pernambucanos, de armas na mão, lhe fazem sentir que só o querem ouvir depois de libertarem-se, já mostra que o principio da libertação estava aqui e não na metropole. Nas outras campanhas, todas menores, os filhos da terra combatiam por Portugal ou por Hespanha. Agora não. Combatem por si proprios. Quem anima o combate já é uma consciencia nacional. Na sua arremetida contra um — o flamengo — já se presente a arremetida contra todos — o flamengo, o portuguez e o hespanhol.

Seria interessante estudar a multidão heterogenea que formigava nos recontros da época hollandeza, em que o ruivo e o moreno se acotovellavam com o vermelho e o negro, em que a flexa e a zagaia contrastavam o bacamarte e colubrina, em que a guerrilha americana pela primeira vez afrontava em ponto grande a classica formação miliciana da Europa. Mas temos de sacrificar o

pitoresco à concisão, o confinado do valle ao descampado do horizonte. E este só se descortina do alto. Subamos.

ANTONIO VIEIRA

Quando Antonio Vieira começou a sua miraculosa carreira já o espirito nacional estava formado pelos jesuitas. Só um ponto inda escapava á sua influencia: a crueldade com o indio. Extinguil-a foi a paixão dominante de sua vida.

Vieira, tão mal julgado, teve o senso creador de Nobrega e a fagulha apostolica de Anchieta.

Vieira renovou a marinha portugueza. Deu á cultura portugueza um renome europeu. Foi politico. Mas menos que isso foi missionario e catechista. Somman as suas peregrinações apostolicas pelo menos quarenta mil kilometros. Missionou só no valle do Amazonas a 700 tribus. Legou á lingua portugueza um dos seus maiores monumentos. — Fizeram mais os outros? — Não. No emtanto Vieira não hombraia com elles. Será que a optica simplificadora da posteridade não póde abranger figuras confusas, figuras que se não estatuaram a si proprias numa só attitude bem definida? Não sei. A multidão das arvores impede de ver a floresta. Os multiplos incidentes duma vida accidentada desfiguram-lhe a essencia inti-

ma, como aquelle celebre gibão vermelho, que era obrigado a usar na Hollanda, escondia-lhe a rou-peta.

Uma secreta sympathia por aquelles que do Destino mais mereciam do que tiveram liga-me ao grande padre. Talvez por isso não vejo na vida dos seus antecessores scena mais heroica do que aquella em que se entregou sósinho em refem aos Nhambiquaras de Marajó.

No que foi inferior a Nobrega e a Anchieta o grande missionario que chamou ao gremio da Igreja tantos indios como elles dois juntos?

— Em piedade? Em castidade? Em desinterresse? Em humildade? — Não. No emtanto é impossivel collocar-o na plana dos outros, excepto no genio em que os excede. Por que? A sua vocação apostolica, tão clara e luminosa, porque se comprouve um destino hostile em cercal-a de tropeços, em cobril-a de interceptaculos, em sonegal-a ao futuro, sob a massa de episodios mesquinhos que o envolveram mau grado seu? Será certa a influencia dos astros? Um horoscopo de Vieira poderia provar que nasceu sob um signo aziago? Não lhe teriam cortado o umbigo na mingunte, de modo que lhe faltou fortaleza na seiva? Não sei. O certo é que Vieira é Vieira, mas não é Nobrega nem Anchieta.

E' necessario porém, um pouco de vagar porque a vida de Vieira é o epitome da vida do Brasil setecentista.

O seu vulto destaca-se resplandecendo de luz propria no episodio fundamental da nossa vida religiosa: a libertação do luterano, a guerra com o hollandez, que consolida a consciencia brasileira. O pulpito suppria o theatro, a conferencia, o comicio, o jornal, o proprio livro. Constituía toda a publicidade daquelles tempos. Nesse regime restricto o que a voz do pregador perdia em disseminação ganhava em intensidade. A palavra candente penetrava chiando no fundo das consciencias inda não embotadas. Cópias manuscriptas corriam de mão em mão, e alguns auditores mais intelligentes tornavam-se alto-falantes vivos, quando não dos trechos literarios que os enthusiasmara, ao menos do espirito que nelles respirara.

Os seus sermões contra as armas de Hollanda fôram o breviario dos heróes que expulsaram o flamengo, o nucleo do *tornado* que os varreu do solo nacional. Nem todos o teriam lido. Mas a todos de certo chegou o pregão de repulsa contra os filhos "daquelle alagado e frio inferno" e a promessa de que o Deus dos christãos não se bandearia para o partido dos hereges.

Vieira ainda não teve o seu historiador.

De quantos o estudaram, mesmo Lucio de Azevedo, com a sua admiravel obra, nenhum deixou de se impressionar pelos odios que o cercaram em vida. Nenhum deixa de pintal-o envolvi-

do nas intrigas politicas, e mais inclinado ao Paço que ao Mosteiro. Esquecem todos que foram os Geraes da Ordem que o lançaram, a contragosto seu, nos conselhos do throno. Esquecem que quando pediu de joelhos que lhe permittissem volver á catechese "dos meus queridos brasis" teve como resposta a ordem laconica de ficar-se em Lisboa. Quando chegará o dia da rehabilitação total, que será apenas o da Justiça escoimada de prevenções?

A primeira defesa da terra brasileira foi elle quem a articulou. Na voz dos vencedores do flamengo inda havia a resonancia das suas palavras candentes contra o usurpador. Foi um dos grandes modeladores do nosso espirito e da nossa consciencia.

Naquelles tempos rudes a patria era apenas a terra possuida. Coube aos jesuitas, senhores dos espiritos pela escola e pelo pulpito, ampliar essa noção, definir o que é patria, ensinar a sentil-a e amal-a. Vieira foi mais longe. Ensinou tambem a defendel-a. Guararapes está implicito nas suas palavras como a passagem dos cometas na tabella astronomica.

Anchieta vae para os altares. Nobrega pode aspirar a seguil-o. A politica, que lhe envenenou a existencia, chumba Vieira á contingencia humana, de que tão claramente se conseguiu libertar. Ninguem até hoje pensou na sua beatificação.

O Brasil, principalmente o Norte, principalmente essa Bahia que elle tanto amou, e cuja angra, brincada de baleias, era o enlevo de seus olhos, essa Bahia onde repousam, perdidos, os seus restos mortaes, deve-lhe ao menos a canonisação civil de uma estatua, á beira das suas aguas verdes.

VIEIRA

E' facil reproduzir-lhe o porte e a physionomia pelo retrato de Arnald de Voerhout. Na estatura mais para o alto que sobre o meão. Magro e moreno. Nos fins quasi immaterial. Descarnado, pelle e ossos, vivia do systema nervoso, como a lampada da corrente interior.

Fronte que a predestinação do pensamento falquejou na arqueação lobulada das popas. Pelle sobrecruzada de vincos, esteira indelevel menos dos annos que das tormentas. Veias encordoadas pela tensão mental: a frontal esquerda entumescida num arco visivel.

Nariz longo, forte e proporcionado. A bocca um tanto saliente. Largo e redondo o queixo. Ampla a arcada maxillar, sob a qual se adivinha, profunda e possante, capaz de, horas a fio, na forja instantanea da palavra, fundir o ar dos pulmões — a garganta.

Dir-se-ia que aquella mascara conserva o cunho indefinivel da funcção. Inda como que a anima a palavra do Pregador. A torrente represada não a ouviremos mais. Mas inda lhe adivinhamos o estuar naquelles olhos onde lampejam a energia e o genio.

Vieira deixou formado o espirito brasileiro. Viu formarem-se e combaterem as hostes da libertação.

As milicias tiveram na nossa historia um papel de maxima importancia inda não meticulosamente definido. As milicias contra o hollandez deram ao negro, com Henrique Dias e ao indio, com Felipe Camarão, o symbolo de sua integração na nacionalidade, o seu attestado de cidadania, lavrado com a melhor das tintas: o sangue das proprias veias.

POMBAL

De Vieira teremos que passar para Pombal. Como os esculcas gregos que vigiavam os signaes de fogo das montanhas, temos de olhar apenas a cordilheira com os seus pincaros de luz ou de sombra.

Pombal com a sua estranha e discutida figura surge-nos, como o ponto culminante desse systema orographico, que temos de percorrer num relance.

A sua atormentada formação parece emersa de um cataclysmo plutoniano. As convulsões telluricas que o propelliram da massa subterranea ainda se denunciam nos algares, nos precipicios, nos segmentos visiveis, nos córtes abruptos de uma paizagem rupestre, coroada de dentes e serrilhas como o capacete cervical de certos monstros eocenicicos. Pombal tem na nossa historia a apparencia de certas crateras coroadas de aculeos e pontas. E' um grande agulheiro de penedos, cercado de trevas.

A conclusão a que cheguei sobre elle depois de um longo, minudente e desapaixonado estudo, foi a de que Portugal realisou com elle a maior mystificação que conheço em todos os tempos: consideral-o um estadista.

Quem conseguiu dar a essa mentira foros de cidade? Quem conseguiu metter esse cavallo de Troya no recinto da historia? A explicação desse enigma é facil: foi o proprio Pombal. E, para falar com a devida imparcialidade, não ha duvida que nesse particular foi grande: ninguem manejou a mentira no grau gigantesco que elle.

Expliquemo-nos. Quando Pombal absorveu e monopolisou o governo de Portugal, inda ali não se conhecia a força da publicidade. Nem ali, nem nenhures. E' exacto que Voltaire inundava de pamphletos e cartas os centros que lhe reconheciam a soberania. Mas a publicidade de Voltaire está para a de Pombal como a de qualquer gaze-

ta do Brasil para a dos consorcios jornalisticos dos Northcliffs e Hearsts.

Pombal engajou não sei quantos escribas e montou não sei quantas typographias clandestinas em Lisbôa, Madrid, Roma e Hollanda. As diatribes dessa origem contra os Jesuitas não se limitaram a Portugal e suas colonias. Correram toda a Europa em varias linguas. Gato escondido com o rabo de fóra, assignalavam imaginarios lugares de impressão. Possuo um exemplar rarissimo do "*Nicolas I, Empereur du Paraguay*"; uma, ainda, das suas muitas e deslavadas patranhas. A folha de rosto o dá como impresso em São Paulo, que só muitas decadas depois iria benzer-se com a primeira typographia. As proprias legações portuguezas abrigavam sob as immunidades diplomaticas o prelo destinado a gemer sob o peso dos altos feitos pombalinos. Com tanto despejo e arrogancia impavam os folicularios do terrivel marquez que o embaixador Almada montou em Roma, na casa em que morava, uma editorial de verrinas contra o proprio Papa, soberano da cidade.

Ninguem no seu tempo cultivou a imprensa como Pombal. Hoje, que já estamos acostumados aos *trucs du metier* o nosso espirito não se deixa impressionar tão facilmente por esses colossos desenhados com os typos dos caixotins e linotypos, como os gigantes luminosos com os tubos do gaz Néon. O proprio olfato, habituado aos bastidores

da tinta de impressão, já lhes avalia o custo em moeda sonante e dá o devido desconto tanto ao elogio, como á catilinaria. Hoje a imprensa, como a lança de Telepho, cura as feridas que faz. As campanhas de intrujice ou diffamação, de endeusamento ou menoscabo dissipam-se como sombras impalpaveis aos primeiros raios da verdade, o sol das consciencias. Naquelles tempos, não. Palavra impressa — palavra verdadeira. Pombal conhecia a sua época. Inda se vêem na Bibliotheca Nacional e no Archivo Publico os officios com que remettia aos funcionarios da Colonia as obras que encommendara a seus asseclas. A "*Deducção Chronologica*" e a "*Relação Abreviada*" de José Justo Seabra vieram ás carradas para o Brasil para serem distribuidas gratuitamente. Não houve, por mais obscuro que fôsse e mais distante que residisse, escripturario, almotacé, meirinho ou servente do reino e dominios que não fosse brindado com os livros das Gestas pombalinas.

Por que artes de fregolismo esse carola, que prohibia a leitura de Raynal, guardava a quaresma, erigia capellas em todas as suas residencias e granjas, passou a ser o orago do livre pensamento?

Por que cargas d'agua esse cortezão blandicioso e humilde, que a sua vida revela, veio a tornar-se o symbolo incorruptivel da altivez e da independencia? Facil é explical-o.

A politica precisa de caracteres simples e representativos como a comedia. Conhecendo-lhe a optica especial, encenadores e guarda-roupeiros habeis improvisam, em instantes, personificações a gosto do seu paladar, entre as quaes sobresae a da inflexibilidade gloriosa a serviço do bem commum. Aliás todo o Pombal é uma illusão de optica, a começar por elle proprio.

RETRATO DE POMBAL

Alto, membrudo, massiço, enrocado no mais rijo granito da raça. Mascara severa e grave. O grande nariz adunco das aves de rapina. Cabelleira empoada, emmoldurando a fronte descampada, que tanto se encontra nos homens superiores como nos degenerados. Recortada a escopro a dureza dos traços: o nariz ossudo, a bocca rectilinea dos implacaveis, o maxillar arqueado dos violentos. Sobrancelhas em dois sarçaes promptos a eriçarem-se, esbraseando pupillas de tigre. O habito da hypnose pelo terror e a consciencia de um poder illimitado davam-lhe uma impressão massiça de dominio, a que não faltava uma certa majestade. Esse aspecto physico contribuiu em muito para a lenda. Mas os retratos, embora de pintores lisonjeiros, não tentam afidalgar-lhe aquellas mãos, que suspiravam pelo cabo da enxada.

No estagio da Inglaterra buscara adquirir a frenação de attitudes e gestos, o auto dominio daquelles caçadores de raposa, de tricorne e casaca vermelha, com que o pincel de Reynolds povoou as frias paizagens britannicas. Esquecia porém que atrás daquelles *fox-hunters*, mesmo dos simples *country farmers* havia uma longa serie de ancestralidades joeiradas pela selecção e que elle, apesar de todos os Tiviscos do mundo, era o neto de uma estirpe de truculentos famanases e desabussados enliçadores.

POMBAL E O POVO

Pombal nunca se conformou com a origem plebéa. Odiava sinceramente o povo. Buscava ser medido, calmo e ponderado para ser o seu antipoda. Corria atrás, como o cão da propria sombra, de todos os caracteristicos da fidalguia. Queria vestir-se de solennidade, o traje dos estadistas do seculo, a rhingrave de luxo que a côrte luzitana pedira emprestada ao guarda-roupa do Rei Sol. Mas á primeira rajada, a flatulencia da vaidade, estoirava-lhe os cózes da jaqueta, o sangue dos avós de varapau e jaleco fervia-lhe nas veias, e lá se lhe ia, por agua abaixo, a simulada compostura.

Em Vienna achou Pombal a chave de sua

carreira. Casou-se com uma moça pobre, mas de grande estirpe e protegida da Imperatriz. Esta iria dar-lhe uma pasta de ministro, meta das suas aspirações.

POMBAL INCORRUPTIVEL

Que foi Pombal, quanto ao desprendimento? Teve a intenção de recusar trezentas libras que era de praxe offerecer ao Ministro Portuguez retirante... mas porque se julgava com direito a quinhentas. Pediu instrucções em Lisbôa para acceitar um tonel de vinho do Rheno, presente do Eleitor de Moguncia. Recusou na Inglaterra reembolso de impostos alfandegarios pagos indevidamente, porque dos mesmos, no seu character de embaixador, se achava isento.

Com essas recusas, semblantes de recusas e momices de altivez, arranjou Pombal a mascara de incorruptibilidade que sempre ao depois trouxe afivelada. Recusou o vinho do Rheno mas passou os gatazios nos immensos jarrões da India, que o Marquez Vice Rei de lá trouxera.

Cobriu-os de verniz e pintou por cima as suas armas. O tempo veio desmascaral-o. O verniz estalou, e, removido, mostrou o brazão da sua victima. Era dos taes que, emquanto com a mão direita recusam a sardinha, estendem a esquerda á

garoupa. Recusou as dez libras da alfandega, mas deixou a propria filha adereçar-se, no dia do casamento, deante do altar, á face de Deus, com as joias roubadas. á Marqueza de Tavora.

A lenda conseguiu fazer de Pombal aquillo que nunca foi.

Não teve convicções. Mas passa por ter sido um character. Foi carola. Mas passa por livre pensador. Foi pupillo dos jesuitas, a cuja custa subiu. Mas perseguiu-os, exterminou-os. Foi despi-do de vaidades. Mas não sahia á rua sem uma espectacular escolta de sessenta dragões commandados por um capitão. Era continente e cauto. Mas além das esturdias com as ribombeiras londrinas, peccados veniaes da mocidade, deixaram fama em Lisboa certas cirandas em conventos. Tinha em grande conta a dignidade humana. Mas não descia da sege sem que lhe servisse de estribo o joelho do capitão da guarda. Odiava a nobreza. Mas empoleirou-se em conde de Oeiras e Marquez de Pombal. Era integro. Mas grangeou uma grande fortuna e defendeu por escripto o direito dos ministros á concussão. Era impulsivo e intolerante. Mas a sua hypocrisia e o seu poder de dissimulação fôram taes que chegou a illudir os jesuitas, profundos conhecedores dos homens. Era portuguez dos quatro costados. Mas macaqueava Sully e Richelieu. Era cioso da sua dignidade e do seu cargo. Mas rendia toda a especie

de finezas sabujas ao villanaz José Teixeira, ministro dos Negocios Sexuaes d'El Rei. Era orgulhoso. Mas, antes de apresentar-lho, beijava reverentemente a borda do vaso de prata, que ia ter a honra de receber as excreções renaes da Real Majestade.

POMBALISAÇÃO DO CLERO

Como se operou a influencia pombalina no espirito brasileiro? Por meio da creação de um clero cesarista, de um clero jansenista, pelo regime *ad hoc* instaurado pelo bronco reformador da Universidade de Coimbra. Coimbra era o estagio forçado de quantos se dedicavam ás letras civis ou ecclesiasticas na metropole e nas colonias.

Quantos por ali passavam, sujeitos a programas onde, em cada materia, o professor era forçado a explicar o ponto já amoldado ao criterio pombalino, eram submettidos a uma tortura cerebral, equivalente ás deformações craneanas dos incas e dos cambevas.

Não é de admirar que falhassem á vocação os padres submettidos previamente ao processo da pombalisação. Nasceu dahi um clero quasi todo sceptico e regalista, que bispos da mesma procedencia ordenavam ás manadas, com a pressa do marcador de bois theatinos. O cathecismo adoptado no Rio era condemnado em Roma.

O governador do bispado de Marianna em menos de sete mezes ordenou oitenta e quatro pretendentes.

Nada define melhor a época.

Portugal seria o ultimo paiz do mundo se não tivesse consciencias que se revoltassem contra as deificações do sinistro cabotino. Mas o signal de glorificação, foi tambem o da caçada ao truculento javardo. O formidavel Camillo foi a primeira trompa que rompeu o hallali. Soltou-lhe no rasto a matilha dos proprios actos. Acuou-o de fojo em fojo, de covil em covil, e deixou-o estatelado no chão estorcendo-se sob os dentes de seus proprios maleficios.

O Brasil precisa completar a obra de Camillo. Pombal foi o maior dos nossos inimigos. Não contente de roubar-nos e espoliar-nos, embruteceu-nos por muitas gerações. Perseguiu, humilhou e nullificou o grande Alexandre de Gusmão, a quem devemos Santa Catharina e Rio Grande.

E para coroar a sua obra, depois de roubar-nos as cinzas sagradas de Anchieta, desencaminhou-as e perdeu-as, talvez mandando-as atirar á exgotto.

Foi Pombal quem nos deu um clero regalista e atheu.

Rotos os laços da disciplina religiosa, as revoluções acharam nelle o seu melhor contingente. A revolução pernambucana de 1817 alli-

ciara cerca de sessenta sacerdotes. (O seminário de Olinda era uma edição revista e augmentada da Universidade de Coimbra). Nas lutas da independência, nos movimentos políticos de 1824, 1837 e 1842 houve sempre a batina, ás vezes servindo de bandeira. E' innegavel que sob o ponto de vista do patriotismo a sua attitude merece muitas vezes sympathia. Mas a infracção dos votos religiosos é patente e inecusavel.

Vejam-se as relações do clero com a maçonaria. Viveram de melgo a melgo, de cama e pucarinho, apesar da bulla de Clemente XII, que desde 1738 havia excommungado os pedreiros livres.

Bem sei que a Maçonaria, a que pertenceram, tinha como objecto immediato, até certa época, a politica da independência americana e depois a da sua consolidação. Animada pelo pensamento de Miranda, o verdadeiro precursor da independência sul-americana, acredito que a maçonaria aqui nunca tivesse tido, ao menos systematicamente, os intuitos demolidores que lhe emprestava o Vaticano ao fulminal-a. Não obstante, força é convir que os padres engajados nas suas hostes infringiam abertamente as prescrições canonicas. Encarada a questão sob um aspecto mais profundo, nada havia que pudesse compensar no organismo nacional, alimentado pelo catholicismo, a perda dessas cellulas vitaes.

Desde ahí começou no Brasil a decadencia da Igreja, privada de bons servidores. Data dessa época o costume, que tanto durou em todas as familias, de mandar ordenar-se o filho menos intelligente. "Vaes estudar para padre" era uma locução corriqueira e offensiva, acoimando de curteza intellectual a quem a ouvia.

Durante a constituinte não poucas foram as arremetidas do atheismo mais ou menos liberal contra a Igreja vacilante. Maciel da Costa e Cayrú, este, debaixo das suas apparencias de carrancismo, um dos maiores pensadores que temos tido, uma das almas mais bem integradas com as verdadeiras orientações nacionaes, Maciel da Costa e Cayrú conseguem evitar a proclamação do atheismo de Estado.

FEIJO'

Pouco mais tarde surge no scenario politico a figura energica e autoritaria do padre Diogo Antonio Feijó. Se não mentem tradições paulistas sobre o mysterio da sua origem, seria elle descendente muito proximo daquelles netos de João Ramalho, de cuja anthropophagia se queixava Anchieta. E' possivel. Tres antepassados longevos poderiam ligal-o proxivamente áquelle tronco heretico e cannibalesco.

Estaria assim explicado o odio visceral que o padre de Itú votava ao Vaticano. Um dos primeiros actos da sua carreira publica foi propôr a suppressão do celibato clerical. Em seguida propugnou contra o clero uma serie de medidas que o tornam o precursor indigena de Combes. Chegava á separação, ao regime gallicano. Graças á opposição de D. Romualdo de Seixas e de Bernardo de Vasconcellos não prevaleceram as suas idéas. Deixaram, porém, no ar uma serie de germes maleficos que durou muito tempo. Vilhena de Moraes, num dos seus excellentes estudos, acha que teve muita importancia essa, que elle chama, primeira questão religiosa. Não me convence totalmente a sua opinião. Não estou muito longe de crer que Feijó na realidade não passou de uma personalidade secundaria, de um Vidigal de batina. Evaristo da Veiga fel-o o seu feitor, o seu mordomo, o seu braço e morreu desgostoso com elle. O Feijó estadista, o Feijó consolidador, em que pese á legião dos seus admiradores, esse não passa de lenda. O verdadeiro Feijó não póde senão pretender á gloria de um chefe de policia. E não é pouco.

A aureola de Regente do reino cercou-lhe de uma secreta cumplicidade as rebeldias contra o Vaticano que, aliás mais tarde, teve a hombridade de abjurar.

Os ultimos annos da sua vida revestem-se de

toques de verdadeiro estoicismo. O seu desinteresse, a sua continencia, a sua energia não podem encontrar as mesmas restricções que a sua lenda de estadista, que o simples confronto com Evaristo e Bernardo reduz a pó impalpavel.

Feijó morreu reconciliado com o Dogma. Comtudo legiões de padres copiaram o Feijó pom-balino, o Feijó gallicano, o Feijó regalista da primeira phase. Os mais nobres sacerdotes de hoje em dia não têm remedio senão confessar essa triste evidencia.

A QUESTÃO DOS BISPOS

Victima da deformação secular do ensino, respirando num meio intoxicado, o nosso corpo de sacerdotes, com raras e gloriosas excepções, ainda não tinha, ás vesperas da chamada *Questão dos Bispos*, a noção integral dos seus deveres canonicos. As relações do Imperio com a Santa Sé não tinham sido reguladas. O regime do padroado, que receberamos de Portugal existia mais de facto que de direito, visto que não fôra objecto de uma convenção especial entre as partes.

Reduzidas a linhas geraes, a *Questão Religiosa* nasceu da interdição lançada pelo bispo de Olinda, D. Vital, contra as irmandades e confrarias que acolhessem no seu gremio a maçons de-

clarados. As corporações recorreram da interdição ao governo do Imperio, que lhes deu ganho de causa. Não se conformando com essa invasão das suas attribuições, D. Vital julgou-se obrigado a desobedecer ás ordens do governo. Preso, julgado e condemnado á prisão na Ilha das Cobras o inclito bispo cumpriu parte da pena, até que o Imperador o indultou no ministerio Caxias.

O governo imperial mostrou-se nesse episodio completamente abaixo dos interesses nacionaes, completamente áquem da sua missão, completamente alheio ás nossas tradições e directrizes. Era presidente do Conselho o Visconde de Rio Branco, grão-mestre da maçonaria. Collocou a desobediencia dos bispos (a de D. Vital foi seguida pela de D. Antonio de Macedo Costa, bispo do Pará) no terreno de um attentado á soberania nacional. O Imperador, cioso das suas prerogativas, foi solidario com elle. Mas a questão era praticamente insolúvel. O mais graduado dos nossos diplomatas, o Barão de Penedo, já então de renome europeu, graças ao destaque que conquistara na côrte de St. James, foi despachado para Roma com a missão especial de conseguir que o Papa desautorisasse os actos dos seus bispos. O habilissimo embaixador conseguiu do cardeal Antonelli, não se sabe de que modo, uma carta ou breve censurando os bispos. "*Gesta tua non laudantur*" assim começaria o celebre rescripto, se-

gundo garantia Antonelli a Penedo. A verdade, porém, é que a confiança do Papa fora illaqueada e que a carta monitora, mesmo se contivesse aquelles precisos termos, foi desautorizada pela attitude ulterior do Papa, approvando todos os actos dos seus bispos.

Muita tinta tem corrido para explicar esse grave incidente. Mas o nó vital da questão quem nol-o descarna é o proprio Pio Nono, na carta em que pede a D. Pedro II que ponha termo á questão, restituindo a liberdade aos bispos. Diz elle: "*Siccome le leggi civili non concordano colle leggi canoniche, non poteva a meno che nascesse un contrasto.*" Tinha razão o Vigario de Christo. A desconformidade das leis civis com as leis canonicas tinha de redundar fatalmente num choque.

A repercussão desse choque, embora não o sentissem os dirigentes da época, fazia estremecer os alicerces do proprio throno. O imperio por sua natureza devia ter na religião o seu sustentaculo. Abalal-a era abalar-se. Discutir-lhe a legitimidade era pôr em cheque a propria. Desde esse momento os espiritos mais sagazes da monarchia começaram a vel-a como uma nau desarvorada no escuro, correndo ventapopa para o esporão dos recifes onde teria de naufragar.

As varias confissões e seitas religiosas que aqui se implantaram não tiveram influencia consideravel na nossa formação espiritual, já consolida-

da quando aqui arribaram. O proprio positivismo, tão sympathico a quantos estudam, não passa entre nós de um episodio de pequena significação na vida nacional.

Ao terminar desta summula lanço os olhos em torno de mim e nada vejo de estavel e fixo no espirito brasileiro senão o fundo ancestral da formação catholica. A chamma unica, que vejo a illuminal-o, resistindo ás rajadas de todos os quadrantes, ainda é a luz inextinguivel que os missionarios da idade heroica accenderam *ad eternum* nos corações dos nossos maiores.

O catholicismo, nunca será demais repetil-o, foi o integrador do espirito nacional, o consolidador dessa consciencia brasileira que vibra em todos os rincões do nosso territorio. Enfraquecel-o, diminuil-o, renegal-o é enfraquecer, diminuir e renegar a alma collectiva.

Reconhecer e proclamar a superioridade de outras crenças, attribuir a passageira primasia de outras raças á excellencia das suas instituições religiosas, trocar o espiritualismo fecundo que creou esta terra, que em breve ha de exceder em grandeza a todas com cujo exemplo hoje nos humilham, constituiria uma trahição sem objectivo e sem proveito. Ao afrouxamento do plexus espiritual seguir-se-ia no Brasil o collapso final, e a desintegração. Nada mais conveniente aos interesses entocaiados para o dia do nosso retalha-

mento territorial. Para que esse dia não chegue, para que nunca sejamos a rez morta em que cada churrasqueador corte o tassalho do seu appetite, precisamos, como homens e como brasileiros, defender as fontes vivas da nacionalidade.

Precisamos de um *Sursum Corda*. Estamos na miseria? Estamos ás portas da bancarrota? Estamos no periodo em que estoiram como uma bomba os explosivos de muitos erros accumulados? Não importa.

As forças vivas do nosso espirito hão de crear o homem de amanhã, que resgate os nossos erros.

Valorisemos o homem, que elle valorisará o Brasil.

Deixemos o "empyrismo crasso em que tripudiamos".

O Brasil só pensa no interesse immediato. Tem pouco desenvolvimento na ideação. A nossa integração nacionalista é frouxa. A nossa intensidade espiritual descoordenada. Os egoismos regionaes, flagrantes. Raro se fundem á chamma do sentimento colectivo as rivalidades. Aquelles dos nossos estadistas e pensadores que dão aos factores espirituaes a importancia que têm como mola principal do organismo patrio, nunca dispuzeram de elementos para fazerem prevalecer as suas idéas.

E' patente o desprezo pelas idéas sociologicas nas gerações que nos têm governado. A incom-

prehensão das forças psychicas é o seu traço mais constante. Mesmo ante o esplendor de certas nações modernas, obra exclusiva de seus pensadores e guias espirituaes, a falta de capacidade abstracta não permittiria aos nossos pilotos accetar a idéa de que esses milagres são filhos de um bem entendido pragmatismo nacional. Vivemos sem elle no Imperio. E por isso elle cahiu. Continuamos a viver sem elle na Republica. Que ella se precavenha enquanto fôr tempo.

O proprio Ruy Barbosa, o Ruy Barbosa do *Papa e o Concilio*, não se pode evadir á congérie dos pensadores a que nos referimos, divorciados da comprehensão da nossa origem, e dos nossos destinos. Bem haja, porém, a genial visão que o reconciliou com o espirito brasileiro, reincorporando-o ao nucleo dos maiores pelo grande acto que libertou a Igreja da tutela do Estado.

*
* *
*

O Ruy Barbosa do prefacio do *Papa e o Concilio* ainda não seria Ruy Barbosa, ainda não teria senso critico para desconfiar das correntes que então dominavam o ambiente das idéas? Seria impertinente affirmal-o. E mais talvez que impertinente, injusto. Como poderia elle, antes dos estudos que esclarecem a Edade Media, o Lutera-

nismo e o proprio Pombal dar o devido desconto aos livros francezes em que aprendia?

Não faltaria, porém, a reverencia, que lhe devemos todos, quem affirmar que essa é a mais fraca, a mais tumultuaria e a menos bem redigida das suas obras.

Foi escripta de um jacto, devido á suggestão de Saldanha Marinho. A pressa da composição revela-se aos olhos mais inexpertos pelo tom oratorio que a guinda do principio ao fim e nos deslises de linguagem, que a desfeiam. Os materiaes da factura e o iterativo das citações traem a escassez das fontes compiladas e a suspeição flagrante. Por isso mesmo o Ruy da madureza envergonhava-se dessa obra do Ruy da juventude, da qual apenas resalvava o brado historico pela liberdade de culto. No emtanto é impossivel sonegar por mais tempo á curiosidade publica esse terrivel libello contra o Vaticano, então accusado de querer restaurar o poder temporal *urbi et orbi*.

Poucos annos, porém, bem poucos depois de escrevel-a começou a conversão catholica de Ruy. Não tento descrevel-a, nem seria, aqui, opportuno. Basta que se saiba que a unica irreligiosa das suas obras foi o prefacio do *Papa e o Concilio*.

Separando-a do Estado, Ruy prestou á Igreja o maior dos serviços que ella podia receber. A Igreja alcançou na Republica uma posição,

uma autonomia, uma influencia, uma dignidade a que jamais attingiu no Imperio. A influencia subrepticia de um padroado virtual perturbava a orientação da Igreja, sempre preocupada em não ferir os melindres das preferencias imperiaes e conciliar-as com as suas, coisa tanta vez impossivel. A Republica, pelo menos no terreno administrativo e politico, varreu do solo brasileiro os ultimos vestigios de pombalismo e gallicanismo.

Cabe a Ruy Barbosa a gloria sobre todas singular de ser o expoente da época e da geração que veio restituir á Igreja a sua liberdade. Separada do Estado, elle a reconhece contudo como a grande potencia espiritual, como a preservadora do espirito da raça, como a grande alliada do governo na ardua tarefa de encaminhar a nação para as suas gloriosas finalidades.

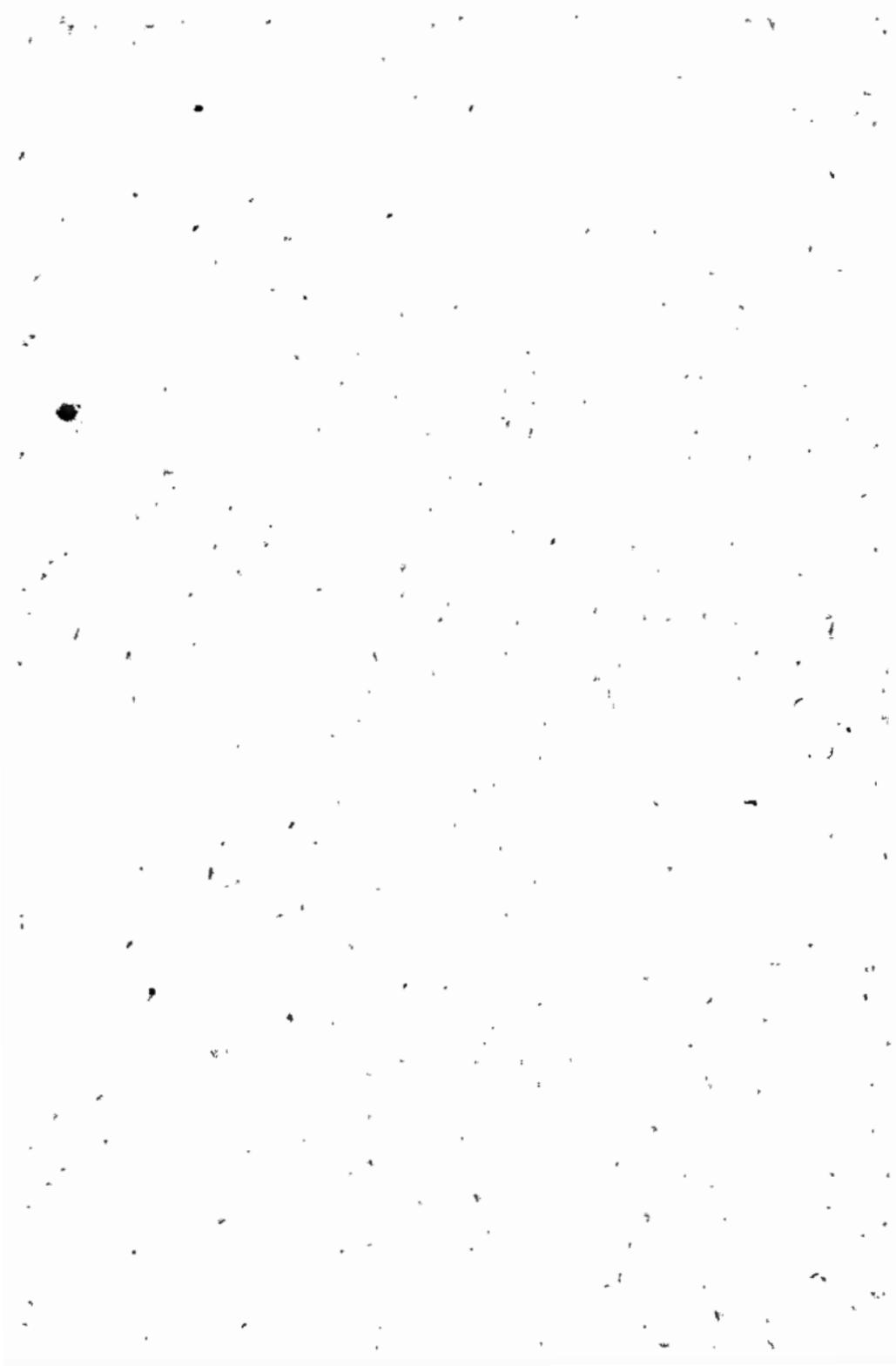
A synthese subjectiva do Brasil cabe num triangulo formado por Anchieta, Pombal e Ruy Barbosa. Anchieta, symbolo de *epos* catholico, deu-nos o primeiro oxygenio que respirou a nossa crença, levando-nos em sua companhia ao alto da montanha onde respirava a sua vocação de predestinado. Creou o pragmatismo religioso de que ainda vivemos, com as inevitaveis modificações dos tempos. Foi a Fé. Pombal, o obtuso algoz dos jesuitas, o torvo carrasco dos Tavoras, o sinistro incendiario da Trafaria, nasceu da fusão da propaganda racionalista e da capacidade lu-

terana como do caldeirão das megéras em *Macbeth*, o genio malfazejo e homicida evocado pelos seus sortilegios. Creou o atheismo do Estado, um atheismo hostil e militante, tanto mais perigoso quanto dissimulado sob apparencias de conciliação e respeito. Fôco de infecção moral, de que ainda hoje soffremos as consequencias, estudal-o é estudar as nascentes de um rio envenenado. Foi o Estado Anti-Religioso. O terceiro, victima na juventude da infecção pombalina, bem cedo curou-se, regressando ao gremio da Crença. Bem cedo comprehendeu que a formação catholica é o unico nexo collectivo, que une este immenso todo, o verdadeiro systema nervoso do organismo nacional. Apostatou a apostasia. Abjurou da abjuração. Encontrou a Igreja no captivo babilonico. Escrava do Estado, acorrentada ao regalismo, respirava o bafio do ergastulo, embora lhe quizessem dar a illusão da independencia. Ruy Barbosa pregou e proclamou o regime em que vivemos.

Não o illudia a visão de estadista. Do decreto da liberdade religiosa, em que tantos lhe auguravam a decadencia, nasceu a resurreição da fé, a reintegração do Brasil na mais fecunda das suas tradições. Ruy Barbosa foi a Igreja livre no Estado livre.

Coube á Republica libertar a Igreja do regalismo tentacular que a asphyxiava. Ruy Barbosa

foi o Hercules que desviou um rio para varrer as cavallariças de Pombal, installadas no Imperio, sob os olhos indifferentes dos seus estadistas, com a mais lamentavel incomprehensão do mais grave dos nossos problemas: a unidade espirital, base eterna do Brasil.



Indice

Civilização contra Barbarie	5
O Brasil e a raça	207
Brasilidade	327
A formação espiritual do Brasil	349



Este livro foi composto e impresso nas Offi-
nas da Empreza Graphica da "Revista dos Tri-
bunaes", em São Paulo, para a Companhia
Editora Nacional, Rua dos Gusmões, 26-28-30,
em Janeiro de 1934.